

NÃO ME DEIXES

GILLY MACMILLAN



VIRAS-TE POR UM SEGUNDO... E O TEU FILHO DESAPARECEU





NÃO ME DEIXES

GILLY MACMILLAN

VIRAS-TE POR UM SEGUNDO... E O TEU FILHO DESAPARECEU


Jacaranda

NÃO ME DEIXES

GILLY MACMILLAN

Tradução de
Ana Figueira


Jacaranda

FICHA TÉCNICA

Título original: *Burnt Paper Sky*

Autora: Gilly Macmillan

Copyright © Gilly Macmillan 2015

Tradução © Brilho das Letras, Lisboa, 2015

Tradução: Ana Figueira

Capa: Sofia Ramos/Editorial Presença

Imagens da capa © Shutterstock

Composição, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

1.^a edição em papel, Lisboa, junho, 2015

Jacarandá é uma chancela da Brilho das Letras

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

Brilho das Letras

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Para a minha família

NOTA DA AUTORA

Ao longo da pesquisa que fiz para escrever este romance verifiquei que alguns *websites* e ensaios são um recurso valioso. Embora tenha feito algumas referências a estas fontes no livro, *Não me deixes* é uma obra inteiramente ficcional e todas as citações e referências são utilizadas de forma fictícia. Tal como os personagens e eventos descritos neste romance, as publicações do blogue, comentários e identidades na Internet, artigos de jornal, endereços de *email* e muitos dos *websites* são inteiramente fictícios e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com *websites*, endereços de *email*, comentários e identidades na Internet, artigos de jornal e publicações em blogues é pura coincidência.

Quaisquer erros relativamente ao procedimento policial são da minha responsabilidade, pedindo desculpa aos dois inspetores reformados que amavelmente me aconselharam. Bristol é tão real quanto consegui retratá-la, embora não haja nenhum campo de jogos junto ao parque de estacionamento em Leigh Woods, e as descrições do interior de Kenneth Steele House sejam fruto da minha imaginação.

«Entre tudo o mais que é incerto no monte de esterco fétido que é o mundo, o amor de mãe não consta.»

JAMES JOYCE

«Na noite mais negra da alma são sempre três da madrugada, dia após dia.»

F. SCOTT FITZGERALD

PRÓLOGO

NOVEMBRO DE 2013 — PASSADO UM ANO

RACHEL

Aos olhos dos outros, muitas vezes não somos quem imaginamos ser.

Quando conhecemos alguém, podemos tentar causar boa impressão, mostrar o nosso lado melhor, e ainda assim errar redondamente.

A vida está cheia de armadilhas.

Tenho pensado muito sobre isto desde o desaparecimento do meu filho Ben, e sempre que o faço surge a questão: se não somos quem imaginamos ser, então haverá alguém que o seja? Se existe todo este potencial para que nos julguem injustamente, então como poderemos estar certos de que o juízo que fazemos dos outros se assemelha de alguma forma à pessoa subjacente?

Percebem aonde conduz esta linha de pensamento.

Devemos acreditar e confiar em alguém apenas por ser uma figura de autoridade ou membro da família? As nossas amizades e relacionamentos estarão ancoradas em bases realmente firmes?

Quando me sinto pensativa, reflito sobre como a minha vida seria diferente se tivesse tido a perspicácia de ponderar sobre estas questões antes do desaparecimento do Ben. Se os meus pensamentos são sombrios, culpo-me por não o ter feito, e estes pensamentos repetitivos e paralisantes castigam-me dia após dia.

Há um ano, logo a seguir ao desaparecimento do Ben, participei numa conferência de imprensa que foi transmitida na televisão. A minha função era pedir ajuda para encontrá-lo. A polícia deu-me um guião para ler. Presumi que as pessoas que estivessem a assistir percebessem automaticamente quem eu era, que vissem que eu era uma mãe que perdera o filho e cuja única preocupação era recuperá-lo.

Muitas das pessoas que assistiram, as mais audíveis, pensaram o contrário. Acusaram-me de coisas terríveis. Não percebi porquê até ver as imagens da conferência — demasiado tarde para limitar os

estragos —, mas nessa altura a razão tornou-se imediatamente óbvia.

Era por eu parecer uma presa fácil.

Não uma presa apelativa, digamos um antílope de olhos arregalados a cambalear sobre umas patas esguias, mas uma presa que já foi muito perseguida, esgotada, perto do fim. Mostrei ao mundo um rosto contorcido de emoção e ensanguentado pelos ferimentos, um corpo a estremecer de dor e uma voz áspera e rouca arrancada de uma boca ressequida. Pensei que ao mostrar-me genuinamente e exhibir as minhas emoções, ainda que cruas, sem artifícios, pudesse granjear simpatia e galvanizar as pessoas para me ajudarem a encontrar o Ben, mas estava enganada.

Viram-me como uma aberração. Assustei as pessoas por me estar a acontecer o pior, e viraram-se contra mim como uma matilha de cães.

Depois de ter acabado, pediram-me para aparecer de novo na televisão. Afinal era um caso sensacionalista. Recuso sempre. Gato escaldado de água fria tem medo.

Não me impede de imaginar como teria corrido a entrevista. Visualizo um estúdio de televisão confortável e um entrevistador de ar benevolente, um homem que diria, «Fale-nos um pouco de si, Rachel». Recosta-se na cadeira, colocada num ângulo simpático em relação à minha, como se nos tivéssemos encontrado para uma conversa num bar. A expressão no rosto dele é a de quem está a ver prepararem-lhe um *cocktail*, ou um gelado *sundae*, se for essa a sua preferência. Conversamos e ele não tem pressa de me pressionar, deixa-me contar a minha versão da história. Pareço estar bem. Controlada. Estou em conformidade com uma perspetiva aceitável de mãe. As minhas respostas são ponderadas. Não são desafiantes. Nunca lanço uma teia de suspeitas à minha volta ao dizer irrefletidamente coisas que soavam bem na minha cabeça. Não esbracejo, para depois me afundar.

Esta fantasia por vezes ocupa-me longos minutos do meu tempo. O resultado é sempre o mesmo: a entrevista imaginária corre muito bem, extraordinariamente bem, na verdade, e o melhor de tudo é que o

entrevistador não me faz a pergunta que mais detesto. É uma pergunta que surpreendentemente muita gente me faz. Pode ser formulada assim: «Antes de verificar que o Ben tinha desaparecido, teve a intuição de que ia acontecer-lhe algo de mal?»

Detesto a pergunta porque implica algum grau de negligência da minha parte. Implica que se eu tivesse mais instinto maternal, se fosse melhor mãe, então teria tido a sensação de que o meu filho estava em perigo, ou pelo menos *deveria* ter tido. Como respondo? Limito-me a dizer que não.

É uma resposta bastante simples, mas as pessoas muitas vezes ficam a olhar para mim com ar inquiridor, de sobrolho franzido naquela expressão particular em que a vontade de extrair mexericos de alguém se sobrepõe ao sentimento de solidariedade pelo seu sofrimento. Testas ligeiramente enrugadas e olhos inquisidores perguntam-me, «A sério? Tem a certeza? Como é possível?».

Nunca justifico a minha resposta. Só precisam de saber que não.

Limito a minha resposta porque a confiança que tenho nos outros ficou comprometida com o que aconteceu, como é evidente. Em muitos dos meus relacionamentos, a dúvida subsiste como estilhaços de vidro partido, impossíveis de ver mas capazes de fazer surgir sangue mesmo depois de acharmos que foram todos varridos.

Agora sei que só posso confiar em muito poucas pessoas, e são elas que me prendem à minha existência. Conhecem a minha história na sua totalidade.

Uma parte de mim pensa que estaria disposta a falar com os outros sobre o que aconteceu, mas só se tivesse a certeza de que me escutariam. Teriam de deixar-me chegar ao fim da história sem me interromperem e sem me julgarem, e teriam de compreender que tudo o que fiz foi pelo Ben. Alguns dos meus atos foram precipitados, outros perigosos, mas fi-los todos pelo meu filho, porque o que sinto por ele era a única verdade que conhecia.

Se alguém estivesse disposto a ser o convidado matrimonial do meu velho marinheiro¹, em troca da dádiva do seu tempo, paciência e compreensão, forneceria todos os pormenores. Acho que é um bom

negócio. Afinal, toda a gente adora a emoção de experimentar de forma indireta as vidas terríveis dos outros.

Nunca percebi verdadeiramente porque nunca pensámos numa palavra para *schadenfreude**. Talvez tenhamos vergonha de admitir que a sentimos. É melhor manter a ilusão de que não ficaríamos todos com água na boca.

* *Schadenfreude* é uma palavra em alemão que significa experimentar prazer com o sofrimento alheio. (NT)

O leitor benevolente ficará sem dúvida surpreendido com a minha história, visto que muito do que aconteceu nunca chegou a ser revelado. Seria como ter o seu próprio exclusivo. Quando imagino que estou a contar a minha história a este ouvinte imaginário, penso que começaria por responder apropriadamente àquela pergunta detestável pela primeira vez, visto ser relevante. Começaria a história da seguinte forma:

Quando o Ben desapareceu não tive nenhuma intuição. Absolutamente nenhuma. Estava a pensar noutra coisa. Estava preocupada com a nova mulher do meu ex-marido.

Referência a *The Rime of the Ancient Mariner*, de Samuel Taylor Coleridge. (NT)

JIM

Este é o problema que agora tenho: os pensamentos na minha cabeça.

De hora a hora, por vezes de minuto a minuto, relembram-me a perda e os atos que não podem ser desfeitos, por muito que se deseje.

Durante a semana lanço-me ao trabalho e tento apagar estes pensamentos.

Os fins de semana são mais difíceis, mas arranji maneiras de os preencher também: faço exercício, trabalho um pouco mais e depois repito.

As noites é que me atormentam, porque os pensamentos circulam incessantemente na minha cabeça, impedindo-me de dormir.

Nos tempos de estudante adquiri alguns conhecimentos sobre as insónias. Estudei poesia surrealista e li que a privação do sono podia ter um efeito psicadélico, alucinogénio, na mente; que tinha o potencial de libertar reservas profundas de criatividade, aperfeiçoando a vida e a alma.

As minhas insónias não são assim.

A minha insónia dá-me uma alma inquieta e desesperada. Não há criatividade, apenas desespero e frustração.

Todas as noites, quando me deito, temo a inevitabilidade de tudo isto, porque quando pouso a cabeça na almofada, por muito cansado que esteja, por muito que anseie ter uma folga da minha própria mente, todo o meu ser parece conspirar para me manter acordado.

Fico hiperconsciente de todos os potenciais estímulos que me rodeiam, e cada um deles é como uma angústia.

Ao remexer-me amachuco o lençol suave debaixo de mim, formando nervuras e canais como terra crestada revolvida pelas garras de um animal. Se tento ficar imóvel, com as mãos cruzadas sobre o peito, o bater do coração corta-me o fôlego. Se me deito destapado, o ar no quarto arrepiame e pica-me a pele, seja a que temperatura for. Ao

enrolar-me nos cobertores, sinto apenas uma claustrofobia intensa e sobreaquecida, que me rouba o ar dos pulmões e me faz suar tanto que a cama parece uma poça de água estagnada em que sou condenado a banhar-me.

Abafado na cama, fico a ouvir a cidade lá fora: os gritos dos estranhos, carros, uma motocicleta, uma sirene, o restolhar das copas de árvores agitadas pelo vento, às vezes absolutamente nada. Um vazio de sons.

Há noites em que este silêncio me atormenta e levanto-me, normalmente muito depois da meia-noite, volto a vestir-me e depois caminho pelas ruas sob o brilho alaranjado do sódio dos candeeiros onde a única forma de vida é uma sombra a agitar-se na periferia da minha visão, talvez uma raposa, ou um homem desanimado junto a uma porta.

Mas mesmo caminhar não me desanuvia completamente a cabeça, porque colocar um pé à frente do outro faz-me ter ainda mais pavor do regresso ao apartamento, à cama, ao seu vazio, ao meu estado de vigília.

E, acima de tudo, tenho pavor dos pensamentos a circularem de novo na minha cabeça.

Levam-me diretamente para esses lugares escuros e vívidos que me esforcei tanto para manter trancados a sete chaves durante o dia. Encontram esses lugares escondidos e forçam as fechaduras, arrombam as portas, arrancam as tábuas de madeira pregadas nas janelas e deixam entrar a luz nos cantos obscuros lá dentro. Penso nele iluminado por uma luz crua, como o local de um crime. Ao centro: Benedict Finch. Os olhos azuis límpidos a cruzarem-se com os meus, com uma expressão tão inocente que parece uma acusação.

Já de madrugada, às vezes consigo alcançar o desejado sono, mas o problema é que não há uma escuridão regeneradora, a oportunidade de a mente se desligar. Nem mesmo o meu sono me dá descanso, porque está repleto de pesadelos.

Mas quer tenha estado acordado ou a dormir, de manhã ao acordar estou frequentemente infecto e desidratado, esgotado ainda antes de

o dia começar. Talvez a almofada estivesse molhada de lágrimas, e provavelmente os lençóis encharcados de suor, e encaro a manhã com um pavor de que a minha insónia não tenha apenas esbatido a fronteira entre noite e dia, mas que também me tenha desequilibrado.

Acho que antes de isto me ter acontecido, talvez tenha subestimado o poder regenerador do sono e o poder destrutivo de uma mente destrozada. Não sabia que a exaustão pode esgotar-nos tão completamente. Não sabia que a mente pode adoecer sem sequer nos darmos conta: de forma crescente, obscura e irrevogável.

Tenho vergonha de falar destas coisas a alguém, e de os efeitos da minha insónia não me abandonarem com o nascer do dia, tornando-se parte dele. A exaustão que provoca dá ao café um sabor metálico e torna qualquer pensamento em comida intolerável. Faz-me ansiar por um cigarro ao acordar. Impulsiona o percurso de bicicleta para o trabalho com adrenalina, fico tenso, pedalando perigosamente junto ao passeio, avaliando mal um cruzamento e o baque de um carro forçado a uma travagem de emergência mesmo atrás de mim faz as minhas pernas pedalam dolorosamente rápido.

No escritório, uma reunião matutina:

— Sentes-te bem? — pergunta a minha inspetora chefe. Aceno com a cabeça, mas sinto o suor junto à raiz dos cabelos.

— Estou bem — digo. Aguento mais dez minutos, até que alguém pergunta:

— O que achas, Jim?

Devia deleitar-me com a pergunta. É uma oportunidade para avançar, para provar que sou capaz. Há um ano tê-lo-ia feito. Agora, concentro-me no fragmento de plástico lascado ao canto da secretária. Através do manto da minha exaustão tenho de forçar-me a erguer a cabeça e a olhar para os três rostos expectantes que me rodeiam. Só consigo pensar em como a insónia borrou a lucidez da minha mente. Sinto o pânico alastrar-se pelo corpo como se estivesse a ser injetado como uma droga, percorrendo artérias, veias e capilares até me incapacitar. Saio da sala em silêncio e cá fora dou um murro na parede até os nós dos dedos sangrarem.

Não é a primeira vez que acontece, mas é a primeira vez que concretizam a ameaça de me encaminhar para um psicólogo.

O nome dela é Francesca Manelli. Deixam bastante claro que se não for a todas as consultas, e contribuir de forma positiva para as discussões com a Dr.^a Manelli, então estarei fora do Departamento de Investigação Criminal.

Temos uma reunião preliminar. Ela quer que eu redija um relatório sobre o caso Benedict Finch. Começo por escrever as minhas objeções.

Relatório para a Dr.^a Francesca Manelli sobre os acontecimentos relativos ao caso Benedict Finch, redigido pelo Inspetor JAMES CLEMO, Departamento Policial de Avon e Somerset

CONFIDENCIAL

Gostaria de iniciar este relatório registando por escrito a minha objeção relativamente a redigi-lo e a comparecer às sessões de terapia com a Dr.^a Manelli. Penso que o Serviço de Medicina do Trabalho das Forças Policiais é um benefício valioso, mas também creio que deveria ser utilizado por agentes e outros funcionários de forma discricionária. Apresentarei esta objeção formalmente através dos meios adequados.

Estou ciente de que o objetivo deste relatório é descrever os acontecimentos que ocorreram durante a investigação do caso Benedict Finch do meu ponto de vista. Este relatório servirá de base para a discussão entre mim e a Dr.^a Manelli, com o propósito de averiguar se será benéfico para mim receber o seu apoio a longo prazo para lidar com as questões relacionadas com o meu envolvimento nesse caso, e alguns assuntos pessoais que também me afetaram nessa altura.

Estou ciente de que devo incluir pormenores da minha vida pessoal se estes forem relevantes, incluindo no que diz respeito à detetive Emma Zhang, visto que tal permitirá à Dr.^a Manelli ter uma visão global dos meus processos de tomada de decisão e motivações no período de tempo em que o caso estava a ser investigado. O progresso do meu relatório será avaliado pela Dr.^a Manelli à medida que for sendo redigido, e aquilo que escrever em cada semana servirá de base para as minhas sessões de conversa com a Dr.^a Manelli.

A Dr.^a Manelli aconselhou que a maior parte deste relatório deveria consistir numa descrição das minhas recordações pessoais daquilo que aconteceu, embora também possa incluir transcrições das nossas

conversas ou outro material, quando achar apropriado.

Aceito apenas sob a condição de que este relatório permaneça confidencial.

Inspetor James Clemo

ANTES

DIA 1 — DOMINGO, 21 DE OUTUBRO DE 2012

«No Reino Unido, é anunciado o desaparecimento de uma criança a cada três minutos.»

www.missingkids.co.uk

«As primeiras três horas são as mais importantes para tentar localizar uma criança desaparecida.»

www.missingkids.com/keyfacts

RACHEL

O meu ex-marido chama-se John. A nova mulher dele chama-se Katrina. É delicada. Tem uma figura que faz a maioria dos homens absorvê-la com o olhar. Os cabelos castanhos-escuros estão sempre brilhantes e com uma coloração perfeita, como os cabelos nas revistas. Tem um corte curto, sempre bem penteado em redor do rosto de fada, emoldurando uma boca atrevida e uns olhos escuros.

Quando a conheci, no hospital, num evento organizado pelo John, meses antes de ele sair de casa, admirei aqueles olhos. Achei-os vivos e cintilantes. Dardejavam à sua volta, avaliando e seduzindo, provocando e lançando charme. Depois de o John ter saído de casa, pensei que esses olhos eram olhos de pega, penetrantes e furtivos, açambarcando os tesouros das outras pessoas para embelezar o ninho.

O John abandonou o lar no dia 26 de dezembro. Pelo Natal, ofereceu-me um *iPad* e ao Ben um cachorrinho. Achei que os presentes eram atenciosos e generosos até vê-lo recuar com o carro pela via de acesso no dia 26 de dezembro, com as malas bem arrumadas no assento de trás, enquanto a perna de porco arrefecia na mesa e o Ben chorava porque não percebia o que estava a acontecer. Quando por fim me virei e voltei a entrar em casa para começar a minha vida de mãe solteira, apercebi-me de que eram presentes apologéticos: coisas para preencher o vazio que ele deixava nas nossas vidas.

É certo que nos mantiveram ocupados a curto prazo, mas talvez não como John pretendia. No dia 27 de dezembro, o Ben apropriou-se do *iPad* e eu passei horas debaixo do guarda-chuva no jardim, a tremer, em choque, enquanto os meus chinelos novos *Cath Kidston* que a minha irmã me mandou pelo Natal ficavam encharcados pela chuva e enlameados, e o cachorrinho se esforçava incessantemente para arrancar uma clematite quando eu devia estar a encorajá-lo a fazer chichi.

A Katrina afastou o John de nós apenas dez meses antes do desaparecimento do Ben. Achei que foi um plano perfeito que ela executou: A Sedução e Roubo do Meu Marido. Não sabia os pormenores de como mantinham o seu caso amoroso mas parecia-me uma intriga de um péssimo drama clínico. Ele desempenhava o papel de cirurgião pediátrico consultor na vida real; ela era uma nutricionista recém-formada.

Imaginei os encontros junto à cama de um paciente, cruzando olhares, mãos a tocarem-se ao de leve, um jogo de sedução que se tornou mais sério, até ela se oferecer a ele incondicionalmente, como é possível antes de se ter filhos em quem pensar. Nessa altura, o John estava obcecado com o trabalho. Consumia-o, o que me faz pensar que ela devia ter feito a maior parte do trabalho, e que o que lhe ofereceu devia ter sido uma proposta verdadeiramente sedutora.

Isso causou-me uma amargura. A minha relação com o John teve um início tão sólido e ponderado que presumi que durasse para sempre. Simplesmente, nunca me ocorreu que pudéssemos ter outro fim, o que foi extremamente ingénuo, apercebo-me agora.

Não tinha percebido que o John não pensava como eu, que não encarava os problemas que tínhamos como normais, ultrapassáveis. Para ele as coisas ferviam sob a superfície, até não aguentar mais estar comigo, e a solução foi levantar-se e ir-se embora.

Quando telefonei à minha irmã logo depois de ele ter saído ela disse:

— Não fazias nenhuma ideia? — E a voz dela estava tensa de incredulidade. — Tens a certeza de que lhe deste atenção suficiente? — Foi a pergunta seguinte, como se a culpa fosse minha e isso fosse expectável. Desliguei o telefone. A minha amiga Laura disse:

— Ultimamente, achei-o um pouco ausente. Mas pensei que estavam a resolver isso em conjunto.

A Laura tem sido a minha melhor amiga desde que frequentámos juntas a universidade de enfermagem. Tal como eu, não se ficou pelas arrastadeiras e fluidos corporais. Desistiu e mudou para jornalismo. Já somos amigas há tempo suficiente para que assistisse ao início e ao

desenvolvimento da minha relação com o John, bem como ao seu declínio. Era atenta e franca. Aquela palavra, «ausente», não me saiu da cabeça, porque, para ser verdadeiramente sincera, não tinha reparado. Quando temos um filho para cuidar, e quando estamos ocupadas a desenvolver uma nova carreira em simultâneo, por vezes não reparamos.

A separação e o divórcio deixaram-me destroçada, admito. Na altura do desaparecimento do Ben ainda estava a sofrer a perda do meu marido. Em dez meses habituamo-nos a algumas particularidades de estarmos sozinhas, mas demora mais tempo para que o sofrimento passe.

Uma vez fui ao apartamento da Katrina, depois de ele ter ido viver com ela. Não foi difícil de encontrar. Toquei à campainha, e quando ela atendeu perdi o controlo. Acusei-a de ser uma destruidora de lares, e talvez tenha dito coisas piores. O John não estava mas ela tinha amigos em casa, e quando levantámos as vozes os três apareceram atrás dela, de boca aberta, estupefactos. Eram um coro grego perfeito de reprovação. De copos de vinho branco na mão, observaram-me em fúria. Não foi um dos meus melhores momentos, mas também nunca cheguei a pedir desculpa.

Talvez tenham curiosidade em saber como sou, visto que o meu marido foi seduzido por uma pegazinha tão atrevida. Se assistiram às imagens da conferência de imprensa, já fazem uma ideia, apesar de não estar no meu melhor. Como é evidente.

Devem ter visto que os meus cabelos estavam desgrenhados e em desalinho, apesar das tentativas da minha irmã para os domar. Pareciam cabelos de bruxa. Acreditariam em mim se dissesse que em circunstâncias normais é uma das minhas melhores características? Tenho cabelos louros-escuros compridos e ondulados que me chegam abaixo dos ombros. Podem ser bonitos.

Repararam certamente nos meus olhos. É esse primeiro plano que é mais transmitido: olhos raiados de sangue, desesperados, suplicantes, com pálpebras de bordas vermelhas e inchadas das lágrimas que derramei. Têm de acreditar na minha palavra quando

digo que normalmente os meus olhos são bonitos: são rasgados e muito verdes, e achava que realçavam a minha pele branca e uniforme.

Mas acima de tudo espero que tenham reparado nas sardas no meu nariz. Viram-nas? O Ben herdou-as, e sempre me agradou imenso ver aquela característica física minha nele.

Seria errado da minha parte dar-vos a impressão de que só estava a pensar na Katrina quando o Ben desapareceu. Na tarde em que isso aconteceu, o Ben e eu estávamos a passear o cão no bosque. Era um domingo, e tínhamos saído de Bristol de carro e atravessado a Ponte Suspensa de Clifton para chegar ao campo do outro lado.

A ponte atravessa a Garganta do Avon, uma enorme fenda na paisagem, escavada pelo rio Avon de margens lamacentas, cuja bacia eu e o Ben o víamos inundar lá em baixo, de águas castanhas e caudalosas na maré alta. A Garganta era a fronteira entre a cidade e o campo. A cidade abraçava um dos lados, empoleirada nas margens, e os bosques abraçavam o outro, com as árvores a cobrir densamente centenas de metros de penhascos íngremes até desaparecerem junto às margens do rio.

Quando atravessámos a ponte, demorámos apenas cinco minutos para estacionar e embrenharmo-nos por entre as árvores. Era uma bela tarde de finais de outono, e enquanto caminhávamos deleitava-me com os sons, aromas e paisagens que nos envolvia.

Sou fotógrafa. Foi uma mudança de carreira que ocorreu quando o Ben nasceu. Abandonei a minha anterior encarnação de enfermeira sem nenhum arrependimento. A fotografia era uma alegria, uma grande paixão minha, e implicava estar sempre a olhar para a luz, a pensar em como poderia utilizá-la numa fotografia, e lembro-me perfeitamente de como era enquanto caminhávamos naquela tarde.

Já era bastante tarde, por isso a luz que restava tinha uma qualidade transitória, mas havia luminosidade suficiente no ar para que as cores das folhas lá em cima e à minha volta parecessem complexas e belas. Algumas caíram enquanto caminhávamos. Sem um sussurro de protesto largavam os ramos que as tinham sustentado ao longo de

meses, e pairavam à nossa volta para pousarem no chão do bosque. Quando começámos o nosso passeio, a tarde ainda estava amena, permitindo que a mudança de estações ocorresse de forma tranquila e gradual em nosso redor.

Claro que o Ben e o cão ignoravam tudo isto. Enquanto compunha fotografias na minha cabeça, os dois corriam, brincavam e escondiam-se, de respiração enevoadada e olhos vivos e desvairados. O Ben tinha um anoraque vermelho e vi-o descer o trilho à minha frente, passando por entre as árvores. O *Skittle* corria ao lado dele.

O Ben atirou paus aos troncos das árvores e ajoelhou-se junto do solo coberto de folhas para examinar cogumelos em que sabia que não podia tocar. Tentou caminhar de olhos fechados, comentando como se sentia:

— Acho que estou numa parte lamacenta, Mãe — disse, ao sentir a bota ficar presa, e eu tive de ir resgatá-la enquanto ele ficou com um pé calçado com uma meia precariamente no ar. Apanhou pinhas e mostrou-me uma bem fechada. — Vai chover — disse-me. — Olha.

O meu filho estava lindo naquela tarde. Tinha apenas oito anos. Os cabelos cor de areia despenteados e as faces rosadas do exercício e do frio. Tinha olhos azuis límpidos e luminosos como safiras. Tinha a pele pálida do inverno, perfeitamente uniforme, à exceção daquelas sardas, e um sorriso que era a minha visão preferida em todo o mundo. Tinha cerca de dois terços da minha altura, mesmo perfeito para colocar-lhe o braço à volta dos ombros enquanto caminhávamos, ou dar-lhe a mão, que ele ainda gostava de vez em quando, apesar de na escola não.

Naquela tarde, o Ben emanava felicidade daquela forma descomplicada como as crianças costumam fazer. Também me fez sentir feliz. Tinham sido dez meses difíceis desde que o John nos deixara e embora ainda pensasse nele e na Katrina mais vezes do que provavelmente deveria, também vivia momentos de bem-estar, alturas em que parecia bem ser só eu e o Ben. Eram raras, para ser sincera, mas existiam, e aquela tarde no bosque era uma delas.

Às quatro e meia o frio tornou-se cortante e eu soube que devíamos regressar a casa. O Ben não concordou.

— Posso andar no baloiço de corda. Por favor?

— Sim — disse eu. Calculei que conseguíssemos chegar ao carro antes de escurecer.

— Posso ir à frente?

Recordo-me muitas vezes desse momento, e antes que me julguem pela resposta que lhe dei, quero fazer-vos uma pergunta. O que devemos fazer quando temos de ser mãe e pai do nosso filho? Eu era uma mãe solteira. Os meus instintos maternos eram evidentes: proteger o meu filho, de tudo. A minha voz maternal dizia, «Não, não podes, és demasiado pequeno, quero levar-te até ao baloiço e quero estar sempre a observar-te». Mas, na ausência do pai do Ben, achei que também devia deixar espaço na minha cabeça para outra voz, uma voz paternal. Imaginei que esta voz encorajaria o Ben a ser independente, a correr riscos, a descobrir a vida sozinho. Imaginei-a a dizer, «Claro que podes! Vai!».

Mas a conversa foi assim:

— Posso ir à frente?

— Oh, Ben, não tenho a certeza.

— Por favor, Mãe. — As vogais eram espaçadas, insinuantes.

— Sabes o caminho?

— Sei!

— Tens a certeza?

— Já fomos tantas vezes.

Tinha razão, fomos.

— Está bem; mas, se não conseguires encontrar o trilho, para e espera por mim no caminho principal.

— Está bem. — E lá foi ele, percorrendo o trilho à minha frente, com o *Skittle* a correr ao lado dele.

— Ben! — gritei. — Tens a *certeza* de que conheces o caminho?

— Tenho! — gritou com a segurança de uma criança que quase de certeza não se deu ao trabalho de ouvir o que eu disse, por ter algo mais entusiasmante para fazer. Não parou, nem olhou para mim.

E foi a última vez que o vi.

Enquanto percorria o trilho atrás do Ben ouvi uma mensagem de voz no telemóvel. Era da minha irmã. Deixou-a à hora de almoço.

«Olá, sou eu. Podes ligar-me por causa da sessão fotográfica do Natal para o blogue? Estou no Festival Gastronómico de Cotswold e tenho imensas ideias que gostava de discutir contigo, por isso queria confirmar que vens mesmo no próximo fim de semana. Sei que combinámos que devias ficar lá em casa, mas achei que podíamos fazer qualquer coisa melhor na casa de campo, enfeitá-la com azevinho e assim, por isso podias ir antes para lá. As miúdas vão ficar com o Simon porque todos têm coisas para fazer, então vamos ser só nós. E já agora, vou ficar lá esta noite por isso liga para lá se não conseguires contactar-me pelo telemóvel. Beijos para o Ben. Adeus.»

A minha irmã *tem* um blogue gastronómico de sucesso. Chama-se «*Custard & Ketchup*», por causa dos alimentos preferidos das filhas. Tem quatro raparigas, todas parecidas com o pai, de olhos castanhos-escuros e cabelos tão escuros que eram quase negros, com temperamentos obstinados e voluntariosos. A minha irmã costumava dizer que se não as tivesse dado à luz ficaria na dúvida se seriam mesmo dela. E admito que por vezes me interrogo se a minha irmã terá realmente mão nas filhas: parecem formar um grupo tão impenetrável, até mesmo para a mãe.

De idades próximas — todas mais velhas que o Ben — formam uma pequena tribo em que o Ben nunca foi capaz de se inserir, e na verdade encarava-as com alguma desconfiança, sobretudo porque o tratavam um pouco como um brinquedo.

A Nicky deu provas de ser capaz de lhes fazer frente na maior parte das situações, planeando e organizando até ao último minuto, dominando-as ao mantê-las ocupadas. As vidas delas cumpriam uma rotina não rígida que por vezes pensava se estas raparigas de cabelos cor de penas de corvo não implodiriam ao entrar no mundo real que estava para além do controlo da mãe.

No blogue a minha irmã publicava receitas que ela afirmava que

fariam até as famílias mais exigentes comerem juntas de forma saudável. Quando iniciou o blogue achei que era uma tolice, mas para minha surpresa teve um grande sucesso e referiam-na frequentemente quando os jornais publicavam listas dos «Dez Melhores» blogues de gastronomia ou família.

A minha irmã era uma cozinheira extraordinária e combinava receitas com textos bem-humorados sobre os desafios de cuidar de uma família numerosa. Não era algo que me cativasse — demasiado perfeito e amoroso — mas era impressionante e parecia agradar a muitas mulheres que acreditavam no ideal da heroína doméstica.

Retribui o telefonema dela, e deixei uma mensagem em resposta:

«Sim, estamos a pensar em chegar no sábado de manhã e ir embora no domingo depois do almoço. Queres que leve alguma coisa?»

Aquela pergunta era deliberada. Sabia que não queria nada meu. Orgulhava-se em ser a anfitriã perfeita.

Limitar a nossa estadia também era deliberado. Quando pensei em visitar a Nicky na sua casa estava determinada a ficar apenas por uma noite, porque apesar de a Nicky ser a minha única família, e eu sentir o dever de visitá-la e dar ao Ben a oportunidade de ficar a conhecer as primas, nunca era algo que ansiasse particularmente.

A grande casa nos arredores de Salisbury estava sempre impecável, tradicional, e barulhenta, e tornava-se claustrofóbica após uma noite. Simplesmente achava que era tudo um pouco excessivo: a Nicky supereficiente a fazer milagres domésticos aqui e ali, o seu marido corpulento e jovial, de copo de vinho na mão e um monte de anedotas preparadas, e as filhas, quezilentas, a fazerem gestos obscenos nas costas da minha irmã, manipulando o pai. Era completamente diferente da minha vida tranquila com o Ben na nossa pequena casa em Bristol.

A casa de campo também não era propriamente o meu destino ideal, mesmo sem ter de lidar com a família da Nicky. Herdámo-la da nossa tia Esther, que nos criou, era pequena e húmida e suscitava-me recordações incómodas. Por mim, tê-la-ia vendido há muito tempo,

não há dúvida de que o dinheiro me daria muito jeito, mas a Nicky estava muito presa a ela, e ela e o Simon tinham assumido os custos de manutenção há muito tempo, sobretudo devido aos sentimentos de culpa, acho eu, por não me deixar convertê-la em dinheiro. Encorajou-me a usá-la mais, mas de certa forma o tempo que lá passava provocava-me uma sensação estranha, como se nunca tivesse chegado a crescer completamente, nunca me tivesse libertado totalmente da adolescência.

Voltei a guardar o telemóvel no bolso. Tinha chegado à parte do trilho que conduzia ao baloiço de corda. O Ben não estava lá, por isso presumi que se tinha adiantado. Percorri o caminho no seu encalço, chapinhando na lama e afastando as silvas. Quando cheguei à clareira onde se situava o baloiço de corda, sorria com a perspetiva de vê-lo, e de observar o seu ar triunfante por ter lá chegado sozinho.

Só que não estava lá, e o *Skittle* também não. O baloiço de corda estava em movimento, balançando da esquerda para a direita, repetindo os movimentos num ritmo lento. Avancei para ter uma visão mais ampla da clareira.

— Ben — chamei. Não obtive resposta. Senti uma onda de pânico, mas disse a mim própria para parar com isso. Dera-lhe aquele bocadinho de independência e seria uma pena manchar o momento ao mostrar-me demasiado ansiosa. Provavelmente, o Ben estava escondido atrás de uma árvore com o *Skittle*, e não devia estragar a brincadeira dele.

Olhei em volta. A clareira era pequena, não muito maior do que um campo de ténis. Havia um bosque denso a envolvê-la quase totalmente, escurecendo aquele espaço, apesar de num dos lados crescerem árvores jovens de médio porte, esguias e quebradiças, sem folhas. Dispersavam a luz à sua volta, conferindo-lhe uma certa estranheza. No meio da clareira havia uma grande bétula, que pendia sobre um pequeno riacho. O baloiço de corda estava amarrado a um dos seus ramos. Calculei que o Ben estivesse escondido atrás do seu grosso tronco.

Entrei na clareira devagar, entrando na brincadeira dele.

— Hum! — exclamei, lançando a voz na direção da árvore para que me ouvisse. — Onde estará o Ben. Pensava que ele vinha aqui ter comigo mas não o vejo em lado nenhum, nem vejo o cão dele. É um mistério.

Parei para ficar à escuta, para ver se ele se denunciava, mas não se ouviu nenhum som.

— Será que o Ben foi para casa sem mim — continuei, molhando a biqueira da bota no riacho. O movimento do baloiço cessara e agora pendia flácido. — Se calhar — disse, realçando a palavra —, o Ben começou uma vida nova no bosque sem mim, e eu terei simplesmente de ir para casa comer torradas com mel sozinha e ver o *Dr. Who* sem companhia.

Mais uma vez, não houve resposta, e a vaga de medo voltou. Este tipo de conversa normalmente bastava para que ele aparecesse, triunfante por me ter enganado por tanto tempo. Disse a mim própria para ter calma, que ele estava a subir a parada, a obrigar-me a esforçar-me mais. Disse:

— Bem, acho que se o Ben vai viver sozinho no bosque então vou ter de dar as coisas dele a outro menino.

Sentei-me num tronco de árvore coberto de musgo à espera da resposta dele, tentando parecer imperturbável. Então lancei o meu trunfo:

— Quem será que gostaria de ficar com o *Baggy Bear*... — O *Baggy Bear* era o brinquedo preferido do Ben, um ursinho de peluche que os avós lhe tinham oferecido quando era bebé.

Olhei em volta, à espera que ele aparecesse meio a rir, meio zangado, mas só havia um silêncio absoluto, como se o bosque estivesse a suster a respiração. No silêncio, os meus olhos seguiram os contornos dos troncos para cima, até vislumbrar o céu lá no alto, e senti a escuridão a infiltrar-se, tão certa como o fogo à volta de uma folha de papel, enrugando as suas margens, transformando-a em cinzas.

Naquele momento, soube que o Ben não estava ali.

Corri para a árvore. Andei à sua volta, uma, duas, três vezes,

sentindo a casca a raspar-me os dedos enquanto andava.

— Ben! — chamei. — Ben! Ben! Ben! — Não houve resposta. Continuei a chamar, incessantemente, e quando parei para ficar à escuta, esforçando-me por ouvir, continuei sem obter resposta. Uma sensação de náusea no estômago agravava-se a cada segundo que passava.

Depois ouvi um barulho: um som maravilhoso de alguma coisa a estalar, o som de alguém a passar pelo meio do mato. Vinha da clareira de árvores jovens. Corri na sua direção, contornando as árvores jovens o mais depressa que podia, desviando-me dos ramos baixos e flexíveis, sentindo um deles vergastar-me a testa.

— Ben — gritei —, estou aqui. — Não obtive resposta, mas o ruído estava mais perto. — Estou a caminho, meu amor — gritei. Senti uma onda de alívio. Enquanto corria observava o bosque denso à minha frente tentando vislumbrá-lo. Era difícil de dizer ao certo de onde vinha o barulho. Os sons faziam ricochete entre as árvores, confundindo-me. Fiquei em choque quando algo irrompeu do meio do bosque ao meu lado.

Era um cão, era grande e estava feliz por me ver. Saltou aos meus pés, ansioso por ser acariciado, de boca aberta, vermelho-escuro, de um tom surpreendente, com a língua pendurada. Alguns metros atrás dele uma mulher emergiu do meio das árvores.

— Lamento muito, minha querida — disse ela. — Ele não faz mal, é muito amistoso.

— Oh, meu Deus! — disse eu. Coloquei as mãos em concha à volta da boca. — Ben! — gritei, e desta vez tão alto que parecia que o ar frio me escaldava a garganta ao inspirar.

— Perdeu o seu cão? Não foi por ali, senão tê-lo-ia visto. Oh! Sabia que a sua testa está a sangrar? Sente-se bem? Espere um minuto.

Procurou no bolso do casaco e ofereceu-me um lenço de papel. Era idosa e tinha um chapéu encerado de aba larga enfiado na cabeça. Tinha o rosto franzido de preocupação e estava ofegante. Ignorei o lenço de papel e em vez disso agarrei-a, enterrando os dedos no casaco acolchoado até sentir a resistência do braço debaixo dele. Ela

retraiu-se.

— Não — disse. — É o meu filho. Perdi o meu filho.

Ao falar senti uma gota de sangue a escorrer-me pela testa.

E foi assim que começou.

Procurámos o Ben, a senhora e eu. Vasculhámos a área à volta do baloiço de corda e depois regressámos ao trilho, percorrendo-o em direções opostas com o plano de convergir no parque de estacionamento principal.

Não estava calma, nem um pouco. O medo derretia-me as entranhas.

À medida que procurávamos, o bosque ia-se transformando. O céu escureceu, ficou nublado, em alguns sítios os ramos eram suficientemente densos para formar uma arcada e o trilho transformou-se num túnel escuro.

As folhas voavam à minha volta como *confetti* em decomposição à medida que o vento ficava mais forte, e grandes massas de folhagem agitavam-se e vergavam-se nas copas das árvores lá em cima.

Chamei o Ben vezes sem conta e fiquei à escuta, esforçando-me por decifrar a sobreposição de sons do bosque. Um ramo estalou. Uma ave piou, num som agudo como um latido, e outra respondeu-lhe. Bem lá no alto ouvia-se o som de um avião.

Mas o som mais alto vinha de mim: a minha respiração, o som das botas a chapinhar na lama. O meu pânico era audível.

Não se ouvia o som da voz do Ben nem do *Skittle*.

Não vi um anoraque vermelho.

Quando cheguei ao parque de estacionamento estava histórica. Estava cheio de carros e famílias, porque havia equipas de rapazes e seus apoiantes a sair do campo de futebol adjacente. Havia um grupo ocioso de pessoas com fantasias temáticas a um canto, trajados de forma bizarra, a guardar armaduras e geleiras de piquenique nos carros. Eram uma visão habitual no bosque, nas tardes de domingo.

Concentrei-me nos rapazes. Muitos tinham equipamentos vermelhos. Andei por entre eles à sua procura, virando-os para mim,

observando os rostos, interrogando-me se ele estaria ali, camuflado pelo anoraque. Reconheci alguns rostos. Gritei o nome dele, perguntei-lhes se tinham visto um rapaz, perguntando-lhes se tinham visto o Ben Finch. Uma mão a agarrar-me o braço fez-me estacar.

— Rachel!

Era Peter Armstrong, o pai solteiro do melhor amigo do Ben, o Finn. Finn estava atrás dele vestido com um equipamento de futebol, enlameado, a chupar um gomo de laranja.

— O que aconteceu?

Peter ficou a ouvir enquanto eu lhe contava.

— Temos de telefonar à polícia — disse. — Imediatamente. — Ele próprio fez o telefonema, enquanto eu fiquei ao seu lado, a tremer, sem acreditar no que estava a ouvir porque isso implicava que era verdade, que estava realmente a acontecer-nos.

Então o Peter organizou as pessoas. Juntou as famílias no parque de estacionamento e fez algumas ficarem ali com as crianças, enquanto outras formavam um grupo de busca.

— Cinco minutos — disse a todos. — E depois vamos.

Enquanto esperávamos, gotas de chuva começaram a salpicar as lentes dos óculos do Peter. Estremeci, e ele colocou o braço à minha volta.

— Vai correr tudo bem — disse. — Vamos encontrá-lo.

Estávamos nessa posição quando a senhora idosa emergiu do bosque. Estava ofegante, com o cão a puxar a trela. Ficou desanimada quando me viu.

— Oh, minha querida — disse —, lamento muito. Tinha a certeza de que já o tinha encontrado. — Pousou uma mão no meu braço, para me dar apoio e confiança.

— Já pediu auxílio? — perguntou. — Como está a escurecer, acho que devia fazê-lo.

Não demorou muito tempo, mas ainda assim, quando todos se reuniram, as sombras e os vultos das árvores à nossa volta tinham perdido a definição, fundindo-se nas sombras indistintas das trevas,

fazendo o bosque parecer impenetrável e hostil. Todos aqueles que tinham lanterna, levavam-na. Formávamos um grupo heterogéneo, uma mistura de pais que acompanhavam os filhos a jogar futebol, mascarados ainda com os seus trajes temáticos e um ciclista vestido de licra. Os nossos rostos franzidos refletiam não apenas o frio que se tornava cortante, mas o medo cada vez mais sombrio e intenso de que o Ben não estivesse apenas perdido, mas de que algo de mal lhe tivesse acontecido.

Peter falou para todos.

— O Ben veste um anoraque vermelho, ténis azuis com refletores, calças de ganga, e tem cabelos castanhos-escuros e olhos azuis. O cão é um *cocker spaniel* preto e branco chamado *Skittle*. Alguma pergunta?

Não havia perguntas. Dividimo-nos em dois grupos e partimos, cada um na sua direção ao longo do trilho. O Peter liderava um dos grupos; eu liderava o outro.

O bosque engoliu-nos. A chuva piorou pouco menos de dez minutos depois e grandes bátegas de água rasgavam as copas das árvores. Passados alguns minutos estávamos encharcados e formaram-se grandes poças de água no trilho. Isso atrasou radicalmente o nosso progresso, mas continuámos a chamar e a ficar à escuta, com as luzes das lanternas a oscilar para cima e para baixo no mato à nossa volta, esforçando os olhos para ver algo, qualquer coisa.

A cada segundo, com o agravamento das condições meteorológicas, o meu medo aumentava, transformando-se numa coisa urgente e quente que ameaçava explodir dentro de mim.

Passados vinte minutos senti o meu telemóvel vibrar. Era uma mensagem do Peter.

«Venha parque estacionamento», dizia, e era tudo.

A esperança surgiu. Comecei a correr, cada vez mais depressa e quando saí do trilho e cheguei ao parque de estacionamento tive de parar abruptamente. A luz intensa de um par de faróis incidia diretamente sobre mim. Protegi os olhos com a mão.

— Rachel Jenner? — Um vulto colocou-se à frente da luz, em silhueta.

— Sim?

— Sou a agente Sarah Banks. Sou da polícia, da Esquadra de Nailsea. Tenho a informação de que o seu filho está perdido. Há algum sinal dele?

— Não.

— Nada?

Abanei a cabeça.

Ouviu-se um grito atrás de nós. Era o Peter. Tinha o *Skittle* aninhado nos braços. Pousou delicadamente o cão no chão. Uma das delicadas patas traseiras do *Skittle* estava dobrada num ângulo doloroso e não natural. Ganiu ao ver-me, e escondeu o focinho na minha mão.

— O Ben? — perguntei.

Peter abanou a cabeça.

— O cão apareceu no trilho a coxear mesmo à nossa frente, não faço ideia de onde veio.

As minhas memórias desse momento são sobretudo de sons e sensações. A chuva a molhar-me o rosto, encharcar os joelhos ao ajoelhar-me no chão; murmúrios lúgubres das pessoas à nossa volta; o ganir suave do meu cão; as fortes rajadas de vento, e o som débil de música *pop* de um dos carros onde as crianças se tinham abrigado, com as janelas todas embaciadas.

Sobrepondo-se a tudo isto, ouvia os estalidos do rádio da polícia mesmo atrás de mim, e a voz da agente Banks a pedir auxílio.

Peter levou o cão ao veterinário. A agente Banks recusou-se a deixar-me voltar para o bosque. Com as suas feições jovens e marcadas e dentinhos pequenos e brancos parecia demasiado imatura para ser autoritária, mas foi inflexível.

Sentámo-nos no meu carro. Interrogou-me cuidadosamente sobre o que o Ben e eu estávamos a fazer, onde o vira pela última vez. Anotou lenta e cuidadosamente numa letra bolbosa, parecendo gordas

lagartas a rastejar pela página.

Telefonei ao John. Quando ele atendeu, comecei a chorar e a agente Banks tirou-me delicadamente o telemóvel da mão e pediu-lhe que confirmasse se era o pai do Ben. Depois disse-lhe que o Ben estava perdido e que ele devia vir imediatamente para o bosque.

Telefonei à minha irmã Nicky. De início não atendeu, mas telefonou-me logo a seguir.

— O Ben está perdido — disse. A ligação estava má. Tive de falar mais alto.

— O quê?

— O Ben está perdido.

— Perdido? Onde?

Contei-lhe tudo. Confessei que o deixara ir a correr antes de mim, que a culpa era minha. Ela adotou uma abordagem prática.

— Telefonaste para a polícia? Organizaste um grupo de pessoas para fazerem uma busca? Posso falar com a polícia?

— Vão trazer cães, mas está escuro, por isso dizem que não podem fazer mais nada até amanhecer.

— Posso falar com eles?

— Não vale a pena.

— Mas gostava de falar.

— Estão a fazer tudo o que podem.

— Queres que vá para aí?

Apreciei a sugestão dela. Sabia que a minha irmã detestava conduzir de noite. É uma condutora nervosa, no mínimo, cautelosa e conservadora na estrada, como na vida. As estradas em redor da nossa casa de campo de infância, onde ia passar a noite, são traiçoeiras até de dia. Nas profundezas do Wiltshire rural, junto a uma grande propriedade florestal, o único acesso à casa de campo é uma rede de caminhos sinuosos com valas profundas e sebes altas.

— Não, não é preciso. O John vem a caminho.

— Tens de telefonar-me se houver alguma novidade, o que quer que seja.

— Eu telefono.

— Vou ficar ao pé do telefone.

— Está bem.

— Está a chover aí?

— Está. Está tanto frio. Ele só tem um anoraque e uma camisola de algodão.

O Ben detestava camisolas de lã. Tinha-lhe vestido uma naquela tarde antes de ir para o bosque, mas ele despiu-a assim que entrou no carro.

— Tenho calor, Mãe — disse. — Tanto calor.

A camisola, vermelha, tricotada, jazia no banco de trás do carro. Debrucei-me para trás e coloquei-a em cima do colo, segurando-a com força, sentindo o cheiro dele na malha.

A Nicky continuava a falar, tranquilizando-me, como costumava fazer, mesmo quando a sua própria ansiedade aumentava.

— Vai correr tudo bem. Não vão demorar muito a encontrá-lo. Não pode ter-se afastado muito. As crianças são muito resistentes.

— Não me deixam ir à procura dele. Obrigaram-me a ficar no carro.

— Tem lógica. Podias magoar-te no escuro.

— Está quase na hora de ele se deitar.

Ela expirou. Imaginava as linhas de preocupação no rosto dela, e a forma como estaria a roer o mindinho. Sabia como era a ansiedade da Nicky. Era a nossa companhia constante quando éramos crianças.

— Vai correr tudo bem — disse ela, mas ambas sabíamos que eram apenas palavras e que ela não tinha a certeza disso.

Quando o John chegou a agente Banks foi a primeira a falar com ele. Ficaram à luz dos faróis do John. A chuva ainda caía incessantemente, forte e torrencial. Por cima deles, uma enorme bétula proporcionava-lhes algum abrigo. Ainda tinha folhas suficientes para que a parte inferior, iluminada pelas luzes do carro, parecesse uma coroa dourada.

O John estava absolutamente concentrado no que a agente Banks dizia. Emanava uma energia nervosa, assustada. Os cabelos, normalmente cor de areia molhada, estavam empastados e negros à

volta do rosto, que estava pálido, como se fosse esculpido em pedra.

— Falei com o meu Inspetor — dizia-lhe a agente Banks. — Ele vem a caminho.

O John acenou com a cabeça. Olhou para mim, mas desviou rapidamente o olhar. Os tendões do pescoço estavam tensos.

— Isso é um bom sinal — disse ela. — Quer dizer que estão a levar o caso a sério.

Porque não haveriam de levar? Interroguei-me. Porque não haveriam de levar o desaparecimento de uma criança a sério? Aproximei-me do John. Queria tocar-lhe, apenas na mão. Na verdade, queria que ele me abraçasse. Em vez disso, lançou-me um olhar incrédulo.

— Deixaste-o ir a correr antes de ti? — disse ele, numa voz esganada com a tensão. — Onde estavas com a cabeça?

— Desculpa — disse. — Estou muito arrependida.

Não valia a pena tentar dar-lhe uma explicação. Estava feito. lamentá-lo para sempre.

A agente Banks disse:

— Acho que por agora é melhor concentrarmo-nos todos a procurar o Ben. Não lhe vai servir de nada atribuir culpas.

Tinha razão. O John percebia isso. Estava a tentar conter as lágrimas. Parecia desamparado e incrédulo. Vi-o passar por tudo aquilo que eu tinha sentido desde que o Ben desaparecera. Fez pergunta atrás de pergunta, que a agente Banks respondeu pacientemente até ficar satisfeito por saber tudo o que havia para saber, e que estava a ser feito tudo o que era possível fazer-se.

De pé ao seu lado, deixando que a agente Banks o tranquilizasse, apercebi-me de que há mais de dez meses que não o via sorrir, e interroguei-me se alguma vez voltaria a ver.

JIM

Anexo ao relatório do Detetive James Clemo para a Dr.^a Francesca Manelli.

Transcrição da gravação da Dr.^a Manelli.

Estão presentes o Detetive James Clemo e a Dr.^a Francesca Manelli.

Estão assinaladas em *itálico* as notas indicativas do estado de espírito ou comportamento do Inspetor Clemo, quando estes não são transmitidos apenas pelos seus comentários.

Esta é a transcrição da primeira sessão completa de psicoterapia em que o Inspetor Clemo participou. Anteriormente, tivemos apenas uma breve reunião preliminar onde anotei a história do Inspetor Clemo e discutimos o relatório que lhe pedi que redigisse.

Como seria previsível, devido à sua renitência em relação à terapia, o relatório que o Inspetor Clemo entregou nesta fase não apresentava comentários sobre as suas experiências pessoais e emocionais na altura do caso Benedict Finch. As transcrições preenchem de certa forma as lacunas. A minha prioridade nesta primeira sessão foi começar a estabelecer a confiança do Inspetor Clemo em mim.

O Inspetor Clemo optou por encontrar-se comigo no meu consultório privado sediado em Clifton, e não nas instalações fornecidas pelo Departamento Policial.

Dr.^a Francesca Manelli (FM): Tenho muito gosto em voltar a vê-lo. Obrigada por ter iniciado o seu relatório.

Detetive James Clemo (JC): *Responde ao comentário com um breve aceno da cabeça. Ainda não falou.*

FM: Reparei na sua objeção relativamente a participar nestas sessões comigo.

JC não faz nenhum comentário. Também evita estabelecer contacto visual.

FM: Então, gostaria de começar perguntando-lhe se houve mais algum incidente?

JC: Incidente?

FM: Ataques de pânico, daqueles que motivaram o seu encaminhamento para mim.

JC: Não.

FM: Pode descrever-me o que aconteceu nas duas ocasiões em que teve os ataques de pânico?

JC: Não posso entrar aqui assim e falar sobre essas coisas.

FM: Seria útil saber mais pormenores, só para começar. O que desencadeou a sensação de pânico, como isso deu origem a um ataque, o que sentiu quando isso estava a acontecer?

JC: Não vou falar sobre os meus sentimentos! Não é isso que costumo fazer. Já estou enjoado por toda a gente só querer falar sobre sentimentos. Ultimamente, quando vemos desporto na televisão, os comentadores só querem perguntar isso às pessoas. A Sue Barker quando fala com um tipo que jogou ténis durante quatro horas ou quando conversa com alguém que acabou de perder o jogo de futebol mais importante da sua vida. «Como se sente?» Então e se fosse «Como conseguiu? Teve de se esforçar muito para alcançar isso?».

FM: Acha que mostrar os sentimentos é uma fraqueza?

JC: Acho, sim.

FM: É por isso que não gosta de falar sobre os seus ataques de pânico? Porque podem ser despoletados por sentimentos muito fortes?

Não responde.

FM: Tudo o que disser aqui vai permanecer confidencial.

JC: Mas vai tomar a decisão de me considerar apto ou não para trabalhar.

FM: Vou informar a sua Inspetora Chefe e fazer uma recomendação, mas mais ninguém verá o conteúdo do seu relatório, nem as transcrições das nossas conversas. Essas são apenas para eu utilizar. Serão a base das nossas conversas. Este vai ser um longo processo, e se conseguir esforçar-se para ser sincero comigo teremos

uma hipótese de sucesso muito maior, e se tudo correr bem vamos conseguir pô-lo a fazer o trabalho que deseja fazer.

JC: Sou um detetive. Isso está-me no sangue. É para isso que vivo.

FM: Também tem de estar ciente de que o número de sessões de psicoterapia que a sua Inspetora Chefe está disposta a financiar é limitado.

JC: Eu sei.

FM: Então fale comigo.

Demora algum tempo.

JC: De início era como estar sem fôlego, não conseguia respirar bem. Estava sempre a bocejar, e a respirar, à procura de ar, para pôr fim às tonturas, porque achava que ia desmaiar. Depois o coração começou a bater mesmo muito depressa, e deixei de conseguir pensar, não conseguia concentrar-me em nada, e depois era o pânico por toda a parte, a dominar-me, e só queria sair dali, e dar um murro na parede.

FM: E foi o que fez.

JC: Não tenho orgulho nisso.

Esconde os nós dos dedos da mão direita com a mão esquerda, mas só depois de eu ter reparado que ainda tinham crostas e estavam feridas.

FM: E também teve ataques de choro nos dias a seguir?

JC: Não sei porquê.

FM: Não há que ter vergonha. É apenas mais um sintoma de ansiedade, tal como os ataques de pânico.

JC: Sou mais forte do que isso.

FM: As pessoas fortes também sofrem de ansiedade.

JC: O que mais detesto é o choro, pode acontecer em qualquer lado, a qualquer altura. Não consigo evitar. Sou como um bebé.

As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de JC.

FM: Não. Não é. É só um sintoma. Demore o tempo que quiser. Voltaremos a este assunto.

Tira um lenço de papel da caixa ao lado da sua cadeira, limpa o rosto vigorosamente; tenta recompor-se. Tira algumas notas, para lhe

dar algum tempo, e passado um minuto ou dois volta a falar comigo.

JC: O que está a escrever?

FM: Escrevo algumas notas para cada paciente. Ajuda-me a lembrar-me das nossas sessões posteriormente. Gostaria de ver o que escrevi?

JC abana a cabeça.

FM: Gostava de perguntar-lhe que tipo de rede de apoio tem à sua volta. Uma companheira?

JC: Presentemente não tenho companheira.

FM: Então família ou amigos?

JC: A minha mãe vive em Exeter, não costumo visitá-la com frequência. A minha irmã também. Os meus amigos em Bristol são sobretudo colegas, por isso não costumamos falar de outras coisas, para além do trabalho.

FM: Estou a ver nas suas notas que o seu pai faleceu pouco antes do início do caso Benedict Finch.

JC: É verdade. Cerca de um mês antes.

FM: E também era detetive?

JC: Era Comandante da Polícia em Devon e Cornwall.

FM: Foi por causa dele que entrou nas forças policiais?

JC: Em grande medida, sim.

FM: E iniciou a sua carreira em Devon e Cornwall?

JC: Iniciei.

FM: Foi difícil? Achou que tinha padrões muito elevados para atingir, devido ao seu pai?

JC: Claro, porque tinha mesmo.

FM: Sentia pressão?

JC: Não tenho medo de pressões.

FM: Quando estava no departamento de Devon e Cornwall era do conhecimento geral que era filho do seu pai?

JC: Quando comecei era conhecido como o «Rapaz do Mick Clemo», mas isso é igual para qualquer um que tenha um parente nas forças policiais.

FM: E quando foi transferido para Bristol, para o Departamento

Policial de Avon e Somerset, isso mudou?

JC: Mudou totalmente. Só um ou dois dos homens mais velhos em Bristol conheciam o meu pai pessoalmente.

FM: Então era uma oportunidade para começar de novo?

JC: Foi uma promoção.

FM: Acha que escolheu a carreira certa para si ao ser polícia?

JC: Foi sempre o que quis ser. Nunca coloquei outra hipótese. Como já lhe disse, está-me no sangue. Só pode ser isso.

FM: Porquê «só pode ser isso»?

JC: Porque vemos de tudo. Vemos o lado mais sujo, mais negro da vida. Vemos o que as pessoas fazem umas às outras, e pode ser brutal.

Agora não desvia os olhos, está totalmente concentrado em mim. Sinto que me desafia a contradizer o que disse, ou a menosprezá-lo. Lembro-me de que não sou a única pessoa na sala treinada para interpretar o comportamento dos outros. Decido avançar.

FM: O seu registo informa que se licenciou em Inglês antes de entrar para as forças policiais.

JC: Atualmente, devemos ter uma licenciatura para podermos entrar para as forças policiais. Já não é como antigamente que se saía do liceu e se entrava diretamente.

FM: Gostou do curso?

JC: Gostei.

FM: O que estudou? Houve algo que lhe tivesse agradado particularmente?

JC: Yeats. Gostei de Yeats. Estudei literatura inglesa.

FM: Sei um poema de Yeats: «Girando, girando no vórtice que se alarga/O falcão não ouve o falcoeiro...» Conhece? Pelo menos acho que é de Yeats. Não me lembro do título.

JC não consegue conter-se, continua o poema.

JC: «... Tudo se desmorona, o âmago desfaz-se;/A anarquia abate-se sobre o mundo...»

FM: «... A maré tinta de sangue é libertada, e por todo o lado...»

JC: «... A cerimónia da inocência submerge.»

FM: Há mais.

JC: Não consigo lembrar-me ao certo.

FM: É um poeta extraordinário.

JC: É um poeta verdadeiro.

FM: Ainda lê poesia?

JC: Não. Agora já não tenho tempo para essas coisas.

FM: Trabalha muitas horas?

JC: É o que temos de fazer se quisermos progredir.

FM: E você quer? Quer progredir?

JC: Claro.

FM: Posso perguntar-lhe novamente: há algo em particular que lhe provoque os ataques de pânico?

JC esconde o rosto nas mãos, esfrega os olhos e massaja as têmporas. Começo a pensar que não vai responder, que o pressionei excessivamente, demasiado rápido, mas acaba por tomar uma decisão e olha diretamente para mim.

JC: Não consigo dormir. Às vezes fico confuso. Faz-me duvidar do meu discernimento.

FM: Sofre de insónia?

JC: Sofro.

FM: Há quanto tempo?

Examina-me antes de responder.

JC: Desde o caso.

FM: Tem dificuldade em adormecer, ou acorda a meio da noite?

JC: Não consigo adormecer.

FM: Quantas horas acha que dorme por noite?

JC: Não sei. Às vezes só três ou quatro.

FM: Isso é muito pouco, e pode afetar muitíssimo o seu estado de espírito durante o dia.

JC: É o suficiente.

De repente mostra-se estoico, como se se arrependesse de confiar em mim.

FM: Não me parece que três ou quatro horas de sono sejam o suficiente.

JC: Talvez esteja enganado. Provavelmente serão mais.

FM: Parecia não ter dúvidas.

JC: Não é nada que não possa aguentar.

Não acredito nele.

FM: Procurou auxílio médico?

JC: Não tomo comprimidos.

FM: Em que costuma pensar quando está a tentar dormir?

Examina-me novamente antes de responder.

JC: Não me recordo.

As respostas dele tornaram-se clara e frustrantemente evasivas, e eu quero aprofundar mais este assunto, mas agora não é a altura certa, porque para que este processo seja bem-sucedido, primeiro tenho de ganhar a confiança dele, e suspeito que não vá ser uma tarefa fácil.

DIA 2

SEGUNDA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO DE 2012

«O trabalho da polícia nas fases iniciais do desaparecimento de uma criança marca frequentemente a diferença entre um caso de resolução rápida e um caso em que a investigação desgastante acabe por se prolongar ao longo de meses ou mesmo anos, sem solução. Apesar de a investigação de um caso de desaparecimento de uma criança ser em muitos aspetos semelhante a outros casos importantes, raras são as outras situações em que se verifica aquela pressão adicional originada pela ausência inexplicada de uma criança. Quando não se está antecipadamente preparado, essa pressão pode causar um impacto negativo no desfecho de um caso de desaparecimento de uma criança.»

*Missing and Abducted Children: A Law Enforcement Guide to Case Investigation and Program Management*², pág. 46, Quarta Edição, 2011, ed. Preston Findlay e Robert G. Lowery, Jr. (National Centre for Missing and Exploited Children³, Relatório OJJDP)

Crianças Desaparecidas e Raptadas: Um Guia do Departamento Policial para a Investigação de Casos e Gestão de Programa. (NT)

Centro Nacional para as Crianças Desaparecidas e Vítimas de Exploração. (NT)

RACHEL

O John não aguentava a espera. Queria fazer qualquer coisa, por isso passou a maior parte da noite a conduzir, percorrendo o bosque, seguindo pelas estradas de regresso a Bristol, só para ter a certeza.

De cada vez que voltava, sentava-se no meu carro e pedia-me para recapitular o que tinha acontecido.

— Já te contei — disse, quando me perguntou pela terceira vez.

— Conta-me outra vez.

— Mas como é que isso poderá ser útil?

— Talvez seja.

— Tenho tanto medo de que ele esteja magoado.

O John retraiu-se ao ouvir as minhas palavras, mas eu tinha mais para dizer.

— Deve estar tão assustado.

— Eu sei. — A resposta dele foi seca, tensa.

— Deve estar a pensar por que razão ainda não o encontrámos.

— Para! Conta-me outra vez. Do princípio.

Contei-lhe. Contei-lhe tudo o que me conseguia lembrar, vezes sem conta, mas na verdade era simples. O Ben estava lá, depois foi a correr à minha frente, e depois já não estava. Não havia nenhum sinal, apenas um baloiço de corda, balançando suavemente.

— Achas que ele estava nele? — perguntou o John. — Como é que estava a balançar?

— Para trás e para a frente. Suavemente.

— O vento podia tê-lo empurrado?

— Talvez pudesse.

— Disseste isso à polícia?

— Sim.

— E não ouviste nada?

— Não. Só os sons do bosque.

— E chamaste-o?

— Claro que chamei.

E assim sucessivamente. Desta forma as horas passaram devagar, desesperadamente. O tempo era pontuado pelas conversas periódicas com a polícia, recebendo atualizações que não nos diziam nada. Telefonei à Nicky mais do que uma vez, transmitindo-lhe a ausência de notícias, ouvindo o desespero a intensificar-se na minha voz no eco das respostas dela.

O inspetor Miller chegou antes da meia-noite todo equipado com o uniforme impermeável, para chefiar as buscas. Os homens com os cães mudaram duas vezes de turno. Os animais encharcados e cansados foram entregues a criaturas de olhos brilhantes, puxando as suas trelas. Dei-lhes a camisola do Ben para farejarem, para conhecerem o cheiro dele. A escuridão era a nossa maior inimiga, impossibilitando uma busca completa.

Às 5 da manhã o inspetor Miller chamou-me a mim e ao John para nos dizer o que estava a acontecer. Estavam a preparar-se para o nascer do sol, disse ele, o que aconteceria às 07:37. Enumerou uma série de ações que estavam planeadas, utilizando linguagem policial que só compreendi parcialmente. Ia haver mais cães, cavalos, ia vir um veículo com um sargento e seis agentes, uma equipa de resgate de montanha, e iam descolar no helicóptero.

Ao longo das duas horas que se seguiram fiquei atordoada a observar de dentro do carro a transformação do cenário no parque de estacionamento. Senti-me inútil, uma *voyeuse*.

O veículo com um sargento e seis agentes afinal era uma carrinha com uma grade, da qual saíram sete homens, preparados para fazerem uma busca a pé. Outra carrinha transportava um gerador, luzes, um abrigo, mapas e quatro especialistas em resgate de montanha. O inspetor Miller e a agente Banks trabalharam para os coordenar. Começaram ambos a funcionar com aquela energia intensa e contida de alguém que tem um segredo terrível que não pode revelar.

A madrugada surgiu aos solavancos, o manto de escuridão total mostrava relutância em recolher-se. A luz do dia revelou que a zona do

parque de estacionamento tinha sido pisoteada pelas constantes idas e vindas durante a noite. Os únicos aspetos positivos eram a chuva ter diminuído, transformando-se num chuveiro persistente, e o vento ter abrandado, apesar de ainda soprarem pequenas rajadas geladas intermitentes.

Quatro agentes a cavalo juntaram-se à entrada do trilho. Os cavalos eram enormes e lindos, de pelagem brilhante e narinas que resfolgavam nuvens de vapor visíveis no ar frio e húmido. O Ben tê-lo-ia adorado. Um deles sobressaltou-se quando o ruído surdo do helicóptero se tornou mais intenso lá em cima. Pairou rente às copas das árvores, antes de voltar a desaparecer.

A Katrina chegou pouco depois. O John saiu do carro para cumprimentá-la e abraçou-a numa manifestação pública de afeto como nunca ocorreu na nossa relação. Escondeu o rosto nos cabelos dela. Baixei os olhos.

Ela bateu na janela do meu carro, assustando-me. Baixei o vidro.

— Ainda não há notícias?

Abanei a cabeça.

— Trouxe isto para vocês, no caso de precisarem de alguma coisa.

— Deu-me uma garrafa térmica e um saco de papel.

— É só chá, e uns bolos. Não sabia de quais gostavas, por isso escolhi por ti. — A voz dela desvaneceu-se. Estava bem vestida, e ficou ali de pé como uma aluna perfeita, bem aprumada e ansiosa por agradar. Sem maquilhagem. Era a primeira vez que a via sem maquilhagem. Não sabia o que dizer.

— Obrigada — consegui dizer.

— Se eu puder fazer alguma coisa.

— Está bem. Obrigada.

— O John pediu-me para voltar para casa, no caso de ele aparecer por lá.

— Está bem. Boa ideia.

Era embaraçoso e estranho. Não há nenhum protocolo para conhecermos a nova mulher do nosso ex-marido no local em que o nosso filho desapareceu.

— Bom, é melhor voltar para lá — disse ela, e virou-se novamente para o John.

Depois de se ter ido embora, olhei para o saco dos bolos. Dois *croissants*. Tentei mordiscar um deles, mas sabia a pó. Consegui beber alguns goles de chá. Não tinha açúcar, como eu gosto, mas o calor foi bem-vindo.

Pouco depois de a Katrina se ter ido embora o rádio do inspetor Miller começou a funcionar.

Tinham encontrado alguma coisa. Era difícil ouvir os pormenores. O rádio crepitava e sibilava, com as palavras a emergirem ocasionalmente da interferência.

— O que foi? — murmurei para o inspetor enquanto ele estendia um dedo para me silenciar. Fez sinal à agente Banks para se juntar a ele e afastaram-se, conferenciando. O John reparou e apareceu ao meu lado. Senti-me eletrificada de esperança e terror. Mais uma vez o zumbido do helicóptero circulava por cima de nós, tornando ainda mais difícil ouvir. O inspetor dirigiu-se a nós:

— Pode confirmar novamente o que o Ben tem vestido, por favor?

— Anoraque vermelho, *T-shirt* branca com a fotografia de uma guitarra, calças de ganga rasgadas no joelho, ténis azuis com - refletores.

Ele repetiu tudo para o rádio. A voz respondeu-lhe em estalidos, perguntando o tamanho e marca dos ténis.

— Geox — disse. — Tamanho trinta.

O inspetor voltou a afastar-se. Tive de me controlar ao máximo para não o agarrar, arrancando-lhe aos abanões a informação sobre o que estava a acontecer. O John estava rígido ao meu lado, de braços firmemente cruzados sobre o peito.

Foi a boca contraída do inspetor Miller que o denunciou quando se dirigiu a nós. Não estava satisfeito com o que tinham encontrado, fosse o que fosse.

— Muito bem — respirou fundo, retirando forças de algum reduto interior. — Os rapazes encontraram uma coisa que acham que pode

ser importante. Não é o Ben — tinha visto a pergunta nos meus lábios —, mas pode ser uma peça ou peças da sua roupa.

— Onde? — disse o John.

— Junto ao lago em Paradise Bottom.

Eu sabia. Era ali perto. Corri. Ouvi-os gritar atrás de mim, sentia o ritmo pesado de alguém a correr atrás de mim, mas não parei, acelerei pelo bosque o mais depressa que conseguia.

Vi-os antes de chegar ao lago: um grupo de três homens, todos juntos, de pé no meio do trilho. Olharam para mim enquanto me aproximava. Um dos homens tinha qualquer coisa na mão, um saco de plástico transparente com algo lá dentro.

— Vim ver — disse, e o homem com o saco respondeu:

— Seria bom que confirmasse se algum destes artigos pertence ou não ao Ben, mas por favor não os retire do saco.

Estendeu o braço na minha direção, como uma oferta.

O John apareceu ao meu lado, com a respiração ofegante e - irregular.

Agarrei no saco. Era um pouco pesado. Gotas de água salpicavam o plástico por dentro e por fora. O conteúdo estava molhado. Vi um fulgor de vermelho, alguma ganga, tecido de algodão branco enrolado. Virei-o ao contrário, e por baixo dos artigos de tecido havia dois sapatos: ténis Geox azuis. Estavam esfolados, e um deles tinha a sola ligeiramente descolada na ponta, tal como eu sabia que estaria. Sacudi um pouco o saco. Devido ao movimento, luzes azuis cintilaram ao longo da sola dos sapatos.

— Os sapatos têm o nome dele — disse. — Têm as suas iniciais, debaixo da lingueta.

Através do plástico consegui puxar a lingueta do sapato. Na parte inferior estavam as letras BF. A tinta tinha tingido o tecido à volta.

— Obrigado — disse o homem. Tinha cabelos brancos e bigode e sobrancelhas grisalhas mais escuras, a pele com marcas vermelhas. Tirou-me o saco das mãos, apesar de eu não o querer devolver.

— Onde está o Ben? — perguntei.

— Estamos a fazer tudo o que podemos para o encontrar —

respondeu o homem, e a compaixão na sua voz arrebatou-me qualquer resquício de compostura que ainda me restava.

Um pavor medonho crescia dentro de mim como um tumor, era uma ideia que não queria contemplar. O John abraçou-me, com força. Sabia no que eu estava a pensar porque ele estava a pensar no mesmo.

— Não! — gritei, e era o som de um animal selvagem, um uivo, um som que uma mãe faria ao ver um filho ser arrastado por um predador.

JIM

Na manhã a seguir ao desaparecimento de Benedict Finch acordei cedo, como sempre. Tenho um relógio físico bastante fiável. Nunca preciso de despertador, apesar de o ter, para prevenir. Não quero acordar tarde de mais. Comecei o dia como habitualmente: uma boa chávena de café, feito como deve ser na minha cafeteira *Bialetti*. Bebi-o de pé na cozinha.

O meu apartamento fica no último andar de um edifício georgiano bastante alto em Clifton. É a melhor zona de Bristol, e o apartamento tem uma vista espantosa visto que se situa num dos lados de uma colina íngreme. A frente dá para um grande jardim, o que é bonito, mas do lado das traseiras é melhor porque posso ver um bom pedaço da cidade. Do outro lado fica Brandon Hill, salpicado de árvores, com a Torre Cabot no cimo, alguns terraços georgianos e vitorianos mais abaixo. Os edifícios modernos e lojas mal se veem, mas conseguimos vislumbrar um pouco da Jacob's Well Road lá em baixo, descendo a colina íngreme até ao porto, onde podemos sair à noite ou passear ao fim de semana. Não vejo a água do meu apartamento, mas consigo senti-la, e as gaivotas voam frequentemente à sua volta, passando pelas janelas em voos picados.

Até ter começado a sair com a Emma não sabia que esta cidade tinha sido construída com o dinheiro do comércio marítimo que aqui aportou ao longo de centenas de anos: açúcar, tabaco, papel, escravos. Contou-me como a riqueza que construiu Bristol foi ganha à custa de muito sofrimento humano, e muitos homens jogaram vidas e fortunas nisso. Emma era filha de um militar, e estava tão bem informada porque o pai a obrigava a saber a história de cada sítio para onde ia viver, e eles mudavam-se muito, por isso tornou-se um hábito.

Quando me falou na escravatura, não consegui deixar de pensar nisso e então apercebi-me de como a história ruidosa e frenética da cidade está mesmo debaixo dos nossos olhos, sobretudo onde vivo.

Temos o Will's Memorial Building, orgulho da Universidade, erguendo-se ao cimo de Park Street: construído com os lucros do tabaco. A Georgian House, num estado de conservação perfeita, uma bela propriedade: açúcar e escravos. Ambos se situam a menos de quatrocentos metros do meu apartamento, e podia referir mais.

Por vezes penso nisso, porque acho que as cidades não mudam muito o seu carácter; mesmo passadas centenas de anos ainda se encontra subjacente. Agora, quando olho pela janela de manhã, e vejo Bristol acordar lá em baixo, o seu passado sujo e complicado está ali, manifestando-se como um estremecimento nos ossos.

Antes de tirar a tábua para engomar a minha camisa, levei uma chávena de chá à Emma. Ainda estava na cama. Levantava-se sempre um pouco mais tarde do que eu.

Estava deitada numa confusão de lençóis e cabelos. Não tinha um sono tranquilo. Contrastava com a forma controlada e intencional como vivia o resto da vida, e era uma das raras ocasiões em que podia vislumbrá-la indefesa. Senti-me privilegiado por estar suficientemente próximo para poder vê-la assim.

— Olá — disse quando pousei a chávena de chá.

— Dormiste bem? — perguntei-lhe.

— Mmm! E tu? — Pestanejou suavemente, ensonada. Depois espreguiçou-se e esfregou os olhos, com movimentos lânguidos. A Emma não apressava as coisas. Era observadora e esperta, e serena, uma mistura de características que para mim eram viciantes, sobretudo em conjunto com a beleza dela. A Emma atraía as atenções. Era um homem cheio de sorte.

— Umas boas oito horas — disse. Voltei para a cama, para junto dela. Era quente e confortável e não consegui resistir. A manhã de segunda-feira podia esperar alguns minutos. A Emma aninhou-se no meu ombro.

— Era capaz de ficar o dia todo aqui — disse ela.

— Eu também.

Colocou um braço por cima do meu peito, observei o chá dela a arrefecer e vi o mostrador do relógio marcar nove minutos antes de

me forçar a abandonar o suave movimento ascendente e descendente da respiração dela. Quando afastei os cobertores ela acordou, puxou o meu rosto para junto de si e beijou-me.

— Tenho de me levantar — disse.

— Que chatice — respondeu, mas sabia que se não tivesse sido eu a dizê-lo, teria sido ela. A Emma era sempre pontual. Sorriu, como se estivesse a reconhecer os meus pensamentos, e depois sentou-se na cama e agarrou na chávena de chá, fazendo uma careta ao beber o primeiro gole tépido.

Coloquei a tábua de engomar em frente à janela da cozinha e observei as luzes vermelhas e brancas dos carros que chegavam à cidade enquanto engomava a camisa.

— Vais de bicicleta? — perguntou a Emma quando apareceu vestida para ir trabalhar, com os cabelos penteados e domados num grosso rabo de cavalo.

— Vou.

— Estás a tentar muscular as tuas pernas escanzeladas? — disse ela. Adorava espicaçar-me. Também era uma faceta da sua personalidade que não costumava mostrar às pessoas. Fez-me sorrir.

— Tu adoras as minhas pernas escanzeladas — disse eu. — Devias admitir isso. Então vais de carro?

Vestia um fato de calças e casaco, justo e elegante, e um par de sapatos de salto baixo. Naquela manhã tinha um olhar luminoso e um sorriso fácil. Estava pronta para começar o dia.

— Precisamente, Inspetor Clemo, uma excelente dedução. Até logo.

A Emma e eu não íamos juntos para o trabalho. Os agentes da polícia podem ter relacionamentos uns com os outros, não é proibido, mas a verdade é que isso pode não ser bem aceite, porque pode complicar as coisas quando ficam a investigar um caso juntos. Fui eu que sugeri mantermos a nossa relação em segredo por agora. Só estávamos juntos há alguns meses, e achei que o que fazíamos nos nossos tempos livres só nos dizia respeito a nós. A Emma concordou. Disse que não se importava que fosse segredo ou não. Era muito

descontraída.

Ouvi falar do caso Benedict Finch pela primeira vez quando ia de bicicleta para o trabalho. Tenho um rádio digital portátil que ouço quando ando de bicicleta. Quando saí do apartamento, o vento e a chuva tinham abrandado e enquanto descia a Jacob's Well Road em direção à zona ribeirinha, desfrutei a sensação agradável da aceleração na descida íngreme e contornei a água que se acumulara à volta dos canos entupidos.

Quase não tive de pedalar quando cheguei à zona plana junto ao porto, e ao passar junto à catedral apanhei as notícias das 07:30 na Rádio Bristol. Diziam que um rapaz de oito anos chamado Benedict Finch tinha desaparecido em Leigh Woods. Tinha acontecido no dia anterior à tarde enquanto passeava o cão com a mãe. Equipas da polícia e de resgate de montanha estavam à procura dele. Estavam preocupados.

O verdadeiro centro da cidade estava a começar a ficar engarrafado com o trânsito de segunda-feira de manhã, mas eu não demorei muito tempo, e cheguei a Feeder Road às 07:40, pedalando ao longo do canal. O nível das águas era elevado, com a superfície pontilhada pelo chuvisco. Um pescador estava curvado, sentado num banco junto à estrada, coberto por roupa impermeável.

Lá em cima, ouvia-se o ruído ensurdecedor do trânsito a passar pelo viaduto de betão, opressivamente baixo, uma característica arquitetónica suja que me saudava todos os dias ao chegar ao trabalho. Por trás dele emergia a luz do dia, num céu cinzento como chumbo com nuvens baixas a correrem velozes, roxas em cima e amarelas em baixo. Era um céu venenoso: o estertor de morte do clima da noite anterior. Lembro-me de pensar que não era uma boa noite para um rapazinho desaparecer. Mesmo nada boa.

RACHEL

O inspetor Miller disse que por terem encontrado a roupa «as coisas tinham mudado» e era preciso «Intensificar a operação». Descreveu o bosque como «local» e disse que agora se tratava de um caso do Departamento de Investigação Criminal. Mas evitou dizer explicitamente o que todos nós sabíamos. O Ben não estava perdido; tinha sido raptado.

O pior pesadelo dos pais é que um filho seja raptado, porque a primeira coisa em que pensamos é «Quem seria capaz de levar uma criança?». As respostas são todas extremamente perturbadoras. Fiquei em estado de choque. O John também. Os rostos dos agentes fardados que estavam à nossa volta eram sombrios, e alguns desviaram o olhar, numa demonstração de respeito que era particularmente angustiante.

A agente Banks conduziu-nos para o seu carro e levou-nos para a sede do DIC. Ao fim do longo caminho desde o parque de estacionamento até à estrada principal, já se tinham reunido alguns fotógrafos, que encostaram as lentes das câmaras e os rostos às janelas do carro, tentando falar connosco, fotografar-nos. Distanciámo-nos do barulho, e dos *flashes*. Afastámo-nos das janelas, aproximando-nos um do outro. O John agarrou-me na mão com força.

Foi uma viagem terrível. Afastar-me do bosque parecia a constatação de que não íamos encontrar o Ben; de que estávamos preparados para o deixar para trás. Poucos minutos após termos entrado nos arredores da cidade fomos sugados para dentro da sua rede de estradas. Vias rápidas buliçosas levaram-nos para o trânsito compacto, junto a edifícios industriais antigos e recentes. Ao meio apareceu o rio Avon, paralelo à estrada, com águas turvas a fluírem caudalosas enquanto parávamos em todos os semáforos. As plantas agarravam-se às suas margens, resistentes e sujas.

Os meus pensamentos recusavam-se a ser coerentes e estava paralisada de terror, parecia que estava a ficar vazia por dentro. Não

conseguia enfrentar o presente, por isso refugiei-me no passado, à procura de distração, ou talvez de consolo, à procura de algo que não fosse esta realidade. Senti os dedos frios do John a agarrar os meus e lembrei-me da primeira vez que ele me deu a mão, como se isso pudesse corrigir tudo.

Foi uma semana depois de nos termos conhecido num evento no hospital. O John era um jovem médico exausto, vestindo o seu uniforme habitual de camisa e calças de sarja, completado pelas rugas no tecido após um longo turno. Eu era estudante de enfermagem, estava ali por causa das sandes grátis e do copo de vinho branco tépido. O cabelo louro-escuro caía-lhe elegantemente sobre a testa, e tinha um rosto de belas feições finas e simétricas, atraente de uma forma um pouco *démodé*. Os olhos eram de um azul penetrante, intensos e cativantes. O Ben teve a sorte de herdar aqueles olhos.

A nossa primeira conversa foi sobre música, e nessa noite, quando já estava cansada de conviver e um pouco cansada da vida, foi um tónico. O John falou de uma forma sincera e delicada. Perguntou-me se sabia que Bristol tinha uma das melhores salas de concertos do país. Era pequena, disse ele, numa linda igreja neoclássica do século XIX, e a acústica era espetacular.

Tinha uma ausência de pretensão ao falar que me agradou instantaneamente. O seu respeito intrínseco e inquestionável pela cultura lembrou-me das conversas que ouvia na casa de campo da minha tia Esther, o sítio onde cresci, e de repente senti que a minha vida andava à deriva há demasiado tempo, e que era tempo de parar.

Passada uma semana estávamos sentados na sala de concertos de St. George, à espera que o concerto começasse. É um edifício belo e elegante, construído na encosta do lindo e frondoso Brandon Hill, a poucos metros das lojas de Park Street. Fica em frente à Georgian House, que o Ben já visitou numa visita de estudo da escola, mas na altura eu não sabia da existência de nenhum destes lugares.

A casa estava cheia. Foi difícil arranjar bilhetes. O John estava animado, cheio de informações. Apontou o local em que uma bomba alemã caiu pelo telhado numa noite em 1942, quando o edifício ainda

era utilizado como igreja, e aterrou no altar sem explodir.

Também falou sobre si próprio. Disse-me que tocava violino, que a mãe era intérprete de concerto, e a sua casa estava cheia de música quando era criança. Contou-me que o trabalho estava a correr bem e que tinha decidido especializar-se em cirurgia geral pediátrica. Tive a sensação de que tinha um grande interesse por tudo, pensativo e absorvente, fosse música, arquitetura, ou os pequenos corpos e vidas dos seus pacientes. Tinha uma sensibilidade rara.

O concerto começou. Um violinista, vestido de negro, estava no meio do palco e soltou as primeiras notas do instrumento com o maior cuidado, ficando a pairar nítidas no ar à nossa volta. Tocava com uma elegância que cativava e seduzia, e senti o John relaxar ao meu lado. Quando a mão dele roçou na minha e não a afastou, parecia dar-me equilíbrio. Quando me segurou suavemente nos dedos, parecia contrabalançar a intensidade emocional da música, e também incitar-me a senti-la, deixar-me absorver por ela.

Esta memória: a música, os sentimentos, veio-me à cabeça no carro. Era como se quisesse que a minha vida voltasse para trás para aquele ponto, e começar de novo, preservando aquele momento perfeito, para que o que viesse depois não se tornasse numa porcaria, não conduzisse a este momento agora. O que era impossível, claro, porque a memória desapareceu logo depois de ter surgido. A realidade era que, em vez de reconfortar-me, os dedos frios do John pareciam desesperados e fúteis, tal como os meus lhe devem ter parecido.

O trânsito continuou lento enquanto percorremos o centro da cidade: faróis das traseiras e letreiros de sinalização, formas de betão e nuvens fragmentares sob um céu de granito. O rio Avon desapareceu e depois voltou a aparecer do outro lado da estrada, ainda castanho e agitado, com um carrinho de compras abandonado na margem mais afastada. Mantive os olhos fixos nas águas, traçando o seu percurso para o interior da cidade, porque não conseguia olhar para as pessoas lá fora, todas as pessoas que estavam a ter uma segunda-feira normal no início de uma semana normal, as pessoas

que sabiam onde estavam os filhos.

A esquadra da polícia era um grande edifício de betão em forma de cubo, de estilo brutalista. Tinha três pisos, com grandes janelas retangulares em cada um deles, colocadas em intervalos regulares, como frestas para lançar flechas na muralha de um castelo. Numa tipografia de há cerca de meio século atrás, o letreiro a anunciar que tínhamos chegado estava pousado num estreito retângulo de betão por cima das portas, declarando simplesmente: «Kenneth Steele House.»

O interior do edifício era surpreendentemente diferente. Muito moderno, em espaço aberto, movimentado e sofisticado. Pediram-nos para ficar à espera num conjunto de sofás baixos junto à receção. Ninguém olhou duas vezes para nós. Fomos à casa de banho. Mal me reconheci ao espelho. Estava macilenta, branca, um espectro. Tinha lama no rosto, e o golpe na testa estava lívido e com uma crosta de sangue que tinha madeixas de cabelo coladas. Parecia suja e desleixada. Tentei limpar-me, mas não fui muito eficiente.

Quando voltei para a receção o John ainda estava no sofá, de cotovelos apoiados nos joelhos, cabeça pendente. Sentei-me no meu lugar ao lado dele. Um polícia sem farda, de rosto rosado e escassos cabelos grisalhos saiu de trás da secretária e dirigiu-se a nós atravessando o grande *foyer*.

— Não vai demorar muito — disse ele. — Já vem alguém a caminho para vos vir buscar.

— Obrigado — disse o John.

JIM

Trabalho em Kenneth Steele House. É a sede do DIC do Departamento Policial de Avon e Somerset. Não é um edifício bonito visto de fora, e a sua localização também não é. Situa-se numa faixa de edifícios comerciais e industriais nas traseiras da Estação de Temple Meads em St. Philip's Marsh. É uma zona plana no interior da cidade, com um aspeto isolado de baldio, visto que não há habitações nas redondezas, e as fronteiras são o canal e o rio Avon. Há circuito interno de televisão em todo o lado e uma boa dose de arame farpado.

Às 08:05 já estava sentado à secretária. Reparei imediatamente no ambiente. Não se ouviam as conversas habituais das manhãs de segunda-feira, apenas uma tensão que só se sente quando surge um caso importante. Mark Bennett, com a mesma patente do que eu mas aí uns cem anos mais velho, apareceu vindo de trás da divisória que separava a secretária dele da minha mesmo antes de ligar o meu computador.

— A Scotch Bonnet quer falar contigo — disse ele. — O mais depressa possível.

Bennett tinha uma careca reluzente, um pescoço grosso e carnudo e os olhos de um *bull terrier*. Parecia um lutador de boxe. A verdade é que era precisamente o contrário. Uma vez tinha ido tomar um copo, pouco depois de eu ter vindo para Somerset, e disse-me que nunca tinha chegado tão longe nem tão depressa quando desejava na sua carreira no DIC. Depois contou-me que achava que a mulher já não o amava. Não queremos ser contagiados por esse estado de espírito. «Scotch Bonnet» era a alcunha dele para a nossa inspetora chefe Corinne Fraser. Era por ser escocesa, mulher e intempestiva. Não era particularmente inteligente nem engraçado. Mais ninguém a utilizava.

Fraser estava no seu gabinete.

— Jim — disse. — Fecha a porta. Senta-te.

Estava impecavelmente vestida, como sempre, com um elegante

fato de calças e casaco. Tinha um aspeto excêntrico, de cabelos grisalhos frisados que não combinavam com a franja curta, projetando-se em tufo por cima das orelhas, mas também tinha um rosto delicado e atraente, e olhos cinzentos implacáveis que nos trespassavam ou nos encostavam à parede. Sentei-me à sua frente. Não perdeu tempo:

— Desde as oito da manhã tenho um rapazinho de oito anos desaparecido, que quase de certeza foi raptado em Leigh Woods. Já temos múltiplos locais, o clima não tem sido favorável, e perdemos mais de doze horas desde que ele desapareceu. Vamos ter os jornalistas em cima de nós antes do almoço. Preciso de um investigador chefe que assuma muitas responsabilidades. Sente-se à altura?

— Sim, Chefe.

Senti o sangue afluir às faces. Era o que ansiava: um caso mediático, um cargo de responsabilidade. Estava no DIC de Somerset e Avon há três anos, a trabalhar horas extra, a dar provas do meu valor, à espera daquele momento. Havia inspetores hierarquicamente superiores a mim, mais velhos, igualmente ambiciosos. O Mark Bennett era um deles. Podiam desempenhar essa função, mas era o meu momento, a minha oportunidade. Pensei em recusar? Não. Pensei que ia ser um terreno minado? Talvez. Mas as palavras que andavam às voltas na minha cabeça eram estas: Vamos. A. Isso.

Poder trabalhar com a Fraser era uma grande parte do entusiasmo. Era dura e esperta, uma das melhores. Toda a gente sabia que tinha crescido num bairro social duvidoso em Glasgow. Assim que pôde sair de casa mudou-se para o mais longe possível, para poder ter formação policial e começar uma vida nova. O problema foi que enquanto era uma jovem agente acabou por casar-se com um inspetor chefe da Scotland Yard que tresandava tanto a corrupção que até mesmo a polícia de Londres teve eventualmente de se ver livre dele. Nos tempos livres costumava maltratá-la. Uma vez teve de ir para o hospital, mas o marido nunca foi acusado de nada. Naqueles dias a polícia cuidava bem dos seus, desde que fossem homens brancos.

A sorte dela foi que o marido morreu antes de ser julgado por corrupção. Teve um ataque cardíaco no bar. Quando caiu no chão já estava morto. A reação dela foi mudar-se para Avon e Somerset como detetive superintendente e subir na carreira com uma combinação de astuto jogo político e trabalho de detetive respeitado pela sua meticulosidade. Foi a primeira mulher inspetora chefe em Avon e Somerset, e uma das primeiras em Inglaterra. Não desperdiçava palavras e a sua autoridade era inata. Era o direito de uma pessoa que sobrevivera aos anos de barbárie e que tinha ficado mais forte e sábia. Não tolerava lamúrias nem intimidação.

— Primeira missão: entrevistar os pais — disse a Fraser.

— Sim, Chefe. Onde estão eles?

— No local.

— Algum agente os levou a casa?

— Ainda não. — Pensou nisso, batendo com a caneta na secretária. — Temos de ser sensíveis, isso é crucial Jim, mas sinto-me inclinada a trazê-los para cá. Com chás e cafés, nas nossas condições.

Sabia a que se referia. Quando entrevistamos as pessoas nas suas casas sentem-se mais relaxadas, porque é um ambiente familiar, mas também sentem que são elas que controlam.

— Use uma sala para casos de violação — disse ela. Era uma conceção à sensibilidade. As salas para casos de violação são mais acolhedoras do que as salas de entrevistas. — De qualquer modo — acrescentou —, precisamos que a equipa forense visite a casa da mãe, pelo menos, presumindo que seja aí que a criança passa a maior parte do tempo, e a casa do pai se acharmos que vale a pena. São ambas locais potenciais.

Agarrou no telefone. Era a minha deixa para me ir embora. Mas depois voltou a pousá-lo.

— Mais uma coisa — disse ela. — Ia pedir à Anne Rookes para ser agente de ligação, mas está ocupada. Tens alguma ideia?

Não sei bem por que o disse de forma tão instintiva, mas disse-o, e antes mesmo de poder pensar.

— Então e se fosse a Emma Zhang?

Fraser pareceu ter ficado surpreendida.

— Ela tem experiência suficiente? Vai ser sempre difícil, independentemente do desfecho.

— Acho que sim, Chefe. É muito inteligente, e fez a formação. — Agora era demasiado tarde para recuar, de qualquer modo achava que a Emma merecia ter essa oportunidade, e pensei que ia desempenhar bem a função. Seria uma grande ascensão para ela, e podia aprender tanto a trabalhar com a Fraser.

— Então é a Zhang — disse Fraser, voltando a agarrar no telefone.

Só quando saí do gabinete dela é que esperei ter agido corretamente, em relação à Emma, e também em relação ao próprio caso. A função do agente de ligação à família é crucial. Estão presentes para garantir o bem-estar da família da vítima, mas acima de tudo são detetives. Observam, escutam, prestam apoio, mas sobretudo ficam atentos às provas e informam a equipa de investigação. É uma função delicada. O agente de ligação pode marcar a diferença entre o sucesso ou o falhanço.

Preparámos uma sala de incidentes num instante. Kenneth Steele House é irrepreensível porque foi recentemente remodelada a pensar nas necessidades do DIC, por isso temos as instalações necessárias para conduzir uma operação da forma mais eficiente e rápida possível. A sala que nos foi atribuída era espaçosa: duas fileiras de mesas de cada lado com monitores, espaço para o Recetor, Leitor de Declarações e Assistente de Investigação. Montaram um gabinete para a inspetora chefe Fraser mesmo junto à área principal, para poder dirigir as operações, e uma sala de informações, uma sala de circuito interno de televisão, um gabinete de provas e um armazém. Era uma disposição que implicava termos tudo ali perto; já dera provas de funcionar bem.

Atribuímos imediatamente as ações aos agentes que já tínhamos a trabalhar, para confirmar o paradeiro de todos os molestadores sexuais locais que já eram conhecidos e para procurar nos registos incidentes anteriores relacionados com crianças desaparecidas,

mirones, exibicionistas ou tentativas de rapto naquela zona. Tínhamos quatro pares de agentes e a Fraser estava irredutível, dizendo que ia precisar de pelo menos dez pares.

Às 10 da manhã, recebemos um telefonema a dizer que os pais já tinham chegado. Fraser disse:

— Devias descer e começar já a fazer as entrevistas. Faz tudo segundo as regras, Jim. Quero tudo como deve ser. Também vou falar com o Superintendente porque acho que temos motivos para ter um ACD. Verificam-se os critérios. Tens de pedir uma fotografia aos pais o mais depressa possível.

ACD significa Alerta de Criança Desaparecida. Conhecia os critérios, sabemo-los de cor: se a criança desaparecida for menor de 16 anos, se um agente da polícia com a patente de superintendente ou de patente superior achar que esta corre risco de sofrer danos graves ou risco de vida, se a criança tiver sido raptada e existirem pormenores suficientes sobre a criança ou o raptor para que isso seja útil, então pode ser lançado um Alerta de Criança Desaparecida. Uma notícia de última hora interrompe os programas de rádio e televisão para alertar o público, e as agências e forças policiais fronteiriças por todo o país vão ficar alerta. É uma situação da máxima gravidade.

Revi pela última vez as perguntas que tinha preparado para os pais e obriguei-me a respirar fundo. Tinha chegado o momento. Estava totalmente preparado. Enquanto detetives, somos treinados para saber que o que fazemos nas primeiras horas após o desaparecimento de uma criança é crucial. O Ben Finch já estava desaparecido há mais de doze horas e só agora estávamos a iniciar a investigação. Não precisava que a Fraser me dissesse que em termos operacionais já estávamos em posição desfavorável, ou que tudo o que fizéssemos dali em diante seria escrutinado.

— Woodley — disse a um detetive novato que a Fraser tinha colocado no caso. Era um rapaz alto e magro com um rosto de que só uma mãe poderia gostar. — Traz-me um tabuleiro de chá já preparado. Para três pessoas. E biscoitos. Leva-o para a sala para casos de violação mas não o deixes lá dentro. Fica cá fora à minha

espera.

Se uma agente vestida à civil levar um tabuleiro de chá para dentro de uma sala, toda a gente presume que pertence ao *catering*. Se um agente do sexo masculino fizer o mesmo, fá-lo parecer um homem simpático, deixa as pessoas à vontade. Foi uma dica que aprendi com o meu pai.

RACHEL

Levaram-me a mim e ao John para sítios diferentes.

Fui entrevistada numa sala de teto baixo sem janelas e opressiva. Veio ter comigo uma mulher jovem, que se apresentou como Emma Zhang. Vestia um fato de calças e casaco justo e elegante. Tinha uma linda pele cor de caramelo, espessos cabelos negros presos num rabo de cavalo, olhos escuros e profundos, amendoados e bonitos, e um sorriso caloroso.

Cumprimentou-me com um aperto de mão, disse-me que ia ser a minha agente de ligação e sentou-se ao meu lado num sofá desconfortável de braços quadrados, ajeitando a saia.

— Vamos fazer tudo o que for possível para encontrarmos o Ben — disse ela. — Por favor, fique certa disso. O bem-estar dele será a nossa prioridade máxima, e a minha função é mantê-la informada sobre o que está a acontecer à medida que a investigação e as buscas pelo Ben progredirem. E deve estar à vontade para vir ter comigo para desfazer qualquer dúvida, tudo o que seja, porque também estou aqui para cuidar de si.

A detetive Zhang fez-me sentir mais segura, com a sua manifesta competência e pela sua atitude descontraída e acessível. Deu-me uma réstia de esperança.

Não havia nada para ver na sala, à exceção de um par de poltronas, uma mesa de café de bétula, de proporções estranhas, e três impressões incipientes de paisagens na parede à minha frente. O tapete era cinzento industrial. Numa das poltronas havia uma almofada roxa amachucada, como se tivesse levado um soco. Na porta estava escrito «Sala de Examinação».

Chegou um homem. Era alto, bem constituído e barbeado, com cabelos castanhos-escuros espessos cortados bem curtos atrás e dos lados, e olhos cor de avelã. Tinha mãos grandes e colocou desastradamente o tabuleiro na mesa: as chávenas empilhadas deslizaram totalmente para um dos lados e o bico do bule verteu um

pouco de líquido quente. A detetive Zhang inclinou-se para a frente para tentar salvar tudo, mas não foi preciso. As chávenas oscilaram mas não caíram.

O homem sentou-se na poltrona ao meu lado e estendeu-me a mão.

— Inspetor Jim Clemo — disse. — Lamento muito o que aconteceu ao Ben. — Tinha um aperto de mão firme.

— Obrigada.

Clemo pigarreou.

— Há duas coisas que precisamos que nos diga o mais depressa possível: os contactos detalhados do pediatra do Ben e do seu dentista. Tem esses contatos à mão?

Tirei o telemóvel do bolso, dei-lhe o que queria.

— O Ben sofre de alguma condição clínica de que devemos ter conhecimento?

— Não.

Escrevia notas num bloco com capa mole de um amarelo ácido. Era um objeto incongruentemente belo.

— E tem alguma cópia da certidão de nascimento do Ben?

Tinha a documentação desorganizada mas guardei uma capa com os documentos importantes do Ben.

— Porquê?

— Faz parte dos procedimentos.

— Vou ter de provar que ele existe?

Clemo mostrou um rosto inexpressivo, e percebi que estava certa. Foi o primeiro vislumbre de que estava envolvida num processo do qual não conhecia as regras, e em que ninguém confiava em ninguém, porque estávamos a lidar com algo demasiado grave para isso.

As perguntas de Clemo eram meticulosas e ele queria pormenores. Enquanto eu falava fiquei sentada com os braços cruzados à volta do corpo. Movia-se muito, inclinando-se para a frente em alguns momentos, recostando-se e cruzando as pernas noutros. Estava sempre a observar-me, os olhos a perscrutarem constantemente o meu rosto à procura de qualquer coisa. Tentei contrariar a minha renitência natural, falar abertamente, na esperança de que algo que

lhe dissesse ajudasse a encontrar o Ben.

Começou por fazer perguntas sobre mim, sobre a minha infância. Não sei por que razão isso seria relevante, mas contei-lhe. Devido às minhas invulgares circunstâncias, à tragédia da morte dos meus pais, essa é uma história que já contei muitas vezes, por isso consegui manter-me calma ao dizer:

— Os meus pais morreram num acidente de automóvel quando eu tinha um ano e a minha irmã tinha nove anos. Sofreram um choque frontal com um camião articulado.

Observei Clemo a ter uma reação que me era familiar, por já a ter presenciado inúmeras vezes: choque, pena e depois simpatia, por vezes *schadenfreude* mal disfarçada.

— Vinham de uma festa a caminho de casa — acrescentei.

Sempre gostei daquela informação. Na minha cabeça isso significava que os meus pais ficaram para sempre jovens e sociáveis, revigorados de vida. Provavelmente perfeitos.

Clemo exprimiu simpatia, mas avançou rapidamente, perguntando-me quem me criou, onde vivi, e depois como conheci o John, quando nos casámos. Quis saber pormenores acerca do nascimento do Ben. Dei-lhes uma data e um local: 10 de julho de 2004, Hospital de St. Michael, em Bristol.

Sob os factos, tinha a cabeça a andar à roda com as sensações e memórias. Lembrei-me de um longo e difícil trabalho de parto, que se iniciou num dia de calor abrasador, com o ar a tremeluzir. Entrei numa sala de partos à meia-noite, com o calor ainda a pairar em cada canto da cidade, e à medida que as contrações se intensificaram pelas longas horas que se seguiram, foi pontuado pelos gritos dos foliões lá fora, como se nem conseguissem pensar em ir para casa numa noite daquelas.

Antes de amanhecer houve o sobressalto de uma hemorragia significativa, mas mais tarde, quando o sol já estava novamente alto, senti a alegria extraordinária de me entregarem um rapazinho minúsculo, que vi passar de cinzento a cor-de-rosa nos meus braços. Senti a leveza dos seus cabelos, a suavidade perfeita das têmporas e

uma sensação de imobilidade absoluta quando os nossos olhares se cruzaram, eu a suster a respiração e ele a inspirar pelas primeiras vezes.

Tive de falar detalhadamente sobre os anos da infância do Ben, e sobre a minha relação com a minha irmã, e com a família do John. Era doloroso falar sobre a mãe do John, a Ruth, a minha querida Ruth, que se tornou uma mãe substituta para mim após o casamento, e que agora vivia num lar de idosos, com o cérebro lentamente a sucumbir aos delírios da demência.

Também tive de falar sobre o fim do meu casamento, como nunca me apercebi dele, como o Ben e eu vivemos desde essa altura. Não queria relatar estas coisas a estranhos, mas não tinha alternativa. Arranjei coragem, tentei confiar no processo.

O ritmo das perguntas de Clemo abrandou quando nos aproximámos do tempo presente. Fez perguntas detalhadas sobre as experiências do Ben na escola. Disse-lhe que eram experiências felizes; que o Ben adorava a escola, e adorava a professora. Tinha dado muito apoio quando o John e eu estávamos a atravessar a fase da separação e do divórcio.

Clema quis saber com que frequência o Ben visitou o pai ultimamente, ou outros amigos ou família. Quis saber quais eram as disposições da nossa custódia. Queria saber pormenores sobre todas as atividades que o Ben fazia dentro e fora da escola. Tive de descrever tudo o que fizemos na semana anterior e depois falámos sobre sábado, e domingo de manhã, e sobre o que fizemos nas horas que passámos juntos antes de irmos para o bosque.

— Almoçaram antes de irem para o bosque? — perguntou Clema. A sua voz tinha um certo tom apoloético.

— No caso de encontrarem o corpo dele?

— Não quer dizer que eu pense que vamos encontrar um corpo. É uma pergunta que tenho de fazer.

— O Ben comeu uma sandes de fiambre, uma banana, iogurte e duas bolachas com recheio no carro a caminho do bosque.

— Obrigado.

— Precisa de saber o que eu comi?

— Não. Não é necessário.

Zhang deu-me uma caixa de lenços de papel.

Também compilámos uma lista de pessoas que vi no bosque: o grupo que estava no parque de estacionamento, incluindo o Peter, o Finn e os outros futebolistas com as famílias, o grupo das máscaras temáticas, os ciclistas e a senhora idosa que me tinha ajudado quando perdi o Ben. Também me lembrei de um homem por quem o Ben e eu passámos logo no início do nosso passeio. Levava uma trela na mão, apesar de não vermos o cão dele. Era frustrantemente difícil lembrar-me do que tinha vestido, ou mesmo do seu aspeto, e fiquei irritada comigo mesma.

Prometi que se me lembrasse de mais alguma coisa ou de mais alguém comunicaria à polícia. Pediram licença para examinar o meu registo telefónico, fazer buscas na minha casa, sobretudo no quarto do Ben. Disse que sim a tudo. Concordaria com qualquer coisa se achasse que isso ia ajudar.

— Tem uma fotografia do Ben? Uma fotografia que possamos mostrar ao público e aos jornalistas?

Dei-lhe a fotografia que tinha na carteira. Era uma fotografia recente, da escola, ainda com aspeto novo, visto que só a recebera na semana anterior. Olhei para o rosto do meu filho: sério e doce, lindo e vulnerável. Os olhos e cabelos escuros cor de areia do pai, a pele perfeita, ligeiramente salpicada de sardas no nariz. Quase não consegui dá-la.

Clemo tirou-me a fotografia das mãos delicadamente.

— Obrigado — disse, e a seguir: — Senhora Jenner, vou encontrar o Ben. Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para encontrá-lo.

Olhei para ele. Examinei aqueles olhos à procura de um sinal do seu empenho, para confirmar que ele percebia o que estava em risco, querendo que ele estivesse mesmo a falar a sério, querendo que ele ficasse do meu lado, querendo acreditar que ia encontrar o Ben.

— Promete? — disse eu. Estendi a mão para a dele, agarrando-a,

sobressaltando-nos a ambos.

— Prometo — disse ele. Retirou os dedos dos meus cuidadosamente, como se não quisesse magoar-me. Acreditei nele.

Quando se foi embora, a detetive Zhang disse:

— Está em boas mãos. O Inspetor Clemo é um excelente detetive. É um dos melhores. É como um cão agarrado a um osso. Quando se envolve num caso nunca desiste.

Estava a tentar tranquilizar-me mas eu pensava apenas numa coisa.

— Deixei-o ir a correr à minha frente — disse. — A culpa é minha. Se alguém lhe fizer mal, a culpa é minha.

JIM

Estava bastante satisfeito com a forma como a entrevista com Rachel Jenner tinha corrido, mas fiquei um pouco abalado quando ela me agarrou na mão, como se nunca mais fosse largá-la. Não queremos que isso aconteça. Quando estamos a trabalhar num caso estamos sempre muito conscientes de que as vítimas dos crimes são pessoas verdadeiras, mas é importante mantermos a distância, até certo ponto. Se vivermos todas as suas emoções não conseguimos fazer o nosso trabalho. Por alguns momentos, a Rachel Jenner tinha colocado essa regra em risco.

Olhei com atenção para a fotografia que me tinha dado. Era uma daquelas fotografias da escola que toda a gente tem, tirada em frente a um fundo mosqueado. O Ben parecia um miúdo amoroso: de olhos azuis, muito claros e luminosos. Franzino. Tinha cabelos castanhos-claros, em tufos, e um meio sorriso. Olhava diretamente para a câmara. Ben Finch era uma criança muito bonita, não havia dúvidas, e fiquei satisfeito porque sabia que isso ia ajudar.

Entreguei a fotografia à equipa.

— Como está a mãe? — perguntou Fraser.

A Rachel Jenner estava com os nervos em franja, como era compreensível, com os olhos desvairados, retraindo-se quando via uma sombra, falando depressa, obviamente inteligente, mas dominada pelo choque.

— Está em estado de choque — disse eu. — E um pouco defensiva.

— Defensiva? — Fraser olhou para mim por cima dos óculos.

— É só uma impressão — disse eu.

— Muito bem. Vale a pena observar. Falar com a Emma, ver quais são as impressões dela. Daqui a pouco vou apresentar-me, e convocámos a imprensa para o meio-dia, para filmar um apelo. Estás satisfeito por ires falar agora com o pai?

Assenti.

— Então vamos lá.

Encontrei a Emma no corredor. Era a nossa primeira oportunidade para falar.

— Boa entrevista — disse ela.

— Obrigado.

Afastámo-nos do meio do corredor para deixar alguém passar. A mão da Emma roçou discretamente na minha, demorando-se ali.

— Pediste à Fraser que me colocasse como agente de ligação? — perguntou.

— Talvez.

— Obrigada. — Apertou-me ligeiramente a mão, depois largou-a e afastou-se para deixar uma distância mais respeitável entre nós.

— O que achaste da mãe? — perguntei. — Acabei de dizer à Fraser que a achei um pouco retraída.

— Concordo, mas acho compreensível. Achei que para ela era difícil falar sobre a vida privada, mas não me pareceu que estivesse a dificultar.

— Não, a mim também não me pareceu.

— Está muito angustiada. E também se sente culpada por ter deixado que ele fosse a correr antes dela.

— Isso não é nenhum crime.

— Claro que não, mas vai recriminar-se por isso para sempre, não vai?

— A menos que o encontremos depressa.

— Diria que mesmo que o encontremos depressa.

— Achas que ela é culpada de mais alguma coisa?

Emma ficou a pensar nisso, mas abanou a cabeça.

— A minha intuição diz-me que não. Mas não tenho cem por cento de certeza.

— Tens de mantê-la debaixo de olho. Quero relatórios detalhados sobre o que observares, por favor.

— Claro.

— Tenho de ir. Agora vou entrevistar o pai.

— Boa sorte. — Virou-se para sair.

— Emma!

— O que foi?

— Vais dar o teu melhor, não vais? Este é um dos grandes. Temos de ser extremamente sensíveis.

— Claro que vou.

Não pareceu ter ficado manifestamente ofendida, não era o seu estilo, mas houve algo na expressão dela que me fez arrepender imediatamente do que acabara de dizer. Era uma das pessoas com maior inteligência emocional que conhecia, perfeita para a função, e não era correto da minha parte mostrar a mais leve sombra de dúvida sobre as suas capacidades. Eu próprio estava demasiado entusiasmado para medir as minhas palavras; tive vontade de bater em mim próprio.

— Desculpa. Desculpa-me. Não devia ter dito o que disse. Não era minha intenção. Só que... este caso é tão importante.

— Não faz mal, e eu estou absolutamente empenhada, não te preocupes.

Esboçou um grande sorriso, fazendo tudo ficar bem, e os dedos dela roçaram novamente nos meus por breves instantes.

— Boa sorte com o pai — acrescentou, e vi-a caminhar vigorosamente afastando-se ao longo do corredor antes de ir à procura do pai de Benedict Finch.

John Finch andava para trás e para a frente na pequena sala de entrevistas onde o tínhamos colocado. Tinha um aspeto macilento e parecia estar em estado de choque, como a mãe, mas também transmitia uma sensação de autoridade inata. Calculei que na sua vida normal estivesse mais habituado a liderar do que a ser a vítima.

— Inspetor Jim Clemo — disse eu. — Lamento muito o que aconteceu ao Ben.

— John Finch. — O aperto de mão dele era rápido e firme, com dedos ossudos.

Havia uma pequena mesa na sala, com duas cadeiras de cada lado.

O detetive Woodley e eu sentámo-nos num dos lados, Finch do outro.

Segui o mesmo processo da mãe do Ben, começando pelo início, com a data de nascimento, infância, etc. As pessoas não se apercebem de que uma das primeiras coisas que temos de fazer é provar que são quem dizem ser, e que o crime que denunciaram aconteceu realmente. Faríamos uma figura de estúpidos se investigássemos e afinal as pessoas envolvidas não existissem realmente, que tinham contado uma mentira desde o início. E Deus sabe que os jornalistas e o público mal podem esperar para se banquetear com quaisquer indícios de estupidez policial.

Finch respondeu às minhas perguntas em voz baixa, economizando as palavras.

— Infelizmente teremos de perder algum tempo em pormenores que poderão parecer irrelevantes — disse-lhe.

Senti necessidade de me desculpar, de tentar fazer a situação parecer um pouco mais fácil para este homem que era tão claramente sensível e que tentava esconder esse facto de forma tão óbvia.

— Mas por favor fique certo de que para nós é essencial fazer um retrato não só do Ben mas também da família.

— Sei qual é a importância dos antecedentes pessoais — disse ele.
— Em medicina dependemos muito disso.

A história de John Finch era bastante simples. Nasceu em 1976, em Birmingham, filho único. O pai também era de Birmingham, era médico especialista em medicina geral, e a mãe era violinista. Os pais tinham fugido de Viena durante a ocupação nazi, quando a mãe estava grávida dela, e depois instalaram-se em Birmingham. Finch manteve uma relação próxima com os pais e com os avós durante a infância. Recebeu uma bolsa de estudo no liceu. Saiu-se bem e conseguiu entrar para Escola Superior de Medicina da Universidade de Bristol. Chegou a Bristol para começar a licenciatura há vinte anos, em 1992, e ficou desde essa altura. Subiu na carreira e foi bem-sucedido. A prova disso era o seu cargo atual de consultor no Hospital Pediátrico. Era cirurgião geral. Sabia o suficiente sobre o mundo da medicina para perceber que devia ser um lugar cobiçado num mundo competitivo.

Finch perdeu um pouco a compostura pela primeira vez quando quis falar mais pormenorizadamente sobre a mãe do Ben, e a razão por que terminou o casamento de ambos.

— O meu casamento acabou porque a Rachel e eu deixámos de ser a pessoa certa um para o outro.

O corpo dele ficou perceptivelmente rígido, e as palavras um pouco entarameladas à medida que a boca ficava mais seca.

— Pelo que sei, a Rachel ficou surpreendida com isso.

— É possível.

— E havia uma terceira pessoa envolvida?

— Voltei a casar, sim.

— Pode dar-me uma ideia da razão por que o John e a Rachel já não eram a pessoa certa um para o outro?

Uma única gota de suor surgiu-lhe na raiz dos cabelos.

— Estas coisas nem sempre duram, Inspetor. Pode haver uma infinidade de pequenas razões que se acumulam para tornar um casamento insustentável.

— Incluindo uma namorada mais nova?

— Por favor, não me reduza a um cliché.

Não respondi. Em vez disso fiquei a ver se escorria mais alguma informação dele, tal como a gota de transpiração. É surpreendente como resulta tantas vezes. As pessoas têm uma necessidade quase compulsiva de se justificarem. Revi ostensivamente as minhas notas, e mesmo quando pensei que não ia dizer mais nada, falou.

— O meu casamento não era satisfatório a nível emocional. Nós não... — estava a escolher as palavras com cuidado —, ... nós não *comunicávamos*.

— Acontece — disse eu.

— Sentia-me só.

Desviou o olhar e vi nos olhos dele um fulgor de emoção quando voltámos a cruzá-lo, embora fosse difícil dizer ao certo o que seria. John Finch era definitivamente um homem orgulhoso, não estava habituado a partilhar pormenores da sua vida pessoal.

— A Rachel é uma boa mãe para o Ben? — perguntei-lhe. Quis

apanhá-lo quando estava mais vulnerável. Respondeu imediatamente, não precisava de pensar:

— É uma mãe excelente. Ama muito o Ben.

Voltei a conduzir a entrevista para assuntos mais práticos. Perguntei-lhe o que ele e a mulher estavam a fazer na tarde de domingo, entre as 13:00 e as 17:30. Disse que estavam os dois em casa. Ele estava a trabalhar e ela a ler, e depois começou a preparar o jantar. Recebeu um telefonema da agente Banks às 17:30 a informar que o Ben estava desaparecido e dirigira-se diretamente para o bosque.

— Fez algum telefonema, ou enviou algum *email* durante esse tempo? — perguntei.

Abanou a cabeça.

— Estava a pôr em dia o trabalho administrativo.

— Perguntei à Senhora Jenner se nos permitiria examinar os seus registos telefónicos, e ela concordou. Estaria disposto a deixar-nos fazer o mesmo?

— Sim — disse ele. — Tudo o que for preciso.

— Mais uma coisa.

— Sim?

— Houve alguma situação no trabalho em que os pacientes ou as famílias tivessem ficado descontentes consigo? Há alguém que pudesse guardar ressentimentos?

Não respondeu de imediato à minha pergunta, demorou alguns momentos para refletir.

— Há sempre desfechos infelizes, é inevitável, e algumas famílias ficam descontentes. Já fui uma ou duas vezes processado legalmente, mas isso é normal na minha área de trabalho. O hospital poderá fornecer-lhe os pormenores.

— Não se lembra deles?

— Lembro-me dos nomes das crianças, mas dos pais não. Tento não me envolver demasiado. Aprendemos a não nos focarmos nos falhanços, Inspetor. A morte de uma criança é uma coisa terrível, mesmo que a responsabilidade não seja nossa, porque fizemos tudo o

que era possível.

Mesmo através da fadiga, o olhar dele era perspicaz, e senti que talvez houvesse um aviso algures nas suas palavras.

Dirigi-me ao bosque após a entrevista. Quis ver o local pessoalmente. Levei um carro partilhado. O percurso deu-me oportunidade de sair um pouco da cidade, e pensar nas entrevistas, organizar as ideias. Tinha a impressão de que os pais eram ambas pessoas reservadas, embora John Finch talvez fosse mais complicado que Rachel, e certamente mais orgulhoso. Eram ambos inteligentes e com um discurso articulado, um perfil clássico de classe média. Mas isso não significava que estivessem acima de qualquer suspeita. Não podíamos esquecer-nos disso.

Em termos forenses os locais situados em bosques eram um massacre. Uma combinação de clima péssimo, muitas pessoas, animais e veículos a espezinhar os trilhos e sobretudo a zona do estacionamento. Caminhei até ao baloiço de corda onde o Ben alegadamente desaparecera e lamentei o facto de me ter esquecido das botas de borracha. Era um local húmido, rodeado de árvores. Provocou-me uma sensação arrepiante, sinistra, como nos contos de fadas, e de certa forma isso era mais perturbador do que alguns dos piores locais de crime urbanos que visitei.

Falei com os agentes responsáveis pelos locais de crime. Eram homens simpáticos, jovialmente pessimistas acerca das hipóteses de encontrarem algo de útil para a investigação.

— Para ser franco isto não me parece nada prometededor — disse um deles, passando por cima da fita de isolamento do local de crime. Era de um amarelo-vivo e pendia flacidamente atravessando o trilho que conduzia ao baloiço de corda. Arrancou uma luva de plástico da mão para poder apertar a minha. — As condições são péssimas. Mas se houver alguma coisa para ser encontrada, nós vamos encontrá-la.

Dei-lhe o meu cartão.

— Pode...?

Ele interrompeu-me:

— ... telefonar se encontrarmos alguma coisa? Claro.

Tivemos a primeira reunião de toda a equipa com a Fraser às 16:00, em Kenneth Steele House. Juntámo-nos à volta da mesa, todos preparados para trabalhar, tensos e sérios, tentando não pensar na direção que este caso poderia tomar. O desaparecimento de uma criança é aquele tipo de caso para o qual o nosso trabalho serve. Ninguém quer que uma criança se magoe. Víamos isso estampado em cada rosto ali.

— Em primeiro lugar — disse a inspetora chefe Fraser —, o nome de código para este caso é Operação Huckleberry. Estamos à procura de duas pessoas: Ben Finch, de oito anos, e a pessoa que o raptou. Podem estar ou não juntos. O raptor pode ser um membro da sua família, ou ele ou ela pode ser um conhecido ou um completo estranho. Pode estar escondido com o Ben ou pode estar a viver normalmente à superfície, regressando ocasionalmente para junto do Ben. Pode até já ter magoado ou assassinado o Ben. Temos de manter a mente aberta.

Lançou um olhar à volta da mesa. Tinha a atenção de todos.

— A competência está do vosso lado — prosseguiu. — Estou confiante de que esta equipa representa excelência e espero isso de todos. O tempo não está do nosso lado. Já passaram vinte e quatro horas desde o desaparecimento do Ben Finch. A prioridade é confirmar a história da mãe, e falar com todas as pessoas que ela diz ter visto no bosque naquele dia.

Fez uma pausa, garantindo que estávamos todos a assimilar as suas palavras.

— Pessoalmente, acho que os membros do grupo das máscaras temáticas que estavam no bosque durante a tarde têm um interesse particular, porque suspeito que entre eles deve haver um ou dois meninos da mamã que empunham espadas ao fim de semana para compensar o facto de serem uns estupores borbulentos que não conseguem ter uma vida decente durante a semana.

»O que me leva a outro assunto. Acho que vamos precisar de toda

a ajuda possível para apanharmos este. O número de ações que identificámos já é desencorajador, e não há dúvida de que vai piorar ainda mais, antes de melhorar. Já pedi mais pessoal, e pressionei o Superintendente até ele aceitar financiar os serviços de um psicólogo forense, pelo menos a curto prazo, para nos ajudar a definir os nossos principais suspeitos. O nome dele é Christopher Fellowes. É professor na Universidade de Cambridge, por isso não vai poder estar connosco pessoalmente a não ser que tenhamos uma excelente razão para trazê-lo aqui, mas estará disponível para nos aconselhar à distância.»

Conhecia-o. Trabalhámos com ele quando estava no Departamento Policial de Devon e Cornwall. Era bom no seu trabalho, quando estava sóbrio.

— Hoje à noite ia colocar a mãe e o pai à frente das câmaras, mas acho que vamos esperar até amanhã de manhã. Gravei um pequeno apelo para obter informações que por agora serve, e vamos transmiti-lo juntamente com a fotografia do Ben. Já recebi relatórios preliminares da maioria de vocês, mas se houver algo de novo que queiram acrescentar, digam agora.

Uma das detetives levantou a mão.

— Não estamos na escola. Podes baixar a mão.

— Desculpe. É que tenho um possível suspeito. Localizámos todos os homens da lista de molestadores sexuais menos um.

— Quem falta?

— O nome é David Callow. Trinta e um anos. Esteve preso por abusar das irmãs adotivas e colocar na Internet fotografias de si próprio a fazê-lo. O agente de liberdade condicional não sabe nada dele há quinze dias.

— Considere-o como um assunto prioritário. Quero saber qual foi a última pessoa a falar com ele, e quando. Falem com a família e amigos, se tiver algum. Descubram o que anda a fazer. Mais alguma coisa?

Ninguém disse nada.

— Muito bem. Temos muito que fazer para começar, por isso mãos à obra. Quaisquer pistas, quaisquer preocupações, qualquer coisa que

vos perturbe, venham falar comigo. Quero saber tudo, no momento.
Sem exceções.

22 de outubro de 2012, 13:03

O DEPARTAMENTO POLICIAL DE AVON E SOMERSET ativou um ALERTA DE CRIANÇA DESAPARECIDA para ajudar a localizar Benedict Finch, de oito anos de idade, em Bristol.

Foi criada uma linha telefónica para receber informações de quem tenha visto o Benedict ou saiba qual é o seu paradeiro.

O número é 0300 300 0300.

Os telefonemas para este número serão atendidos por agentes que registrarão detalhadamente as informações fornecidas para ajudar na investigação.

Ao lançar o Alerta de Criança Desaparecida, apoiado por todas as forças policiais do Reino Unido, espera-se que o público e a imprensa possam auxiliar o Departamento Policial de Avon e Somerset a localizar o Benedict em segurança.

A polícia procura informações de quem tenha visto o Benedict, ou qualquer pessoa com a mesma descrição física, nas últimas vinte e quatro horas.

O Benedict é caucasiano, magro, com pouco mais de 1,20 m de altura. Tem cabelos castanhos e olhos azuis, com sardas no nariz. Não se sabe o que tem vestido.

Foi posta a circular uma fotografia recente do Benedict. Pode ser vista no *website* do Departamento Policial de Avon e Somerset.

Foi visto pela última vez no trilho principal que circunda Leigh Woods, nos arredores de Bristol, por volta das 16:30, no domingo, dia 21 de outubro, quando ele e a mãe passeavam o cão. A mãe comunicou o desaparecimento às 17:00, quando não conseguiram localizá-lo após realizarem buscas extensivas.

Estão a ser realizadas buscas intensivas conduzidas por agentes treinados especializados em buscas, incluindo cães-polícias e polícia a cavalo, em Leigh Woods e nas suas imediações, auxiliadas por membros do público.

O Benedict é inteligente e esperto, é um comunicador fluente e o inglês é a sua língua materna. A família trata-o por Ben.

Divulguem esta informação: Facebook; Twitter.

RACHEL

A minha irmã Nicky estava à minha espera no *foyer* em Kenneth Steele House. Tinha a maquilhagem dos olhos esborratada por causa da tensão nervosa. Corri a abraçá-la. A roupa dela cheirava a casa de campo húmida, fumo de lenha e detergente da roupa.

É muito parecida comigo. Se nos vissem juntas conseguiriam perceber que somos irmãs. Tem os mesmos olhos verdes e mais ou menos o mesmo rosto, e uma silhueta semelhante, embora ela seja mais pesada. Também é um pouco mais baixa do que eu e tem cabelos curtos com madeixas, por isso em vez de serem encaracolados formam ondas douradas a emoldurar-lhe o rosto, o que a faz parecer mais sensata do que eu.

A Nicky disse-me que tinha vindo diretamente da casa de campo da tia Esther. Não estava habituada às curvas acolchoadas do corpo dela, a suavidade de algodão em rama da pele da sua face. Fez-me ter plena consciência do meu próprio corpo, anguloso, como se fosse feita de um material mais quebradiço do que ela.

— Vamos levar-te para casa — disse ela, e colocou-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

Chegar a casa deu-me a primeira impressão de como é viver num aquário.

Os jornalistas tinham-se reunido à porta da minha pequena casa de quatro divisões. O Ben e eu vivemos numa rua bastante estreita de pequenas casas vitorianas em banda em Bishopston, uma zona que tem autocolantes amarelos da Vigilância de Bairro nas janelas e adora reciclar e fazer festas na rua no verão. Os nossos vizinhos são uma mistura de pessoas idosas, famílias jovens e alguns estudantes. A nossa rua é sossegada. O maior drama que ocorreu desde que vivo aqui foi verificar que estudantes embriagados tinham colocado cones de sinalização no tejadilho dos carros durante a noite.

Era impossível evitar os jornalistas. Havia um grupo suficientemente

grande para ocupar o passeio e extravasar para a rua. Chamaram o meu nome, empurraram microfones para cima de nós, fotografaram-nos quando entrámos em casa, aos empurrões e tropeções a correr uns por cima dos outros para tentarem colocar-se à nossa frente. As vozes deles eram adulatoras e urgentes, e para mim tinham o tom ameaçador de uma multidão em fúria.

Quando entrámos em casa, pontos negros bailavam-me aos cantos dos olhos, os efeitos secundários da luz brilhante dos *flashes*, e ainda os ouvia a chamar do outro lado da porta. A minha pulsação só abrandou quando entrei na cozinha nas traseiras da casa, e ali havia silêncio, e pude sentar-me e respirar, concentrando-me no plácido tiquetaque do relógio da cozinha.

Zhang ficou connosco por alguns momentos. Os agentes responsáveis pelos locais de crime tinham visitado a casa enquanto estava a ser entrevistada. Queria verificar que tinham deixado tudo em ordem lá em cima, no quarto do Ben.

Fechou bem as cortinas da sala, para que os jornalistas não conseguissem ver nada cá para dentro. Aconselhou-nos a não abrir a porta sem verificar primeiro quem lá estava, e a não falar diretamente com os jornalistas.

— Mas é bom eles estarem aqui — disse ela. — É uma boa publicidade porque isso significa que o maior número de pessoas possível vai ficar a saber do desaparecimento do Ben e vai estar à procura dele.

Verificou que tínhamos o cartão com o número dela e depois deixou-nos sozinhas. Uma parte de mim não queria que ela se fosse embora. Era muito mais acessível que o Clemo. Sentia-me nervosa ao pé dele, devido à autoridade que emanava, ao tom prático e ao poder que subitamente passou a exercer sobre as nossas vidas. Mas a Zhang era diferente, era mais como uma guia generosa que talvez fosse capaz de me ajudar a orientar-me nesta nova realidade horrenda, e senti-me grata pela sua presença.

Na mesa da cozinha estava tudo como o Ben e eu tínhamos

deixado: um instantâneo dos últimos minutos que passámos em casa juntos.

Havia um gorro que o Ben se recusara a usar, um pacote de bolachas recheadas que tinha atacado mesmo antes de sairmos, um livro do Tintim muito estimado e um carro Lego que eu o ajudara a construir.

O relatório de avaliação escolar dele, que recebera pelo correio no dia anterior, também estava em cima da mesa. Fora um prazer lê-lo, cheio de elogios entusiásticos da professora sobre o quanto o Ben se esforçava, como estava satisfeita por ele ter arranjado coragem para participar mais nas aulas e de como estava mais confiante no seu trabalho na escola.

E não era apenas a cozinha. Não havia sítio nenhum nesta casa que não estivesse marcado com sinais do meu filho, claro que não. Era a casa dele.

Mesmo lá fora, ao fundo do pequeno jardim irregular, também sabia que haveria sinais dele: no escritório do jardim o computador estaria a hibernar, com a luzinha a piscar indolente. Se fosse lá e o ligasse sabia que o histórico da Internet revelaria um jogo que o Ben estivera a jogar *online* no domingo de manhã. Chamava-se *Furry Football* e o objetivo era jogar jogos e ganhar pontos para comprar animais diferentes e formar uma equipa de futebol. O Ben adorava-o. Todos os dias batalhava para limitar o tempo que passava a jogá-lo.

Olhei para todas as coisas, assimilando tudo, mas senti apenas um vazio. Nada tinha significado sem o Ben. Sem ele, a casa não tinha alma.

A Nicky ocupou-se com alguma tarefa, como era típico dela.

Sempre fora assim. Nunca estava quieta. Quando não havia nada para fazer, organizava uma saída, ou preparava uma refeição elaborada. A atividade era a sua forma de relaxar.

Quando era mais nova era capaz de passar uma tarde agradável na casa de campo da Esther, apenas sentada à janela do meu quarto. Fazia desenhos no vidro embaciado, olhava para as árvores cobertas de gelo lá fora e para as formas que esculpiam no céu aberto por trás

delas, vendo as aves nos alimentadores da minha tia a lutarem pelas sementes. Avistar brevemente o amarelo-vivo da asa de um pintassilgo era algo por que ansiava na monocromia do inverno rural.

Acabava por descer as escadas por causa do frio, em busca do calor da lareira. A Nicky costumava lá estar com a tia Esther. Tinham as faces afogueadas do calor do forno e do esforço da atividade que as mantinha ocupadas. Admirava o bolo acabado de fazer, ou sentia o aroma do guisado que estava ao lume.

A tia Esther agarrava-me nas mãos e dizia:

— Rachel, estás gelada. Toma uma chávena de chá, querida. — E esfregava-as, sentia as calosidades ásperas da jardinagem nas suas palmas. A Nicky dizia:

— Onde estão as tuas luvas sem dedos, Rachel? As que te ofereci no Natal? — E depois afastava-me delas, da sua domesticidade acolhedora, sentava-me numa cadeira junto à lareira, tapava-me com uma manta e perdia-me a ler um livro, ou a observar as chamas a bailar.

Nos primeiros dias após o desaparecimento do Ben, quando estava praticamente catatónica com o choque, era natural que a Nicky se tornasse na minha parte funcional, como sempre o fizera. Respondia às mensagens frenéticas que a minha amiga Laura me foi deixando no telemóvel ao longo do dia, e pediu-lhe para vir cá a casa. Falou com o Peter Armstrong, que lhe disse que a pata do cão estava partida, mas que ele estava confortável no veterinário depois de a terem imobilizado. Colocou o computador portátil em cima da mesa da cozinha e passou horas *online*.

Naquele primeiro dia, encontrou um *website* de Crianças Desaparecidas sediado nos Estados Unidos. A conselho dele, fez uma lista de perguntas para a polícia. Lançou factos para o ar à medida que ia ficando a sabê-los. Eram terríveis, notas de um mundo ao qual não queria pertencer. Davam-me tonturas, mas ela era imparável.

Disse-me que o *website* dizia que os cães pisteiros eram essenciais para uma busca correta. São capazes de farejar uma criança mesmo que o raptor a tenha levado para longe. Perguntou-me que cães a

polícia tinha utilizado no bosque. Disse-lhe que foram pastores-alemães. Ela continuou a ler em silêncio, rabiscando algumas notas num bloco, mantendo-o escondido de mim, com a boca apertada numa linha sombria.

Passado algum tempo disse:

— Viste o John depois da tua entrevista?

— Não, levaram-no para outro sítio qualquer.

— Devias telefonar-lhe. Seria bom saber que perguntas lhe fizeram.

— Ele acha que a culpa é minha.

— A culpa *não* é tua.

Eu sabia que era.

— O que te perguntaram? Podes falar sobre isso?

— Perguntaram-me tudo, quiseram saber tantos pormenores: antecedentes familiares, tudo o que diz respeito ao Ben desde que nasceu; basicamente tudo.

Não mencionei o facto de quererem saber o que o Ben almoçou no domingo.

— Fizeram perguntas sobre a tua família?

— Quiseram saber tudo.

— O que lhes disseste? — Ergueu os olhos do ecrã e tinham a borda das pálpebras vermelha.

— Contei-lhes o que aconteceu. Que mais poderia ter-lhes dito?

— Sim, claro. — Virou-se novamente para o ecrã. — Diz aqui que a família deve tentar chegar a acordo quanto à tática para estabelecer relações com a polícia, que é muito eficaz fazer isso.

— Não posso telefonar ao John agora. — Não seria capaz. Cometera o pior pecado que uma mãe poderia cometer: não tinha tomado conta do meu filho. — Vou lá para cima.

No quarto do Ben conseguia ver todos os sinais de que os agentes especializados em locais de crime tinham lá estado. Um dos bonecos preferidos do Ben estava aninhado na cama, no monte de lençóis e mantas em que ele gostava de dormir. Era o *Baggy Bear*, um ursinho de peluche de olhos meigos, orelhas puídas, braços moles, pelo macio

e um cachecol azul tricotado que o Ben gostava que eu colocasse de uma certa maneira. Apertei o *Baggy Bear* junto ao peito. Pensei, «Agora não posso sair desta casa, no caso de ele voltar para aqui». Por todo o lado, o silêncio, a ausência do Ben, parecia aumentar. Era hostil, como um cancro a disseminar-se furtivamente.

Deitei-me na cama do Ben, e enrolei-me. Havia qualquer coisa que me deixava desconfortável, por isso mudei de posição, procurei o que era. Era o velho cobertor do berço. Chamava-lhe *nunny* e tinha-o desde bebé. Era muito macio e ele costumava enrolá-lo à volta dos dedos e acariciar a face com ele para adormecer. Nunca admitiria isto a ninguém exceto a mim, mas não era capaz de dormir sem ele. Tentar afastar a ideia de que já tinha passado uma noite sem ele, que isso pudesse ter sido secundário.

Enrolei-o numa bola e abracei-me a ele, juntamente com o *Baggy Bear*. Sentia o cheiro do Ben no cobertor, na roupa da cama e no ursinho de peluche. Era o aroma perfeito que ele sempre tivera. Era o aroma de cabelo de bebé leve como uma pena, da pele das têmporas, ainda macia como veludo. Era o aroma da confiança gratuita, e da curiosidade inocente. Era o aroma dos nossos passeios com o cão, e dos jogos que jogávamos juntos, e das coisas que lhe contava, e das refeições que partilhávamos. Era o aroma da nossa vida juntos. Inspirei esse aroma como se de certo modo pudesse reanimar-me, dar-me algumas respostas, ou alguma esperança, e fiquei assim à espera. Não sabia que mais poderia fazer.

Quando a Laura chegou, a Nicky abriu-lhe a porta e ouvi as vozes delas lá em baixo, abafadas e sérias. Na vida real — a vida que vivíamos antes de levarem o Ben — não se davam muito bem. Eu era a única coisa que estas duas mulheres tinham em comum, e os seus caminhos apenas se tinham cruzado uma ou duas vezes antes. Sem mim também nunca teriam passado tempo juntas, pelo menos sem uma grande dose de irritação.

Para contrariar o conservadorismo da Nicky, e a sua maneira séria e ponderada de viver a vida, a Laura era irrequieta, alegre,

inconsistente, rebelde e por vezes até selvagem. Parecia uma avezinha, de constituição frágil, de cabelos curtos espetados, grandes olhos castanhos e riso sonoro. Quando a conheci, quando éramos ambas estudantes de enfermagem, fizera-me rir logo desde o início, ensinou-me a ser assim. Foi a primeira pessoa que conheci que fez isso por mim. Fiquei entusiasmada.

Claro que não era assim sempre. Também tinha os seus momentos sombrios, mas mantinha-os em privado. Só os vislumbrei quando o álcool lhe soltou a língua.

— Fui um engano — disse uma vez. Já a conhecia há alguns anos. Já não éramos estudantes nessa altura, apesar de ainda costumarmos sair numa grande noitada pelo menos uma vez por semana. As palavras dela estavam pesadas com o álcool.

— Os meus pais não me queriam ter. É irónico, não é, que duas das mentes mais brilhantes do país, como gostavam de dizer, é irónico que tenham cometido esse erro tão básico. Não achas?

Tentava manter um tom de voz jocoso, mas tinha os cantos da boca descaídos e os olhos baços e cansados.

— Não queriam ter filhos?

— Não. Não fazia parte dos planos. Eram muito francos acerca disso. Para ser sincera, fico admirada por terem praticado sexo. Também já eram velhos quando nasci. — Riu-se. — Devem ter encontrado por acaso algum manual que lhes explicasse o que deveriam fazer, e tinham dez minutos livres antes do telejornal.

Não tinha pais, claro, por isso quem era eu para julgar a forma como ela troçava dos dela, mas havia algo de perturbador no tom de voz dela, e embora tivesse rido forçadamente na altura, isso deixara-me triste.

— Queres ter filhos? — perguntei-lhe, porque tinha um segredo naquela noite. Era por isso que estava sóbria.

— Oh, não sei! — Pensei ter visto uma tristeza fugaz no rosto dela. — Mas nunca se sabe.

Fechou os olhos, cedendo à hora tardia da noite, e aos efeitos soporíficos do vinho. Fiquei sentada ao lado dela, sem estar

preparada para ir dormir, e enfiei a mão debaixo da camisola. Pousei-a na barriga e pensei no bebé que crescia lá dentro. Era o Ben. O meu erro. Já era amado.

O ruído dos pés da Laura nos degraus em minha casa fê-los ranger cautelosamente, e ela parou ao cimo das escadas e disse:

— Rachel?

— Estou aqui.

À porta do quarto do Ben disse:

— Queres acender a luz?

— Não.

Deitou-se ao meu lado, colocou os braços à minha volta num abraço muito mais familiar que o da Nicky.

— Não o mantive em segurança — disse eu. — A culpa foi minha.

— Sshh — disse ela. — Não digas isso. Não importa. O que importa é tê-lo de volta.

Mesmo à meia-luz conseguia ver que tinha os olhos aquosos. Uma lágrima escapuliu-se e correu-lhe pela face, ficando presa junto ao nariz, deixando um rasto de eyeliner negro.

Ficámos ali deitadas até que a escuridão lá fora começasse a transformar-se numa massa sólida, aligeirada apenas pelo brilho das luzes da rua e das sobras geométricas de luz que saíam das casas das pessoas.

Zhang dissera-nos para vermos as notícias às 6 da tarde.

Eram um quarto para as seis quando me apercebi de que devia ter ido à reunião de pais do Ben, para discutir o relatório de avaliação escolar dele.

Laura disse:

— Não te preocupes com isso. Nem penses nesse assunto. Podes ir mais para o fim da semana, quando ele voltar.

A primeira notícia do telejornal foi sobre uma inundação no Bangladesh: morreram milhares de pessoas.

A inspetora chefe Fraser, com quem falara brevemente, estava de pé nas escadas em Kenneth Steele House e apelava ao público para

que os «ajudasse na investigação».

— Estamos muito preocupados com este rapaz — disse ela —, e pedimos que quem tiver alguma informação sobre ele ou sobre o seu paradeiro nos contacte com urgência.

Estava impecável, com o uniforme da polícia. Os cabelos grisalhos encaracolados e rebeldes e um par de óculos de aros de arame davam-lhe o ar de uma intelectual.

— Também pedimos ao público para *não* organizar as suas próprias buscas — disse ela. — Embora gostássemos de agradecer aos membros da comunidade que se oferecem para nos ajudar.

Surgiu um número de telefone e a fotografia do Ben que eu tinha dado à polícia, enchendo o ecrã.

É a coisa mais estranha do mundo verificar que a história que vemos na televisão é a nossa própria história, apercebermo-nos de que confiámos a um estranho a missão de encontrar o nosso filho, e depois termos de aceitar que estamos tão desligados como qualquer outra pessoa que esteja a ver, que somos basicamente impotentes. Quando o rosto do Ben desapareceu do ecrã, a Laura desligou o televisor. Queria uivar de desgosto, ou ter um ataque de fúria, mas não fiz nada disso, porque tinha as mãos a tremer e o estômago às voltas, ameaçando desalojar o chá que bebericava e os pedacinhos de torrada que me forcara a engolir por ordem da minha irmã.

Mais tarde nessa noite recebi o telefonema sobre a conferência de imprensa. A polícia queria que eu aparecesse em frente às câmaras na manhã seguinte, para ler um apelo a pedir ajuda para encontrar o Ben. Iam enviar um carro para me vir buscar.

— Não posso sair de casa — disse. — E se ele voltar?

A Laura disse:

— Eu fico aqui. Tens de ir. Eu fico aqui.

— E eu devo ficar? — perguntou a Nicky. — Eu podia ficar.

Ambas olharam para mim, querendo que eu decidisse.

— A Nicky deve vir comigo — disse eu.

Laura era a minha melhor amiga, mas a Nicky era tia do Ben, a

nossa única família.

— Ela tem razão — disse a Laura. — Devias estar lá. — Olhou para mim. — E só pode ser positivo apareceres na televisão. As pessoas vão preocupar-se mais com o Ben. Vão mesmo. Volto amanhã de manhã antes de saíres, e não vou sair de casa, nem por um minuto, até estares de volta. Prometo.

A Laura disse à minha irmã que ela devia escolher uma roupa para eu usar, que eu devia estar o mais apresentável possível. Disse que isso era importante, mesmo que parecesse trivial pensar nisso numa altura como aquela. Olhou com atenção para o golpe que eu tinha na testa e retraiu-se ao tocar na borda.

— Não me parece que possas colocar maquilhagem por cima dele, se é nisso que estás a pensar — disse a Nicky. — Está demasiado fresco.

Laura examinou-o. Sentia os olhos dela a seguirem a sua trajetória ao longo da testa.

— Vamos ver qual será o aspeto dele de manhã — disse.

— Podíamos tapá-lo com um penso? — perguntou a Nicky.

— Não. Um penso vai ficar feio na televisão, e vai obscurecer o rosto dela. Na pior das hipóteses, podemos deixá-lo como está. Não é assim tão evidente.

Todas sabíamos que isso não era verdade.

Na cozinha, depois de a Laura ter ido embora, com a promessa de regressar logo de manhã, a Nicky disse:

— Confias nela? Não sei se devia ficar aqui sozinha.

— O que queres dizer com isso?

— É uma deles. — Fez um gesto indicando a porta de entrada, para o bando de jornalistas que estavam lá fora à espera, cujas vozes ouvíamos a erguerem-se ao longo da noite, com algumas gargalhadas de vez em quando.

— Ela não é desses jornalistas — disse eu. — Escreve para revistas cor-de-rosa, sobre maquilhagem. São trivialidades. Não são notícias.

— São todos da mesma raça.
— Ela é minha amiga. A minha melhor amiga.
— Está bem. Se confias nela, então está tudo bem, não é?
— Confio mesmo nela. Nem acredito que tenhas dito uma coisa dessas.

— Desculpa.

A chaleira estava a atingir ruidosamente o ponto de ebulição. A Nicky estava encostada à bancada, e ficou perdida num olhar longínquo, mas eu conhecia-a e sabia que por trás o cérebro dela não parava. Ocorreu-me pela primeira vez perguntar-lhe pela família.

— Como estão as miúdas?

Voltou a focar-se em mim, com um olhar estranho. Culpa, talvez, rapidamente disfarçada, porque ela tinha quatro filhas em casa, em segurança, enquanto o meu único filho estava desaparecido.

— Vais dizer-lhes? — perguntei.

— Acho que vai ser impossível evitar. Com a notícia na televisão, e em todos os jornais.

— Elas não precisam que estejas com elas? Não tens de ir para casa?

— Não — disse num tom firme. — Agora devo ficar aqui contigo. Elas ficam bem. — Encerrou o assunto virando-me as costas para fazer chá com gestos concisos e calculados.

Depois de nos termos deitado, não consegui dormir. Fiquei toda a noite acordada no quarto do Ben. Deixei as cortinas abertas, e fiquei deitada na cama dele, deixando que os olhos percorressem os contornos das coisas dele. Livros, brinquedos e outras coisas, reunidos e organizados pelo Ben nas prateleiras, tinham a imobilidade de objetos expostos num museu. Sentei-me, enrolando-me no edredão dele, e fiquei a olhar para as sombras aos cantos do quarto, olhando depois lá para fora.

Observei uma raposa a saltar a vedação do jardim do vizinho e depois a andar furtivamente às voltas, de focinho junto ao chão, até encontrar algo que pudesse comer e devorá-lo, tragando-o de uma

forma rápida, primitiva e feia. Quando acabou, lambeu as mandíbulas, saboreando, para depois desaparecer noite dentro.

Senti as várias texturas do meu medo: trémulo, visceral, tenso, latejante, à vez ou em simultâneo. Só adormeci uma vez, de madrugada, e acordei com a sensação de estar a sufocar, com falta de ar, afastando os lençóis de cima de mim como se fossem hostis, ou venenosos, para depois ver a minha irmã ali no quarto com o medo estampado no rosto, dizendo:

— Rachel, estás bem? Rachel!

Depois disso ficámos sentadas até ser manhã, como se fôssemos as únicas duas pessoas no mundo.

JIM

Anexo ao relatório do Detetive James Clemo para a Dr.^a Francesca Manelli.

Transcrição gravada pela Dr.^a Francesca Manelli.

Estão presentes o Detetive James Clemo e a Dr.^a Francesca Manelli.

Estão assinaladas em *itálico* as notas indicativas do estado de espírito ou comportamento do Inspetor Clemo, quando estes não são transmitidos apenas pelos seus comentários.

FM: Hoje gostaria de iniciar com uma conversa sobre a sua relação com a Detetive Zhang.

JC: Não há muito para dizer.

FM: Estavam juntos no início do caso Benedict Finch?

JC: Sim.

FM: Há quanto tempo?

JC: Cerca de quatro meses.

FM: E estava a correr bem?

JC: Sim, estava. Eu achava que estava.

FM: Mas manteve a relação em segredo no trabalho?

JC: Não queria mexericos.

FM: A relação causava-lhe algum embaraço?

JC: Não! Meu Deus, não. Qualquer um ficaria orgulhoso por sair com a Emma.

FM: Porquê?

JC: Ela é muito inteligente, e muito bonita. Também tem sentido de humor, quando a conhecemos bem.

FM: Parece maravilhosa.

JC: Era ainda melhor do que isso; não estou a descrevê-la muito bem. Era diferente das outras raparigas com quem tinha saído.

FM: Era diferente em quê?

JC: Era... não era aborrecida como elas. Era como se tivesse vivido outro estilo de vida, e não tinha medo de saber coisas, e queria sempre aprender algo de novo, melhorar-se. Em criança era uma estrela do atletismo, e tinha notas excelentes, e continuou a ter essa determinação. Falava sobre a vida como se fosse uma dádiva interessante ou emocionante, e não sobre hipotecas ou pacotes de férias, ou onde ia na sexta-feira à noite. Não quero fazê-la parecer maníaca, obcecada com os seus objetivos ou qualquer coisa assim, porque ela não era assim, encarava tudo isto com calma. Só que estava sempre a esforçar-se, sabe, para tornar a vida melhor.

FM: Então tinha expectativas altas?

JC: Sim, mas de uma forma positiva. Era animador. Ela era animadora. Era essa a palavra que procurava, Tinha uma perspetiva diferente e isso era contagioso, para ser sincero. Sentia que me fazia esquecer os meus problemas, se é que isso faz algum sentido.

FM: Parece que a sua relação com a Emma lhe dava uma vontade de viver que talvez não tivesse sentido antes?

JC: Era isso, sim. Senti-me entusiasmado com a nossa relação. Sentia um impulso de estar com ela.

FM: Encontravam-se no trabalho?

JC: Sim.

FM: Estavam muito tempo juntos fora do trabalho?

JC: Sempre que podíamos. Quando se iniciou a investigação do caso, ela veio viver comigo.

FM: Então a vossa relação estava a tornar-se bastante séria?

JC: Ela manteve o seu apartamento, mas passava a maior parte das noites em minha casa. Não falámos realmente sobre isso, aconteceu naturalmente.

FM: Apresentou a Emma à sua família?

JC: Sim, encontrou-se duas vezes com eles, quando os meus pais vieram a Bristol e fomos ao restaurante.

FM: Como correu?

JC: Foi muito agradável. Gostaram muito dela. Até conquistou o meu pai.

FM: Conheceu os pais da Emma?

JC: Não.

FM: Houve alguma razão para isso?

JC: Nem por isso. Calculei que acabaria por conhecê-los, quando ela estivesse preparada. Sabia que não mantinha uma relação próxima com eles. Nunca foi visitá-los, e eles nunca a vieram visitar, pelo menos que eu soubesse.

FM: Não se interrogou sobre qual seria a razão para isso?

JC: Disse que se zangaram.

FM: Explicou porquê?

JC: Não explicou propriamente. Fiquei com a ideia de que o pai era bastante severo, o típico militar, não era um homem fácil, mas para ser sincero não tenho bem a certeza. Essa era uma das suas características, era muito reservada no que diz respeito à família.

FM: Não ficou com curiosidade?

JC: Um pouco. Mas ela não dava grande importância a esse assunto, e tínhamos muito mais em que pensar, por isso não ligámos muito.

FM: Então recomendou a Emma para a função de agente de ligação?

JC: Sim, recomendei.

FM: Foi um risco?

JC: Não me pareceu, não. Achei que ela faria um trabalho fantástico. A Emma era uma das melhores detetives que tivemos em anos, toda a gente dizia isso.

FM: Foi uma atitude profissional da sua parte tê-la recomendado, visto que tinham uma relação?

JC: Não foi *pouco* profissional.

FM: Tem a certeza?

JC: Tenho a certeza. Olhe, quebrei uma regra pessoal ao envolver-me com a Emma. Nunca quis ter um relacionamento com uma colega de trabalho, mas quando isso aconteceu, parecia... parecia absolutamente certo. Por isso continuei, mas quando surgiu esta oportunidade achei que ela era a pessoa certa para aquela função.

Genuinamente. Porque haveria eu de colocar a minha carreira em risco se não fosse assim?

FM: Está bem. Compreendo. Segundo o seu relatório é evidente que este caso marcou um momento muito importante na sua carreira. «Vamos a isto», foram as palavras que utilizou, penso eu.

JC: Era o que eu sentia.

FM: Estava entusiasmado.

JC: O desafio que representava, as possibilidades...

FM: ... de brilhar?

JC: Acho que sim. Não ia dizer propriamente isso. Era a minha primeira oportunidade de participar numa grande investigação.

FM: Queria mostrar o que valia?

JC: Era uma oportunidade.

FM: E a sua primeira tarefa importante era preparar-se para a conferência de imprensa?

JC: Após as entrevistas iniciais, sim.

FM: Vi as imagens da conferência de imprensa.

JC: Acho que toda a gente viu. Quando se vê, nunca mais se esquece.

FM: É verdade. Também estava lá. Eu vi-o.

JC: Estava a presidir.

FM: Porque não foi a Fraser?

JC: Ela acredita que se devem dar oportunidades às pessoas. Deu-me a responsabilidade de a organizar e de escrever a declaração que queríamos que a Rachel Jenner lesse. Redigi-a em conjunto com o psicólogo forense. Foi uma grande responsabilidade.

FM: Então o seu objetivo era apelar ao raptor do Ben, usar a mãe para obter a sua simpatia na esperança que conseguissem persuadi-lo a entrar em contacto convosco?

JC: Connosco ou com alguém à sua volta, alguém da sua confiança. Era importante que visse o Ben como uma pessoa real, e não apenas uma aquisição, nem um meio para atingir os seus próprios fins. Forneceria o contexto de uma família afetuosa. Era igualmente importante não alienar o raptor. Queríamos que soubesse que não era

demasiado tarde para o devolver, se ainda estivesse vivo, que nunca era demasiado tarde para isso, mesmo que tivesse medo das consequências. Queríamos apresentar um rosto simpático. Naquela fase não era manifestamente evidente se se tratava de um rapto ou de um homicídio.

FM: Então escreveu um texto para a Rachel ler que cobrisse todas as hipóteses?

JC: Sim. Pelo menos era essa a ideia.

FM: Como sabia que poderia confiar nela para acertar no tom?

JC: Não sabia.

FM: Pensou em pôr o pai a fazê-lo?

JC: Pensámos nisso, mas havia algo nele que não tínhamos a certeza de que resultasse em frente às câmaras. Era um cirurgião, estava habituado a ser autoritário. Estávamos preocupados por poder parecer arrogante. O que queremos é uma mãe, o calor de uma mãe.

FM: E tinham confiança de que ela fosse capaz de fazer isso?

JC: Não tínhamos tempo para analisar a mente dela. Era a mãe. Presumimos que seria capaz, porque nessa altura não tínhamos razões para achar que não.

DIA 3

TERÇA-FEIRA, 23 DE OUTUBRO DE 2012

«Deve ter consciência da sua imagem pública. Apesar de este não ser aquele tipo de fama que desejaria ter, poderá obter uma espécie de “celebridade” devido ao seu envolvimento contínuo com os meios de comunicação social... Por isso, para bem do seu filho, deve comportar-se como se toda a gente estivesse a observá-lo... Não deve fazer nada que possa dar-lhe uma imagem negativa.»

*When Your Child is Missing: A Family Survival Guide*⁴, pág. 28
(Missing Kids USA Parental Guide⁵, Departamento de Justiça dos EUA, Relatório do OJJDP⁶)

Quando o Seu Filho Está Desaparecido: Um Guia de Sobrevivência para a Família. (NT)

Guia Parental dos EUA para Crianças Desaparecidas. (NT)

Secretaria de Estado para a Justiça Juvenil e Prevenção da Delinquência. (NT)

PÁGINA DA INTERNET — www.news24.co.uk/uk/bristol — 6:18 h, 23 de outubro de 2012

Aumentam os receios pela segurança de Benedict Finch, de oito anos, que desapareceu em Leigh Woods, perto de Bristol, na tarde de domingo.

Por Danny Deal

A inspetora chefe Corinne Fraser afirmou ontem à noite que a polícia está «seriamente preocupada» com a segurança do rapaz desaparecido. «Já viram como tem estado o tempo», disse ela. «Frio, chuva, não queremos que uma criança pequena esteja à mercê deste clima.»

«É possível que o Benedict Finch tenha sido alvo de um ato criminoso», acrescentou, mas reiterou que todas as linhas de investigação permanecem em aberto. «Presentemente, não houve nenhuma detenção, não há nenhum suspeito.»

Apela-se à sociedade civil que transmita por via telefónica quaisquer informações que possam estar relacionadas com o Benedict. «Pedimos a quem tiver alguma informação que nos possa ajudar a encontrar este rapazinho que nos contacte.»

A inspetora chefe Fraser revelou que já receberam 130 chamadas telefónicas para uma linha de apoio dedicada ao desaparecimento desta criança.

«Gostaria de transmitir os nossos sinceros agradecimentos à sociedade civil pelo apoio que nos tem dado à procura do Ben», disse, e apelou a todos que se dirijam à câmara municipal de Abbots Leigh onde foi montado um centro de voluntariado para coordenar as buscas.

Quem tiver informações pode contactar a linha de apoio com o número 0300 3000300 ou os Crimestoppers através do 0800 555 111.

5 pessoas estão a falar sobre este artigo

Donald McKeogh

Devíamos guardar este menino nos nossos corações. Os jornais ofereceram uma recompensa de 25 000 £. Congratulo-os. Espero que esteja em breve em casa.

Jane Evans-Brown

Onde está o pai dele no meio disto tudo?

Jamie Frick

Há algo de estranho nisto tudo. Como é que uma criança se perde no bosque?

Porque é que a mãe não estava a tomar conta dele?

Catherine Alexander

Parece estranho. Talvez a polícia não nos esteja a dizer tudo.

Susan Franks

A polícia só nos transmite aquilo que precisa de transmitir. Deixem-nos fazer o seu trabalho e rezem por este menino e a sua família... espero que o encontrem de boa saúde...

RACHEL

No carro, a caminho de Kenneth Steele House, fragmentos de som saíam do rádio da polícia no tabliê, e o para-arranca do trânsito na hora de ponta tornou a viagem lenta e desconfortável. A Nicky maquilhara-se e colocara um perfume enjoativo. Abri um pouco a janela para diluir o cheiro, mas o ar que entrou era sujo, frio e húmido.

A Nicky e a Laura convenceram-me a vestir uma saia, botas e blusa, para ter um aspeto apresentável. Não tinham conseguido fazer nada relativamente à minha testa. O golpe estava demasiado vermelho e fresco. Não me importava com o meu aspeto.

Nenhuma de nós falou muito, apenas alguns conselhos murmurados pela Laura sobre como enfrentar as câmaras, que aprendera no curso superior de jornalismo, nos quais não consegui concentrar-me, mas assenti na mesma.

Na cozinha, mesmo antes de sairmos, deixaram-me momentaneamente sozinha, e vi o bloco que a Nicky estava a usar na noite anterior. Folheei-o, sabendo que não devia fazê-lo, sem conseguir conter-me.

«Notas NISMART», sublinhara, e depois anotara algumas estatísticas: «532 crianças desaparecidas no Reino Unido em 2011/2012.»

Continuei a ler.

«82% dos raptos são perpetrados por familiares. Dos raptos não perpetrados por familiares, 38% das crianças são raptadas por um amigo ou um conhecido de longa data; 5% por um vizinho; 6% por figuras de autoridade; 4% por amas; 37% por desconhecidos; 8% por conhecidos.»

Havia mais:

«Este crime é na maior parte das vezes o resultado da interação entre agressores motivados, alvos disponíveis e falta de vigilância responsável para prevenir o crime.»

Não conseguia parar de ler. Fiquei paralisada, levada pelo seco tom

académico e pelo horror do conteúdo. O parágrafo seguinte começava assim:

«A primeira reação da polícia é CRUCIAL.»

Sublinhara essa frase, com duplo traço tão forte que marcou a página. O que li a seguir foi pior:

«Quando a criança raptada é assassinada, o homicida...»

Antes de conseguir ler mais a Nicky voltou e arrancou-me o bloco da mão.

— Não vejas isso! — disse ela. — Agora não. — Rasgou as páginas com as notas e enfiou-as dentro da mala. — Não debes ver. Ainda não estamos nesse ponto. Desculpa. Não devia tê-las deixado por aí.

— Mas como é que encontraste aquelas coisas? — perguntei. — O que são? De onde vêm? Mostra-me! — Estendi a mão para que me desse as notas, mas ela não estava disposta a isso.

— Não te preocupes com isso, sinceramente, Rachel, não penses nisso. Vamos. São horas de irmos. Deixa-me olhar para ti mais uma vez.

Segurou-me delicadamente nos ombros, observando-me, franzindo fugazmente o sobrolho quando olhou para a minha testa, e entretanto estive sempre a perscrutar os olhos dela à procura de pistas sobre o que lera, sobre como e onde encontrara as informações tão depressa e sobre a faceta da sua personalidade que lhe permitia o afastamento necessário para olhar para o lado mais negro disto tudo de uma forma que eu simplesmente não conseguia sequer contemplar.

Na esquadra da polícia levaram-me para a mesma sala do dia anterior. Alguém colocara bolachas com recheio de compota de framboesa num prato para nós. Os centros das bolachas eram carmim e resinosos, como excreções de uma ferida. A sala cheirava a chá forte.

Fiquei ali sentada com a Nicky, enquanto Zhang e Clemo reviam uma declaração que ele queria que eu lesse, um apelo ao raptor do Ben. Olhei para as palavras com uma sensação de afastamento e

surrealismo. Não se pareciam de modo nenhum com o meu discurso. Senti-me profundamente desconfortável.

Clemo estava tenso como uma mola.

— Sente-se capaz de fazer isto? — disse ele.

— Acho que sim.

— É importante manter-se calma, e ser clara, o mais possível. É absolutamente crucial não afastarmos o raptor.

Inspirei superficialmente, concentrada na página que tinha à minha frente. As palavras bailavam nela.

— Tem a certeza de que consegue? — voltou a perguntar-me. Tinha uma tensão na voz, desesperado por um «sim».

— Queres que seja eu a fazê-lo? — perguntou a Nicky. Olhei para ela, o rosto franzido com a necessidade de ajudar.

O que poderia eu dizer? Era a mãe dele.

— Não. Eu quero fazê-lo. Tenho de fazê-lo.

— Muito bem — para Clemo isso bastava. Levantou-se da cadeira, olhando para o relógio.

— Estará preparada para ir daqui a quinze minutos? — disse ele.

Assenti.

— Vemo-nos lá. Vou estar sentado mesmo ao seu lado. Emma, leva-as daqui a dez minutos. Para a Sala Cabot.

A Nicky e eu percorremos corredores alcatifados atrás de Zhang até chegarmos a uma porta dupla onde estava escrito «Sala Cabot». Lá dentro, convidaram-me a sentar-me no meu lugar atrás de uma mesa estreita colocada junto a uma das paredes da sala. Os lugares estavam distribuídos da seguinte forma: Zhang, eu, Clemo, inspetora chefe Frazer e o John, que saudei acenando com a cabeça, de maxilares cerrados num esforço para controlar as suas emoções.

A Nicky arranjou um lugar num dos lados da sala. Teve de ficar de pé porque as cadeiras estavam todas ocupadas. A sala estava cheia de jornalistas. As câmaras de televisão estavam montadas lá atrás, com os fotógrafos ao lado delas. Havia mais lentes apontadas para mim do que conseguia contar.

Os que estavam sentados tinham computadores portáteis, ou *tablets*, ou gravadores que se ocupavam a verificar se estavam em ordem. Atrás de nós, a parede tinha um grande logótipo da Polícia de Avon e Somerset, e de cada um dos lados estavam pendurados dois cartazes idênticos com a fotografia do Ben e um número de telefone e endereço de *email* para obter informações.

Na mesa à nossa frente havia um conjunto de microfones, com os cabos a serpentearem por trás deles. Servi-me de um pouco de água de uma garrafa e bebi. Tinha a boca seca, o coração aos saltos. O ruído na sala era opressivo. Motores e vozes misturados numa confusão de sons na qual por vezes era lançado o meu nome.

Clemo pediu silêncio na sala, após um sinal da inspetora chefe Fraser. Agarrei-me ao meu guião, forcei os olhos a percorrerem as palavras. Não tinha aceitado completamente o que queriam que eu dissesse. As frases cuidadosamente formuladas que escreveram para mim faziam-me recuar.

Clemo deu início à conferência de imprensa e mostrou-se conciso e autoritário. Foi breve e depois apresentou-me, dizendo que eu ia ler uma declaração. Coloquei o guião em cima da mesa e alisei-o, pigarreando.

— Por favor — disse, mas a minha voz desvaneceu-se. Comecei de novo: — Por favor, peço que se houver alguém que saiba qualquer coisa sobre o desaparecimento do Ben, contacte a polícia tal como o Inspetor Clemo referiu. O Ben só tem oito anos, é muito jovem, e o melhor sítio para ele é a sua casa, onde pode estar com a família e os amigos, porque todos nós gostamos muito dele e estamos muito ansiosos por não sabermos se ele está bem e em segurança.

Senti as lágrimas escorrerem-me pelo rosto. Senti a voz distorcer-se de dor. Senti a mão de Zhang nas costas, vi Clemo mexer-se desconfortavelmente na cadeira ao meu lado. Inspirei fundo, trémula, e continuei:

— Se for a pessoa que está com o Ben, por favor contacte-nos. Não tem de telefonar diretamente para a polícia, pode falar com um advogado, ou alguém em quem confie, para que o ajude a trazê-lo

para casa em segurança. Esta situação não é vulgar para nenhum de nós...

Voltei a ficar com a boca seca. Tinha chegado àquela parte do discurso que detestava. As palavras de Clemo ressoavam na minha cabeça: «Lembre-se de que queremos humanizar a situação», dissera, «é por isso que estamos a dar ao raptor uma oportunidade de ser perdoado, para não recear entrar em contacto».

Tentei recompor-me. Clemo sussurrou-me algo ao ouvido, mas não consegui ouvir o que ele disse, porque foi nessa altura que ouvi o John soluçar. Estava curvado sobre a mesa, com a cabeça nas mãos, o rosto vermelho e contorcido. Começou a chorar ruidosamente, com os ombros a estremecer, numa dor física e terrível.

Desisti de tentar ler. Já não conseguia continuar. Não era capaz de ler as palavras que estavam no guião e, acima de tudo, não podia lutar contra a ideia que se tinha infiltrado na minha cabeça com uma certeza e uma evidência que quase me tiravam o fôlego.

Dobrei cuidadosamente o guião, colocando-o à minha frente.

Percebem, o meu pensamento era este: o Ben e o seu raptor estão a assistir. Estavam a ver o John ir-se abaixo e a ver-me dizer palavras que não eram minhas: palavras submissas, dóceis.

Tinha a certeza, e já não conseguia aguentar mais.

Levantei-me, e todas as lentes de todas as câmaras na sala também se ergueram, fixas no meu rosto. Percorri-as com o olhar, e na minha cabeça, fiquei face a face com o raptor do Ben em cada uma delas.

— Devolva-o — disse eu. — Devolva-o. Ou eu mesma irei atrás de si. Vou encontrá-lo, nem que demore a vida toda. Vou encontrá-lo e vou fazê-lo pagar por isto.

Depois, enquanto Clemo dizia:

— Senhora Jenner! — Levantando-se ao meu lado, sem saber como me fazer parar, falei com o meu filho. Olhei para aquelas lentes, desejando que o Ben ouvisse as minhas palavras, e disse:

— Adoro-te, Ben. Se estiveres a ver, adoro-te e vou encontrar-te. Meu querido, vou buscar-te. Prometo.

Sorri para ele. Estava em transe devido ao facto de que talvez tivesse conseguido comunicar pela primeira vez com o meu filho desde o seu desaparecimento, imaginando-o a ouvir as minhas palavras algures num lugar estranho e a sentir-se menos sozinho, menos confuso, talvez até com alguma esperança.

Nessa altura os jornalistas começaram a chamar-me, mas senti-me triunfante. Se o Ben estivesse a ver acabara de estabelecer contacto com ele. Não vira os pais apenas com um ar abatido, a mãe a dizer palavras que não eram suas. Em vez disso disse-lhe que ia encontrá-lo. Agora sentia-me eufórica, como se tivesse feito algo verdadeiramente certo e sincero, algo puro, até, no meio de todo aquele horror, e na minha ingenuidade tive a certeza de que a justiça e a sinceridade deviam ter algum poder de nos conduzir ao Ben.

Lancei um olhar ao inspetor Clemo, desejando uma manifestação de apoio por parte dele, mas ele parecia ter levado uma bofetada, com força, nas faces macilentas. As câmaras ainda estavam todas focadas em mim, e os jornalistas escreviam nos blocos ou datilografavam, com os dedos a voar sobre o teclado. Os *flashes* disparavam como luzes estroboscópicas. O ruído aumentava de nível.

O inspetor Clemo, de pé ao meu lado, pediu calma. Colocou-me a mão no braço e conduziu-me com firmeza de volta ao meu lugar. Manchas de suor surgiram-lhe debaixo dos braços, maculando a camisa.

— Infelizmente, a Senhora Jenner não conseguiu terminar de ler a sua declaração — disse ele. — Como devem compreender, esta é uma altura muito complicada para ela. Eu próprio vou ler o resto, se me permitirem.

A frustração enrouquecia-lhe a voz. A inspetora chefe Fraser levantou-se e sussurrou-lhe algo. O inspetor Clemo olhou para o guião antes de prosseguir e quando voltou a falar parecia mais calmo, apesar de ainda estar tenso e muito controlado. Sentada ao lado dele, ainda me sentia poderosa, satisfeita por ter dito aquilo que queria. O golpe na testa começou a causar comichão e cocei-o enquanto o ouvia terminar de ler o guião:

— Esta é uma mensagem para a pessoa que está com o Ben. Gostaria de reiterar que esta é uma situação invulgar para todos nós, e talvez não saiba o que fazer. A nossa sugestão é que fale com alguém, diga a alguém da sua confiança, talvez um amigo ou um familiar, ou, tal como foi dito, um advogado, e peça para o ajudar a devolver o Ben em segurança. A segurança do Ben é a nossa prioridade. Ele precisa da família. Obrigado.

Houve uma explosão de ruído.

— Vamos responder a algumas perguntas — gritou Clemo. — Mas uma de cada vez. Levantem as mãos.

Escolheu um homem lá atrás.

— Pode explicar porque não divulgaram nenhuma descrição da roupa que o Benedict usava quando foi raptado?

— Não, infelizmente neste momento não posso dar-lhe nenhuma informação sobre isso.

Clemo apontou para uma mulher que estava sentada na fila da frente.

— Queria fazer uma pergunta à Senhora Jenner — disse ela.

— Infelizmente, isso não vai ser possível.

— Não faz mal — disse eu, que tola. Inclinei-me para a frente para poder ouvi-la.

A voz dela ressoou, direta e clara:

— Porque está a sorrir, como se magoou na cabeça, e como é que o Ben não estava consigo no bosque?

E bastou isso, para que eu percebesse o que tinha feito e como fora estúpida. Foi um fogo de artifício que não explodiu, um balão frouxo.

Sorri porque me senti triunfante. Senti-me triunfante porque tinha tomado a iniciativa, contactado o meu filho, falado com o raptor como devia, sem compaixão.

Agora via como tinha sido estúpida. Se a minha euforia e a minha convicção mal orientada foram uma extensa praia de areia dourada onde me deitara momentaneamente ao sol, então a realidade era a maré que ia inundá-la, numa massa imparável de águas frias, negras,

a baterem nas rochas, arrastando os seixos e subindo até me engolirem.

Encostei-me para trás na cadeira até senti-la enterrar-se nas omoplatas.

— Não responda — ripostou Clemo, e então Fraser levantou-se e teve de gritar para ser ouvida:

— Esta conferência de imprensa terminou. Transmitiremos informações atualizadas à tarde.

A jornalista tinha mais uma coisa para dizer:

— Rachel! Sabia que tem sangue nas mãos?

A voz dela ergueu-se sobre os outros sons e atividade na sala, como se fosse uma pena voluntariosa ao vento. Captou a atenção de toda a gente. Todos olhavam para mim.

Olhei para as mãos, e havia sangue nelas, manchas vermelhas e gordurosas, como tinta, revelando os contornos das impressões digitais do polegar e dos dois primeiros dedos. Com a mão limpa toquei no golpe da testa. Estava húmido. Fi-lo sangrar quando o cocei.

— Tirem-me daqui — disse à detetive Zhang. Disse-o em voz baixa, mas esqueci-me de que os microfones estavam ligados e a minha voz ressoou, alto e com urgência.

Tiraram-me dali rapidamente. Apesar disso, o ruído na sala voltou a aumentar num rápido crescendo, e quando já tinha dado os poucos passos para chegar à porta todos gritavam, um coro de «Rachel, Rachel, só mais uma pergunta, Rachel», e estavam de pé a dirigirem-se a mim.

Zhang levou-me dali. As portas fecharam-se atrás de nós e ficámos por um instante no corredor. Ouvia Fraser a gritar para tentar restaurar a ordem. Baixei-me para junto do chão.

— Aqui não — disse Zhang. Agarrou-me no braço pelo cotovelo, puxando-me para cima.

— Estou agoniada — disse eu.

A vontade de vomitar era incontrolável, as tonturas deixavam-me a cabeça a andar à roda.

— Por aqui — disse ela.

Arrastou-me para o fundo do corredor e empurrou-me mais ou menos pela porta da casa de banho das senhoras. Entrei num cubículo e debrucei-me para a sanita, vomitando líquidos que tomara naquela manhã, e depois apenas bílis.

Os vômitos eram dolorosos, convulsivos, e demoraram longos minutos a acalmar.

— Estás bem? — Era a Nicky. Agachou-se atrás de mim, e senti a mão dela nas minhas costas, massajando entre os ombros. Não consegui responder. O cheiro do vômito era pungente e desagradável. Fez-me sentir envergonhada. Encostei-me à divisória do cubículo.

A Nicky tirou um lenço de papel limpo da mala e deu-mo. Disse:

— Oh, Rachel!

— Fui tão estúpida.

Limpei os cantos da boca com o lenço de papel. Ela deu-me outro, cuspi nele e tentei limpar o sangue dos dedos.

— Devias ter-te cingido ao guião.

Estendeu a mão e puxou o autoclismo.

— E agora o que vamos fazer? — perguntou a Zhang, que estava a olhar para nós.

— Ficamos à espera, num sítio mais confortável. Quando estiver pronta.

— À espera de quê? — perguntei.

— Sinceramente — respondeu Zhang —, nesta altura, não faço ideia.

JIM

Fraser ficou furiosa depois da conferência de imprensa. Fui ao gabinete dela. Não me convidou a sentar. Tinha as sobrancelhas tão levantadas que desapareciam debaixo dos cabelos. A incredulidade e a desilusão digladiavam-se para dominar a sua expressão.

— Terei razão ao pensar que o Departamento de Polícia de Avon e Somerset te paga um salário, Jim? E esta não é uma pergunta retórica.

— Sim, Chefe, é verdade.

— Então tenho de ter algumas provas de que mereces ganhá-lo! Que não andas a deitá-lo pelo cano! Mas que diabo aconteceu ali?

— Desculpe, Chefe. A Rachel Jenner saiu completamente do registo. Não previ o que ia acontecer. Tentei...

— Preparaste-a devidamente?

— Achei que sim. Revimos o guião e ela parecia estar satisfeita com ele.

— Parecia? Ou estava?

— Perguntei-lhe se estava satisfeita com ele, e ela respondeu que sim. Achei que ia lidar bem com a tarefa. Não tenho uma bola de cristal, Chefe.

— Vais é ficar sem bolas se continuares assim. Eu própria as vou cortar e usar como decorações de Natal da casa de banho das senhoras. A Rachel Jenner desafiou o raptor. É a coisa mais perigosa que podia ter feito. Até o sargento que está na receção sabe isso. O varredor de rua por quem passei hoje de manhã quando vinha para cá sabe isso! Não estou preparada para ter uma criança morta nas mãos só porque apostaste mal no estado de espírito da mãe. Quando mandas uma pessoa para uma conferência de imprensa tens de *saber* que está preparada, não podes mandá-la só com os requisitos mínimos.

Empurrava a ponta da caneta na minha direção em pequenas punhaladas.

— Desculpe, Chefe.

— Este caso tem potencial para se transformar num monstro se não encontrarmos rapidamente o filho da mãe que tem o Ben, e eu não gosto de monstros, Jim. Começa a usar a cabeça.

— Está bem.

Foi uma verdadeira reprimenda. O pior começo para um caso que conseguia imaginar. Preparei-me para ouvir mais, mas ela tinha terminado.

— Senta-te, por amor de Deus — disse ela, e em seguida. — Tere-mos aqui uma mãe culpada?

— É possível. Uma explosão destas pode estar a mascarar uma emoção intensa. Pode ser culpa.

— Ou desgosto? Ou medo?

— Pode ser qualquer uma dessas coisas.

Fraser estava novamente a bater com a caneta, desta vez na secretária.

— Temos de observá-la atentamente. Certifica-te de que a Emma sabe. Culpada ou não, a mãe está descontrolada. Como reagiu o pai?

— Ficou zangado.

Tive de dominar fisicamente o John Finch à porta da sala da conferência de imprensa. Gritou no corredor, culpando-me, culpando a Rachel, chorando novamente, com receio de que as ameaças da Rachel pudessem ter prejudicado o Ben em vez de ajudá-lo. Tinha razão em temer isso. Era nisso que estávamos todos a pensar.

— Achamos que ele é sincero?

— Eu acho que é. A mulher confirmou o álibi. Estavam ambos em casa no domingo à tarde.

— Não é um álibi muito sólido.

Fraser tinha razão. Todos sabíamos como era frequente que os cônjuges ou pais fornecessem álibis para evitar problemas aos familiares, motivados pelo amor, pelo medo, ou por ambos.

— Muito bem, vamos avançar. Controlo de danos junto da imprensa, eu trato disso, e para ti a prioridade são as entrevistas. Quero informações. Alguém viu alguma coisa. Diz à Emma para levar a mãe

para casa.

— Devo entrevistar novamente a Rachel Jenner?

— Não. Avisa-a só para não falar com os jornalistas. Vai haver uma reação, acho que isso está implícito. Quando acabares, quero que vás à escola do Benedict. Temos de mostrar que estamos a dar apoio à escola, à comunidade. Podes entrevistar a professora quando lá estiveres, vê se ela ultimamente reparou em qualquer coisa de diferente no Ben.

— Sim, Chefe.

A missão parecia um castigo por ter deixado que a conferência de imprensa se descontrolasse, e provavelmente era. Devia ser um detetive a fazê-lo, e ambos sabíamos isso.

— Vou já para lá.

Ela ficou um pouco mais branda.

— Eu podia pedir a um detetive, mas o Chefe está determinado em que seja um agente de patente superior a ir lá.

Se isso devia servir de conforto, então era um fraco conforto.

RACHEL

O que aconteceu a seguir foi que a atitude da polícia em relação a mim se tornou mais tensa, ou talvez devesse dizer mais dura. Para mim isso era claro como água, apesar de superficialmente ainda mostrarem a devida preocupação.

Apercebi-me disso pela primeira vez quando o inspetor Clemo veio falar comigo após a conferência de imprensa e mal conseguiu conter a sua irritação.

Zhang trouxera-me mais uma chávena de chá que não consegui beber, e deixou-me a mim e à minha irmã sentadas numa sala de entrevistas cúbica até me passarem um pouco as náuseas e sentir que estava preparada para ir para casa.

Quando Clemo apareceu tinha os olhos a faiscar. Ficou de pé, dominando o espaço com a sua estatura.

— Rachel — disse ele —, compreende que as coisas não correram exatamente como estava planeado na conferência de imprensa?

Estava a responsabilizar-me. Tentei dizer qualquer coisa, justificar o que acontecera, mas ele levantou a mão, apesar de me ter feito uma pergunta.

— Deixe-me terminar, por favor — disse ele. — A nossa maior preocupação é que haja uma reação contra si. Sugerimos que seja muito discreta junto dos jornalistas, o mais discreta possível.

— O que quer dizer com isso?

— Não fale com eles. É muito simples.

— É para sua proteção — disse Zhang —, e do Ben.

— O que quer dizer com reação contra a Rachel? — A Nicky quis saber.

— É precisamente isso. Trata-se de um caso mediático. Infelizmente, a conferência de imprensa foi sensacionalista, e pelas piores razões. A sociedade civil deseja tanto encontrar o Ben quanto nós desejamos, mas ao contrário de nós, talvez não procurem ter provas antes de fazerem acusações. Terei sido bastante claro?

— Compreendo — disse a Nicky. — Vão dizer que foi a Rachel.
— Já estão a dizer isso.
— Então e o que fazemos?
— Vão para casa, fechem a porta, cerrem as cortinas, não falem com nenhum jornalista. A Detetive Zhang leva-vos.
— Então e o Ben? — disse eu.
— Vamos continuar a fazer tudo o que for possível para encontrá-lo e vamos manter-vos ao corrente da situação. — Era uma frase tão insípida e desprovida de significado quanto o *slogan* de uma empresa. Se tinha chegado a estabelecer alguma ligação com ele, agora parecia-me estar perdida.
— Lamento tanto — disse eu.

Em casa, a Nicky, a Laura e eu assistimos em silêncio às imagens da conferência transmitidas na televisão nacional.

Filmaram-me em primeiro plano. Parecia ter saído de um acampamento primitivo após um longo cerco. O ferimento na testa era proeminente, atraía as atenções como uma deformidade, e manchas vermelhas e lívidas nas faces pálidas davam-me um ar febril, e transtornado. Os olhos estavam inchados do sofrimento e da exaustão, e percorriam a sala, inquietos e nervosos. Todas as imperfeições, contrações musculares e emoções eram visíveis no meu rosto, e o momento em que me dirigi ao raptor do Ben foi o pior. Não restava um traço de dignidade ou vulnerabilidade, ou de amor pelo meu filho. Projetava apenas uma raiva bruta e hedionda que parecia odiosa e anómala.

E sim, o sangue nas minhas mãos era visível.

Quando finalmente desapareci, e fui levada da sala onde se realizou a conferência de imprensa, parecia uma pessoa a fugir do local de um crime.

Não sei porque estou a descrever-vos isto tudo, porque a menos que vivam em Tombuctu provavelmente já a viram. Na verdade, mesmo que vivessem em Tombuctu provavelmente seriam capazes de procurar na Internet.

As imagens tornaram-se virais. Como é evidente. Agora percebo isso tudo.

A minha irmã e a Laura reagiram de maneiras que resumiam aquilo que ia ser a reação das pessoas em todo o país, com a Nicky a representar a visão da minoria.

Laura:

— Vão todos culpar-te. Vão dizer que foste tu. Estás com ar de culpada.

Nicky:

— Não, não vão, vão ver como o adoras, como és corajosa.

Peter Armstrong apareceu mais tarde. Não falava com ele desde que tinha levado o *Skittle* do bosque para ser tratado, mas telefonara regularmente e a Nicky manteve-o informado. Tinha vindo trazer o cão. Mostrou-se otimista relativamente à reação à conferência de imprensa.

— As coisas vão acalmar — disse ele.

Era um homem magro, com uma barriga que se tornara concava desde o divórcio. Tinha cabelos escuros em volta de uma careca apreciável e barba por fazer. Vestia calças de ganga, uma camisola larga e ténis do último modelo que pareciam demasiado jovens para ele. Era *web designer*, trabalhava a maior parte do tempo em casa, e sempre achei que precisava de sair mais vezes.

— E em todo o caso, é apenas uma minoria que tem uma reação exagerada a estas coisas. Assim que encontrarem o Ben, todos se esquecerão disso. Não fique muito tempo a pensar nisso. Mantenha a fé, Rachel. Os seus amigos vão continuar do seu lado.

Estávamos ajoelhados junto ao cesto do cão, a dar festas no *Skittle*. A pata traseira do cão tinha um gesso imaculado, que se arrastava atrás dele quando tentava andar. Agora estava deitado, abanando debilmente a cauda uma ou duas vezes, não mais do que isso. Devia estar a pensar onde estaria o Ben. Eu interrogava-me sobre o que teria visto.

— A polícia falou com o veterinário — disse Peter. — Perguntaram

se através do ferimento do *Skittle* poderiam ficar a saber como se tinha magoado.

— E então? — disse a Nicky.

Percebia que ela gostava do Peter. Era o oposto do marido dela, em termos de aspeto físico. Simon Forbes tinha o dobro do tamanho do Peter. Tinha aqueles cabelos negros rebeldes que as filhas herdaram, apesar de agora estarem um pouco grisalhos, e vestia calças de bombazina, sapatos de couro bem usados e camisas aos quadrados engomadas com *blazers* antiquados, mas à parte desta diferença, os dois homens partilhavam uma sensibilidade delicada que agradava à minha irmã.

— O veterinário disse que a pata parecia ter sido fraturada com uma só pancada, mas isso podia ter acontecido de muitas maneiras. Podia ter sido uma queda, ou alguém podia ter-lhe batido. Não há maneira de distinguir.

Fez-se silêncio na sala durante um ou dois segundos, um vazio, que ninguém queria preencher com palavras, porque estávamos todos a pensar no significado que isso teria para o Ben, e como poderia ser tão mau.

— Como está o Finn? — perguntei ao Peter.

— O Finn está perturbado. Mal pode esperar por ter o amigo de volta. — Esforçou-se por manter a compostura. — Mas está bem. Acho que ele está bem. — Parecia não ter a certeza. — Na escola estão a esforçar-se bastante para lidar com tudo isto.

Ainda não tinha pensado nisso, em como o desaparecimento do Ben afetaria as outras crianças.

— O que estão a fazer? — A Nicky colocou uma chávena de chá à frente do Peter.

— Obrigado — disse ele. — Bem, não estão a ignorar o assunto, pelo menos sei que o Diretor falou nisso às crianças.

— Como é ele? — A Nicky quis saber.

— É novo.

— As pessoas dizem que é um excêntrico — disse eu. Ainda não o conhecia, mas isso era consensual no recreio, rapidamente divulgado

por grupos de pais, após o homem estar a desempenhar essa função há menos de dois meses.

— Bem, eu não iria tão longe — disse Peter.

O Peter suavizava os problemas, era um pacificador.

— Para ser justo, acho que ele tem sido discreto, para tentar ficar a conhecer bem a sua função, e o pessoal.

Era uma maneira educada de dizer que ainda ninguém o vira por estar escondido no gabinete a maior parte das vezes, e que ainda não começara a resolver nenhum dos problemas mais óbvios e urgentes da escola.

— Tem muita experiência, por isso temos esperança que seja bom para a escola a longo prazo. — O Peter também era um otimista.

— E a Professora May? — perguntei. Era a professora do Ben, e do Finn também.

— Acho que tem feito um bom trabalho — Peter parecia admirado. Não gostava muito da professora May. Acho que era porque ela o intimidava, e talvez porque se sentisse um pouco atraído por ela. Nunca admitiria isso, mas já vira o Peter corar enquanto falavam no recreio. Ela era jovem e bonita, e nas noites de reunião tinha grande assiduidade entre os pais.

Eu gostava dela no geral, o que era bom, porque era o segundo ano seguido que era professora do Ben. O Ben podia certamente ter professores piores: a desmazelada e irada professora Talbot, por exemplo, que nunca corrigia trabalhos e gritava. Ou a sociopata professora Astor, que detestava crianças a imitarem animais e estava frequentemente de baixa devido ao stresse.

O Ben de início mostrara-se tímido com a professora May, mas ela conquistara a sua confiança e a do resto da turma rapidamente, demonstrando que era capaz de dar um mortal para trás em frente à turma toda, e posteriormente fortaleceu a sua relação com ele ajudando-o depois de o John e eu nos termos separado.

O Ben teve uma crise depois de o John ter saído de casa. Andava choroso e emotivo, e por vezes zangado. Isso era tão invulgar nele que com grande relutância e contra todos os meus instintos de

privacidade, tive de ir à escola e contar à professora May o que tinha sucedido, pedindo-lhe que nos ajudasse a ultrapassar a situação. Fizera-o com grande empenho, dando imenso apoio ao Ben, e tive de lhe dar o mérito de nos ter ajudado a reconstruir as nossas vidas desde o Natal.

— Pelo que o Finn me diz, ela tem falado com as crianças sobre isso, apesar de não as ter deixado insistir demasiado no assunto — disse o Peter. — Parece que os tem mantido ocupados. Ontem, estava no recreio depois das aulas, a falar com os pais, e o Diretor estava lá também, o que agradou às pessoas. Na verdade, a maior parte dos funcionários estava lá. Diria que isso ultrapassa as suas funções.

Peter tinha tendência de utilizar metáforas militares no seu discurso. Era uma das coisas que me levava a recusar a sua proposta para sairmos juntos quando me pediu hesitantemente depois de a minha separação se ter tornado pública. Destoava da sua personalidade criativa, como se tivesse construído aquela personalidade para si próprio, sem ter chegado lá naturalmente.

— Não tenho bem a certeza disso — disse a Nicky. — É precisamente o que deviam fazer.

— O que estão a dizer às crianças? — perguntei. — Sobre o Ben?

— Estão a dizer-lhes que ele desapareceu no bosque, é essa a palavra que utilizam, «desapareceu», e que toda a gente anda à procura dele. — Peter bebeu ruidosamente o chá. — O Finn anda a ter pesadelos desde domingo, devido a ter estado no bosque connosco, acho eu.

Pensar na preocupação do Finn e na recordação do seu rosto ansioso no parque de estacionamento fez-me sentir a ausência do Ben mais nitidamente do que nunca. Lembrei-me do *Baggy Bear* lá em cima, na cama do Ben, e do seu *nunny*. Pensei no Ben sem nenhum dos seus objetos preferidos, sem mim, sem conforto, algures, a sofrer aquilo que nenhum de nós imaginava.

Soçobrei.

— Oh, desculpe! — exclamou o Peter. — Lamento imenso. Fiz

asneira. Era a última coisa que queria fazer. — Olhou para o relógio.
— Tenho de ir embora.

A Nicky acompanhou-o à porta, disse todas as coisas que eu não conseguia dizer, como obrigada e se soubermos alguma coisa dizemos-lhe, e novamente obrigada.

Encontrei a Laura na sala. Estava no sofá, debruçada sobre o *tablet*.

— Acho que isto tem potencial para correr mal para ti — disse ela.

— O que queres dizer com isso?

— Está por todo o lado na Internet. No Facebook, no Twitter, em comentários nos *sítes* de notícias, em todo o lado.

— O quê?

— Eu tinha razão. Estão a dizer que fizeste alguma coisa ao Ben.

JIM

A escola primária do Ben Finch lembrava-me a minha: uma escola de bairro pequeno, um aglomerado de salas de aula portáteis reunidas à volta de um edifício vitoriano num espaço apertado.

Fraser disse-me que levasse o detetive Woodley comigo, o que de certa forma era aborrecido porque ele tinha tendência a comportar-se como se ainda estivesse a aprender, apesar de já estar no DIC há mais de um ano. Por outro lado, se alguém tinha de testemunhar a minha humilhação de ser despromovido a agente de ligação com a escola, ainda que temporariamente, acho que ele era uma boa escolha por ser demasiado fraco para se gabar. «Falta-lhe iniciativa», como diria o meu pai, ou talvez pior.

A secretária da escola andava à nossa volta, pondo a chaleira a ferver, fazendo um ar desapontado por não querermos café nem chá. Queria falar. Não é invulgar. Quando algo de traumático acontece, toda a gente que está relacionada com esse acontecimento tem a sua própria versão da história para contar. É por isso que para os jornalistas é tão fácil encher colunas; quase toda a gente quer ter os seus minutos de fama.

A secretária disse-nos que *soube* que alguma coisa não estava bem quando a Rachel Jenner não respondera aos seus telefonemas na segunda-feira de manhã, por não ser nada típico dela. Costumavam telefonar imediatamente aos pais quando as crianças faltavam à escola, disse ela, quando a criança não vinha às aulas sem que os pais dissessem nada. Agarrou numa caneca que dizia, «Não falem comigo até estar vazia!». Havia uma fotografia de Ayers Rock sob um pôr do sol rosa e laranja colada à parte lateral do monitor e uma citação da bíblia a afirmar que a fé move montanhas. Ambas me irritaram.

— Com que frequência o Ben Finch costuma faltar à escola? — perguntei-lhe.

— Quase nunca! É um menino lindo, sempre tão educado, sempre

tão bem-comportado. Repare que não posso dizer-lhe nada acerca de como é o trabalho dele nas aulas, terá de perguntar à Professora May ou ao Diretor, mas posso dizer-lhe que é um menino lindo. Ele traz-me o livro de ponto de manhã, sempre com um sorriso. Costumo dizer-lhe: «Benedict Finch vais chegar longe com esse teu bom comportamento.»

Vieram-lhe as lágrimas aos olhos, tirou os óculos para os limpar.

— Desculpe — disse ela e em seguida expirou suavemente, um sopro de preocupação que se dispersou na sala. — Vão encontrá-lo, não vão Inspetor?

— Vamos fazer tudo o que pudermos — disse.

O gabinete do diretor era exíguo. Sentámo-nos à volta da secretária em cadeiras de plástico rígidas que não se adaptavam à forma do meu corpo de maneira nenhuma.

— Desculpe, Inspetor — disse ele —, estava a meio de uma reunião especial quando chegou e não quis alarmar as crianças saindo sem dizer nada. Já estão suficientemente abaladas. Já agora, sou Damien Allen.

Tinha um aspeto ensonado, de olhos entreabertos, rosto descaído com cabelos a precisar de um bom corte, e uma voz monótona que me teria feito adormecer antes do fim de qualquer reunião. Apertei a mão que me estendeu e achei-a mole.

— Sou novo nesta função — acrescentou. — Não é o ideal.

Presumi que se referisse à situação e não ao cargo.

A professora do Ben apertou a mão de forma mais sincera; parecia uma pinça e era uma daquelas pessoas que apertam a mão durante mais tempo do que estamos à espera. É uma questão de ansiedade. Não querem largar-nos para não desaparecermos mesmo quando somos precisos.

Tal como o diretor, estava a aguentar-se bastante bem mas havia sinais de angústia na forma como tinha as mãos firmemente cruzadas e parecia estar à beira das lágrimas. Também era uma mulher bonita: bem vestida, elegante, como se frequentasse assiduamente o ginásio, cabelos louros macios que lhe chegavam aos ombros, lindos olhos.

Disseram-nos que tinham estado muito ocupados nas últimas 48 horas, a lidar com as crianças que estavam compreensivelmente assustadas e confusas em relação ao que acontecera ao Ben e também foram inundados de telefonemas e *emails* dos pais à procura de informações e garantias, questionando os procedimentos de segurança da escola.

— É um grau de pânico — disse o diretor, cansado —, que sugere que existe um precedente de o desaparecimento de uma criança provocar uma onda de raptos.

Fiz o que devia fazer. Prometi que íamos mantê-los ao corrente e que enviaríamos um agente para estar presente numa reunião com os pais. Falámos sobre acompanhamento psicológico para as crianças, mas expliquei que para a polícia ainda era um pouco cedo para isso, era algo que podia ser discutido mais tarde, dependendo do desfecho do caso.

— Precisamos de uma lista de funcionários da escola — disse ao diretor. — Ordenada segundo aqueles que têm contacto mais direto com o Ben.

— Calculámos que talvez fosse preciso — disse ele —, por isso começámos a fazer uma, e enviamo-la assim que estiver completa.

— Precisamos disso o mais cedo possível.

— Terei isso em conta, Inspetor, e vai ser uma prioridade, como é evidente. Mas há um grande número de pessoas envolvidas e queremos garantir que incluímos todos os que possam ter-se cruzado com o Ben.

— Não se trata apenas de docentes — disse a professora May. — Existem os auxiliares de educação, funcionários de apoio, assistentes de *catering*...

— ... funcionários de limpeza, de manutenção, pais que ajudam com os clubes... — prosseguiu o diretor.

— Muito bem — disse eu. — É bom que seja uma lista extensiva, mas porque não me enviam o que já têm até ao momento, para podermos começar, e depois podem enviar-me outros nomes de que se vão lembrando.

Senti uma dor de cabeça iminente. Lidar com a escola ia ser muito difícil. Teríamos de trabalhar vinte e quatro horas por dia só para verificar os antecedentes de todos os que poderiam ter tido contacto com o Ben.

— Antes da lista, houve algum funcionário da escola que vos desse motivos de preocupação ultimamente, em termos de comportamento ou de qualquer outra maneira? — perguntei-lhe.

Abanou a cabeça. A ruga que tinha na testa parecia ficar cada vez mais profunda.

— Como é óbvio, tenho andado a dar voltas à cabeça desde que isto aconteceu — disse ele. — Mas devo dizer que tenho feito notar aos pais que isto não aconteceu na escola nem nas suas imediações. Acho que vale a pena ter isso em conta quando estiver à procura de suspeitos.

— Bem como o facto de este ser o local que oferece ao Ben Finch maiores oportunidades de contactar com um grande número de adultos.

— Cujo cadastro é sempre verificado.

— Não há necessidade de ser defensivo, Senhor Allen. Sabe tão bem quanto eu que a verificação de cadastro só serve para averiguar se houve condenações prévias, e não possíveis impulsos ou intenções.

— Estou apenas determinado a que a investigação não incida particularmente sobre a escola.

Nem valia a pena responder a isso, era daqueles comentários para defender a profissão que me davam vontade de colocar-lhe um par de algemas. Engoli o meu aborrecimento, porque queria pressioná-lo um pouco mais relativamente aos possíveis contactos com o Ben.

— Há algum adulto na escola com quem o Ben tenha estabelecido uma relação mais próxima?

— Professora May? — perguntou o diretor. — Você é que sabe melhor.

— Bem, comigo — disse ela. Tinha a palma da mão sobre o peito, subindo e descendo ao ritmo da respiração. — Já sou professora dele há pouco mais de um ano, também fui professora dele no ano

passado, e trabalho com um auxiliar de educação chamado Lucas Grantham que trabalha em tempo parcial. Ele é novo este ano. As crianças gostam dele, o Ben gosta dele. Somos nós que temos mais contacto com ele.

— Temos sem dúvida de falar com o Senhor Grantham — disse eu.

— Ele está cá hoje, se quiser falar com ele.

— Seria muito útil. Mais alguém?

Ela abanou a cabeça.

— Não me lembro de ninguém, mas há muitas outras pessoas com quem o Ben contacta quotidianamente.

— E posso perguntar-lhe se reparou em qualquer coisa fora do normal no comportamento do Ben ultimamente?

— Não. Eu diria até que ele tem tido um ano bom. O ano passado foi muito mais difícil para ele, depois da separação dos pais.

— Como?

— Não sabia como reagir à separação. Falámos sobre isso algumas vezes na escola. Não é o único na minha turma a passar por isso, claro, mas é uma situação triste e confusa para qualquer criança e penso que às vezes os pais não percebem como é difícil para as crianças.

— Muitas vezes é a escola que tem de lidar com a crise emocional provocada por estas situações — disse o diretor.

— Acha que o Ben ficou mais afetado do que seria de esperar?

— Não sei bem — disse o diretor. — Estaria a mentir se dissesse que o conhecia bem porque só estou aqui há algumas semanas, como disse.

A pergunta não era dirigida a ele, mas deixei estar. O homem tinha um grande ego. A professora May respondeu:

— Não — disse ela. — Ficou muito afetado, mas é um rapaz muito sensível, e isso era de esperar, para quem o conhecesse.

O diretor pigarreou.

— Há uma coisa na caderneta dele que acho que devemos mencionar. Na primavera passada, quando o Ben estava no quarto ano, caiu quando chegou ao recreio com a mãe. Foi antes das aulas.

Caiu da trotineta e aterrou em cima do braço. Quer contar o resto, Professora May, visto que estava presente?

— Não estava propriamente lá quando ele caiu. Um dos professores viu — disse ela. — Parece que a Senhora Jenner ajudou o Ben a levantar-se e a sacudir-se. Ele estava a chorar um bocadinho, porque lhe doía o braço, mas ela falou com ele e acabou por se acalmar.

Fez uma pausa e olhou ansiosamente para o diretor.

Ele prosseguiu:

— E na caderneta está escrito que a Senhora Jenner deixou o Benedict na escola apesar de ele se queixar de dores no braço. Afinal estava fraturado.

— Então isto aconteceu enquanto ele estava na sua turma? — perguntei à professora May.

Ela assentiu.

— Devo dizer que bastou olhar para ele quando estava a fazer a chamada para ver que havia qualquer coisa que não estava nada bem. Estava branco como cal. Assim que contou o que tinha acontecido chamei imediatamente uma ambulância.

— Nessa altura estava em sofrimento evidente, ou quando a mãe o deixou?

— Não se tratava de sofrimento evidente; estava a ser muito corajoso.

— Havia algum sinal de que o braço estava fraturado?

— Foi uma fratura em ramo verde, por isso não houve ossos quebrados, nem inchaço, e ele conseguia mexer a mão. A mãe verificou tudo isso, mas não reparou que ele estava cheio de dores.

— A Senhora Jenner regressou quando percebeu que ele precisava de tratamento?

— Sim, claro, e foi com ele para o hospital.

— Então é possível que não tenha percebido a gravidade da lesão dele?

— Não. Não percebeu. — Havia alguma insatisfação na expressão dela.

— Acha que ela devia ter percebido?

— Acho. Acho mesmo. E o que não me sai da cabeça é: por que razão o Ben achava que tinha de esconder a dor à frente da mãe? Tinha apenas sete anos. E por que razão a mãe não o levou de imediato para fazer um exame adequado? Por que razão não viu o que eu vi?

— Tivemos um incidente semelhante na minha antiga escola — disse o diretor. — Não é invulgar que fraturas ligeiras passem despercebidas.

— Eu sei — disse a professora May —, mas ela parecia-me estar sempre tão deprimida na altura, como se não fosse capaz de lidar com as situações. Foi depois da separação. Pensei se aquilo tudo não estivesse a ser demasiado para ela. O Ben parecia sempre tão preocupado em não a incomodar.

— Havia mais alguns sinais? — perguntei.

A professora May respirou fundo.

— Não — disse. — Juro, não havia.

— Aqui diz que ela um dia se esqueceu de vir buscá-lo. — O diretor mostrou uma folha de papel da caderneta do Ben.

— Oh! É verdade, esqueceu-se. Já não me lembrava disso — disse a professora May. — Sim, é verdade. Foi no último dia de aulas antes das férias da Páscoa, no ano passado, e as crianças deviam ir para casa ao meio-dia em vez de à hora habitual, por isso foi compreensível.

— Ela costumava esquecer-se?

— Não, não, aconteceu só aquela vez, mas o Ben ficou *muito* perturbado. Na verdade estava inconsolável. Era a última coisa de que ele precisava na altura. Acabara de sair da casa da família e mudar-se para uma casa nova apenas com a mãe. Sentia-se muito inseguro devido a isso, e foi uma altura em que era importante para ele sentir-se desejado, saber que era uma prioridade.

— Então, só para confirmar, não era normal a mãe do Ben esquecer-se dele?

— Não. Não era normal, mas quando aconteceu acho que pensei realmente que talvez fosse um sintoma de como as coisas deviam

estar a ser difíceis em casa.

— Então, isso foi no ano passado, mas as coisas melhoraram desde então? — perguntei. — Houve mais algum incidente?

— Não. Não houve mais nada. Este ano está melhor. Acho que já está habituado a viver na casa nova com a mãe e aparentemente as coisas estão um pouco mais calmas. — A inflexão dela no final da frase fê-la parecer uma interrogação.

Acenei ao diretor.

— Qual é a sua opinião?

— Bem, vou passar a pergunta à Professora May, porque, como disse, ainda não conheço muito bem o Ben, e nunca vi a mãe dele, por isso não posso fazer comentários acerca dela. Daquilo que ouvi, suspeito que o Ben e a mãe têm passado por momentos difíceis, mas também tem sido excelente para ele ter a Professora May a ensiná-lo dois anos seguidos.

Ela sorriu-lhe.

— Bem, agradeço a ambos — disse eu —, e se se lembrarem de mais alguma coisa que devêssemos saber, então por favor contactem-nos. — Levantei-me, grato por sair da cadeira.

— É o que faremos — disse o diretor. Parecia ainda mais extenuado de pé, apesar da sua atitude anterior, senti pena dos dois, por terem de sair daquela sala para voltarem a lidar com a confusão e o medo de uma escola cheia de crianças traumatizadas. Alisou a gravata junto à camisa e deu-me o mesmo aperto de mão flácido do que anteriormente.

— Podemos ter uma conversa rápida com o auxiliar de educação do Ben antes de irmos embora? — Perguntei. — O Senhor...?

— Lucas Grantham — disse o diretor. — Professora May, pode mostrar aos agentes onde poderão encontrá-lo?

Acompanhou-nos até ao fundo do corredor. As paredes de cada um dos lados estavam cobertas de trabalhos feitos pelas crianças.

— O Lucas está na sala de aula — disse ela. — Aqui.

Antes de conseguir pedir-lhe que fosse buscá-lo discretamente, ela abriu a porta. Uma turma de crianças trabalhava em mesas baixas, em

grupos de quatro, sentados naquelas cadeiras em miniatura onde nos esquecemos que um dia já coubemos. Um jovem estava a supervisioná-los lá à frente. Acho que parecia ter vinte e poucos anos. Tinha espessos cabelos louros-arruivados em tufos, e o rosto era basicamente uma grande sarda com um pouco de pele branca a espreitar aqui e ali. Estava empoleirado na secretária.

Os olhos das crianças voltaram-se para nós e começaram a levantar-se. As cadeiras arrastaram-se pelo chão e caíram folhas de papel das mesas ao levantarem-se.

— Este é o Senhor Clemo, e este é o Senhor Woodley — disse a professora May. Sussurrou-me: — Não vou dizer-lhes que são polícias. — Então dirigiu-se novamente a eles: — O que é que se diz, meninos?

— Boa tarde, Senhor Clemo, boa tarde, Senhor Woodley — entoaram.

— Muito bem, meninos — disse a professora May, e presenteou-os com um grande sorriso. — Sentem-se e continuem o vosso trabalho.

Sentaram-se com um baque coletivo, depois de terem cumprido o seu dever. O jovem veio à porta.

— Este é o Lucas — disse a professora May. — Ou Senhor Grantham, como as crianças lhe chamam. É o nosso auxiliar de educação para a Turma dos Carvalhos.

— Muito gosto — disse ele. Não houve aperto de mão, em vez disso juntou as mãos à sua frente, de dedos cruzados e em movimento, como estivesse a percorrer um terço. — É absolutamente terrível, nem acredito. — Também tinha sardas nas costas das mãos.

— Vamos ter de conversar consigo muito em breve — disse eu.

— Claro! Obviamente, quando quiserem — disse ele. — Visto de perto parecia cansado, de boca entreaberta. Tinha um queixo fraco e não se barbeava há alguns dias.

— Reparou em alguma coisa diferente no comportamento do Ben Finch ultimamente? — perguntei-lhe. Falei em voz baixa para que as crianças não me ouvissem.

— Não — disse ele. — Absolutamente nada.

Atrás dele, um espaço numa das mesas chamou-me a atenção, uma cadeira vazia onde o Ben Finch devia estar sentado, rodeado pelos colegas, a ter um dia normal.

— Nada? Tem a certeza? — disse eu. Estava a começar a irritar-me.

— Não — disse ele. Abanou a cabeça devagar, com os lábios enfiados entre os dentes. Senti o telemóvel vibrar no bolso.

— Temos de ir andando — disse. — Mas vamos precisar de entrevistá-lo o mais brevemente possível. Alguém vai contactá-lo para combinar isso.

As crianças estavam a começar a mexer-se e a conversar. A professora May mandou-as calar com benevolência.

— Quando quiser — disse Lucas Grantham. — Claro. Se ajudar.

No carro, o Woodley disse:

— É um pesadelo do caraças, a quantidade de pessoas que podiam ter tido contacto com ele.

— Eu sei, e temos de verificar os antecedentes e álibis de todos eles. Além disso, temos de confirmar o incidente do braço partido no hospital.

— Acha que há alguma coisa?

— Não, porque é bastante evidente que a Rachel Jenner não lhe provocou esse ferimento. Foi um acidente. Mas mesmo assim vamos confirmar e acho que devíamos considerar a possibilidade de que ela estivesse com uma depressão grave. Vamos comunicar isso à Fraser e à Zhang imediatamente.

— O que achou do auxiliar de educação?

— Interessante — disse eu. — Sem dúvida.

— Pois, achei-o um pouco evasivo.

O Woodley ficou sentado em silêncio durante alguns instantes, e depois disse:

— É estranho, não é? Voltar à escola?

O carro estava parado à entrada da escola, com a luz do pisca intermitente.

— Porque dizes isso?

— Esquecemo-nos de como já fomos pequenos. Não acha?

— Calculo que sim. Mas então quando é que saíste da escola primária? Na semana passada? Tens uma memória curta. Foi por isso que te expulsaram? Não te lembravas do horário?

Era um divertimento habitual no escritório, troçar do Woodley por ele parecer tão novo, ou por ter um nariz que se assemelhava a uma rampa de esqui.

— Ah, ah, Chefe — disse ele, mas calou-se e fiquei contente com isso porque estava de facto a pensar sobre como eram nítidas as minhas memórias de quando tinha idade para frequentar a escola primária, e estava a ficar assustado pelo Benedict Finch, devido a todas as coisas más que se podem fazer a uma criança daquela idade, com tanta, tanta facilidade.

RACHEL

A Laura e a Nicky não me deixavam ir à Internet. Disseram que não devia ler as coisas que as pessoas estavam a dizer, que isso ia deixar-me perturbada. Estavam as duas de acordo relativamente a isso. Eu ainda estava em negação, ainda tinha a certeza de que as pessoas não iam de facto acusar-me. Mesmo nessa altura, naquelas primeiras horas após a conferência de imprensa, fui suficientemente ingénua para conservar uma aura delicada de confiança, típica da classe média, à minha volta. «Sou uma cidadã cumpridora», pensei, as pessoas vão perceber isso. Era casada com um médico.

Mas devia ter tido mais juízo, porque à porta de casa os jornalistas reuniam-se em números cada vez maiores, atraídos desde a conferência de imprensa.

Dentro de casa, tivemos de desligar o telefone, e selar a abertura para receber correspondência com fita adesiva. Fiquei nas traseiras, o mais longe deles que podia.

A Nicky saiu para comprar mantimentos, e voltou alvoroçada passados alguns minutos, com sacos da loja de conveniência na mão.

— Não consegui ir mais longe — disse ela. — Eles vieram atrás de mim. E deitaram lixo para o chão em todo o lado.

Encontrou um saco do lixo debaixo do lava-louça e levou-o para a entrada da casa, onde, num tom suficientemente estridente para que eu conseguisse ouvir, mandou os jornalistas limpar o que tinham deitado para a rua e no meu jardim diminuto.

De volta a casa, ainda beligerante, começou a tirar dos sacos uma seleção de comida enlatada.

— São muito simpáticos lá na loja — disse ela —, não são? Trancaram a porta para que eu pudesse fazer as compras sem os jornalistas e deram-me isto para ti.

Era um envelope. Na parte da frente estava escrito, «Para o Benedict e sua Mãe».

— Disseram que podem encomendar o que quiseres — prosseguiu

a Nicky, enfiando as latas nos armários. — E se não conseguirmos ir ao supermercado disseram que podem preparar algumas coisas que podemos ir buscar, o que talvez seja bom porque não podemos viver disto. — Mostrou um pão de forma branco fatiado.

Abri o envelope. Lá dentro estava um cartãozinho. Havia um par de mãos elegantes desenhadas na parte da frente, de dedos afunilados e palmas juntas, em oração. Nos pulsos tinham pulseiras de contas.

— Qual é a religião deles? — perguntou a Nicky, olhando por cima do meu ombro.

— Hindu — disse. — Acho eu.

Dentro do cartão havia uma mensagem escrita à mão, numa letra cuidada e formal. «Derramámos lágrimas por vós, e desejamos muita força para si e para o Benedict, rezamos para que ele volte para casa depressa. Ravi, Aasha e família.»

— Mal os conheço — disse eu. Lembrei-me das minhas visitas frequentes à loja, a conversa de circunstância com os donos, um casal muito simpático, mas não passavam de estranhos, na verdade, e fiquei profundamente comovida com o cartão.

— Recebeste outras mensagens — disse a Nicky. — Mas não tinha a certeza de que estavas preparada para as ler.

— Mostra-me.

A Nicky apropriara-se do meu telemóvel para responder aos telefonemas e mensagens dos amigos, e de outras famílias que conhecíamos melhor, ou pior.

Na sua maioria eram mensagens de pessoas que eu conhecia, reações à história ser publicada nos jornais. As mensagens variavam do previsível:

Devastados por saber do Ben por favor se pudermos fazer qualquer coisa diga-nos.
Família Clarke xxx

Nem imagino o que deve estar a sofrer. Estamos a pensar em si e no Ben. Sacha x

Ao insultuosamente prático:

Não se preocupe em devolver o casaco do Jack depois do que aconteceu compreendemos perfeitamente. Estamos a pensar em si. Um abraço Juliet xx

— Mas o que é isso? — disse eu. — Mas que raio é que isso significa?

A Nicky leu.

— Não é nada. Não tem importância. Estão a tentar ser simpáticos.

— Como se eu quisesse saber de um estúpido casaco.

— Não estão à espera disso. Não penses o pior. Supostamente é uma mensagem simpática.

Também havia *emails*, mas cansei-me de os ler. As mensagens faziam-me sentir triste, zangada, ou ofendida e eu já tinha a minha dose de tudo isso. Também me incomodavam as mensagens que não estavam lá, de amigos que esperava que nos apoiassem.

— Não há mensagens de voz? — perguntei à Nicky. — Não achas que as pessoas deviam deixar uma mensagem como deve ser?

— Houve uma ou duas — disse ela. — Anotei-as. Provavelmente as pessoas não querem manter a linha telefónica ocupada.

Li as mensagens que ela anotara cuidadosamente. Havia pelo menos dois amigos que se distinguiam por não constarem destas listas. Estariam a ser simpáticos ao não me contactarem? Seria uma reação atenciosa? Ou ter-se-iam afastado agora que o azar me batera à porta, agora que era uma pessoa a quem acontecera o pior, a que estava numa minoria estatística, onde ninguém deseja estar.

Fiquei ali sentada, com o cartão nas mãos, enquanto a Nicky procurava na Internet de novo, cada vez mais exaustivamente, em busca de conselhos e informações, qualquer coisa que pudesse ajudar-nos, como se fosse uma espécie de vício.

Tive um impulso de telefonar ao John. Queria pedir-lhe desculpa por causa da conferência de imprensa, e por ter deixado o Ben ir a correr à minha frente no bosque. Sentia cada vez mais uma necessidade desesperada de que ele me absolvesse do mal que fizera. Parecia ser a única forma de diminuir a minha dor. Mas não atendeu o telemóvel, e foi a Katrina que atendeu o telefone de casa.

— Ele não está em casa — disse ela. — Está a percorrer as ruas de carro, à procura do Ben. Não voltou a casa desde a conferência de imprensa.

— Já a viste?

— Já.

Não queria que ela dissesse nada sobre esse assunto.

— Tenho de desligar — apressei-me a dizer.

A Laura foi para casa. Tinha de dar comida aos gatos. Fiquei estupefacta por ainda se terem de fazer as atividades mundanas que a vida exigia, enquanto o pior estava a acontecer.

Até me sentia ofendida com o meu próprio corpo, com as suas necessidades de dormir, comer, beber, realizar as suas funções físicas. Achava que a vida devia ficar suspensa até encontrarem o Ben. Os relógios deviam deixar de marcar as horas, o oxigénio devia deixar de ser trocado por dióxido de carbono nos pulmões, e os corações deviam deixar de bater. Só quando ele estivesse de volta é que tudo devia voltar ao normal.

Qualquer outra coisa era um insulto para ele, para o que devia estar a sofrer.

A Nicky continuou a trabalhar, impulsionada por alguma espécie de motor interno maníaco, como se uma pesquisa na Internet pudesse revelar uma pista crucial, ou induzir uma revelação. Assim que terminou a pesquisa *online*, começou a desenhar um panfleto, e a pensar em modos de o distribuir.

Cansei-me de andar à volta dela e fui lá para cima, percorrendo o corrimão fixo à parede com os dedos. Mesmo por cima dele, visíveis na tinta branca, estavam as marcas dos dedos do Ben. Ele andava sempre a correr, nunca caminhava, quer fosse a subir ou a descer as escadas. Ignorando os meus gritos para ir mais devagar. Colocava uma mão no corrimão e outra na parede para se equilibrar, e eu ouvia os passos rápidos. Normalmente só reparava nas marcas dos dedos sujos quando elas me faziam desesperar, mas agora pareciam insuportavelmente preciosas. Percorri-as com os meus próprios dedos ao subir.

A casa estava um caos quando nos mudámos. O John, que a veio ver porque ia pagar uma parte dela, aconselhou-me a não a comprar.

Cores escuras hediondas e armários de plástico rascas na cozinha tinham afastado muita gente, mas eu conseguia ver que debaixo daquela tralha toda havia algumas características originais bastante bonitas, e fiquei entusiasmada com o seu potencial. Primeiro tratei do quarto do Ben. O Ben e eu passámos um dia esplêndido a aplicar a primeira camada de tinta por cima daquela cor horrível castanho-escura que os proprietários anteriores tinham deixado.

— Vá lá — disse ao Ben —, aplica a tinta.

— O quê, num sítio qualquer? — perguntou, mal acreditando na sua sorte, com um grande sorriso a fazer-lhe covinhas nas faces.

— Num sítio qualquer — disse eu, e para comprová-lo mergulhei o pincel no recipiente de primário branco imaculado e escrevi «BEN» em grandes letras maiúsculas na parede. Ele adorou a emoção interdita de pintar nas paredes, e rapidamente entrou no jogo. Fizemos desenhos, escrevemos disparates e divertimo-nos imenso até o quarto estar coberto com uma camada irregular de primário.

Foi bom para ambos: estávamos a tomar posse da casa. O plano teve alguns efeitos indesejáveis porque nunca conseguimos alisar bem a parede posteriormente, e até agora havia duas camadas de azul-claro a cobrir o primário era possível distinguir algumas áreas salientes onde alguns dos nossos desenhos e palavras estiveram. Mas nenhum de nós se importava com isso. Na verdade até gostávamos.

Recordando-me, deitei-me na depressão no colchão dele que agora já tinha tomado a forma do meu corpo, obliterando a sua, e toquei na parede, tentando sentir aquelas saliências de tinta.

Tentei concentrar-me, pensar no que acontecera no bosque, recuperar cada detalhe. Estava desesperada para descobrir, algures na minha mente, algo significativo, mas não me lembrei de nada de novo.

Depois pensei no John, a percorrer as ruas de carro, procurando desesperadamente o Ben, e pensei na Katrina, e lamentei cada momento que deixei o Ben passar com eles ao longo do ano anterior, e não comigo.

Ela nem sequer queria que ele fosse à casa deles, de início. Isso

tinha ficado bem claro pelo que o Ben me disse.

— Ela não me deixa deslizar no chão no corredor — queixara-se, e eu fiquei furiosa, imaginando-o a andar em bicos de pés pela sua casa perfeita, sem conseguir relaxar não fosse fazer alguma asneira. Recordei a relutância do Ben em passar fins de semana com eles após a separação, sobretudo ao início, quando ainda era muito recente, e as coisas estavam instáveis. Cheguei à minha habitual conclusão amarga que a Katrina não merecia o Ben, e eu não merecia ter de passar por ela para chegar ao John.

Os meus pensamentos circularam inutilmente deste modo até que finalmente o sono me venceu, deixando-me inconsciente, e sonhei que estava rodeada de árvores altas, folhagem pontiaguda, sombras e túneis escuros onde podíamos perder-nos para sempre.

De madrugada, acordei e agarrei no telemóvel. Abri o motor de busca na Internet e escrevi «Notícias Benedict Finch». Quando surgiram os resultados, bastaram apenas um ou dois cliques para que um terror gélido me trespassasse.

JIM

Anexo ao relatório do Inspetor James Clemo para a Dr.^a Francesca Manelli.

Transcrição gravada pela Dr.^a Francesca Manelli.

Estão presentes o Inspetor James Clemo e a Dr.^a Francesca Manelli.

Estão assinaladas em *itálico* as notas indicativas do estado de espírito ou comportamento do Inspetor Clemo, quando estes não são transmitidos apenas pelos seus comentários.

FM: Então o segundo dia não foi um bom dia para si na investigação do caso?

JC: Não, não correu como eu queria, mas temos de nos aguentar, andar para a frente, tentar resolver a situação. No fim do dia tínhamos muito em que pensar.

FM: Será que achou que a conferência de imprensa abalou a sua confiança?

JC: Devido ao que a mãe fez?

FM: Sim.

JC: Não. Não abalou. Voltaria a tomar a mesma decisão. Ninguém poderia ter previsto que ela ia fazer o que fez. Para ser sincero, achei que não foi justo ser repreendido por causa disso.

FM: Disse isso à Inspetora Chefe Fraser?

JC: Não. Sou orgulhoso, não sou suicida. Ela estava só a descarregar em alguém. Ela é assim, por isso não levei muito a sério.

FM: Como estava a progredir o caso, no geral?

JC: As coisas estavam encarriladas. Reunimo-nos todos cerca das oito e meia da noite. Fraser no início ainda estava a queixar-se por causa da conferência de imprensa, mas depois acalmou-se porque tínhamos algumas pistas óbvias, por isso havia a sensação de que estávamos a chegar a algum lugar.

FM: Que pistas?

JC: Ainda estávamos a investigar os tipos das máscaras. A maioria tinha álibis, mas um deles em particular estava a ser difícil, recusando-se a responder às perguntas, e isso deixou a Fraser furiosa. Não tinha um álibi e ela indicou-o como suspeito provável do rapto.

FM: Como estava ele a ser difícil?

JC: Alegou que a única autoridade que reconhecia era a Ordem dos Cavaleiros que governava o seu mundo de fantasia, o que basicamente significava que se recusava a falar connosco. Não respondia a nenhuma das perguntas. Por questão de princípio.

FM: E isso é permitido?

JC: Ele pode alegar o que quiser e nós não conseguimos forçá-lo a falar connosco. A Fraser decidiu ser ela própria a interrogá-lo. Quis que o Woodley e eu a acompanhássemos no dia seguinte, fazendo-lhe uma visita em sua casa para ver se conseguíamos sacar-lhe alguma informação.

FM: E o pedófilo? Aquele que estavam a tentar localizar?

JC: Era sem dúvida um motivo de preocupação. Ainda não o tínhamos localizado, mas a Detetive que estava a tratar do caso achou que a mãe sabia onde ele estava e que andava muito angustiada por não nos dizer. Ia fazer-lhe mais uma visita. O psicólogo estava a trabalhar nos perfis possíveis dos raptos e também estávamos a elaborar as listas de pessoas que deviam ser entrevistadas, a verificar álibis e a responder a todos os telefonemas que recebemos após os apelos.

FM: A resposta aos apelos foi grande?

JC: Foi enorme, quase esmagadora. A Fraser reuniu a maior equipa que conseguiu mas mesmo assim ainda seria difícil dar seguimento a tudo com celeridade. A prioridade era obter a identificação dos ciclistas que a Rachel Jenner mencionou ter visto no bosque e do homem sozinho a caminhar, por isso estávamos concentrados nisso.

FM: Qual era o ambiente na equipa?

JC: Uma adrenalina total. Todos queriam fazer o seu trabalho, encontrar o rapaz.

FM: Houve alguma reação do público à conferência de imprensa?

JC: Isso era um problema. Mesmo na primeira noite houve uma enorme reação na Internet contra a Rachel Jenner. As pessoas diziam, ou insinuavam, tudo e mais alguma coisa, incluindo os *sítes* de notícias. Receávamos os títulos dos jornais da manhã seguinte.

FM: Que tipo de coisas diziam as pessoas?

JC: Coisas como «Ataque de fúria da Mãe», desse género. Ainda não era nada de muito mau, mas eram os comentários que as pessoas faziam que nos preocupavam. No Facebook havia centenas de pessoas a discutir o caso sem restrições. Achavam que ela era culpada.

FM: E qual era a sua opinião?

JC: Não podia excluir a hipótese. Ela tivera sem dúvida oportunidade de fazer alguma coisa ao Ben, e ainda não tínhamos verificado a sua história.

FM: O que lhe dizia a sua intuição?

JC: Que era instável.

FM: O que é que isso significa?

JC: Que poderia ter sido ela.

FM: Não estava convencido da sua inocência após a manifestação de dor na conferência de imprensa?

JC: A dor não é prova de inocência. Se ela tivesse feito alguma coisa ao Ben poderia ainda assim sentir-se perturbada.

FM: É verdade.

JC: Achei que poderia tê-lo assassinado, ou poderia tê-lo matado acidentalmente, escondido o corpo e depois inventado a história do bosque. Era um cenário bastante improvável, mas não era de maneira nenhuma impossível. Pedimos ao psicólogo forense que visse as imagens da conferência de imprensa e que nos dissesse qual era a sua opinião sobre a Rachel Jenner.

FM: Então para além da publicidade negativa, ficou satisfeito com a reação à conferência de imprensa? Teve algum resultado positivo?

JC: Tivemos de facto algumas respostas positivas. Como disse tínhamos muita informação para gerir, mas assim que excluíssemos os

malucos, tínhamos esperança de obter algumas informações válidas, talvez um avistamento, talvez alguns nomes para acrescentar à lista de pessoas a entrevistar.

Ele fez-me ficar interessada. Para dizer a verdade, este caso na altura fascinou-me, tal como aconteceu a muitas outras pessoas. Devo ter revelado isso, o facto de estar muito interessada naquilo que está a dizer-me, porque está inclinado para a frente e faz-me a pergunta que quer realmente fazer.

JC: Quantas sessões acha que serão precisas para me liberar?

Tive de recuperar a minha expressão profissional.

FM: É impossível dizer ao certo. Só posso dizer que até agora tem feito bastantes progressos.

Volta a recostar-se, mas está agitado. O joelho direito move-se para cima e para baixo.

FM: Estou interessada no trabalho que o psicólogo forense estava a fazer. Pode falar-me mais sobre isso?

JC: Naquela altura ainda não tinha apresentado nenhum relatório escrito, mas a Fraser e eu já tínhamos falado com ele.

FM: E qual era a opinião dele?

JC: Era confusa.

FM: Pode descrever-ma?

JC: Não são coisas agradáveis.

FM: Estou interessada nisso. Não é assim tão diferente do que eu faço.

JC: A principal distinção que os especialistas que traçam perfis criminais fazem nos casos de rapto de crianças é entre raptos familiares e não familiares.

FM: Qual é mais provável?

JC: Em termos estatísticos, o rapto familiar, porque geralmente resulta de divórcios ou disposições de custódia que correram mal. Lemos muitas vezes histórias de crianças que são raptadas e levadas para o estrangeiro por um dos pais. Em raras ocasiões, um rapto familiar é perpetrado por um familiar próximo: um tio, ou talvez um padrasto, que tem um interesse sexual doentio pela criança, mas

nesses casos a vítima é normalmente uma menina.

FM: Presumo que esses casos sejam mais fáceis de resolver.

JC: Sem dúvida. O raptor que não pertence à família representa um desafio muito maior para nós. Se uma criança é raptada repentinamente, sem deixar rasto, o número de potenciais suspeitos pode ser muito vasto. Como é óbvio, investigamos toda a gente que conhecem, mas assim que excluímos essas pessoas, pode ser qualquer um. E o tempo está sempre contra nós.

FM: Isso deve tornar a vida dos pais num inferno.

JC: Não é coisa que se deseje a ninguém.

FM: Pois não. Há um termo que se utiliza para isso: «Sofrimento ambíguo.» Pode ser uma pena perpétua. É um sofrimento não resolvido. Pode ocorrer quando se tem um filho ou um membro da família com deficiência mental. Podemos chorar a pessoa que achamos que teriam sido se as coisas tivessem corrido de forma diferente. Essa pessoa está fisicamente presente mas psicologicamente ausente. Por outro lado, e é isto que acontece em casos de rapto, ou mais frequentemente em casos de divórcio, a criança ou a pessoa está psicologicamente presente mas fisicamente ausente. E em caso de rapto, os pais têm por acréscimo a incerteza de não saber se a criança está viva.

JC: Era o que queríamos evitar. Queríamos que aquela criança voltasse sã e salva. Estávamos à espera de receber por escrito os perfis traçados pelo psicólogo, mas ele disse à Fraser que estava mais inclinado para um caso de rapto não familiar, devido às circunstâncias do rapto.

FM: Porquê?

JC: Com base na idade e no sexo do Ben, era provável que se tratasse de um raptor solitário do sexo masculino com um motivo sexual, provavelmente agindo de forma oportunista.

FM: E como chegou ele a essa conclusão?

JC: Com base em casos anteriores, nas circunstâncias da vida do Ben e do seu desaparecimento. Aconselhou-nos a procurar um indivíduo estranho quando estivéssemos a entrevistar e a rever os

depoimentos.

FM: Estranho? Com certeza não precisavam que um especialista em traçar perfis criminais vos dissesse para procurar um indivíduo estranho?

JC: Não digo manifestamente estranho. Há sinais que devemos procurar. Muitas vezes têm uma ansia de controlo, talvez em relações sexuais, ou apenas nas suas vidas.

FM: O que deve ter assentado como uma luva no vosso suspeito mascarado?

JC: É verdade.

Descrever o seu trabalho deu-lhe uma energia que não tinha visto antes. Mudo de assunto, na esperança de que conserve este vigor ao falar sobre a sua vida pessoal.

FM: E a Emma?

JC: O que tem a Emma?

FM: Qual era a opinião dela?

JC: Para ser sincero, ainda não tínhamos tido oportunidade de falar devidamente. Mas ela estava a fazer o seu trabalho. A Fraser estava satisfeita com ela.

FM: Fico muito admirada por não terem conversado. Pelo que sei viviam juntos.

JC: Era difícil, depois do início do caso. Não temos um horário social. Quando chegamos a casa estamos tão cansados que só queremos dormir. Por vezes era mais fácil cada um dormir na sua casa. E às vezes a Emma era difícil de interpretar, sabia?

FM: Como?

JC: Não sei. Sabe como às vezes as pessoas ficam muito caladas, fecham-se um pouco em si próprias quando estão concentradas no trabalho?

FM: Sim.

JC: Ela é assim. Por isso quando queria ser mais reservada eu respeitava isso. E para ser sincero deixámos basicamente de ter tempo para a nossa relação depois do início do caso, porque nos ocupava a cem por cento. É assim.

FM: Acha que a Emma estava preparada para isso?

JC: Sem dúvida.

FM: Atribuiu-lhe uma grande responsabilidade, recomendando-a para o cargo.

JC: Já lhe disse, tinha confiança nela.

FM: Falaram sobre isso?

JC: Não ia ser paternalista. Isso seria incorreto. E ela não precisava.

Começa a bater com o pé no chão rapidamente, indicando que sabe que a sessão terminará dentro de poucos minutos.

FM: Uma última questão, antes de ir embora.

Ele ergue inquisitivamente uma sobrancelha.

FM: Achou que conseguiria distanciar-se devidamente do caso? A nível pessoal?

JC: Como?

FM: Devido à idade do Benedict Finch, à visita à escola dele. Ocasionalmente, ao ler o seu relatório, fico com a sensação de que ele o deixou um pouco abalado.

JC: Agi de forma profissional.

FM: Não estou a sugerir o contrário, nem por um segundo.

Ele fica a olhar para mim.

JC: Não é incorreto preocuparmo-nos.

FM: Este foi o seu primeiro caso em que uma criança estava envolvida, ou em perigo?

JC: Foi.

FM: Foi difícil?

JC: Foi difícil por termos de encontrá-lo. Era essa a nossa responsabilidade para com ele. Não tinha feito nada de mal. Era apenas uma criança. Mas isso não fez nenhuma diferença relativamente a tudo o que fiz.

FM: Acha que a sua reação ao caso pode ter sido influenciada pela morte relativamente recente do seu pai?

JC: O quê?

FM: Por vezes, quando perdemos um pai isso faz-nos refletir sobre

a nossa infância. É uma reação comum a uma perda parental. Isso pode tê-lo deixado mais vulnerável para se identificar com o Benedict Finch, e com aquilo que podia estar a acontecer-lhe?

Não responde. Parece incrédulo.

FM: Inspetor Clemo?

JC: Não. Não deixou. Está enganada. Estava a fazer o meu trabalho. Esta sessão não devia já ter terminado?

Apesar de haver um relógio perfeitamente visível na minha secretária, ele olha para o seu relógio. É óbvio que hoje não vai falar sobre o assunto.

DIA 4

QUARTA-FEIRA, 24 DE OUTUBRO DE 2012

«Os crimes contra crianças, sobretudo nos casos que envolvem rapto e homicídio, continuam a ser problemáticos enquanto fenómeno social e de responsabilidade judicial. Estes casos recebem habitualmente muita atenção da comunidade, meios de comunicação social e polícia, e podem rapidamente esgotar os recursos locais de investigação.»

Boudreaux M. C., Dutra R. L., Child Abduction: Age-based Analyses of Offender, Victim, and Offense Characteristics in 550 Cases of Alleged Child Disappearance⁷. *J Forensic Sci* 1999; 44(3): 539-553.

«Fiquem unidos na demanda para encontrar o vosso filho. Não deixem que a pressão da investigação afete a vida familiar. Quando as emoções estão à flor da pele, tenham cuidado para não descarregar ou atribuir culpas a terceiros. Não podemos esquecer que as pessoas lidam com as crises e o desgosto de maneiras diferentes, por isso não devemos julgar os outros por não reagirem ao desaparecimento como nós reagimos.»

When Your Child is Missing: A Family Survival Guide, pág. 63
(Missing Kids USA Parental Guide, Departamento de Justiça dos EUA, Relatório do OJJDP)

Rapto de crianças: Análise de base etária do raptor, vítima e características do crime em 550 casos de alegado desaparecimento de criança. (NT)

Email

Para: Corinne Fraser <fraserc@aspol.uk>

Cc: James Clemo <clemoj@aspol.uk>; Giles Martyn <martyng@aspol.uk>

De: Janie Green <greenj@aspol.uk>

24 de outubro de 2012 às 06:58

OPERAÇÃO HUCKLEBERRY — ANÁLISE DE IMPRENSA 24/10/12

Bom dia Corinne,

Lista da cobertura mediática da Operação Huckleberry abaixo. Só os jornais nacionais e regionais. Devido à vasta quantidade de material, ainda temos de verificar os conteúdos *online*, por isso envio-os mais tarde. Como habitualmente, «destaques» abaixo com *link* para as cópias em *scanner*.

Envio isto ao Superintendente Martyn a seu pedido. O material está a preocupá-lo e gostaria que nos reuníssemos hoje de manhã para discutir táticas. Ele e eu podemos às 10 ou 11?

Janie Green

Agente de Imprensa, Departamento Policial de Avon e Somerset

JORNAL THE SUN

FURIOSA

Sangue: Nas mãos

Raiva: Nos olhos

Golpe: Na testa

THE DAILY MIRROR

«SANGUE NAS MÃOS»

Mãe fotógrafa SOLITÁRIA diz no seu *website*: «gosto de trabalhar sozinha»

Vizinha diz: «nunca vi o Benedict»

THE DAILY MAIL

«TEREMOS DE PROCURAR MAIS?»

A resposta para o desaparecimento de Benedict Finch pode estar perto de casa?...

RACHEL

Tive um sono inquieto depois de pesquisar na Internet. As frases que lera repetiam-se vezes sem conta na minha cabeça. Quando acordei pelo que me parecia ser a centésima vez, o relógio *Stormtrooper* junto à cama mostrava que eram 4:47 da manhã. A roupa da cama do Ben estava enrolada à minha volta e eu sentia-me exausta e com frio. A Nicky estava a dormir no meu quarto, com a porta aberta. Não queria acordá-la. Desci silenciosamente as escadas sem acender nenhuma luz.

Encontrei o computador portátil dela em cima da mesa da cozinha. Abri-o e a luminescência do ecrã iluminou-me os dedos, pousados no teclado. Pedia-me uma palavra-passe. Observei o cursor a piscar enquanto tentava lembrar-me do que poderia ser. Sabia que não seria o nome de uma das filhas. Uma vez dera-me um sermão sobre a segurança das palavras-passe e o disparate que era usar o nome dos filhos ou de animais de estimação. Tentei «Rosedown», que era o nome da casa de campo onde crescemos. «Palavra-passe incorreta» foi a resposta do computador. Tentei «ruibarbocustard» — uma referência ao blogue da Nicky. Não resultou. Tinha mais uma tentativa, e nenhuma ideia sobre o que ia tentar. Num repente, por ser a minha palavra-passe apesar dos conselhos dela, e porque o meu cérebro exausto não conseguia lembrar-se de mais nada, tentei «Benedict».

Resultou. Recostei-me na cadeira, surpreendida, mas depois senti uma vaga de afeto pela Nicky: a minha irmã mandona era uma tia suficientemente orgulhosa para usar o nome do Ben como palavra-passe.

Agora que estava ligada, pesquisei «Desaparecimento Benedict Finch». Apareceram no ecrã notícias de várias fontes diferentes. A história explodira. Imagens minhas da conferência de imprensa surgiram junto à fotografia do Ben: a minha cabeça a sangrar, a minha palidez, a minha linguagem corporal e os olhos irados. Muitos dos títulos das notícias eram abertamente agressivos em relação a mim.

Mas não consegui evitar.

Cliquei no Facebook como uma traça atraída por uma lâmpada.

Havia centenas de comentários. O primeiro era de uma pessoa chamada Cathy Franklin. Estava a sorrir na fotografia de perfil, mas os olhos estavam escondidos atrás de grandes óculos escuros.

Cathy Franklin — A mãe fez-lhe alguma coisa é óbvio

Há 2 horas • Like

Stuart Weston — Polícia não devia deixar falar na conf se suspeitava dela

Há 2 horas • Like

Cathy Franklin — Stuart não é verdade já houve pessoas a chorar nas conf de imprensa que foram condenadas

Há cerca de uma hora • Like

Rich Jameson — Há pessoas que se incriminam assim talvez estejam a tentar apanhá-la. É inacreditável a quantidade de pessoas que já fez isto vejam em www.ondeestabenedictfinch.wordpress.com vão ficar surpreendidos.

Há 42 minutos • Like • 6

Escreva um comentário...

Cliquei no *link*. Tinha o coração aos pulos, a boca completamente seca.

A página apareceu instantaneamente:

PÁGINA DA INTERNET — www.ondeestabenedictfinch.wordpress.com

ONDE ESTÁ BENEDICT FINCH? Para os curiosos...

FACTOS

Publicado às 03:14 por LazyDonkey, quarta-feira, 24, 2012

Benedict Finch desapareceu às 15:30 no domingo, 21 de outubro.

A última pessoa que o viu foi a mãe.

Ela deixou-o sozinho.

E nunca mais voltou a vê-lo.

Ontem, apareceu numa conferência de imprensa pedindo ajuda para encontrar o Ben.

Este blogue pretende evidenciar algumas coisas que aconteceram no passado.

CASOS

Ian Huntley

Este homem apareceu na televisão pouco depois do desaparecimento de Holly Wells e Jessica Chapman. Mais tarde, foi condenado pelo homicídio de ambas. Foi a última pessoa que as viu com vida.

Shannon Matthews

A mãe de Shannon apareceu na televisão em várias ocasiões após o desaparecimento da filha. Mais tarde, foi condenada por raptá-la.

Tracie Andrews

Esta mulher apareceu numa conferência de imprensa transmitida na televisão pedindo ajuda para encontrar o assassino do noivo. Atribuiu a culpa a um acidente de viação provocado por condução negligente. Mais tarde, foi condenada por ter ela própria sido autora do homicídio.

O que nos dizem estas coisas?

Dizem-nos que nada é o que parece.

Comentários

54 pessoas estão a falar sobre esta publicação com 94 comentários

Cathy_07926

Estou muito incomodada com o que li aqui. Devíamos todos parar de perseguir a mãe. Alguém já ouviu falar de inocente até prova em contrário?

Jen loves cookies

Cathy concordo consigo. Enquanto ser humano que vive e respira queria estender a mão à Rachel e ao Ben e ao pai dele para que saibam que há pessoas a rezar por eles e pelo menino. Fiquei acordada toda a noite a pensar neles. O que aquela família deve estar a sofrer.

SelinaY

OMG basta olhar para aquela mãe para saber que deve ter feito alguma coisa. Para mim é culpada até prova em contrário, tenham juízo pessoal, senão como é que vamos impedir esses nojentos de fazer mal às nossas crianças.

Mountain biker

Porque é que a mãe deixou o filho ir assim sozinho a correr? Estava a pedi-las. E o pai?

JuliaPeachy

O pai é médico. Salvou a vida da minha menina. Desta vez o meu coração está com ele.

JohnDoe

Uma criança a correr sozinha pelo bosque? A sério? Ela queria que lhe acontecesse alguma coisa? É um pesadelo.

Joker_864

As árvores caminham. As trepadeiras enrolam-se à volta dos pés. Os ramos erguem-nos e levam-nos para longe. Os pardais são presas para aves de maior porte.

RichNix

Não queria que ela fosse minha mãe. Assustou-me.

Cloud99

Não devia ter filhos. O que ela fez foi repugnante. Só percebemos como as pessoas são estúpidas quando lemos estas histórias. Uma criança é uma dádiva. Eu não deixava os meus filhos andarem por aí a correr sozinhos ela não sabe quais são os perigos.

HouseProud

Tenho pena do Benedict Finch por ter uma mãe assim espero que o pai possa ficar com ele depois disto.

Forever twenty-one

Tenho quatro filhos e gostava que as pessoas parassem de especular e começassem a rezar por aquele menino.

Rational_Dawn_to_Dusk

A especulação é uma droga. Alimenta a nossa sociedade.

Happyinmydressinggown

As pessoas não deviam ficar sentadas em frente ao ecrã deviam sair e ajudar a procurar este menino. A polícia devia dar-nos mais informações. Independentemente do que a mãe fez devemos rezar a Deus para que proteja este pobre menino onde quer que ele esteja.

Subitamente, a luz da cozinha acendeu-se. Nicky estava de pé à porta. Parecia desalinhada e sonolenta de camisa de noite.

— O que estás a fazer?

Indiquei o computador portátil com um gesto.

— Quem escreveria uma coisa destas? Sabes o que estão a dizer?

Ela lançou um olhar rápido, e fechou o computador.

— Não vejas! Não debes ver. Não vale a pena. São pessoas doentes que se servem do Ben para se evidenciarem. É grotesco. São abutres. Promete-me que não voltas a ver. Promete-me!

— Não são só as pessoas. Também são os jornais.

— Promete-me que não voltas a ver!

Prometi, mas depois fiquei com as mãos a tremer durante muito tempo.

JIM

Falei com a Emma antes de ir para o trabalho, um telefonema rápido porque não a vira na noite anterior.

Ela atendeu logo o telefone:

— Olá, como estás? — Mas eu ouvi a fadiga na sua voz arrastada e bocejou copiosamente.

— Estou bem. E tu? Dormiste bem?

— O que achas?

— Acho que deves ter passado metade da noite acordada como eu.

— Fiquei.

— Estás bem?

— Já sobrevivi com menos.

— Toda a gente que está na investigação vai sentir.

— Eu sei.

Tinha uma voz monocórdica, e isso não me agradava, porque não costumava deixar-se afetar pelas coisas. Queria animá-la.

— Mas é para isso que trabalhamos, não é? Um caso como este.

— Pois é, tens razão. Isto é, se obtivermos algum resultado.

Abafoi mais um bocejo, pediu desculpa, e depois voltou a um tom mais semelhante à sua eficiência habitual, como se de repente se apercebesse de como parecia desanimada.

— Fiquei preocupada contigo ontem — disse ela.

— Porquê?

— Por causa da conferência de imprensa, com a Rachel Jenner descontrolada e todo o país a ver? Não sejas bronco.

Não queria responder a essa pergunta.

— Estou bem.

— Tens a certeza?

— Se digo que tenho a certeza é porque tenho a certeza.

— Está bem. Ótimo. Desculpa, acho que ainda não estou completamente acordada. Acordei tarde. Não queria aborrecer-te. Posso telefonar-te daqui a alguns minutos, quando estiver pronta?

— Já vou a caminho, vou literalmente sair pela porta, por isso vemo-nos na reunião.

— Está bem, vemo-nos na reunião. Prometo que nessa altura já vou estar recuperada.

Despedimo-nos, de forma bastante afetuosa, mas acabei o telefonema sentindo-me um pouco enganado, porque a conversa não me tinha deixado animado como pensava.

No trabalho, a nossa prioridade para aquela manhã era falar com o membro do grupo de mascarados que já tinha causado algumas dificuldades ao par de detetives que foi entrevistá-lo. Logo de manhã verificámos que havia antecedentes, nada mais nada menos do que exibicionismo, o que implicava que tinha entrado diretamente para o topo da nossa lista de entrevistas.

A inspetora chefe Fraser manteve-se firme, insistindo que queria ser ela própria a falar com ele.

— Acho que devemos falar com este doido em casa dele, Jim — disse ela. — Mas não vamos marcar uma entrevista, hein? Vamos fazer-lhe uma surpresa.

Já há muito tempo que não ia fazer uma entrevista acompanhado por um agente de cargo superior, e tentei afastar a ideia de que ela queria manter-me debaixo de olho depois do fiasco da conferência de imprensa. O mais provável, esperava eu, é que ela fizesse jus à sua reputação de gostar de se manter em contacto com as raízes da sua investigação. Pedi ao Woodley que viesse também.

Fomos num carro normal. Fui a conduzir e a Fraser examinou o rádio, com os óculos a meio do nariz. O Woodley sentou-se no banco de trás, mas ocupou o lugar do meio, inclinando-se para a frente cada vez que a Fraser dizia alguma coisa.

Fraser perguntou:

— Viste o *email* do Gabinete de Imprensa hoje de manhã?

— Vi. Bastante violento.

— Realmente. Vou reunir-me com o Superintendente Martyn por causa desse assunto e ele não vai estar nada satisfeito com isso.

O superintendente Martyn era o agente que coordenava este caso, e era o superior da Fraser. Ele nunca estava satisfeito. Esperei que ela dissesse mais alguma coisa, mas ligou o rádio.

— O que gostas de ouvir, Jim? — perguntou.

— Normalmente desporto no *Five Live*, Chefe — disse eu. — Ou a Rádio Bristol.

— São escolhas muito banais — disse ela. — E que tal um pouco de cultura? Já ouviste falar de cultura, Detetive Woodley?

— Costumava pôr o gravador a tocar na escola — disse ele.

Olhei pelo espelho retrovisor; ele tinha uma expressão neutra, era difícil perceber se estava a gozar. A Fraser parecia divertida. Sintonizou uma estação de música clássica, aumentando o som.

— Achei que gostava de ouvir as notícias na Rádio 4, Chefe — disse eu.

— Não, não. Há um risco demasiado grande de ouvirmos um dos nossos colegas da Scotland Yard a crucificar-se a si próprio e a todo o corpo policial na Rádio 4. Gosto de evitar isso quando posso.

Encostou a cabeça para trás no assento e quando olhei ao parar no semáforo, tinha os olhos fechados.

Chegámos à morada às 9 horas. O nosso homem vivia numa cave, numa rua suja em Cotham. Ao que parecia, a rua era sobretudo composta por apartamentos de estudantes, que tinham sido acrescentados a altos edifícios vitorianos em banda, de fachadas planas. As fachadas de pedra ao estilo de Bath provavelmente já tinham sido belas outrora, mas estavam sujas e rachadas em alguns sítios. Nem um único edifício parecia estar bem cuidado. Os caixotes do lixo cobriam literalmente os passeios ou estavam reunidos em áreas minúsculas que davam para a rua. A maioria deles regurgitava sacos de lixo pretos cheios a rebentar. Em frente à casa do nosso homem, um caixote do lixo para resíduos orgânicos fora derrubado, depositando o seu conteúdo asqueroso à porta.

— Então não há orgulho no lar — disse a Fraser, evitando cuidadosamente pisar o lixo com um par de sapatinhos de salto alto.

Tivemos de tocar repetidamente à campainha até que alguém

atendesse. O nosso homem acabou por nos deixar entrar pela porta comum e ficámos no corredor à espera que ele aparecesse. A Fraser examinou a correspondência despejada numa mesa comunitária. O chão estava coberto por panfletos de restaurantes de *take away*, e estes, juntamente com os sapatos e o batom da Fraser, eram as únicas fontes de cor no espaço pardacento. A luz tinha um temporizador e apagou-se mesmo quando ele entreabriu a porta da cave.

— Edward Fount? — perguntou a Fraser.

Ele assentiu. A Fraser apresentou-nos. Mostrámos os distintivos e ele semicerrou os olhos perante cada um deles à vez. Era um homem franzino, de pele muito pálida e cabelos tão negros que deviam ser pintados. Caiam-lhe em madeixas oleosas à volta do rosto, dando-lhe um aspeto feminino.

Aparentemente vivia sozinho. Tinha apenas três divisões: o quarto, um corredor que fazia de cozinha, e um quarto que devia servir de casa de banho a avaliar pelo cheiro que de lá vinha.

— Não gostam dele — disse-nos a Fraser, ao Woodley e a mim, antes de sairmos. — Os organizadores dos encontros de fantasia, aqueles com quem falámos, desconfiam deste rapaz. É um membro recente, e não o conhecem bem. E ainda por cima, ninguém o viu sair do bosque no domingo. Alguns dizem que não cumpre as regras, o que aparentemente é um pecado capital nas encenações. Alguns queixaram-se que também é sujo.

Era sujo. O odor corporal dele era intenso mesmo antes de entrarmos para o seu quarto esqualido, que tinha apenas uma janelinha através da qual se via uma pequena secção do pátio: só betão e as carcaças invernosas de plantas budleias espontâneas.

A cama era de solteiro, com lençóis que provavelmente nunca visitaram uma lavandaria. Uma secretária, toscamente construída a partir de pedaços de MDF, era a peça central do quarto. Tinha um computador, e um suporte poeirento para *iPod*, onde estava colocado o telemóvel. Havia música a tocar: parecia celta, com letra em alemão. Não era *mainstream*. As paredes estavam cobertas de cartazes e arte

representando mundos de fantasia sombrios e sangrentos.

Edward Fount estava sentado num dos lados da cama, sem medo de nos observar intensamente por trás da franja. Fraser sentou-se na cadeira do computador, ajustando-a para se inclinar antes de se instalar nela, traçando as pernas. Vi os olhos do Fount percorrerem-lhe a barriga das pernas e demorarem-se nos sapatos, que eram castanhos-avermelhados-escuros, de couro genuíno. O Woodley e eu encostámo-nos à parede, de pé. Havia apenas poucos metros a separar-nos.

— Aquela janela abre-se? — disse a Fraser.

Fount abanou a cabeça.

— Foi fechada com tinta. Não importa, aqui em baixo está sempre frio.

— Precisa de ventilação — disse ela —, senão vai ficar doente.

— Tomo vitaminas — disse ele. Com um gesto débil indicou um tubo de pastilhas de vitamina C em cima da secretária, ao lado de um tabuleiro de plástico deformado contendo os restos de uma refeição de micro-ondas.

— Faz muito bem — disse a Fraser. — É importante cuidarmos bem de nós.

Fount assentiu.

— Sobretudo — prosseguiu —, quando se anda a travar batalhas todos os fins de semana. Não é?

— Não é todos os fins de semana — disse ele. — É uma vez por mês. E nem sempre é uma batalha. É uma narrativa, uma história que encenamos.

— *Narrativa* é uma palavra muito elaborada, Senhor Fount, e *encenação* também. Estou impressionada. Então diga-me lá, qual é o seu personagem nestas «narrativas»? Pelo que sei, todos criam os seus papéis, não é verdade?

— Sou um Assassino — disse ele. Sabia que agora ela estava a troçar dele, não havia o menor sinal de estupidez naqueles olhos furtivos, mas mesmo assim não conseguiu disfarçar o orgulho nas palavras.

— Pois. E o papel de Assassino é um papel importante no jogo?

— Muito. É muito, muito importante. Os assassinos escondem-se nas sombras, ficam à espreita, esperam, sabem segredos.

— Ai sabem?

Ele assentiu, de queixo erguido, tentando mostrar confiança.

— E um Assassino tem muito poder? — A voz dela demorou-se nas sibilantes, em tom trocista.

— Tem.

— Um Assassino estaria à altura de se defrontar com um homem grande, digamos, como aqui o Detetive Clemo?

— Os Assassinos têm os seus métodos. Não têm medo de ninguém e todos os receiam.

— Muito inteligente. Bom para si. Já agora, não tem curiosidade de saber porque estamos aqui?

— É por causa do rapaz que desapareceu?

— Você mostrou uma falta de interesse notável. Porquê?

— Não me diz respeito. Não vi nada.

— Então o que aconteceu ao Benedict Finch não é um dos seus segredos?

— Nunca revelo os meus segredos.

— Então porquê?

— Porque são segredos.

Riu-se, num som breve e agudo, como um peixe fora de água.

— Ou talvez seja porque tem vergonha deles? Tem uma condenação anterior por exibicionismo, não tem? Percebo porque gostaria de manter isso bem escondido, ou deveria antes dizer bem tapado pela sua capa de Assassino? Talvez seja uma decisão sensata.

— Nunca fiz isso.

— Não foi isso que disseram duas meninas que estavam a tentar jogar uma bela partida de ténis. Que idade acha que tinham? Eu digo-lhe. Tinha onze anos, e a bela partida de ténis delas foi interrompida por si quando enfiou o pirilau diminuto pela rede à volta do campo, não foi?

— Não foi isso que aconteceu. Juro.

Fraser inclinou-se para a frente, fixando o olhar em Fount.

— Viu o Benedict Finch nos bosques no domingo à tarde?

Fount arrastou o traseiro pela cama até ficar sentado com as costas encostadas à parede. Tinha uma maçã de Adão proeminente e pelos encravados inflamados na linha do maxilar. Não disse nada, mas tinha um ar desafiador.

— Então? — perguntou Fraser. — Viu o Benedict Finch no bosque no domingo à tarde? — Não desviou o olhar dele.

Fount cruzou os braços.

— Só respondo perante as autoridades do meu reino — disse.

Fraser soltou um riso abafado.

— Tem três autoridades aqui no quarto consigo, não lhe chega?

— Só respondo perante as autoridades do meu reino.

— Então, é assim: como regressou a casa no domingo? Ninguém o viu depois das três horas.

— Não está a perceber. Habito no Reino de Isthcar. Só reconheço as autoridades isthcarianas. Os Assassinos respondem apenas perante os Cavaleiros de Isthcar, os Guardiães do Martelo de Hisuth.

— O quê? Mas que disparate é esse? Você responde-nos a nós. Deixe-me dizer-lhe uma coisa, é bom que cresça, meu rapaz, e é bom que cresça depressa. Estamos a investigar o desaparecimento de uma criança. Há dois factos que não podemos ignorar: você estava lá, e você tem uma condenação anterior.

Ficou a fitá-lo até ele baixar os olhos. Começou a puxar os fios de um buraco no joelho das calças de ganga.

— Pode dizer-nos alguma coisa sobre o que viu? — perguntei, inserindo as palavras com cuidado no pântano que estava a formar-se, apesar de me apetecer apertar-lhe o pescoço escanzelado. — Seria muito útil.

Fount retraiu-se. Não ia falar.

— Se vier a descobrir mais tarde que sabia alguma coisa que pudesse ajudar na investigação e que não quer dizer-nos, vai pagar por isso — disse Fraser. Levantou-se. — Não tenha dúvidas. Pronto, terminámos por agora, mas o nosso assunto consigo está longe de

estar encerrado.

— Podem sair sozinhos — disse Fount, nas costas de Fraser. Havia um vislumbre de sorriso trocista no rosto dele. Parámos ao fundo das escadas quando percebemos que o Woodley não estava atrás de nós. Tinha ficado à espera à porta do quarto.

— Itchcar — disse a Fount. — Não é uma tribo antiga? Da mitologia nórdica?

— A melhor tribo — disse Fount. — A mais nobre.

— Parece fascinante. O jogo é muito complexo? — Woodley parecia impressionado.

— Para jogar devidamente, temos de compreender muitas coisas.

— Fantástico — disse Woodley. Disse-o de forma simples, num tom ligeiro. — Talvez voltemos a ver-nos. — Acenou a Fount, num gesto de homem para homem.

— Adeus — disse-lhe Fount.

— Mas que traste — disse Fraser. — Conhecer trastes destes é que me faz desejar voltar para a minha secretária.

Sabia que isso não era verdade. Por muito alto que tivesse subido, no fundo era uma polícia de rua a cem por cento.

Estávamos no carro. O Woodley e eu apertámos os cintos de segurança, estávamos prontos para ir embora; Fraser estava a demorar alguns momentos para descarregar a sua raiva.

— Aposto que ainda gostava de mamar no peito da mãe. O que acham?

— Acho que temos de ser cautelosos. Ele é quase um cliché absoluto, parece demasiado perfeito. Jovem, solteiro, sexo masculino, tudo isso. Mas acho que temos de ter cuidado para não tirar ilações acerca dele.

Ela ignorou-me.

— Sabes tão bem como eu que quando existe um cliché normalmente há uma boa razão para isso. Meu Deus! Aquele trastezinho causou-me uma dor de cabeça com aquele apartamento reles e a ideologia egocêntrica e presunçosa de capa e espada. Tem

de sair da caixa de areia e entrar no mundo real. Cavaleiros de Istharr, mas que importa isso na realidade?

Suspirou. Parecia cansada. Estava a fazer horas extraordinárias naquela semana, como toda a gente.

— Calculo que seja para variar, quando não está a pedir um advogado. Acho que tenho alguma coisa no olho, tenho alguma coisa no olho? — Fraser puxou o espelho para baixo e afastou a pálpebra.

— Não me parece que tenha sido ele — disse eu.

Ela voltou a colocar o espelho para cima num gesto brusco.

— Porque dizes isso?

— Concordo que ele é o suspeito perfeito, mas ali dentro não conseguia tirar os olhos das suas pernas, e... — senti-me subitamente tímido.

— ... e de quê Detetive Clemo?

— Dos seus sapatos, dos seus sapatos vermelhos.

— Oh, pois. Bem, por uns segundos achei que ia dizer outra coisa.

O Woodley soltou um riso abafado do banco de trás e em seguida tentou transformá-lo em tosse.

— Então aonde queres chegar Jim?

— Se alguém está interessado em crianças, normalmente não está interessado em mulheres, sobretudo de forma fetichista. Não conseguia tirar os olhos dos sapatos vermelhos. Eu estive a observá-lo.

— Mesmo assim quero que o levem para a esquadra. Não podemos excluí-lo só porque esteve a olhar para os meus sapatos. Sabes isso tão bem como eu. Woodley, vi o que fizeste no fim. Muito inteligente. Quando o levarmos para a esquadra, quero que o entrevistes e que chegues bem ao fundo da sua cabecinha perversa, dê por onde der.

— Sim, minha senhora — ouvia o som de um sorriso rasgado na voz do Woodley.

— Não sou a tua «senhora» — disse ela. — «Chefe» basta. Bem, vamos lá, Jim, de que estamos à espera?

RACHEL

A meio da manhã a Nicky anunciou:

— Falei com o John. Ele quer que nós vamos a casa dele para podermos decidir juntos o *design* de um panfleto a anunciar o desaparecimento, e imprimir algumas cópias. Tem uma impressora a laser.

Nunca tinha ido à casa nova do John e da Katrina. Pelo menos nunca tinha passado da porta. Já tinha passado bastante tempo à espera de pé na gravilha quando ia deixar o Ben para passar lá o fim de semana.

— A Katrina vai estar lá?

— Acho que sim, mas nesta altura penso que tens de encará-la como mais um par de mãos. Ela quer ajudar e nós precisamos de toda a ajuda possível.

Lembrei-me do blogue e dos comentários que lera de manhã.

— Qualquer porto de abrigo serve numa tempestade?

— Exatamente! — disse ela, e sorriu um pouco.

A Nicky ficou satisfeita quando eu disse aquilo porque era o que a nossa tia Esther costumava dizer. «Vocês estavam no meio de uma tempestade», dizia quando discutíamos as circunstâncias que nos levaram a viver com ela. «Uma tempestade terrível, e eu fui o vosso porto de abrigo.»

— Um refúgio — diria a Nicky, e Esther concordaria.

A Esther acolheu-nos após a morte dos nossos pais. Era a irmã muito mais velha da nossa mãe. Levou-nos imediatamente para sua casa após o acidente que matou os nossos pais e depois disso nunca mais de lá saímos. Protegeu-nos dos mexericos, que por vezes pairavam à nossa volta como uma nuvem de moscas a picar-nos. Deu-nos a hipótese de termos uma infância, ou pelo menos a sua versão de infância.

Não foi uma educação comum, porque a Esther era uma solteirona,

que sempre vivera sozinha e lecionava literatura inglesa do décimo segundo ano aos filhos dos habitantes locais mais abastados num pequeno colégio privado. Também jogava *bridge* e tinha uma paixão pelo cultivo de rosas. Sabia inúmeros poemas de cor. Usava saias pelo joelho e sapatos rasos, com casacos de malha simples, e tinha cabelos brancos curtos esvoaçantes que prendia com ganchos. Guardava garrafas de leite de tampa dourada no frigorífico, que as aves furavam invariavelmente antes de ela as levar para casa de manhã, por isso todas as tampas tinham buracos quando chegavam à mesa do pequeno-almoço.

Não me parece que a Esther fosse uma figura naturalmente maternal. Não estava habituada a crianças pequenas, à exceção da visita anual que fazia sempre à nossa família antes da morte dos nossos pais, por isso quando a Nicky e eu chegámos subitamente à vida dela tratou-nos como adultas em miniatura, e partilhou connosco as suas paixões. Rodeou-nos de arte, música e livros, indicou-nos a possibilidade de haver beleza na vida. A Nicky bebeu tudo isto como se fosse néctar, caindo agradecida nos braços da Esther.

Eu era diferente. Durante a infância senti-me sempre o bebé que era ao chegar, uma espécie de apêndice na vida delas, demasiado pequena para compreender bem as coisas, sempre na cama quando tinham conversas sérias. Era irónico, visto que nunca conheci a nossa mãe nem o nosso pai, que fosse eu a ter mais dificuldades em aceitar a Esther no seu papel de *in loco parentis*, enquanto a Nicky, que tinha nove anos quando chegámos, não saía de ao pé dela.

Em adolescente pensava cruelmente que a Esther era antiquada, convencional, pertencente a outra época, mais como os avós das outras pessoas do que como os seus pais. Rejeitei as suas dádivas amáveis de cultura e saber porque não me entusiasmaram de imediato, nem me indicaram claramente um sentido ou um propósito. Isso surgiu mais tarde, com a fotografia, quando me sentei ao lado do John na sala de concertos de St. George e me apaixonei por ele e pela música clássica, e depois lamentei nunca lhe ter agradecido pelo que fez por nós antes de falecer.

Como as coisas nem sempre foram fáceis enquanto estávamos a crescer, a Nicky ficava sempre satisfeita quando eu dizia uma palavra simpática sobre a Esther. Ficava imensamente satisfeita.

Aceitei ir a casa do John. A Laura veio tomar conta da casa porque eu ainda não conseguia deixá-la vazia. Para prevenir. A Nicky e eu tivemos de abrir caminho por entre os jornalistas para chegar ao carro da Nicky. Empurraram-nos, gritaram-nos perguntas. Ignorámo-los, mas as perguntas magoavam. Eram agressivas e acusadoras. Alguns fotógrafos correram ao lado do carro quando arrancámos, com as lentes coladas às janelas, fotografando os nossos rostos brancos e assustados.

A casa do John e da Katrina ficava a apenas dez minutos de distância, numa rua suburbana sossegada onde todos tinham via de acesso com dois carros estacionados ao fim de semana. Era uma casa geminada, estilo *art deco*, pintada de branco, com longas janelas lineares na fachada, que normalmente deixavam ver a sala e o escritório. Quando chegámos as cortinas estavam corridas em ambas as divisões, e havia jornalistas encostados à parede como adolescentes numa paragem de autocarro. Levantaram-se de um salto assim que nos viram.

O John abriu a porta e mandou-nos entrar rapidamente. Parecia desmazelado, e tinha a barba por fazer.

— Para a cozinha — disse.

— John — disse eu, antes de sairmos do corredor. — Lamento muito o que sucedeu na conferência de imprensa, lamento tanto, tanto. Não queria...

— Não faz mal — disse ele. — Pelo menos não te limitaste a chorar como um bebé.

Não me tinha ocorrido que o John se recriminasse pelo seu comportamento. Achava que o meu tinha sido muito pior.

— Não tenhas vergonha — disse, mas ele já ia a caminho da cozinha.

Antes de ir ter com ele, não consegui evitar reparar no chão em

parquet do corredor, e lembrei-me do que o Ben dissera sobre ele:

— Há um chão lustroso, mas não me deixam deslizar nele.

A Katrina estava de pé na cozinha junto a uma mesa redonda. Como o John, tinha um ar fatigado e um pouco descuidado. Vestia calças de ganga, uma *T-shirt* com um casaco de malha por cima. Parecia muito jovem. Olhou para o John como se estivesse à espera que ele fizesse de anfitrião, mas como não fez, perguntou:

— Querem alguma coisa? Um café? Ou água? Ou chá?

Era incómodo estar em casa deles, não posso negá-lo, mas juntos fizemos um panfleto, e de certa forma foi um alívio ter qualquer coisa construtiva em que nos concentrarmos.

A fotografia do Ben estava em destaque no nosso *design*, bem como o número de telefone de contacto. A palavra DESAPARECEU estava escrita no topo da página. A ideia era imprimirmos cem cópias logo ali, e a Katrina disse que ia mandar fazer mais no centro de cópias ali perto. Ela e a Nicky falaram sobre como e onde as distribuiriam.

Quando terminámos, a Nicky disse:

— John, Katrina, posso fazer-vos uma pergunta, algum de vocês se lembra de alguém que possa ter feito isto? Seja quem for?

A resposta do John foi brusca:

— Já disse à polícia tudo o que me veio à cabeça.

— Tens a certeza de que não te lembras de nada de estranho, pessoas que se comportaram de uma forma estranha ao pé dele, ou algo semelhante?

A Katrina disse:

— Já andámos às voltas a falar sobre isto, não foi John?

Ele tinha os cotovelos apoiados na mesa, com as palmas viradas para o tampo. Era quase uma posição de rendição. Acenou com a cabeça.

— É verdade — disse. — E não consigo lembrar-me de nada. — Tinha os olhos tão raiados de sangue que parecia doloroso.

— É o auxiliar de educação que me levanta dúvidas — disse a

Katrina.

— Só começou neste período — disse eu. — Não sei nada sobre ele.

— Precisamente — disse a Katrina. — É isso que me intriga. Não sabemos quem ele é. É um desconhecido.

— Já falaste com ele? — perguntei ao John.

— Não. E tu?

— Nunca, ele nunca está no recreio.

O John encolheu os ombros.

— A polícia vai falar com toda a gente — disse. — Garantiram-me isso. Não sei o que podemos fazer.

— Lembra-se de mais alguém? — perguntou a Nicky.

O John já estava farto.

— Achas que não passei cada segundo de cada dia a pensar nisso? Não consigo lembrar-me de mais nada que possa ajudar. Quem me dera lembrar-me!

Bateu com a palma da mão na mesa, fazendo-a estremecer.

— Claro — disse a Nicky. — Desculpa.

No silêncio que se seguiu, a Katrina levantou-se e começou a lavar as canecas. Olhei em volta, observando a casa nova do John. A cozinha era branca e reluzente, com a superfície de granito imaculada. O único sinal de desordem era um grande quadro para afixar mensagens, coberto de coisas. Levantei-me e fui observá-lo, atraída por uma imagem em particular. Era um desenho, feito pelo Ben.

O desenho representava três adultos e uma criança. Cada pessoa tinha o nome por baixo: Mamã, John, Katrina e Ben. Estávamos todos equidistantes. O Ben estava entre mim e o John. «A minha família», escrevera ele por cima e havia um sorriso em cada um dos rostos.

E nesse instante apercebi-me de que o Ben conseguira fazer o que eu não fizera, o que eu não conseguia fazer: tinha seguido em frente. Comecei a chorar.

Senti um braço à volta dos ombros. Era a Katrina, e o que disse a seguir fez-me verificar pela primeira vez de que tinha coração, e sentimentos próprios.

— Queres ver o quarto dele? — perguntou-me.

— Quero.

Levou-me lá para cima. No patamar, a primeira porta que apareceu tinha três letras de madeira coloridas que formavam: «BEN». Abriu-a e eu entrei.

— Demora o tempo que quiseres — disse. Voltou lá para baixo.

O quarto estava muito bem decorado. Era leve e fresco, com paredes de cor pálida e lençóis às riscas. A cama estava feita com cuidado. O edredão fora esticado e entalado, e alguém colocara cuidadosamente três ou quatro peluches junto às almofadas, que eram fofas e convidativas.

Nas paredes estavam penduradas duas capas de livros do Tintim emolduradas, os preferidos do Ben, e um cartaz do Minecraft. Havia uma secretária infantil ao canto, com uma resma de papel, um recipiente cheio de canetas e lápis de cor e um candeeiro vermelho-vivo em forma de elefante. Um desenho inacabado estava ali à espera de ser completado, junto ao *iPad* que o John me oferecera no dia antes de sair de casa, mas que acabou por pertencer ao Ben. Não tinha conseguido negar-lhe isso, na ausência do pai, e ele deixava-o muitas vezes em casa do John e da Katrina, para não ter de negociar com eles a utilização do computador, visto que só havia um em casa.

Um grande tapete cobria o chão, com uma pista para um comboio elétrico e uma locomotiva com três carruagens, prontas a partir. Havia um *abat-jour* em forma de lua pendurado a meio do quarto e, cuidadosamente suspensos num fio, dele pendiam três aviões de papel artesanais.

Fiquei sentada na cama durante muito tempo, até o John aparecer à porta.

— O quarto é lindo. — Queria que ele soubesse isso.

— A Katrina planeou tudo com o Ben e foi ela que o pintou.

Não havia censura na voz dele, apesar de ter esse direito, apenas uma terrível tristeza.

Vi que a criação daquele quarto exigiu um cuidado e atenção extraordinários. Foi doloroso para mim ouvir que a Katrina tinha feito

todo o trabalho, mas não tão doloroso como o facto de o Ben nunca o ter descrito.

— É maravilhoso — disse eu, e de repente vi como agarrara em tudo o que o Ben me dissera sobre a sua vida em casa do pai e o distorcera numa forma sórdida e triste.

Nada de deslizar no chão significava que o Ben não podia brincar, e havia mais. Cada vez que o Ben vinha para aqui, eu ficava em casa a ruminar, e depois questionava-o, tentando extorquir informações que podia usar para formar uma imagem negativa do casamento deles, e sobretudo da Katrina. Nunca aceitei o facto de que o Ben pudesse ser feliz aqui, que o John e a Katrina pudessem esforçar-se para lhe dar um ambiente agradável, que na verdade ela o recebera de braços abertos.

Transformei tudo o que o meu filho me dizia em algo desagradável ou triste, até ele simplesmente deixar de me contar alguma coisa. Era uma criança sensível. Sabia o que me perturbava.

— Lamento tanto — disse ao John, e ele disse:

— Eu também.

Ouvi na voz dele a mesma autorrecreinação que me acompanhava.

— Estou sempre a pensar em como deve estar assustado sem nós — disse eu.

— Ele até sente a tua falta quando está aqui, por isso só Deus sabe como deve sentir-se.

— Achas que sabe que andamos à procura dele?

— Tenho a certeza de que sim.

Eram palavras tranquilizadoras, mas os olhos do John contavam uma história diferente. Li neles um desespero tão profundo quanto o meu, e isso assustava-me ainda mais.

Quando chegámos a casa, a Nicky e eu decidimos estacionar o carro noutra rua para ver se podíamos ir para casa pela viela das traseiras, evitando o grupo de jornalistas. Era uma passagem estreita, estreita de mais para um carro, ocupada maioritariamente por caixotes do lixo e raposas. Separava os nossos jardins dos lotes posteriores.

Dava acesso direto ao meu estúdio do jardim, onde trabalhava nas minhas fotografias. Depois de entrarmos no estúdio bastava atravessar alguns metros de jardim e entrar em casa. O jardim não era grande. Havia apenas espaço suficiente para uma pequena baliza de futebol e um suporte de *Swingball*.

O nosso esquema surtiu efeito porque os jornalistas não se deram ao trabalho de acampar ali. Enquanto caminhávamos pela lama, evitando as poças, vimo-lo pela primeira vez. No painel da vedação em frente à porta do estúdio, alguém tinha usado uma lata de tinta em *spray*. Em letras laranja flamejante, fluorescentes como néon em contraste com os painéis de madeira acinzentados, escorrendo em alguns sítios por estar tão fresca, foram traçadas duas palavras em *spray*: «MÁ MÃE».

Quando me deixei cair para o chão de pedra ensopado em frente ao painel da vedação vandalizada, com a terra nas mãos e nos joelhos, a Nicky ajoelhou-se junto a mim e fez-me levantar. Levou-me para casa e telefonou à detetive Zhang.

— Quem seria capaz de fazer uma coisa destas? — perguntei à Nicky, mas ela limitou-se a abanar a cabeça, e a erguer as mãos num gesto como a dizer «Sabe-se lá?».

Extravasou: o medo, a raiva, a frustração e também a terrível impotência que sentia. Estava a ser perseguida. Era uma questão pessoal, e era aterrador. E não era apenas no ciberespaço; viera fazer-me uma visita a casa.

Alguma da minha raiva era dirigida a mim própria, por causa da Katrina, por ter interpretado tão mal a relação dela com o John, por ter sido tão amarga e estúpida que obriguei o Ben a mentir-me. Aos oito anos de idade, senti que tinha de proteger-me do facto de eles viverem bem juntos, de eles cuidarem bem dele.

Mas a minha raiva dirigia-se sobretudo a quem tinha pintado aquela palavra, porque fez-me sentir muito, muito assustada.

Na minha cozinha, em frente à Nicky, atirei um prato que se estilhaçou em mil pedaços contra a parede. Seguiu-se outro, e depois uma caneca, alguns talheres. Atirei tudo com quanta força tinha, e

depois procurei mais coisas para atirar.

— Não faça isso! — gritou a Nicky. — Não faça isso. Por favor!

Ela agarrou-me. Imobilizou-me, segurando-me nos antebraços. Fez-me sentar numa das cadeiras da cozinha e ajoelhou-se no chão à minha frente.

— Onde está ele? — perguntei-lhe. — O que está a acontecer-lhe?

— Não faça isso — disse novamente a Nicky, desta vez numa voz mais fraca, de rosto junto ao meu. — Por favor, não faça isso.

Deixei de resistir, e soluzei até ter a garganta arranhada e os olhos tão inchados que quase não se abriam.

JIM

Fraser e eu tivemos uma reunião prévia, antes de a equipa toda se juntar para a atualização de informações da tarde. Estava a olhar para o ecrã do computador quando me sentei.

— O Woodley vai trazer o nosso amigo Edward Fount do mundo da fantasia amanhã de manhã — disse ela. — E o Christopher Fellowes, o tipo da ciência forense, enviou-me um perfil que podemos usar quando estivermos a considerar a hipótese de rapto não familiar. Não vais ficar surpreendido ao saber que é uma descrição quase perfeita do Senhor Fount.

— Continuo a pensar que ele não é o nosso homem.

Ela tirou os óculos de leitura para me examinar.

— Eu sei, aceito a tua opinião, mas não posso excluí-lo com base num palpite. Isto não é um episódio do *Columbo*.

Apesar de tudo, isso fez-me sorrir. *Columbo* era a minha série de televisão preferida quando era pequeno.

Fraser continuou.

— Podemos recapitular quem mais estamos a examinar? A Rachel Jenner?

— O Chris enviou-me a sua opinião sobre ela num *email*.

— Hoje tem andado muito ocupado, o que é bom, porque sai bastante caro. Devia ter-me enviado uma cópia. Posso vê-lo?

Acedi ao *email* no computador portátil, retraindo-me um pouco ao antecipar a reação dela quando lesse o primeiro parágrafo.

Email

De: Christopher Fellowes <cjfellowes@gmail.com>

Para: James Clemo <clemoj@aspol.co.uk>

24 de outubro de 2012 às 15:13

Re: Rachel Jenner

Jim

Obrigado pelo seu *email* — foi bom receber notícias suas.

Tive oportunidade de assistir às imagens da conferência de imprensa. Seria terrivelmente incorreto da minha parte dizer QUE TRAPALHADA COLOSSAL? Espero que não seja responsabilidade sua, mas alguém devia ser responsabilizado. Tínhamos redigido um bom guião para ela. Que desperdício.

Queria que eu fizesse algumas reflexões sobre a Rachel Jenner como potencial suspeita. Visto que ainda não sabemos se se trata de um rapto, ou de um homicídio, acho que por agora devemos ter em mente que estes dois crimes são muito diferentes, com motivos divergentes e consequentemente com perfis divergentes. Fiz uma descrição detalhada para si:

Rapto familiar

Na minha opinião, neste caso trata-se apenas de uma hipótese remota, visto que na grande maioria dos raptos familiares uma mãe que rapta o filho mantém-no consigo, e ambos viajam para algum local onde achem que o pai não conseguirá encontrá-los ou fazer-lhes mal. Contudo, vale a pena averiguar se outros membros da família não poderiam tê-la ajudado a ocultar a criança, para poder mantê-la afastada do pai. O rapto familiar por um dos pais ocorre quase sempre a seguir a um divórcio em que o acordo de custódia seja disputado.

NB Não estou a excluir a possibilidade de outro membro da família (sem ser um dos pais) poder ter raptado o Benedict, por motivos próprios não relacionados com os que referi acima. Esse seria um cenário completamente distinto.

Filicídio

Muito mais complicado. Geralmente, há vários motivos diferentes, nem todos relevantes para este caso. Provavelmente, os dois mais relevantes para o desaparecimento do Benedict Finch, na minha opinião, são os seguintes:

Filicídio accidental/maus-tratos — normalmente, trata-se de um ato impulsivo caracterizado pela perda do controlo; ocorre frequentemente num contexto de tensão psicossocial e falta de apoio. Terá perdido o controlo por causa dele no bosque? Ou

talvez antes de terem saído de casa, tendo depois escondido o corpo algures pelo caminho?

Filicídio por doença mental — este é complexo. O filicídio parece frequentemente ser um ato racional para estas mulheres; as crianças mais velhas são mais suscetíveis de serem as vítimas. Uma grande percentagem destas mulheres já são conhecidas dos serviços sociais ou de saúde e têm um diagnóstico preexistente que pode incluir melancolia, depressão maníaca, esquizofrenia ou várias perturbações de personalidade.

A Síndrome de Munchausen também pode ser considerada neste caso, e sendo assim a família já seria de certeza conhecida nos serviços médicos, embora fosse improvável, visto o pai ser médico.

Também vale a pena mencionar outras duas categorias:

Homicídio por compaixão — um homicídio cometido por amor, normalmente para poupar sofrimento à criança, que pode ser motivado por uma doença ou talvez pela perda potencial de uma mãe se a própria mãe pensa em suicidar-se. Não é invulgar que um ou ambos os pais se suicidem em simultâneo neste cenário.

Filicídio por vingança conjugal — a morte de um filho por «vingança» de algo, normalmente infidelidade. O objetivo é «ajustar contas» com o cônjuge.

Por favor, não se esqueça de que estas são apenas reflexões preliminares, mas devem dar-lhe uma base para poder trabalhar. Deve estar atento a disputas pela custódia, problemas psicológicos ou psiquiátricos preexistentes; envolvimento anterior com os serviços sociais; predisposição da mãe para o suicídio; impulsos de vingança relativamente ao marido (ele foi-lhe infiel?); e verifique a sua rede de apoio. Com certeza já deve ter feito muitas dessas coisas.

Teria de encontrar-me pessoalmente com a Rachel Jenner para poder avançar mais e traçar um perfil psicológico mais detalhado. Com base naquilo que vi na conferência de imprensa, não há dúvida de que tem a capacidade de ter ataques de raiva descontrolada e um potencial impulso de vingança (nas ameaças ao raptor do Ben).

Claro que nada disto exclui a possibilidade de o autor deste crime (seja rapto ou homicídio) não ser um membro da família — de que a inspetora chefe Fraser e eu falámos. Estou presentemente a escrever a minha opinião sobre isso e enviá-la-ei diretamente para a inspetora chefe Fraser, com cópia para si.

Por favor telefone-me se quiser falar sobre isto.

Cumprimentos, Chris

Dr. Christopher J. Fellowes
Professor Catedrático de Psicologia
Universidade de Cambridge
Membro do Conselho Académico de Jesus College

— Envia-o para mim, por favor, Jim — disse ela assim que acabou de o ler. — Há aqui algumas coisas interessantes. Vou editá-lo e enviá-lo ao resto da equipa. Também devíamos ter em consideração este ponto sobre a família alargada.

— A irmã interessa-me, mas parece que não há mais ninguém da família. Também há uma amiga, a Laura Saville, que a Emma conheceu na casa.

— Ela já foi entrevistada?

— Ainda não, mas é uma prioridade. E para além disso a escola enviou uma lista muito longa de pessoas com quem o Ben pode ter tido contacto.

— Há alguém que se evidencie?

— Falei com o Diretor e com a Professora do Ben. Estavam claramente perturbados, mas tentaram ajudar. Diria que o Diretor é um pouco defensivo, é óbvio que isto para ele é um pesadelo, sobretudo porque só ocupa este cargo desde o início do ano letivo. Expressaram um ou dois motivos de preocupação acerca da Rachel Jenner de que já tem conhecimento.

— Queres dizer o braço que a criança fraturou?

— Sim, mas não consigo ver nenhuma evidência de má conduta aí. No entanto, acho que ela estava de facto deprimida, isso é bastante claro, e do nosso ponto de vista talvez seja o mais significativo.

— A professora?

— Diria que tem vinte e muitos anos, ansiosa por ajudar, talvez não seja das mais inteligentes, mas pareceu-me simpática. Comportam-se como pessoas que se esforçam por lidar com uma situação difícil.

— É compreensível.

— O único que fez soar alguns sinais de alarme foi o auxiliar de educação.

— Ele tem um álibi, não tem?

— Tem, o diretor e a professora também têm, e todos eles foram confirmados.

— Então o que te levanta suspeitas?

— Mostrou-se um pouco evasivo. O Woodley também achou.

— Quem o entrevistou formalmente?

— Não me lembro assim de repente.

— Agora levantam-te alguma suspeita?

— Não.

— Queres ser tu a entrevistá-lo?

— Não. É só uma sensação, e não quero desestabilizar a escola a menos que haja uma excelente razão para o fazer. O Diretor enviou ontem à noite a lista completa de pessoas com quem o Ben possa ter tido contacto, e acho que devíamos ficar à espera do que possa aparecer. Há pelo menos vinte pessoas na lista, por isso vou demorar algum tempo para investigá-las e a entrevistá-las, mas o melhor é deixarmos o auxiliar de educação em paz até vermos o que sai daí.

— Concordo. Não queremos mais uma caça às bruxas. Já é suficientemente mau assim. A propósito, já viste o blogue?

— Blogue?

Mas ela estava a olhar para o relógio.

— Devíamos ir. As pessoas têm de ser atualizadas. Falo sobre isso na reunião.

Entrámos numa sala de reuniões cheia e sentámo-nos nos nossos lugares. O superintendente Martyn evidenciava-se à cabeceira da mesa.

— Não se importa que vos acompanhe, pois não, inspetora chefe Fraser? — Tinha uma voz invulgarmente grave.

A sua presença na reunião era um sinal da importância do caso. Estava completamente fardado. Os cabelos eram encaracolados, mas ralos, o que lhes dava um aspeto de algodão-doce. Tinha faces rosáceas e nariz de apreciador de bebida. Fazia-me lembrar alguns amigos do meu pai. Ia a caminho de um evento no Hotel Marriott, disse-nos, por isso não podia ficar durante muito tempo.

A presença dele arrefecia os ânimos, dava à reunião um aspeto formal, eliminava o ambiente conspiratório que a Fraser normalmente conseguia criar. Ela deu início à reunião. As primeiras notícias foram o grande número de chamadas que continuavam a ser recebidas na linha

para obter informações, por isso estava satisfeita com isso.

Fraser informou toda a gente dos progressos e partilhou as nossas ideias com todos, referindo o material enviado por Chris Fellowes. Dividiu o trabalho e atribuiu ações. Atribuiu prioridade à tarefa de percorrer a lista que a escola fornecera.

— Falem com o maior número de pessoas que puderem — disse.
— Temos de visualizar o mais claramente possível a rede de contactos que se estabelecia à volta desta criança.

Fraser pediu atualizações e uma detetive de rosto anguloso chamada Kelly Dixon começou a falar. Disse-nos que localizara o pedófilo. Estivera numa convenção de revistas de banda desenhada em Glasgow no domingo à tarde, a trabalhar numa das bancas. Não tinha estado perto de Benedict Finch. No entanto, cruzara-se com um número incalculável de jovens com menos de 16 anos durante a tarde, numa clara violação dos seus termos de libertação, e em resultado estava novamente enfiado numa cela.

— Meu Deus — disse Fraser. — Mesmo assim é melhor do que nada.

O assunto seguinte era o blogue. Se as coisas já tinham corrido mal para a Rachel Jenner até ao momento, agora ainda iam piorar.

— Presumo que toda a gente tenha reparado — disse Fraser —, que a mãe da nossa vítima teve um comportamento pouco convencional ontem na conferência de imprensa.

— Eufemismo — gritou o superintendente Martyn.

Fraser tentou conter a irritação.

— Esse comportamento parece ter incitado alguém a escrever um blogue bastante vingativo para atacar a Rachel Jenner com agressividade, insinuando que ela é responsável pelo rapto do Ben, ou pior ainda. Woodley, gostarias de explicar?

Woodley pigarreou. Tinha a boca seca quando falou. Nervos.

— Normalmente não esperaríamos que um blogue como este atraísse muitas atenções — disse —, mas o autor colocou vários *links* no Facebook, o que inevitavelmente levou a que este fosse partilhado e mencionado no Twitter, repetidas vezes. Teve milhares de

visualizações.

Olhou para Fraser, que disse:

— Em linguagem corrente, por favor, para a geração mais velha.

— Tornou-se viral — disse ele.

— Continuo sem perceber nada — disse ela. Vi Emma sorrir discretamente. Todos sabíamos que Fraser tinha mais conhecimentos informáticos do que dava a entender, mas havia outros na sala que talvez precisassem de mais explicações.

— Está toda a gente a vê-lo. Já foram milhares de pessoas, com o potencial de atingir as dezenas de milhares.

Fraser prosseguiu.

— Muito bem. Isso significa que é um potencial problema para nós, porque pode inflamar os ânimos, e a última coisa que queremos é um julgamento na Internet. Temos de nos lembrar: apesar do comportamento dela em frente aos jornalistas, neste momento não temos provas para suspeitar que a Rachel Jenner tenha feito alguma coisa, embora se for acusada no futuro, esta é potencialmente uma questão de desrespeito pelo tribunal.

— Podemos descobrir quem é o autor? — perguntou o superintendente Martyn.

— Não é fácil — disse Woodley. — É uma pessoa que se auto-intitula LazyDonkey, mas não temos maneira de saber quem é.

— De momento estamos a monitorizá-lo de perto, na esperança de que as coisas acalmem — disse Fraser. — Se o problema persistir daqui a vinte e quatro horas, peço aconselhamento jurídico. Muito bem! Alguém tem algo a acrescentar? — Olhou em volta na sala.

— Desculpe, Chefe — disse Emma. O telemóvel estava a vibrar. — É o número de telefone de casa da Rachel Jenner.

— Falai no diabo — disse o superintendente Martyn. Mexia com os dedos num alto vermelho que tinha no pescoço.

— Posso atender? — perguntou Emma a Fraser.

Fraser assentiu.

RACHEL

A Nicky telefonou à polícia e depois ela e a Laura lavaram a vedação. Não me deixaram ajudar, no caso de haver fotografos, e de qualquer modo também não estava em condições para isso.

Enquanto estava sentada no sofá, enrolada numa manta para tentar acalmar os tremores, elas trabalhavam juntas ao frio para apagar as provas de que alguém algures queria que todos pensassem que eu fizera mal ao meu filho.

Mas era inútil, uma tarefa de Sísifo, porque enquanto esfregavam, de dedos gelados e braços a doer, todas sabíamos que havia outras pessoas em atividade noutro lugar, a transmitir a mensagem de forma bastante mais eficaz, e sem ter de sujar as mãos.

Ser publicamente vilipendiada, ou ser alvo da agressividade dos outros, tem um efeito muito destrutivo, por muito que tentemos racionalizar e dizer a nós próprios que só as pessoas mais reles é que o fariam.

Senti-me invadida pelo ódio, e fisicamente apavorada. Se havia uma pessoa suficientemente motivada para fazer *graffiti* tão perto de minha casa, o que a impediria de ir mais longe? Seria capaz de arrombar a casa, de me fazer mal?

O medo pelo Ben habitava cada célula do meu corpo desde domingo, e controlava cada pensamento e cada ação, mas agora vinha acompanhado por algo diferente: o medo por mim própria.

JIM

Enquanto a Emma saiu para atender o telefonema da Rachel Jenner, o resto da equipa murmurava silenciosamente. A lata dos biscoitos estava vazia. Havia latas de bebidas energéticas espalhadas por cima da mesa e as pessoas esfregavam os olhos inflamados. Bennett tentou ocultar um bocejo gigantesco com os documentos do caso. Estávamos todos a lutar contra os baixos níveis de energia e a tentar não desanimar devido à falta de progressos.

Fraser fez um resumo:

— Aqui há duas linhas de pensamento, numa abordagem paralela: familiares ou não familiares. Não se esqueçam disto, por favor, à medida que formos avançando. O *modus operandi* é significativamente diferente para cada uma.

Foi interrompida pelo regresso da Emma.

— Era a irmã — disse a Emma. — Estão assustadas. Alguém fez *graffiti* abusivos na parede das traseiras da casa.

Fraser engoliu um palavrão.

— Não é disso que precisamos — disse, após controlar o vocabulário. — Como está a mãe?

— Parece que está muito perturbada — disse Emma. — Como é normal. E assustada.

Fraser suspirou.

— Devíamos reagir a isso. O único problema é que se destacarmos alguém para vigiar a casa, temos de colocar um à frente e outro nas traseiras.

O superintendente Martyn abanou a cabeça.

— Não podemos financiar isso nesta fase. Depois de colocarem proteção lá, como a vão retirar? E se não encontrarmos este rapaz? É preciso que a ameaça se intensifique para podermos justificá-lo.

Fraser tomou nota.

— Vou pedir aos agentes da polícia se podem passar por lá na patrulha à noite, e para verificarem também a viela das traseiras,

quando lá estiverem. Vai ajudar se pelo menos nos virem a tomar alguma iniciativa. A família tem de saber que tem o nosso apoio.

— Eles pediram proteção? — disse Martyn de novo.

— Não — disse Fraser. — Mas acho que compensa anteciparmos nestas coisas. Se levarmos isto a sério agora, talvez evitemos uma situação em que elas entrem em pânico.

Martyn acenou com a cabeça, em sinal de aprovação. A solução de Fraser era eficaz e sem encargos. Interroguei-me sobre se ele manteria de facto as folhas de cálculo do orçamento do departamento sempre em frente do nariz.

— Elas disseram o que diziam os *graffiti*? — perguntou Fraser.

— Dizia «Má Mãe» — disse Emma.

— Bolas — disse Fraser.

— Não estou surpreendida — disse a Emma.

Fraser levantou bruscamente a cabeça.

— E o que queres dizer com isso concretamente?

Emma corou intensamente.

— Desculpe, só queria dizer que não estou surpreendida por ter havido uma reação tão forte contra ela. Só isso, Chefe. Não quis insinuar nada.

— Está bem — disse Fraser. — Ainda bem que é só isso.

Lançou um olhar avaliador à Emma antes de prosseguir, e vi os lábios grossos do Bennett esboçarem um sorriso furtivo, que me dava vontade de lhe apertar o pescoço.

— O que me leva ao assunto seguinte, porque acho que seria sensato informar pessoalmente a família.

O assunto seguinte foi uma desilusão para toda a gente. O departamento forense comunicara que não encontrara nada de interesse nas peças de roupa do Ben que foram descobertas no bosque. Fraser achou que seria uma boa ideia enviar alguém para informar pessoalmente a família. Olhando para o relógio, mandou a Emma regressar a casa da Rachel Jenner.

— É melhor ires antes que fique demasiado tarde. Não vai fazer-lhes nada bem aos nervos andarmos a bater-lhes à porta a meio da

noite. Também podes dar uma olhada aos *graffiti*, quando lá estiveres. O Jim pode manter-te informada dos progressos que fizemos hoje à noite.

Acenei com a cabeça, mantendo os olhos fixos no bloco de notas.

— E Emma — acrescentou Fraser.

— Sim, Chefe.

— Continua a fazer um bom trabalho. A tua função é observar, mas também dar apoio à família, por isso não te esqueças de ter cuidado com o que dizes.

— Percebido, Chefe. Peço imensa desculpa. Não queria...

— Eu compreendo — Fraser interrompeu-a. — Vai lá, agora podes ir.

Quando saiu, reparei que as faces da Emma ainda estavam afogueadas.

Não havia muito mais a dizer. Falámos sobre entrevistar novamente os pais, mas depois decidimos adiar isso por mais um dia. Apesar de tudo, Fraser ainda estava muito empenhada em investigar o Edward Fount. Queria que se verificasse novamente os seus antecedentes, e ordenou uma série de ações: a nossa equipa de detetives foi encarregada de falar com toda a gente que tivesse alguma ligação com ele.

Quando estava tudo terminado, Martyn levantou-se da cadeira e fez um breve discurso sobre trabalho de equipa e dedicação, a importância daquele caso e como os olhos da nação estavam postos em nós, e depois colocou o boné e saiu para assistir ao evento no Marriott para as pessoas mais importantes.

Um por um, os membros da equipa saíram da sala, arrumando exaustivamente os papéis, alguns percorrendo apenas alguns metros até às suas secretárias, planeando ficar a trabalhar até tarde. Estávamos naquela fase da investigação de um caso em que este tomou conta de tudo: é esgotante, é viciante, e queremos sempre mais. Ficamos com os nervos em franja, movidos a adrenalina e cafeína. É difícil fazer as coisas normais porque nunca deixamos de

pensar no caso. É como uma droga.

Fraser e eu fomos os últimos a sair. Ela parecia cansada, e pensativa.

— Sente-se bem, Chefe? — perguntei.

— Estou bem — disse ela. — Vai para casa, Jim. Vai dormir.

RACHEL

Zhang chegou depois da Nicky e da Laura terem voltado a entrar, com os nós dos dedos vermelhos e inchados de esfregar.

Estava ali para nos informar delicadamente que os exames forenses feitos à roupa do Ben tinham sido inconclusivos. Significava que não conseguiram detetar nenhuma pista específica através da roupa, disse ela, mas continuavam a percorrer muitos «caminhos interessantes».

— Quais? — perguntou a Laura.

— Infelizmente, não posso dizer-vos mais do que isto — disse Zhang. Agarrou-me na mão. — Mas saiba que estamos a fazer tudo o que podemos. Não desanime.

Concentrou-se na Laura.

— Hoje fiquei a saber que é jornalista.

— É verdade — Laura não tinha medo de olhar diretamente para ela, mas torcia a pulseira que tinha no pulso, uma fita de seda preta com uma pequena rosa de jade. — Porque fala nisso?

— Estava a pensar se isso não a coloca numa posição difícil em termos profissionais. Estar aqui no meio disto tudo.

— Escrevo para a imprensa cor-de-rosa — disse a Laura. — Quem compareceu no lançamento de um batom novo em Harvey Nichols, esse tipo de coisa. É um mundo diferente.

— Oh! — disse Zhang. Fez uma pausa antes de perguntar. — Costuma receber muitas amostras grátis?

A tensão que se sentia na sala dissipou-se um pouco e Laura abrandou.

— É uma grande vantagem, sem dúvida. Apesar de às vezes não saber muito bem o que fazer com seis frascos de verniz preto.

— Pode dá-los às minhas filhas — disse a Nicky. — Elas aparentemente apreciam tudo o que seja de um incrível mau gosto.

A seguir, o silêncio tornou-se um pouco incómodo. Zhang pediu licença para ver a viela das traseiras, mas a Nicky insistiu para que bebesse uma chávena de chá. A Nicky estava desesperada por

partilhar os planos que estava a congeminar.

— Acho que precisamos de um vigilante — disse ela —, se não o encontrarem na próxima semana. É isso que fazem na América. Mantém o público bem informado.

Desesperada por não deixar nada por explorar, a Nicky estivera em contacto por *email* com uma pessoa que trabalhava para o *site Missing Kids*⁸ nos Estados Unidos, recebendo conselhos sobre o que devíamos fazer.

Zhang bebeu um pouco de chá. A caneca dela era uma que o Ben decorara numa daquelas olarias quando era muito pequeno. Coberta de manchas de azul, em diferentes tons, parecia ser uma cena marinha. Tinha ficado muito orgulhoso depois de a fazer, apesar de agora, já era um pouco mais velho, ter vergonha dela.

— É de bebé — disse ele, da última vez que a usou.

— Não vou guardá-la, Ben — respondi. — Adoro-a.

— É óbvio que pode fazer o que quiser, mas eu teria muito cuidado com essa ideia de um vigilante — disse Zhang. A imprensa age por conta própria. Não sabe como vão reagir, e não podemos comprometer a investigação.

— Então o que seria muito útil — disse a Nicky — era conseguirmos marcar uma reunião com a polícia para discutir alguns destes assuntos em conjunto e decidir uma linha de ação adequada. Não queremos fazer nada que afete a investigação, mas deve haver alguma coisa que possamos fazer para ajudar.

— Vou perguntar — disse Zhang. — Prometo que vou perguntar. Mas fiquem a saber que toda a gente já está a trabalhar exaustivamente na investigação, por isso não tenham demasiadas expectativas e por agora é melhor continuarem a transmitir as vossas perguntas através de mim.

Antes de sair, foi até às traseiras para ver onde estavam os *graffiti*. Ficou ali de pé, iluminada pela luz de segurança do vizinho, a olhar para a vedação acabada de limpar, onde as palavras já tinham desaparecido, mas permanecia uma mancha laranja. Apercebi-me de como era uma pessoa formidável. Era calorosa, mas tinha em

simultâneo uma reserva e uma certa economia de palavras e vestuário que ao mesmo tempo me impressionava e intimidava.

— Vou verificar o resto da viela antes de ir embora — disse. — Falamos amanhã.

A viela estendia-se para a escuridão em ambas as direções. Ouvimos ruído atrás da vedação, algo a esconder-se. Mais longe, o vento fazia um portão das traseiras de alguém ranger e bater com estrondo.

— Volte para casa — disse-me ela. — Fique em segurança.

Crianças Desaparecidas. (NT)

JIM

Fui para casa, mas o apartamento parecia vazio e frio, e eu sentia-me inquieto. Telefonei à Emma.

— Onde estás? — disse quando atendeu.

— Estou na viela por trás da casa da Rachel Jenner.

— E?

— Bem, limparam a maior parte da tinta, mas vê-se onde estavam escritas as palavras em letras enormes.

— Como está a família?

— A Rachel não está bem, está muito receosa. Parece estar realmente doente. A Nicky é que está a aguentar as coisas, é resistente, proativa, gosto dela, e a Laura, uma amiga da Rachel, está com elas.

— Vais voltar para junto delas?

— Acho que não vai ser necessário. Por agora estão a aguentar-se. Tenho frio, Jim, tenho de ir embora.

— Vens cá?

— Tenho de falar com o John Finch, informá-lo sobre os resultados forenses.

— E depois?

— Estou tão cansada. Se calhar vou para minha casa.

— Por favor, Em. Senti a tua falta ontem à noite.

Ela não respondeu de imediato. A linha telefónica teve interferências com o vento a assobiar no telemóvel dela e foi difícil ouvi-la quando disse:

— Tens a certeza de que é uma boa ideia, agora que estou a trabalhar para ti?

— Estás a trabalhar comigo, não para mim, e não tem de ser diferente, claro que não. Por favor, vem cá esta noite.

— Vou depois de falar com o John Finch, mas aviso-te de que vou estar exausta.

— Sentes-te bem?

— Espero ser a pessoa certa para este trabalho.

— Claro que és. Claro! Não fiques tensa por causa do que disseste na reunião. A Fraser sabe que não tiveste intenção.

— A forma como olhou para mim...

— Sinceramente, não te preocupes com isso. Não te preocupes. Ela já se esqueceu disso. És a pessoa certa para este trabalho. Hoje estás cansada, é por isso que parece que está tudo a correr mal. Lembra-te da razão pela qual estás a fazer isto: é por causa do menino. Emma? Estás a ouvir?

— Sim. Ouvi-te. É por causa do menino.

— Vens para aqui?

— Vemo-nos daqui a uma hora. Não esperes por mim.

Depois de falarmos acendi todas as luzes do apartamento e liguei o aquecimento. Depois fui à loja da esquina comprar coisas para o pequeno-almoço, e um *Mars*, porque a Emma gostava de chocolate. Fiz café e fiquei à espera que chegasse. Mal podia esperar para vê-la, mas queria que se sentisse à vontade. Queria que me provocasse, que me fizesse esquecer tudo, que me fizesse esquecer do trabalho por um bocado. Queria abraçá-la.

RACHEL

Quando voltei para dentro de casa, a Nicky passou-me o telefone.

— É o John.

— Telefonaram do lar — disse ele. — A minha mãe está perturbada porque não levaste o Ben hoje para visitá-la.

— Oh, meu Deus!

Esquecera-me da Ruth. O Ben e eu fazíamos uma visita semanal regular ao lar para estar com ela. Passar algum tempo com o neto era uma das poucas coisas por que ansiava.

— Ela sabe? — perguntei.

— Não — disse numa voz calma. — Pedi que a mantivessem afastada dos meios de comunicação social.

Sabia que era fácil manter a Ruth afastada da televisão — não tinha televisor no quarto, e não gostava nada das zonas comunitárias do lar, ficando a maior parte do tempo no seu próprio quarto. Mas gostava muito de ouvir a Rádio 3, e interroguei-me sobre como estariam a lidar com essa situação. Ficaria desolada sem isso.

O John estava um passo à minha frente. Disse:

— Disseram-lhe que o rádio estava avariado, e a Katrina deixou lá uns CD para ela, e um leitor. Deverá mantê-la entretida durante algum tempo.

— Vais ter de ir falar com ela — disse eu.

— Não posso falar com ela — disse isto numa voz tão baixa que quase não consegui ouvir.

— Bem, um de nós vai ter de ir. Não temos de dizer-lhe.

Queria que fosse ele a ir. Não queria ter de olhar a Ruth nos olhos e mentir-lhe sobre o Ben, mas contar-lhe a verdade ia deixá-la inconsolável.

— Não, não me peças para fazer isso — disse ele. — Não posso.

— John!

— Desculpa — disse, e desligou. Fiquei ali de pé, com o telefone na mão, incrédula.

— Como é que acha que posso lidar com isto melhor do que ele? — disse eu.

— Não me parece que ele esteja a aguentar — disse a Nicky.

— Ninguém está a aguentar — disse eu.

— Ele está mesmo à beira da rutura.

— Estamos todos à beira da rutura.

— Não discutam. — A Laura tentou apaziguar.

— Não percebo porque é que toda a gente tem de estar tão preocupada com o John.

— Devemos pensar nele — disse a Nicky. — Não se trata apenas de quem é afetado por isto.

— Oh! E é tão difícil para ti com o teu marido perfeito e as tuas filhas perfeitas em segurança na vossa casa perfeita?

Nicky arquejou.

— Isso não é justo.

Levantou-se e saiu da sala. Eu tinha ido longe de mais.

— Ela não merecia isso — disse a Laura.

— Eu sei.

— Está a tentar ajudar.

Sabia que devia pedir desculpa à Nicky, mas não consegui. Ela voltou a descer pouco depois, de olhos vermelhos mas mantendo a compostura.

— Rachel, sei que isto é insuportável, mas estamos todas do teu lado, e até há pessoas por aí que também estão do teu lado. Aquilo na Internet, nem tudo é mau. Há pessoas que andam à procura do Ben. Pessoas que não conhecemos.

— Estão a organizar-se na Internet — disse a Laura. — A usar as redes sociais.

— E a polícia vai reunir-se connosco — disse a Nicky. — Não te esqueças do que a Zhang disse há bocado. Vamos trabalhar *com eles* para encontrar o Ben. Vai dar-nos mais oportunidades.

Segurou-me na mão e apertou-a suavemente, mas eu só conseguia pensar naquelas pessoas que se escondiam atrás de *nicknames* na Internet, ou de blogues anónimos, ou encontravam segurança nos

números a soldo dos jornais. Pensei em como começaram a perseguir-me desde que não segui o guião na conferência de imprensa e senti-me como uma presa. Tal como o meu filho.

JIM

Na noite de quarta-feira, 24 de outubro, depois de horas e horas de trabalho, basicamente até cair, sonhei com a Emma e também com o Benedict Finch. Lembro-me disto porque no instante antes de estar completamente acordado, quando o sonho era mais intenso, agarrei-a, puxei-a para mim, e fiquei à espera que percebesse porquê. Afinal estava comigo no sonho.

Em vez disso, assustei-a. Gritou e sentou-se, confusa por ter sido acordada tão bruscamente.

— O que foi? — disse. — O que aconteceu?

Nessa altura apercebi-me do meu erro. A sua voz, a sua voz real, afugentou as sombras do sonho.

— Desculpa — disse.

Ela acalmou-se, voltou a deitar-se nas almofadas e olhou para mim com olhos sonolentos. Disse:

— Pareces exausto. — E depois: — Que horas são?

Por um instante esquecera-me de que os sonhos são privados.

O sonho começa no Lido de Portishead, onde vou encontrar-me com a Emma no café. Sento-me à frente dela. Somos os únicos clientes. Do outro lado da sala, no meio de um conjunto de mesas vazias, há uma com uma tabuleta a dizer «reservado». Lá fora, a água no Canal de Bristol parece cinzenta e esquálida sob as nuvens que escurecem, sujas e baixas. Sinto-me como se estivéssemos nos confins da terra. Quero um cigarro.

— Gosto disto aqui — diz a Emma.

— A sério? — digo. — Sinto-me como se estivesse num quadro de Edward Hopper.

Ela ri.

— *Nighthawks*? Percebo o que queres dizer.

— Algo do género — digo. Não sei como se chama o quadro, só sei que representa um bar despido, só com quatro pessoas, de cores

monótonas, e uma grande dose de melancolia como tema.

— Não gostas? — diz a Emma.

— Não, está bem. É agradável.

A Emma começa a falar rápido. Está cheia de ideias que transbordam dela e fazem ricochete em várias direções, como se derrubássemos um cesto cheio de bolas de ténis e de repente elas estivessem a saltitar por todo o lado ao mesmo tempo, com as trajetórias individuais demasiado rápidas e fortuitas para serem detetadas.

Os olhos escuros cintilam e movem-se, e a pele tem um tom moreno sedoso. Tem lábios cheios. Em repouso, o rosto é simétrico, de proporções perfeitas. Quando está animada, tem um ar inteligente, intenso e cativante. Quando sorri, o sorriso é surpreendentemente malicioso.

Ao falar, a Emma desenrola o fio do saco de chá da asa da chávena e move-o para cima e para baixo. Liberta espirais escuras de aroma que se espalham pela água quente e me deixam hipnotizado. Estou a apreciar o momento, adorando a sua companhia, mas o meu transe confortável é abruptamente interrompido por um silêncio carregado de expectativa, como o suster da respiração, porque a Emma parou de falar, e fita a mesa que está do outro lado do café, a que está reservada.

— Jim — sussurra. — Ele está ali mesmo debaixo dos nossos narizes. Olha.

Viro-me e vejo-o também. Benedict Finch está sentado a alguns metros de distância e apercebo-me de que a mesa estava reservada para ele. Veste o uniforme da escola, exatamente como na fotografia dele que divulgámos. É uma criança verdadeiramente bonita.

Levanto-me, mas os meus movimentos são retardados, e não consigo avançar para junto dele tão depressa como queria. O ar à minha volta é viscoso e insuportavelmente pesado. Sinto apenas fraqueza onde os meus ossos deviam estar, uma ausência de força desconcertante.

Enquanto avanço apenas alguns passos, Benedict Finch levanta-se

e despe o casaco e a camisola da escola, e depois as calças, sapatos e meias. Tem calções de banho. Sorri para mim e diz:

— Vou dar um mergulho. — E eu continuo sem conseguir mexer-me mais depressa. Nem sequer cheguei a percorrer metade da distância que nos separa.

Benedict Finch caminha em direção à porta que separa o café da piscina lá fora, e desaparece através do vidro, como um fantasma. Chego à porta mesmo depois dele, mas fico preso atrás dela. Ouço a Emma dizer:

— Jim, temos de ir buscá-lo. Acho que não sabe nadar.

Lá fora, Benedict Finch está de pé em cima de uma prancha de saltos muito alta. Não sei como chegou até lá porque vejo que foi vedada com um cordão, e as escadas foram retiradas. Bato à porta, sacudo os puxadores e grito até ficar rouco, mas o Benedict Finch, muito corajoso, salta, e é nessa altura que me apercebo do pior, que a piscina não tem água. Não tem água absolutamente nenhuma.

E não consigo olhar. Puxo a Emma para os meus braços.

Claro que nessa altura já não estava a sonhar. Estava acordado, e acordara a Emma, tive de pedir-lhe desculpa e disse-lhe que eram três horas da manhã e que devia voltar a dormir.

Mas ela não voltou. Passado algum tempo, disse:

— Jim? Estás acordado?

— Estou.

— Estou preocupada com a Rachel Jenner. Há qualquer coisa nela.

— O quê?

— É instável.

— Eu sei.

— Até a irmã parece tratá-la como se fosse feita de porcelana ou qualquer coisa assim.

— O que queres dizer?

— Não confio nela.

— Achas que fez mal ao Ben?

— Não sei. Agora é apenas uma sensação. Mas acho que talvez

tivesse feito.

— Confia nos teus instintos. Fala nisso à Fraser, e mantém os olhos bem abertos quando estiveres com a família. Se a Rachel Jenner fez alguma coisa, é muito bem capaz de se descair.

— Já tenho. Vou ter sempre.

Virei-me para ela e percorri o braço dela com a mão, deixando-a depois pousar-lhe na pele, que era sempre extraordinariamente sedosa. Senti-me ficar sonolento, mas passado um tempo a Emma levantou-se.

— Onde vais? — perguntei-lhe, e ela respondeu:

— Não consigo dormir. Vou ler um pouco aqui ao lado. Estou bem. Dorme.

Depois de sair, voltei a adormecer passado um instante, com a mão pousada no sítio quente na cama onde ela estivera.

DIA 5

QUINTA-FEIRA, 25 DE OUTUBRO DE 2012

«Você e as forças policiais são colaboradores a trabalhar para um objetivo comum — encontrar o seu filho perdido ou raptado — e, enquanto colaboradores, têm de estabelecer uma relação baseada no respeito mútuo, na confiança e na honestidade.»

When Your Child is Missing: A Family Survival Guide, pág. 20
(Missing Kids USA Parental Guide, Departamento de Justiça dos EUA,
Relatório do OJJDP)

PÁGINA DA INTERNET — www.ondeestabenedictfinch.wordpress.com

ONDE ESTÁ BENEDICT FINCH? Para os curiosos...

DADOS PARA REFLEXÃO

Publicado às 04:47 por LazyDonkey, na quinta-feira, 25 de outubro de 2012

Na segunda-feira, 22 de outubro, a polícia descobriu um saco com roupas em Leigh Woods, perto de Bristol.

Pertenciam a Benedict Finch.

Segundo a mãe, eram as roupas que vestia na altura do seu desaparecimento.

Foi por isso que a polícia não divulgou a descrição da sua roupa.

Porque não sabem.

Porque têm de confiar na palavra da mãe.

Vocês confiariam?

RACHEL

Passei a noite na cama do Ben novamente, inalando o aroma perfeito dele, preocupada por poder estar a desvanecer-se. Não conseguia pensar em dormir noutro sítio.

Acordei com dores no corpo, exigindo o devido sustento, que não tinha há dias. Sentia os ossos das ancas salientes como não estavam antes, o estômago côncavo.

Os olhos absorviam o que podiam à luz débil antes da madrugada.

Via os cartazes do Ben, as suas figurinhas do *Dr. Who*, a silhueta das caixas de Lego empilhadas.

Distinguia vagamente a mancha escura no tapete, onde deixara uma caneta sem tampa, e lembrei-me de como tinha ficado zangada com ele por causa disso.

Era a nossa primeira semana na casa, uma das primeiras semanas em anos em que tive de pensar em como ia pagar tudo, agora que já não tinha o salário do John para atenuar o impacto. Gritei com o Ben, e ele chorou. Perguntei-lhe furiosa se ele sabia quantas horas era preciso trabalhar para poder pagar um tapete daqueles? Sabia? Tinha consciência de como era a vida da maioria das pessoas? Estava tão zangada.

A recordação era uma dor aguda. Fez-me sentar e puxar uma almofada para junto de mim, curvando-me sobre ela, e chorar com grandes soluços estrepitosos. Fez-me detestar o meu anterior egocentrismo e superficialidade. Fez-me pensar se teria sido tudo aquilo que podia ser para o Ben, sobretudo no ano anterior. Se o teria desiludido terrivelmente, filtrando as suas necessidades através das minhas, deixando a minha raiva e a minha depressão imiscuírem-se entre nós, onde não deviam estar.

Não conseguia perdoar-me.

Foi um ruído lá fora que me fez levantar da cama do Ben para ir à janela. Era uma vedação a ranger, o baque de uma aterragem. No

meu jardim das traseiras estava um homem; estava nas sombras, junto ao meu estúdio, meio escondido pelos arbustos, mas não totalmente. Tinha um casaco escuro e um gorro. Uma câmara obscurecia-lhe o rosto, com a longa lente apontada para as janelas das traseiras de minha casa. Primeiro a cozinha, depois inclinando-se lentamente para mim. Estava a vasculhar, como uma raposa. Recuei, fechando bruscamente as cortinas do quarto do Ben. Bati na janela por trás da cortina.

— Saia daí! — gritei. — Vá-se embora!

A minha irmã entrou no quarto a correr. Afastou-me e espreitou pelas cortinas para ver a sombra dele desaparecer por cima da vedação para o jardim do vizinho. As escadas retumbaram enquanto ela se precipitou lá para baixo para ir confrontá-lo lá fora, mas já não estava lá.

Do lado da frente o resto dos jornalistas fingia ignorância. Enquanto observava, afastada da janela do meu próprio quarto, a tremer de frio, a Nicky saiu à rua, de camisa de noite com botões de rosa, cabelos oleosos e despenteados, de mamilos salientes, pele de galinha, e disse-lhes o que pensava deles.

— Estão a vandalizar a nossa família! — gritou, e as palavras ecoaram pela rua silenciosa, apenas interrompidas pelo coro mecânico da alvorada dos motores das câmaras.

JIM

Por vezes, durante a investigação de um caso, recebemos uma informação que parece elétrica, como eletricidade estática na pele, sobretudo quando é muito inesperada.

Estava acordado antes das 6 da manhã, sentindo-me dorido do sonho ao princípio, porque me tinha acompanhado até de manhã, misturando-se com o cansaço que sentia, e a desilusão por não estarmos a progredir tanto quanto gostaríamos.

Mas isso não durou muito tempo, porque verifiquei o telemóvel e vi um *email* que recebera já bastante tarde na noite anterior, de um dos colegas que estava a investigar os antecedentes das pessoas.

Era uma informação, e alterava o que sabíamos sobre uma pessoa próxima do Ben, e para ter a certeza de que agia corretamente, sabia que tinha de reprimir o meu entusiasmo e seguir os procedimentos. Tinha de me certificar de que fazia tudo corretamente.

Para isso, tive quatro conversas antes de fazer uma visita a casa da Rachel Jenner naquela manhã.

6:15 da manhã: FRASER

Andava às voltas no quarto, à espera que ela atendesse. Atendeu depressa.

— Jim — disse. — Espero que haja uma boa razão para isto. Sabes que costumo arrancar cabeças a órfãos à dentada antes de beber o primeiro café?

— Nicola Forbes — disse eu.

— O que tem ela?

— Não foi completamente sincera connosco. Eufemismo.

Fiz-lhe um resumo.

— Muito bem, fiquei interessada. Encontramo-nos no meu gabinete daqui a uma hora.

— Se não se importa, Chefe, primeiro vou falar com o John Finch.

— Não achas que devias falar com a Rachel Jenner primeiro?

- Tenho a sensação de que ela não sabe nada sobre isto.
- Está bem. Mantém-me informada.

6:45 da manhã: EMMA

Já estava de pé e vestido nessa altura, já tinha tomado um café expresso, e a cafeteira já estava novamente ao lume, porque apesar de achar que estava animado como já não me sentia há dias, admito que estava a ressentir-me um pouco da falta de sono, e tinha de combater essa sensação, para poder ficar completamente concentrado.

A Emma estava no sofá, muito ensonada, com a testa toda franzida ao tentar encontrar o caminho para a consciência, vinda de um sono profundo. Ajoelhei-me ao lado dela, sussurrei-lhe que tinha feito café e segurei-lhe a chávena junto ao rosto para poder cheirá-lo. Quando conseguiu abrir os olhos, contei-lhe o que tinha ficado a saber. Isso fê-la acordar completamente, como uma injeção de adrenalina diretamente no braço.

7 da manhã: Ex-inspetor TALBOT

O ex-inspetor Talbot era o homem que me enviara a informação. Estava oficialmente reformado, mas de vez em quando vinha trabalhar em alguns casos como civil, quando era preciso mais gente. Queríamos sempre que ele participasse na investigação de um caso porque ele era um autêntico perdigueiro. Estivera a investigar os antecedentes dos indivíduos mais próximos do Ben, e deparara-se com esta informação sobre a Nicola Forbes. Queria saber todos os pormenores. Queria que fosse ele a contar-me pessoalmente; para ter a certeza de que não interpretara mal o seu *email*.

8:30 da manhã: JOHN FINCH

O último foi John Finch. Quando abriu a porta de casa estava de calças de pijama aos quadrados e *T-shirt* amarrotada, com um par de óculos de leitura na cabeça. Ficou sem força nos joelhos, e percebi que devia ter telefonado antes.

- Desculpe — disse. — Ainda não há notícias sobre o paradeiro

do Benedict mas, se não se importa, gostava de falar consigo sobre a Nicola Forbes.

Recuperou admiravelmente bem a compostura. O homem tinha nervos de aço. Quando a mulher chegou ao fundo das escadas, no corredor atrás dele, enrolada num robe branco, já tinha a porta completamente aberta e convidou-me educadamente para entrar.

RACHEL

A Nicky abriu a porta. Era meio da manhã, e o inspetor Clemo estava à porta com a detetive Zhang.

— Há notícias? — perguntou a Nicky. Era a única coisa que dizíamos. Começava a parecer-me patético, como se fôssemos castigadas só um pouco mais de cada vez que perguntávamos, como se algures lá em cima houvesse um deus vingativo, a contar cada demonstração de otimismo injustificado.

Não havia notícias. Clemo disse que estavam ali para «conversar», apesar de algo no seu tom de voz me sugerir o contrário. Fez-me ficar desconfiada, mas a Nicky parecia não ter reparado em nada.

— Podiam ter-me avisado — disse ela —, para estar devidamente preparada para vos receber, mas fico encantada por terem arranjado tempo para conversar. Estamos tão agradecidas. Temos tantas perguntas para fazer.

Reuniu alguns papéis, e datilografou no computador portátil, à procura de um documento.

— Aqui está — disse. — Tenho aqui uma lista. Está mais ou menos dividida em duas categorias: perguntas que temos sobre a investigação, e ações que sugerimos para ajudar na busca para encontrar o Ben. Têm preferência por onde começar? E como costumam beber o chá? Ou preferem café?

Observava Clemo e Zhang. Ele estava à espera que a Nicky terminasse. Zhang olhou para o bloco de notas, que colocara cuidadosamente na mesa à sua frente, depois olhou de lado para Clemo. Independentemente do que iam dizer, seria ele a dizê-lo, e estava a começar a ter a certeza de que não seria para discutir a lista da Nicky.

— Café, por favor — disse ele. Zhang também quis um.

Enquanto a Nicky enchia a cafeteira com água a ferver, colocando-a à nossa frente, Clemo observou-a de uma forma que me fez gelar a pele.

— Do nosso ponto de vista — disse ela —, isto é tão precioso. Tenho feito algumas pesquisas, como podem ver — sorriu-lhes —, e em todo lado dizem que há uma probabilidade muito mais elevada de sucesso para encontrar uma criança se houver uma relação próxima entre a polícia e a família. Por isso: obrigada. Muito obrigada. Sirvam-se de leite e açúcar. — Pousou um açucareiro e um jarrinho de porcelana. O conteúdo fumegava. Aquecera o leite.

O inspetor Clemo abriu o bloco de notas e olhou rapidamente para ele. Voltou a fechá-lo. A Nicky finalmente ouviu o silêncio.

— Desculpem — disse. — Estou a falar de mais, não estou? Desculpem. — Arrastou uma cadeira, sentou-se e ficou a olhar atentamente para Clemo e Zhang.

Clemon pigarreou antes de falar.

— Alguma de vocês conhece um casal chamado Andrew e Naomi Bowness?

Abanei a cabeça.

— Não.

— Nicky? — perguntou à minha irmã.

O rosto dela perdeu a cor, instantaneamente. Era extraordinário.

— Oh, meu Deus, não! — disse ela, e os tendões do pescoço surgiram tensos e estranhos quando olhou primeiro para mim e depois novamente para Clemon, perscrutando os nossos rostos à procura de algo. Levantou-se abruptamente, mas depois parecia não saber o que devia fazer.

— Isto será mais fácil se se sentar e falar connosco — disse Clemon.

— Não — disse a Nicky. — Não faça isso. — Tinha as mãos firmemente cruzadas, com as pontas dos dedos brancas da pressão.

— Por favor, sente-se — insistiu Clemon.

Ela não se sentou; deixou-se cair na cadeira, como se ele lhe tivesse desferido um soco no estômago.

— E o filho deles, Charlie Bowness? — perguntou Clemon num tom que parecia cuidadosamente controlado para soar ligeiro. Ajeitou a cadeira, aproximando-a ligeiramente da Nicky. Ela não olhava para ele.

— Nicky? — perguntou. — Sabe quem são, não sabe?

— Você sabe que sim — murmurou ela.

— E você? — perguntou-me. — Sabe?

— Nunca ouvi falar deles — disse.

Estava paralisada por ver a minha irmã assim tão vulnerável e indefesa. Percebi que provavelmente devia mexer-me, ir ter com ela, mas agora havia um ambiente terrível na sala, e parecia imparável.

— Ela não sabe — disse a minha irmã. — Não faz ideia e assim é que deve ser. — O ódio entranhara-se-lhe na voz, e era dirigido a Clemo.

Ele insistiu.

— E Alice e Katy Bowness — repetiu. — Sabe quem são?

Nicky começou a abanar violentamente a cabeça.

— Alice e Katy Bowness — repetiu. — Sabe quem são? — Falava devagar, dando espaço e peso a cada palavra, como se fosse uma pedra lançada à água.

Ela olhou diretamente para ele, e isso parecia exigir-lhe um esforço enorme.

O desafio e a derrota pareciam guerrear-se no rosto dela. Disse as palavras seguintes em voz baixa:

— Eu sei quem são.

— Ouviu falar delas? — perguntou-me.

— Não! — disse eu. — Mas quem é que são elas? Têm o Ben?

— Tem a certeza de que nunca ouviu falar delas?

— Não! Não ouviu! Está a dizer a verdade — disse a minha irmã.

Clemo permaneceu impassível. Observou-me, e em seguida observou a minha irmã, uma de cada vez. Senti uma pressão no peito.

— Vai contar-lhe, ou quer que seja eu? — disse à Nicky.

— Seu sacana.

Zhang começou a falar, mas Clemo levantou uma mão para a silenciar.

— Cuidado — disse ele à Nicky.

— Está a assustar-me — disse eu. — Não compreendo.

A Nicky virou-se para mim. Estava sentada perpendicularmente a

ela, na cabeceira da mesa. Quis dar-me a mão, e eu deixei-a.

— Quem são estas pessoas? — perguntei.

— Andrew e Naomi Bowness... — disse a Nicky. Era difícil para ela prosseguir. Soltou um soluço. — Desculpa, Rachel — disse ela. Voltou a olhar para Clemo, e ele acenou com a cabeça, incentivando-a a continuar. Pousou uma mão trémula sobre a outra, e a minha mão ficou escondida entre as dela. Vi-lhe nos olhos que uma batalha estava perdida.

— Rachel — disse ela —, Andrew e Naomi Bowness são os nossos pais. A nossa mãe e o nosso pai.

— O quê? Não, não são. Esses não são os nomes dos nossos pais. — Tentei retirar a mão, mas agora a Nicky estava a agarrá-la.

— São. Esses são os nomes verdadeiros dos nossos pais — disse a minha irmã. Os olhos dela imploravam-me que entendesse, mas eu não entendia, não entendia completamente, não naquela altura.

— E Charlie Bowness? — disse eu.

— Ele... — Estava novamente a chorar, mas recuperou o controlo. — Ele era nosso irmão.

— Irmão? — Nunca tivera um irmão. — E as outras? Suponho que sejam nossas irmãs?

— Conte-lhe tudo — disse Clemo.

Fizera a Nicky ceder, retirara-lhe toda a energia para lutar. Na expressão dela vi um sofrimento terrível, uma vulnerabilidade terrível e, o mais assustador, o que parecia ser um pedido de perdão.

— A Alice e a Katy Bowness somos nós. Eram os nossos nomes antes de serem alterados. Éramos, somos, a Alice e a Katy Bowness.

Clema arrancou algo de entre as páginas do bloco de notas. Era um recorte de jornal.

Se não mo tivesse mostrado ali naquela altura não tenho a certeza de que acreditaria em algum deles. Sempre me disseram que os meus pais tinham morrido num acidente de automóvel. A história contava-se num instante e eu fazia isso há anos: os nossos pais morreram num choque frontal com um camião. Ninguém tivera culpa, fora apenas um acidente trágico. A direção do camião estava avariada. Os meus pais

foram cremados e as suas cinzas espalhadas. Não havia sepultura. Fim da história.

Só que aparentemente não era assim.

Eu não era quem pensava ser, e a Nicky também não.

Clemo entregou-me uma fotocópia de um artigo de jornal de 30 de março de 1982, há 28 anos. Havia uma fotografia de um casal que reconheci como sendo os meus pais. A minha tia Esther tinha uma fotografia deles na lareira e esta imagem pouco nítida mostrava as mesmas pessoas. A diferença era que nesta imagem estavam acompanhados por três crianças.

Reconheci a minha irmã. Estava ao lado da nossa mãe. Via um bebé, uma coisinha rechonchuda com cerca de um ano de idade com um vestidinho, que suponho que fosse eu. Não reconheci o rapaz que estava sentado no meio da fotografia. Com cerca de quatro anos de idade, era tão parecido com o Ben que me cortou a respiração. Tinha os mesmos cabelos despenteados e feições equilibradas, a mesma postura e o mesmo sorriso, aquele sorriso que nos iluminava, e o mesmo nariz salpicado de sardas. Estava aninhado entre os nossos pais. Era uma linda imagem, uma família perfeita.

O título que estava junto dela contava uma história diferente:

FAMÍLIA COM DOENÇA DE BATTEN EM SALTO FATAL PARA A MORTE

Examinei o artigo, com excertos a saltarem-me à vista: «Casal da região Andrew e Naomi Bowness saltam para a morte... levados a cometer este ato por falta de apoio para o filho com doença terminal... não há avós ainda vivos... amigos e família manifestaram admiração... estavam a lidar tão bem com o assunto... têm pena das duas filhas que sobreviveram... queriam pôr fim ao sofrimento dele.»

Olhei para a Nicky que estava a observar-me, assolada.

— Suicidaram-se?

— E levaram o Charlie.

A forma como disse o nome dele, a ternura naquelas palavras, a perda, fizeram-me perceber que era o Charlie que a fazia sofrer acima

de tudo.

— Mas então e nós?

A Nicky desviou o olhar.

— Porque nos deixaram ficar?

— Achas que não fiz essa pergunta a mim própria durante toda a minha vida?

— E porque não me disseste?

Ela não respondeu.

Voltei a olhar para o artigo, observando a fotografia.

Clemo pigarreou.

— Há um relatório do médico-legista. Querem saber o que dizia?

— Já o li — disse a Nicky.

— Eu quero saber — disse eu.

Tirou mais uma folha de papel do bloco de notas, percorrendo-a com o olhar.

— Diz que o seu irmão Charlie foi diagnosticado com doença de Batten aos cinco anos de idade, e que o seu estado de saúde começou a deteriorar-se rapidamente a seguir. Foi diagnosticado cerca de um ano após a Rachel ter nascido, mais ou menos na altura em que foi tirada esta fotografia, mas ele já sentia alguns dos sintomas.

— Parece estar bem na fotografia — disse eu. E parecia. Era lindo: de aspeto luminoso, vibrante, aconchegado no abraço da família.

— Não estava — disse a Nicky. — Estava a começar a perder a visão. Olha para a fotografia. Verás que não estava a olhar diretamente para a câmara. Está a olhar para cima dela. Porque só tinha visão periférica quando foi tirada a fotografia. Tinha de olhar para a parte inferior do olho para ver alguma coisa.

Tinha razão. O menino estava a olhar para um ponto que se situava acima da câmara.

— Pouco tempo depois estava completamente cego — disse a Nicky. — E a seguir deixou de conseguir andar, deixou de conseguir falar, tinha de ser alimentado por um tubo porque não conseguia engolir e tinha ataques epiléticos. A doença levou-o, pedaço por

pedaço.

— Gostavas muito dele.

— Adorava-o.

As palavras dela pareciam pairar entre nós por um instante, e quando falou a voz era abafada:

— Ele não merecia. Eu tê-lo-ia ajudado. Tê-los-ia ajudado a cuidar dele até ao fim, mas eles não aguentaram vê-lo sofrer. A mãe culpou-se.

— Porquê?

— É uma doença hereditária.

— Mas nós não a temos. — Estava a esforçar-me por compreender.

— Nem todas as crianças têm. É uma questão de sorte.

— Então saltaram de uma falésia com ele? É tão dramático.

A Nicky limitou-se a acenar com a cabeça. Desviou o rosto, e apenas conseguia ver o perfil dela, olhando fixamente para a luz fraca de inverno que entrava pela janela da cozinha, esbatendo-lhe as feições de cinzento.

— Mas porque fizeram isso se tinham mais duas filhas? — perguntei.

Clemo respondeu.

— O relatório do médico-legista explica isso, de certo modo. Parece que lhe fizeram exames, visto que a doença é hereditária. Estavam à espera dos resultados quando se suicidaram.

— Mas eu estou bem — disse. — Porque não esperaram pelos resultados?

— A sua mãe convencera-se, e ao seu pai, de que a Rachel não estava bem. Nessa altura, ao que parece, ela já estava extremamente deprimida e instável. Disse à irmã, a vossa tia Esther, que já não conseguia aguentar mais se a Rachel também fosse diagnosticada com a doença de Batten, e o seu pai nunca conseguiu lidar com a situação. O relatório refere que ela falou em sentir-se muito isolada. Nessa altura havia um estigma contra as incapacidades mentais e físicas, e a sua mãe não era muito forte a nível emocional. O médico-

legista concluiu que a pressão de cuidar do Charlie afetou profundamente os seus pais. Acharam que não tinham escolha.

— Não faz sentido.

— As coisas nem sempre fazem sentido — disse Clemo —, sobretudo quando as pessoas estão em situação desesperada. Vemos coisas que nem ia acreditar.

Fiquei ofendida pela forma como tentava tranquilizar-me, como se não tivesse acabado de virar o meu mundo do avesso, e não queria distrair-me com as suas palavras, porque tinha de perguntar mais uma coisa.

— Porque é que os nossos nomes foram alterados?

A Nicky disse:

— A tia Esther achou que seria melhor. Não queria que isto estivesse sempre a pairar sobre nós, nem sobre ela. Achou que as pessoas nos julgariam, diriam que era uma coisa vergonhosa. Felizmente, pelo menos para nós, a Guerra das Malvinas começou quatro dias depois, por isso esse artigo foi a única atenção que a história da nossa pequena família teve por parte da imprensa. Depois disso, os jornais estavam cheios de navios de guerra e submarinos. Mas é melhor prevenir do que remediar, como disse a Esther, e a segurança social concordou com a ideia de termos nomes novos. Fui eu que os escolhi, sabes! Fui eu que escolhi os nossos nomes novos!

Forçou um entusiasmo sarcástico na voz, mas nada na sua expressão sugeria que este facto lhe desse alguma satisfação.

Agarrei no artigo e examinei a fotografia. Nunca vira uma imagem minha em bebé. Tinha um rosto rechonchudo, com um caracol no cabelo que não sabia que alguma vez tivera. Estava sentada no joelho do meu pai, com bracinhos gorduchos a sair do vestido. As mãos estavam desfocadas, como se estivesse a bater palmas. A minha irmã estava ao lado da minha mãe na fotografia. Estava de calções e *T-shirt*, e tinha a mão casualmente pousada no ombro a minha mãe. Estava descalça, e tinha as pernas magras e longas de uma criança pré-adolescente. Tinha um sorriso rasgado. Ao examinar os rostos dos meus pais senti uma emoção nova: a punhalada da traição. Eles

estavam dispostos a abandonar-me. Fosse saudável ou doente, abdicaram de cuidar de mim com apenas um ano. Não foram levados pelo acaso. Abandonaram-me, e também abandonaram a Nicky, da forma mais definitiva possível.

Engoli, e só esse pequeno reflexo físico requeria esforço. Sentia-me exangue, tal como a minha irmã apenas alguns minutos antes, todas as forças, toda a revolta que ainda me restavam abandonaram-me. Era um invólucro, vazia de tudo o que me fazia ser quem sou, de tudo o que me dava vida.

— Sou a Alice ou a Katy? — perguntei.

— A Katy. — Era um sussurro, e o rosto da Nicky contorceu-se em lágrimas, um reflexo do meu.

Na fotografia, as expressões dos meus pais eram impossíveis de interpretar. Ambos sorriam para a câmara e eu tentei em vão imaginar em que estavam realmente a pensar. Olhei para o meu irmão. Estava sentado ao meio, protegido pelos corpos deles: um menino com uma doença terminal que nunca ia poder viver uma vida normal. Pensei se teriam recebido o diagnóstico antes de esta fotografia ter sido tirada, ou se estariam apenas preocupados com a visão dele nesta altura, achando que isso já era suficientemente mau, sem ter ideia dos horrores que estavam reservados para este menino. Um menino que era tal e qual o Ben.

Disse a Clemo:

— Porque nos está a dizer isto agora?

Ele dirigiu-se à Nicky:

— Falámos com o ex-marido da sua irmã hoje de manhã.

Ela olhou para ele, desconfiada, e ergueu ligeiramente o queixo, um pouco desafiadora. Largou-me a mão. A luz na cozinha oscilava, tornando-se mais escura e cheia de sombras, enquanto as nuvens se acumulavam, baixas, lá fora.

— Sei o que vai dizer, e são tudo tretas — disse ela.

— Porque diz isso?

— Sei o que está a tentar fazer, mas está enganado.

— O que estou a tentar fazer?

— Não tenho de ouvir isto.

— Acho que ambos sabemos que tem.

Ela cruzou os braços, fitou a mesa.

Fiquei sentada num estado de puro e simples choque. Nessa altura já sabia que podemos perder um filho em apenas alguns minutos, mas fiquei chocada e sem palavras ao saber que nesse mesmo espaço de tempo também podia ganhar e perder um irmão que era igualzinho a essa criança, e pais mais imperfeitos do que qualquer versão deles que alguma vez imaginara.

Clemo dirigiu-se à Nicky:

— O John Finch disse-nos que quando o Ben nasceu ficou preocupado por a Nicky ter o que poderia ser descrito como um interesse doentio no Ben. Gostaria de comentar?

— Você é um homem repugnante — disse a minha irmã. — Não faz a mínima ideia de quem tem o Ben, por isso resolveu escolher-me como alvo. É mais fácil apanhar alguém que seja próximo, não é? Assim não tem de ter tanto trabalho.

Clemo nunca deixou de olhar para o rosto dela.

— Gostaria de comentar? — perguntou-lhe. — Estou muito interessado em ouvir a sua resposta.

— Claro que está — respondeu ela.

— Calculo que a sua irmã também esteja — disse ele.

A Nicky olhou para mim.

— Esforcei-me tanto, e durante tanto tempo, para te proteger. Só queria que tivesses uma vida em que não te sentisses rejeitada. Queria que para ti fosse tudo simples. Mas eras tão... — procurou a palavra, frustrada.

— O quê?

— Difícil, e ingrata.

— Porquê? Ingrata porquê?

— E irresponsável! Nunca percebeste nada. Limitaste-te a tomar tudo como certo. Fizeste o que te apetecia, quando te apetecia. Não carregavas nenhum fardo. Não sofrias nenhuma perda.

— Sofria a perda dos meus pais — disse isto em voz baixa, porque

percebia que para ela tinha sido mais difícil, mas ela agora estava zangada, e eu também.

— Não fazias ideia! Não fazias ideia absolutamente nenhuma!

— Como poderia fazer, se não me contaste nada? A culpa não é minha.

Não reagiu a isso, tinha mais para desabafar.

— Nunca me agradeceste.

— Porquê?

— Por proteger-te.

— Como poderia saber?

— Eles também não me agradeceram.

De repente perdeu a energia, como se essa frase resumisse o desespero de tudo isso.

Clemo inclinou-se para ela:

— Quem nunca lhe agradeceu?

— A mãe e o pai.

— O que é que não lhe agradeceram? — perguntou.

— Por amar o Charlie, por tomar conta dele quando eles já não conseguiam, por fazê-lo sorrir quando eles estavam demasiado cansados, quando já não aguentavam mais.

Tinha os olhos vidrados com o sentimento de perda. Os dele estavam determinados.

— Nicky. Teve ciúmes quando a Rachel teve o Ben?

Lançou-lhe uma resposta como se estivessem a fazer um questionário.

— Sim, tive ciúmes, sim.

— Mas tinhas as miúdas — disse eu.

— Não estava à espera que entendesses — disse ela.

— Teve ciúmes porquê? — perguntou Clemo.

— Porque ele parecia o Charlie, logo desde o início. Quando olhava para ele só via o Charlie.

— Achou que a Rachel pudesse não ser capaz de prestar os cuidados adequados ao Ben? — perguntou Clemo.

— Fiquei preocupada — disse simplesmente, e virou-se para mim.

— Eras tão irresponsável, sabes, tão jovem?

A minha irmã falava como se tivesse ensaiado estas palavras durante anos. O discurso dela ganhava ritmo, como se estivesse a confessar algo.

— Andaste a brincar durante anos, nunca te preocupaste com os trabalhos da escola, apesar de dizerem que podias ter notas excelentes se te esforçasses. Nunca te preocupaste com nada, e depois de repente ficaste com o John. Deus sabe como, porque andavas a desperdiçar a tua vida nessa altura, sempre em festas, e de repente era tudo tão perfeito, e o que fizeste tu para o merecer? Nada.

— Apaixonámo-nos — disse eu, mas ela ignorou. Agora não conseguia parar.

— Sabia que ias ter um rapaz assim que me disseste que estavas grávida. E quando ele nasceu e eu fui vê-lo e lhe peguei ao colo, vi nele o Charlie. Era como se fosse o Charlie, renascido. Era tão precioso, e não tinha a certeza de que fosses capaz de cuidar dele.

— Por isso telefonou ao John Finch — disse Clemo.

— Só para me certificar de que ela estava a lidar bem com a situação, que estava a agir corretamente.

— O Senhor Finch diz que foi bastante insistente com os seus telefonemas.

— Bem, ele não me dava nenhuma informação!

Interrompi-os.

— O John nunca me disse nada.

Ignoraram-me, tinham os olhos fixos um no outro, a Nicky com um olhar furioso e o dele frio como gelo; o seu diálogo terrível desfazia cada vez mais pontos que uniam a minha vida. Fiquei relegada ao papel de espetadora.

— Nicky — disse ele. — Queria o Ben para si própria? Para poder prestar-lhe os cuidados adequados?

— Aí está — disse ela —, não queria. Não queria que ela o tivesse, mas também não queria tê-lo. Ele apenas me fazia recordar a minha perda todos os dias, e é por isso que está tão enganado.

— Enganado relativamente a quê?

— Por amor de Deus! — Ela riu. Era um som agudo e inquietante.

— Deixe-se de jogos! O que faria eu com ele? Onde achava que ia mantê-lo?

— Acho que talvez gostasse de ficar com ele. Acho que sempre o quis.

A crueza de tudo isto, a forma lenta e calma como o disse, fez a minha irmã parar e recompor-se antes de falar novamente, como se tivesse percebido que não podia combater as suas acusações apenas com a emoção.

— Bem, não tem a certeza, pois não? Se tivesse provas reais já me teria detido, então isto é uma tentativa patética para me fazer confessar algo que não fiz.

Agora estava debruçada sobre a mesa, em direção a ele.

— Obrigou-me a contar tudo sobre a minha família à minha irmã. Isso foi baixo. Não vou dizer-lhe mais nada. Já lhe disse que não tenho nada a ver com o desaparecimento do Ben e não precisa de saber mais nada. O resto é privado. Porque não sai daqui e vai à procura dele antes que seja tarde de mais?

Ela levantou-se e foi para o jardim, batendo com a porta da cozinha atrás de si. Zhang foi atrás dela.

Fiquei sentada à mesa com Clemo.

Ele pigarreou.

— Peço desculpa por isto ter caído em cima de si assim desta maneira. Espero que compreenda que temos de investigar tudo.

Limitei-me a ficar a olhar para ele, pensando no que levaria alguém a escolher um trabalho como o dele e acreditando pela primeira vez que ele faria tudo o que fosse preciso para encontrar o Ben.

JIM

Anexo ao relatório do Inspetor James Clemo para a Dr.^a Francesca Manelli.

Transcrição gravada pela Dr.^a Francesca Manelli.

Estão presentes o Inspetor James Clemo e a Dr.^a Francesca Manelli.

Estão assinaladas em itálico as notas indicativas do estado de espírito ou comportamento do Inspetor Clemo, quando estes não são transmitidos apenas pelos seus comentários.

FM: Então, se quiser, gostaria de falar sobre a sua entrevista com a mãe e a tia do Ben.

JC: Diga lá.

Hoje é difícil decifrar o comportamento dele. Parece mais disposto a falar do que o habitual, mas também tem uma expressão profissional, está a controlar as emoções.

FM: Mas que revelação extraordinária. Acho espantoso que a Nicky Forbes tenha conseguido ocultar essa informação da irmã ao longo de todos aqueles anos.

JC: Não foi apenas ela; foi também a tia.

FM: Como reagiu a Rachel Jenner?

JC: Ficou em estado de choque, obviamente. Não sei o que aconteceu logo após termos saído, mas não me parece que tenha sido nada agradável.

FM: E este não terá sido um momento de triunfo para si na investigação deste caso?

JC: A Fraser ficou satisfeita. Sim. Sobretudo porque tinham excluído o Edward Fount, o tipo das máscaras, naquela mesma manhã.

FM: Então tinha razão acerca dele?

JC: Tinha. Quando o Woodley foi buscar o Fount para levá-lo para a esquadra, foi quando eu estava com a Nicky Forbes — encontrou-o à espera com uma mulher, outro membro do grupo das encenações, e

ela deu um álibi ao Fount. Regressaram juntos para o apartamento do Fount depois daquela tarde no bosque, basicamente para darem uma queca, perdoe-me a linguagem, apesar de ela ter quase o dobro da idade dele.

FM: E nenhum deles mencionou isso antes porquê?

JC: Pela razão mais óbvia: ela era casada, com o «Grande Feiticeiro», ao que parece.

FM: Ora, ora.

JC: Pois. Uma grande confusão. Não vou repetir o que a Fraser disse quando ficou a saber.

Quase sorri.

FM: Então pôde abandonar essa linha de investigação.

JC: Sem dúvida. A Fraser estava satisfeita com os progressos, mas estava preocupada sobre como haveríamos de fazer a Nicky Forbes dar-nos mais informações, então achava que o melhor seria voltar a entrevistá-la no dia seguinte. Para lhe dar a ela e à Rachel Jenner tempo para se acalmarem.

FM: A Nicky Forbes tinha algum álibi para a tarde de domingo?

JC: Disse-nos que estava numa feira gastronómica. Um evento importante, com muitos quiosques, muito movimentado. Era um trabalho de investigação para o blogue dela. Enviámos detetives para entrevistar todas as pessoas que podiam ter tido contacto com ela, mas estavam muito dispersas, como pode imaginar, por isso sabíamos que precisávamos de algum tempo para reconstituir o seu percurso.

FM: Falou com o marido dela?

JC: Mais uma vez, a Fraser achou que devíamos esperar mais um bocado. A estratégia dela era examinar primeiro o álibi, e dar espaço à família enquanto decidíamos juntos se a Nicky Forbes poderia ou não ser culpada.

FM: Concordava com isso?

JC: Sem dúvida. Temos de encaixar as peças do *puzzle* na ordem certa. Reunir provas é o objetivo mais importante quando temos um suspeito. Isso, e não sermos processados pela família da vítima. Não podemos pressionar continuamente sem provas.

FM: Senão podem alienar a família?

JC: Precisamente, e eles podiam falar com a imprensa, e assim sucessivamente. Pode imaginar como seria, e não seria bom para nós. Nessa altura a imprensa já estava em cima do caso, e não tinham mostrado hesitações em atacar-nos também. E na prática, estávamos bem longe de entender qual a mecânica do rapto se a autora fosse a Nicky Forbes. Tinha a família em Salisbury, por isso não parecia ter o perfil perfeito para ser raptora de crianças.

FM: A menos que ela não quisesse que a irmã ficasse com o Ben, e o matasse.

JC: Essa era uma das minhas hipóteses, e os raptores nem sempre matam de propósito, por vezes as coisas correm mal e isso acontece, mas tínhamos de construir um caso sólido antes de podermos avançar. Pedi ao Chris Fellows, o psicólogo forense, que me enviasse a sua opinião sobre a Nicky Forbes.

FM: Mas o perfil que o psicólogo forense lhe traçou, o que assentava tão bem no Fount, não servira de muito.

JC: Discordo, ainda considerávamos o rapto não familiar como uma forte possibilidade, e esse perfil correspondia a uma série de suspeitos nesse âmbito. Os perfis não devem ser colados apenas a um suspeito. São um recurso que devemos utilizar como parte das nossas ferramentas enquanto detetives. Os perfis nunca resolvem casos só por si, mas por vezes fazem-nos pensar de maneiras diferentes, ou olhar para uma pessoa com outros olhos. E é sempre bom ter mais um par de olhos na investigação de um caso, sobretudo quando todos os que estão mais envolvidos já estão a ficar cansados. Arriscamo-nos a perder a visão geral.

FM: Qual era a opinião da Emma sobre a Nicky Forbes?

JC: Para ser sincero, nessa tarde quase não vi a Emma. Estava demasiado ocupado a traçar um plano com a Fraser.

FM: Viu-a nessa noite?

JC: Ela disse que estava esgotada. Queria ir para casa para ter uma boa noite de sono, e eu não a censurei. Também sentia o mesmo. Era capaz de adormecer em cima da secretária.

FM: Mas também tenho a sensação de que estava entusiasmado.

JC: Estava, sim. Estávamos todos. Sem dúvida. Parecia que as coisas estavam a começar a acontecer.

RACHEL

O rescaldo imediato foi o primeiro de uma série de novos golpes.

A Nicky retirou tudo de cima da mesa, todo o seu trabalho árduo, reuniu-o apressadamente e tentou enfiá-lo dentro da mala. Os seus movimentos eram rudes e desastrados.

— Não faças isso — disse eu. — Por favor, não faças.

Parecia que ela estava a soçobrar mesmo diante dos meus olhos. Pensei se teria sido assim quando chegou a casa da Esther, para viver na casa de campo, logo depois de aquilo ter acontecido, quando eu era um bebé, quando o sofrimento dela deve ter sido insuportável.

E percebi que no futuro questionaria tudo.

Dali em diante, seria impossível ignorar cada detalhe da minha história, cada pressuposto que me tivesse levado a construir a minha própria identidade, e a identidade do Ben. O meu passado fora amachucado e lançado à fogueira, e eu tinha de procurar nas cinzas, com a Nicky como meu único guia. A Nicky, que disse que mentiu para me proteger; a Nicky, de quem eu precisava.

— Devo ir embora — disse ela. — Ficas melhor sem mim. Sabes, eu *nunca*, *nunca* faria mal ao Ben. Posso dizer isto? *Nunca* faria mal ao Ben.

A angústia dela forçava a voz a um tom agudo, e eu fui confortá-la.

— Eu sei que não.

Deixou a mala deslizar-lhe pelo ombro e para cima da mesa, e os papéis caíram lá de dentro. Encostou a cabeça ao meu ombro com o corpo a tremer.

Ficaram surpreendidos com a minha reação? Com a minha vontade de aceitar o que ouvira e de lhe oferecer conforto?

O assunto não ficou encerrado. Claro que não. Quando me lembro daquele dia consigo recordar as fases por que passei. Acho que foi semelhante às fases do luto, embora fosse diferente. Foi a assimilação de uma traição, foi a perda de confiança.

Após a porta ter-se fechado com um estalido atrás de Clemo, cheio de adrenalina, e Zhang, que pela primeira vez não conseguiu olhar-me nos olhos, aquela primeira interação entre mim e a Nicky foi um reflexo, um impulso de manter a Nicky perto de mim, de negar que algo tivesse mudado. Ela fora sempre o meu apoio, e não conseguia conceber outra existência. Não estava no meu ADN. Ou pelo menos era isso que eu pensava.

Após essa interação, separámo-nos. A Nicky desfez a mala mecanicamente, reunindo aquela enorme reserva de força para se manter sentada à mesa, para continuar a penetrar cada vez mais profundamente naquilo que a Internet tinha para lhe oferecer.

Fui para o meu local seguro, para o quarto do Ben, e mergulhei nele, como era meu hábito. Era o único sítio onde me sentia segura. O quarto dele tornara-se num ventre materno.

Esta foi a minha segunda fase.

Afundi-me no pufe que estava no chão do quarto dele e senti-me como se tivesse sido lançada à deriva num pequeno barco de madeira, envolta numa névoa cinzenta e húmida. E suspensa em cada uma dos milhões de gotículas que compunham a névoa estava a notícia, a bomba que acabara de ouvir. E nesta fase ela estava apenas à minha volta, existindo, mas ainda sem ser entendida. No seu âmago sentia-me como se me tivessem tirado o chão debaixo dos pés, desorientada, perdida.

A terceira fase foi o inevitável turbilhão na minha cabeça, a digerir o que ficara a saber, e as suas implicações, o momento em que as gotículas de névoa começaram a pousar-me na pele, infiltrando-se nela. Foi quando a informação se tornou parte de mim, e isso era irreversível. Tinha de enfrentá-lo.

Cheguei rapidamente à quarta fase.

Foi a erosão da confiança, quando as gotículas na minha pele se transformaram em ácido e começaram a queimar-me, causando uma sensação intensa e dolorosa, um formigueiro da mente e do corpo, e era tão sinistro e inquietante que não consegui permanecer imóvel.

Levantei-me da cama do Ben, olhei pela janela, e vi a Nicky lá em

baixo no jardim com o cão, a fazer-lhe festas, encorajando-o a urinar. Estavam no relvado ensopado e esfolado, junto à relíquia abandonada que era a baliza de futebol do Ben, com a rede solta da estrutura em alguns sítios, a relva em frente dela gasta no sítio onde costumava jogar. Afastei-me da janela, não para que os jornalistas não me vissem, mas para a minha irmã não me ver.

E quando o crepúsculo chegou novamente, enrolando-se na orla do dia, revi os acontecimentos, até pensar em como tinha começado o dia: o fotógrafo no jardim, a raiva da Nicky por causa dele, a sua explosão na rua, a sua lealdade.

E então pensei no dia anterior, e em como começara com uma pesquisa na Internet, e com um computador portátil que pertencia à Nicky, que precisava de uma palavra-passe, e em como essa palavra-passe era o nome do meu filho.

E cada respiração era uma pontada nos pulmões, a minha mente vagueava mais além, e pensei no desagrado da Nicky com as filhas, e no que Clemo dissera sobre ela querer ter um filho. E então lembrei-me das palavras dela: «Era como se fosse o Charlie, renascido.»

Comecei a chorar lágrimas quentes e silenciosas, e elas tinham arestas agudas, como a minha respiração, escorrendo-me pelo rosto e ensopando o *nunny* do Ben que segurava firmemente junto ao rosto.

Quando ouvi os passos da Nicky nas escadas, deitei-me na cama do Ben, tapei-me, virei-me de costas para a porta e tentei respirar devagar, para que pensasse que estava a dormir.

Quando espreitou pela porta do quarto do Ben e me perguntou se queria comer, não lhe respondi.

Quando apareceu, passados alguns minutos, com um tabuleiro com o jantar, ainda não conseguia olhar para ela, falar com ela.

— Só queria proteger-te — disse.

Fechou a porta silenciosamente atrás de si, respeitando a minha privacidade, e eu só sentia algo a latejar. Era o pulsar do tempo desde que o Ben desaparecera. E parecia que estava a começar a bater mais rápido.

JIM

Email

De: Christopher Fellowes <cjfellowes@gmail.com>

Para: James Clemo <clemoj@aspol.uk>

25 de outubro de 2012 às 21:37

Re: Nicola Forbes

Jim

Foi bom falarmos. Que desenvolvimento espantoso!

Envio-lhe um relatório completo amanhã, mas, como combinado, aqui está um resumo:

Os marcadores psicológicos relativos a uma predisposição para comportamentos sociopáticos na Nicola Forbes podem incluir alguns dos seguintes pontos: tendência para controlar; instabilidade afetiva (que pode incluir ciúme e difusão de identidade); interesse não natural no Ben — já referiu isto como podendo ser possível, se acreditarmos no pai. Outros sinais generalizados podem incluir comportamentos do espectro obsessivo-compulsivo e/ou convicções ilusórias (embora estas possam ser bem ocultadas).

Não há dúvida de que foi bastante rápida a chegar ao local, o que pode indicar que aprecia a atenção que o caso está a trazer à família (trata-se apenas de especulação, mas pode ser um desejo não resolvido da sua anterior experiência que foi tratada pela tia com tanta discrição?).

Há mais — envio-lhe o relatório completo o mais depressa possível. Falamos amanhã ao final do dia, o mais tardar.

Cumprimentos, Chris

Dr. Christopher J. Fellowes

Professor Catedrático de Psicologia

Universidade de Cambridge

Membro do Conselho Académico de Jesus College

Email

De: Corinne Fraser <fraserc@aspol.uk>

Para: Alan Hayward <alan.hayward@haywardmorganlaw.co.uk>

Cc: James Clemo <clemoj@aspol.uk>; Giles Martyn <martyng@aspol.uk>; Bryan Doughty <doughtyb@aspol.uk>

25 de outubro de 2012 às 23:06

Guerra de Blogues

Alan

Estamos a precisar dos seus serviços, visto que o mundo estranho e maravilhoso da Internet mais uma vez está a envolver-se no nosso trabalho policial. Pode lançar o seu olhar arguto de especialista sobre este blogue, por favor: www.ondeestabenedictfinch.wordpress.com

Verá que está relacionado com o caso Benedict Finch (Operação Huckleberry).

Tenho duas preocupações fundamentais.

Em primeiro lugar, poderá haver problemas de Desrespeito pelo Tribunal, se alguma vez chegar a haver julgamento.

Em segundo lugar, há coisas que aparecem ali que me deixam nervosa porque não deviam ser do domínio público. Estamos preocupados por alguém que esteja ao corrente da investigação (seja da família ou da nossa organização) possa estar a autorizar o blogue ou a transmitir-lhe informações.

O que eu quero saber é se podemos descobrir quem é o autor do blogue, o autointitulado «LazyDonkey», e o que temos de fazer para o encerrar? Será sequer possível fazer isso?

Vou enviar este *email* com o conhecimento do Superintendente Martyn e do Inspetor Bryan Doughty da Administração Interna.

Agradeço uma resposta rápida, claro.

Cumprimentos, Corinne

DIA 6

SEXTA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO DE 2012

«Os casos que envolvem vítimas infantis não só são penosos em termos da investigação, como são emocionalmente esgotantes. As forças policiais têm frequentemente de seguir em simultâneo várias linhas de investigação, muitas vezes com recursos inadequados (financeiros, logísticos, humanos).»

Boudreaux M. C., Dutra R. L., Child Abduction: Age-based Analyses of Offender, Victim, and Offense Characteristics in 550 Cases of Alleged Child Disappearance. *J Forensic Sci* 1999; 44(3): 539-553

PÁGINA DA INTERNET — www.ondeestabenedictfinch.wordpress.com

ONDE ESTÁ BENEDICT FINCH? Para os curiosos...

NADA PARA VER?

Publicado às 05:03 por LazyDonkey, na sexta-feira 26, 2012

Este blogue gostaria de recomendar-vos um programa de televisão:

Vejam: <http://www.itv.com/jeremykyle>

Podem tentar:

Episódio 198

Não posso deixar-te a tomar conta do nosso filho! Estás sempre a mandar SMS em vez de cuidares dele

Ou talvez gostem deste:

Episódio 237

Admite que és uma má mãe e que não consegues tomar conta dos teus filhos

É só uma ideia. A decisão é vossa.

Oh, só mais uma coisa:

Sabiam que o Benedict Finch fraturou o braço no ano passado, e a mãe não o levou para receber tratamento? Deve ter tido muitas dores. Calculo que não se tenha dado ao trabalho. Ou talvez estivesse apenas ocupada a fazer outra coisa.

RACHEL

Logo de manhã, sentadas frente a frente à mesa da cozinha, de robe, com um contacto visual irregular, o ar entre ambas a oscilar de tensão, a Nicky disse-me que ia embora.

— Acho que provavelmente precisamos as duas de algum tempo — disse ela. Foi uma declaração calma, muito controlada, mas também estava embebida com os acontecimentos do dia anterior subjacentes.

— Só por um dia ou dois, depois volto. Achas que vais ficar bem?

Tive de pigarrear antes de responder, para poder controlar a minha voz e manter a neutralidade perfeita da nossa troca de palavras. A alternativa era gritar, ou chorar, ou uma acusação, proferida à pressa. Depois de ter passado a noite a imaginar coisas sombrias, agora a pura realidade e familiaridade da presença da minha irmã e a sua tentativa de manter a compostura mantinham-me sob controlo.

— Está bem — disse eu. — Não há problema.

— São as miúdas — disse ela, virando-se para colocar pão na torradeira.

— Claro que deves ir. — E então senti de facto uma pontada de culpa, porque as filhas da Nicky também precisavam dela.

O vapor libertava-se da chaleira e formou uma cobertura húmida na parte da frente dos armários da cozinha. O *Skittle* arrastou laboriosamente o gesso pelo chão e deixou-se cair pesadamente aos meus pés. A Nicky deixou queimar a torrada e eu fiquei a observá-la de costas quando a levou para o lava-louça, usando uma faca para raspar as migalhas pretas com gestos bruscos. Caíram, formando uma camada de pó grosso.

— Faz outra — disse eu.

— Queria deixar algumas para ti.

— Não faz mal, eu como... — comecei a dizer.

— Tens de *comer*, Rachel! — Era uma explosão, que a fez perder subitamente a compostura, e deitou a faca e a torrada para o lava-louça e apoiou-se pesadamente sobre as palmas das mãos na borda,

com os ombros pontiagudos de cada um dos lados da cabeça curvada. Olhou para a janela, e a escuridão lá fora tornava o seu reflexo perfeitamente nítido no vidro, e assim os nossos olhares cruzaram-se. Ela foi a primeira a desviar os olhos.

— Desculpa — disse ela. — Desculpa. Posso mostrar-te uma coisa?

Era um *email* que viera da América durante a noite. Através do *site Missing Kids*, a Nicky contactara outra família cujo filho fora raptado, e eles responderam-lhe, enviando uma mensagem solidária.

— Lê — disse a Nicky. — Eles compreendem.

Deu-me o computador portátil. Tinha duas páginas abertas: uma delas era o seu blogue, a outra o *email*. Não consegui deixar de reparar que tinha atualizado o blogue:

«Caros amigos e seguidores do Custard & Ketchup,

Este é um pedido sincero para que por favor tenham paciência para mim por agora. Lamento dizer que terei de fazer um pequeno intervalo no blogue por razões familiares. Esperava manter-vos ocupados com alguns Miminhos Saborosos para o Dia das Bruxas, mas isso não foi possível. Se procuram ideias para o Dia das Bruxas, a minha publicação do ano passado ainda se encontra disponível, e lá vão descobrir muitas coisas divertidas para fazer e decorar. A seguir: Alegria Natalícia! Fiquem atentos a este espaço, voltarei o mais brevemente possível...

Nicky x»

Viu-me a lê-lo.

— Foi o Simon quem publicou isso. Ele às vezes atualiza-o por mim — disse, e em seguida: — Estava a pensar se não devíamos criar uma página na Internet para o Ben. Podia fazer um *link* no meu blogue.

Não sabia o que dizer. Via o blogue da minha irmã muito frequentemente, normalmente com algum espanto, sobretudo pela forma como profissionalizava a vida familiar, fazendo dela um mito. Era como uma revista gastronómica lustrosa, um diário social invejável. Não era o meu mundo.

Em vez disso, cliquei no *email*.

Email

De: Ivy Cooper <ivycooper@brettslegacy.com>
Para: Nicola Forbes <nicky.forbes@yahoo.com>
25 de outubro de 2012 às 23:13

Re: Ben

Cara Nicky

O LEGADO DO BRETT «FAZER UMA BOA AÇÃO»

Esta é uma altura de grande sofrimento para si e para a sua família. Rezamos pelo Ben, e pela sua família.

O nosso filho Brett foi levado há sete anos, e desde essa altura passámos por coisas que nunca imaginámos que teríamos de viver. Antes de o levarem, uma das coisas que o Brett mais gostava de dizer era, «Mãe, vamos fazer uma boa ação», e nós decidimos fazer disso uma opção para o futuro, para podermos ajudar outras famílias que se encontrem na mesma situação.

Tomámos esta decisão há cinco anos, depois do corpo do Brett ter sido descoberto, e...

Parei de ler. Olhei para a minha irmã.

— O que aconteceu ao Brett? — perguntei.

— Já leste tudo? Lê até ao fim, tens de ler. Eles de facto entendem como é e é um alívio tão grande, sinceramente, que nem consigo explicar-te o alívio que é. Esforcei-me tanto por encontrar alguém que saiba o que...

— O que lhe aconteceu? — Tinha de saber. Não gostei do *email*. Não queria pertencer àquele clube: uma família de famílias devastadas. Não estava preparada para isso. O Ben ia voltar para mim. Não ia ser como eles.

— Não é relevante.

— Para mim é.

— O Brett morreu — disse a Nicky. — Infelizmente.

— Como é que morreu?

— Rachel.

— Como é que morreu?

— Foi assassinado, pelo raptor. Mas a questão não é essa, e nunca teriam descoberto o que lhe aconteceu se a família não se tivesse

esforçado tanto para que a polícia investigasse o caso.

— O Ben vai voltar.

— Espero que volte, Deus sabe que sim — estava a torcer fortemente uma toalha de chá entre as mãos —, mas temos de aceitar a possibilidade de ele não voltar em breve, que lhe tenha acontecido algo. Já se passaram seis dias.

Não conseguia ouvir aquilo. Nem da boca da Nicky. Nem de ninguém. Nem agora. Nem nunca.

— Vou visitar a Ruth — disse eu.

— Desculpa — disse ela. — Não era assim que eu queria que esta manhã corresse.

JIM

Quando estamos a trabalhar num caso como este, ansiamos por uma pista. Quando temos uma, não a largamos, e era assim que me sentia em relação à Nicola Forbes. Estava preparado para persegui-la até ao fim.

Mas não estamos à espera que surja outro candidato igualmente forte, porque nessa altura é quase como se estivéssemos num campo de tiro, a tentar decidir qual o alvo, o que é um engodo e o que é real. Amigo ou inimigo? Para onde devemos olhar?

Nem sempre conseguimos perceber logo à primeira vista, mas por vezes deparamo-nos com uma ameaça clara e imediata, e é óbvio que temos de reagir a isso.

Foi o que aconteceu no sexto dia do caso. A carta chegou, e alterou tudo completamente.

Veio de manhã com o correio. Com o código postal BS7, endereçada diretamente à Fraser, para Kenneth Steele House. A secretária da Fraser abriu-a. O grito dela ouviu-se no corredor na ponta da sala de incidentes, e saiu do gabinete a correr.

Fraser chamou-nos imediatamente. A carta nessa altura já estava num saco de provas, e a secretária já estava a tirar as impressões digitais na sala ao lado para podermos eliminá-las. Estava trémula e chorosa, uma reação extrema para uma pessoa que regularmente tinha acesso a fotografias de locais de crime.

— Jim — disse Fraser assim que fechámos a porta atrás de nós. — Traga o John Finch para aqui.

A Emma também estava lá. Parecia que não tinha dormido. Sob a maquilhagem, a pele estava baça e cansada. Para as outras pessoas provavelmente parecia mas ou menos normal — uma versão cansada de si própria, claro —, mas eu via mais alguns sinais de desordem. Os cabelos não estavam tão bem presos como era habitual, e a camisa não parecia lavada. Conseguimos fazer isto quando conhecemos cada centímetro de alguém melhor do que nos conhecemos a nós próprios.

Queria abraçá-la, perguntar-lhe se estava a aguentar-se, mas não podia, claro. Ali não, naquele momento não.

O telemóvel da Emma tocou mesmo quando a Fraser acabou de nos informar. Olhou para ele.

— É a Rachel Jenner, Chefe — disse ela. — Devo contar-lhe?

— Não, não — disse Fraser. — Nem uma palavra, por agora.

RACHEL

Zhang aceitou dar-me boleia até ao lar de idosos. Conduziu com cuidado e não conversámos.

Sentada ao lado dela em silêncio, senti pela primeira vez desde o desaparecimento do Ben uma espécie de despertar, um impulso interior, que me dizia para tirar a cabeça da areia, parar de me refugiar nas minhas recordações do Ben, e olhar à minha volta, estar mais alerta.

Tinha de ponderar sobre as pessoas, avaliá-las, como um detetive, como Clemo, e tinha de o fazer imediatamente. No passado tinha confiado no meu marido e na minha irmã, e ambos revelaram ser pouco fiáveis.

E tinha de ponderar sobre os meus pressupostos relativamente à vida.

Também tinha confiado no verniz de uma sociedade civilizada, na mentira que nos vendem diariamente, que a vida é fundamentalmente boa e que a violência só acontece àqueles que a subscrevem; só corrói o troféu que já está manchado. É o mesmo raciocínio da velha acusação de que uma mulher é violada porque deve merecê-lo, e com base nisso, sem questionar, confiara que se o Ben fosse a correr antes de mim no bosque então não lhe sucederia nenhum mal, porque acreditava que eu própria era fundamentalmente boa.

E pior, a traição foi dupla porque o Ben também tinha confiado em mim, como é próprio das crianças, e por isso desiludi-o também a ele, para além de me desiludir a mim própria: de forma abjeta e, provavelmente, definitiva.

Olhei para as mãos de Zhang no volante, de nós dos dedos brancos ao agarrá-lo com firmeza, posicionadas às dez para as duas, e apercebi-me de que para além das primeiras impressões, não tinha pensado sobre quem ela seria realmente, ou como seria.

— Tem família? — perguntei-lhe enquanto o carro estava parado num cruzamento.

— Tenho mãe e pai — respondeu.

— Não tem filhos? — Apesar de enquanto fazia a pergunta me aperceber que provavelmente seria demasiado jovem.

— Não — abanou a cabeça. — Não vou ter filhos durante bastante tempo, se alguma vez os tiver.

— Oh! Já decidiu isso?

— Já.

— Posso perguntar porquê?

— Porque ainda não estou preparada para ser responsável pela vida de outra pessoa.

Disse-o de forma tão simples que me provocou uma sensação de choque, porque percebi que já sabia o que eu apenas começara a descortinar — que devemos olhar com muito cuidado antes de saltarmos, ou de acreditar, ou de confiar —, e o facto de esta mulher mais nova ter percebido isso antes de mim só me fazia sentir mais tola.

Não sabia como reagir, por isso concentrei-me no que estava à minha volta. Lá fora, o céu tinha aquele tom cinzento perpétuo e pesado, e as roupas das pessoas na rua colavam-se-lhes ao corpo devido ao vento forte. Refugiei-me de novo no silêncio e na sucessão lenta dos pensamentos na minha cabeça, onde começava a duvidar de tudo o que achava que sabia.

Havia um consolo naquele momento em que tudo era insuportavelmente pesado e em que a suspeita estava a começar a infiltrar-se em cada canto da minha mente. Era o facto de ir a caminho de visitar a Ruth. Queria desesperadamente vê-la, porque era uma das minhas pessoas preferidas em todo o mundo. Era uma presença reconfortante na minha vida desde que o Ben era bebé, dando-me um apoio gentil e incondicional, e a nossa amizade crescera juntamente com ele.

A vida não fora fácil para a Ruth. Para aqueles que não a conheciam ela parecia majestosa, orgulhosa e frágil, sempre chique num uniforme de roupas escuras com uma echarpe elegantemente atada ao pescoço, num vislumbre sedoso de cor. Quando era jovem

tivera talento para ser violinista e dar concertos, mas também era tão sensível que as coisas muitas vezes a magoavam.

A forma como tocava o violino cativara o pai do John.

— Apaixonei-me por ela da primeira vez que a vi tocar — dizia Nicholas Finch com orgulho a toda a gente, com o seu sotaque de Birmingham. A maioria das pessoas que a ouvia tocar ficava de facto maravilhada. Ensaiou e tocou o instrumento durante anos, mas acabou por achar os concertos em público uma pressão intolerável, e assim, quando tinha vinte e poucos anos, logo depois de ter casado com o pai do John, caiu numa das muitas fases de depressão profunda que sofreu ao longo da vida.

Conheci a Ruth no início de 2003, um bom ano para ela. Ela e o Nicholas estavam a desfrutar da reforma. Após uma longa carreira na medicina geral, que o mantivera ocupado a trabalhar fora de horas, tê-lo finalmente ao seu lado ajudara a Ruth a manter-se estável. Estavam a pensar em comprar um pequeno apartamento nos Alpes, e no ano anterior tinham feito uma viagem bem-sucedida a Viena, para ver os edifícios e bairros onde os pais da Ruth cresceram. Lotte e Walter Stern também eram músicos, ambos famosos e respeitados antes da guerra, mas tornaram-se refugiados, expulsos de Viena após a *Kristallnacht*, quando Lotte Stern estava no final da gravidez.

No verão de 2003, o John e eu fizemos a nossa primeira visita juntos a casa dos pais dele em Birmingham. Achei a Ruth e o Nicholas encantadores e amistosos. As suas personalidades contrastantes intrigaram-me. Nicholas era um homem corpulento, cuja disposição cordial e descontraída lhe conquistara muitas amizades entre os seus pacientes nos anos em que exerceu medicina geral. A sua bonomia era o oposto da índole nervosa da Ruth, mas ela acolheu-me com prudência.

A mãe e o pai da Ruth morreram ambos em 2004, e ela ressentiu-se muito. Em memória deles, conservou muitas das suas tradições muito depois de terem morrido. Lotte Stern guardara uma toalha de mesa especial branca só para fazer a massa delicada do *strudel* de que tanto se orgulhava. Ruth guardara a toalha, e fez o que

designávamos por «o *strudel* da Lotte» mais do que uma vez com o Ben, pedindo-lhe para bater o recheio enquanto lhe ensinava os métodos que utilizava para estender e enrolar a massa fina como papel.

Na verdade foi o minúsculo Benedict Finch, que pesava apenas 3 quilos e 90 gramas quando nasceu em julho de 2004, que trouxe a Ruth de volta para junto de nós após a morte dos pais dela. Adorou-o imediatamente, abriu os braços para ele e nunca mais o quis largar e, para nossa surpresa, incluiu-me nesse abraço. Logo após o nascimento do Ben, veio para nossa casa e ajudou-me ao longo das difíceis primeiras semanas e meses, e depois nunca mais deixou de ajudar. Tornou-se uma companheira, uma amiga e uma avó maravilhosa para o Ben.

Uma vez o John contou-me uma história sobre a Ruth. Foi uma rara confidência sobre a sua infância que me fez pouco depois de a ter conhecido. Acho que ele queria explicar-me como ela era. Era uma história que mostrava as suas trevas e a sua luz.

Quando o John tinha cerca de nove anos, foi ver a Ruth depois da escola. Foi durante um dos seus períodos de depressão, e levaram-no em silêncio para o quarto dela sem luz, para mostrar-lhe um prémio que tinha ganho naquele dia.

A Ruth examinou o certificado, e depois colocou-o na mesa de cabeceira. Deu umas pancadinhas na cama ao seu lado. Era um raro convite e o John sentou-se com cuidado, desesperado por não estragar o momento, atrevendo-se apenas a olhar à sua volta para o quarto, cujas cortinas fechadas lhe davam um aspeto de claro-escuro, por isso pareceu-lhe que ele e a mãe eram personagens desenhadas num livro infantil.

— Enquanto eu sou fraca... — disse-lhe ela naquela tarde —, tu podes ser forte. Como o teu pai.

Segurou na mão dele com ternura, examinando cada um dos dedos com a ponta dos seus. Ele recordava-se daquela sensação. Depois falou-lhe de música. O John explicou-me que quando a Ruth estava mais esgotada, parecia que ainda tinha sempre música dentro dela, e

era esta a sua dádiva, mesmo quando lhe faltava a energia para ir acordá-lo, preparar-lhe o lanche, ou levá-lo para a escola de manhã.

Após ficar sentado ao lado da mãe até ela estar demasiado cansada para continuar a falar, o John saiu do quarto com o coraçãozinho aos pulos, aliviado por fugir à intensidade dela, mas ansiando por mais.

Quando chegámos ao lar de idosos, Zhang disse que ficaria à espera no carro.

A Ruth estava no seu quarto. Era bastante grande, um dos melhores quartos do piso superior, com grandes janelas com vista para um jardim e algumas árvores velhas lá em baixo. Era mil vezes melhor do que alguns dos espaços cinzentos e sombrios que visitámos antes de instalar a Ruth aqui.

Aqueles lares eram como estábulos, onde os residentes aguardavam a morte com um estatuto pouco superior ao de cadáveres. A solidão, a confusão, a dor e o cheiro a urina e comida cozida pareciam ser a única companhia no ocaso das suas vidas. Aqueles lugares causavam-me arrepios, e por vezes faziam-me chorar.

Carpe diem era a lição a aprender. Era o que estava a tentar ensinar ao Ben quando o deixei ir a correr sozinho pelo bosque. Aproveitar o dia — ser corajoso — ser independente — ser reflexivo — não ter medo de cometer erros — continuar a aprender — todas essas coisas, sempre. E alguém o levara. Mais uma vez fui uma idiota.

A cadeira da Ruth estava virada para a janela. Tinha a mão pousada no seu braço, com os nós dos dedos artríticos retorcidos e inflamados, os dedos colocados em posições pouco naturais. A degenerescência macular estava a começar a tirar-lhe a visão e ela tinha de manter a cabeça um pouco de lado para me ver bem. Alguém a tinha maquilhado, tinha *rouge* na pele cerosa, um pouco daquele batom vibrante que sempre preferira.

Ouvia-se música clássica a tocar baixinho e fiquei aliviada por ver que era um CD, como o John pedira, e não havia sinais do rádio dela, por isso não tinha hipóteses de ouvir falar sobre o Ben nas notícias.

— Rachel — disse ela. — Minha querida. — Agarrou-me nas mãos, envolvendo-as nas suas com firmeza, num dos seus gestos preferidos.

— Onde está o Ben? — perguntou. — Senti a tua falta na quarta-feira. As pessoas acham que eu já não sei nada, mas sei quando é quarta-feira.

Estava a fazer-se corajosa, tentando manter a dignidade, mas eu sabia através das pessoas que cuidavam dela que a sua agitação tinha sido maior do que fazia crer. Também estava mais lúcida do que eu esperava, e não sabia se havia de ficar satisfeita com isso ou não.

— Ele queria experimentar o Clube de Xadrez — disse eu. — Estava a pensar em trazê-lo cá depois de acabar, mas não estava a sentir-se bem quando o fui buscar. Desculpe. Devia ter telefonado.

— Pois devias — disse ela. As boas maneiras eram importantes para a Ruth. — Pensava que estava de férias, que me tinha esquecido, sabes que hoje em dia ando um pouco esquecida — disse-me, como se fosse uma novidade, como se eu não estivesse a acompanhar minuciosamente o progresso destrutivo da sua demência desde o diagnóstico original —, mas a Irmã disse-me que tinha a certeza de que era na próxima semana.

Esquecera-me de que as férias intercalares⁹ estavam prestes a começar, claro.

— O que tem ele? — perguntou a Ruth.

— Doía-lhe a garganta, tinha um pouco de febre, acho que é um vírus.

— Achas que devia voltar para a escola? Está bem agasalhado?

— Está — disse eu, e a mentira parecia abrir caminho até à garganta, apertando-a.

— Anda a trabalhar muito? — perguntou ela. Tinha os olhos leitosos, e a impotência da sua doença vagueava nas suas profundezas. — No hospital?

Estava a confundir o Ben com o John. Acontecia com frequência, e eu continuei.

— Não demasiado. Está tudo bem.

— Tem de ensaiar, quando estiver melhor, porque quando for

suficientemente crescido e tocar suficientemente bem tem de ficar com o Testore.

O Testore era o violino da Ruth: um belo instrumento, feito em Milão, no século XVIII, o seu objeto mais precioso e valioso.

— Ainda não mostra sinais de crescer mais do que o seu palmo e meio — disse eu.

— Não, mais vai. Todos crescem, sabes. — Um meio sorriso brincava nos lábios dela, uma recordação, e depois voltou a extinguir-se.

— O que anda ele a tocar?

— Oskar Rieding. Concerto em si menor.

— Todo?

— Por agora apenas o terceiro movimento.

— Tem de ter cuidado com o controlo do arco. Nesta passagem em particular.

A Ruth começou a cantarolar o concerto de Rieding, marcando o tempo com a mão. Tinha uma memória extraordinária para a música. Cada nota que alguma vez tocara, ou ensinara, parecia encontrar um lugar para se alojar dentro da sua cabeça, mantendo toda a ressonância bem presente. Iniciara o Ben no violino quando ele tinha seis anos, insistira em pagar as lições. Ele mostrava ter um talento prometededor, alguma da musicalidade que viera de Viena, através da sua família, e que encantava a Ruth.

Parou bruscamente.

— Percebeste? — perguntou, como se eu própria fosse sua aluna.

— Sim. Vou lembrá-lo.

Inclinou-se para a frente. O vestido moveu-se sobre os joelhos esqueléticos, prendendo-se nas meias de descanso que usava na barriga das pernas. Reparei numa pequena mancha na linda echarpe amarela. Em cima de uma mesa, mesmo ao seu alcance, um rebuçado dourado reluzente jazia em cima de um *napperon* de croché. As mãos tentaram inutilmente agarrá-lo, mas eu sabia que não devia oferecer-me para ajudar porque isso tê-la-ia perturbado. Por fim, os dedos conseguiram agarrá-lo.

— É para o Ben — disse. — Guardei-o para ele.

Nas raras ocasiões em que a Ruth participava em atividades comunitárias no lar, mostrava-se implacável em adquirir os rebuçados que por vezes se ofereciam como prémio. Guardava-os para o Ben.

— Obrigada — disse.

Repetiu o mesmo ritual para ir buscar outra coisa, um livro. Deu-mo.

— Olha para isto. Fui buscá-lo à biblioteca. Não te faz lembrar nada? — Um sorriso passou-lhe pelos lábios, uma visão rara ultimamente, normalmente apenas destinada ao Ben.

Agarrei no livro, passei a mão pela capa lustrosa, e senti os cantos dobrados. Era uma monografia, e o tema era o artista Odilon Redon.

— O museu — disse eu. — Quando levámos o Ben para ver os dinossauros e acabámos por ir ver os quadros.

— Sim! — disse ela. — Marquei a página. Vês?

Abri o livro onde ela inserira o marcador. Era uma faixa amarela garrida de couro com o desenho da Ponte Suspensa de Clifton gravado a dourado. A Ruth não tinha muitos objetos feios, mas este era um deles, e guardou-o porque o Ben o tinha comprado numa visita de estudo para lhe oferecer.

— Primeiro vimos o quadro de William Scott, lembras-te? — disse a Ruth.

Lembrava-me. Era uma tela gigantesca, ocupava uma parede, com um fundo muito negro e quatro grandes formas abstratas a flutuar nele, em branco, negro mais escuro e um tom de azul complexo que me fazia lembrar a costa da Cornualha iluminada pelo sol.

— O que é? — perguntou-me o Ben, com a mão aninhada na minha.

— É o que quiseres que seja — disse eu.

— Gosto dele — respondeu. — É aleatório. — Aleatório era uma palavra nova que o Ben aprendera na escola e que usava sempre que podia.

Na galeria seguinte o Ben foi atraído por uma pequena tela de Odilon Redon, e vi uma cópia dele quando abri o livro. No museu, o Ben tinha ficado em frente ao quadro, a apenas alguns centímetros,

enquanto a Ruth e eu estávamos mais atrás.

— O que é este? — perguntou-nos. Ao meio do quadro havia uma figura branca, montada num cavalo branco empinado, segurando num grande pau com uma bandeira verde no cimo, que parecia flutuar numa brisa quente. Atrás da figura estavam dois barcos que mal se destacavam do fundo espesso, com as suas sugestões de terra, mar, nuvens e céu em tons sombrios de castanho e azul.

— É um pouco confuso — disse o Ben.

— O artista fez isso de propósito — disse-lhe a Ruth. — Quer-te sugerir um sonho, um mundo onde as histórias acontecem e onde podes usar a tua imaginação.

— Qual é a história?

— Tal como a tua mamã disse acerca do outro quadro, a história é o que quiseses que seja. É tudo, ou nada.

— Gostava de ter uma bandeira verde — disse o Ben.

— Então também podias ser um aventureiro, como a pessoa neste quadro. Gostavas de ter um cavalo branco?

Ben acenou com a cabeça.

— E um barco? — perguntou-lhe a Ruth.

— Não obrigado — disse ele, e eu sabia que ele ia dizer isso, porque o Ben tinha medo do mar.

— Sabes o que vejo neste quadro? — perguntou-lhe a Ruth.

Ele olhou para ela.

— Vejo uma pessoa corajosa montada num cavalo magnífico e pergunto-me aonde essa pessoa irá e onde terá estado — disse-lhe.

— E também vejo música.

— Onde está a música? — perguntou.

— Está aqui. Está no quadro, e no mar, e no céu, e na história da pessoa, e no cavalo, e nos barcos — disse a Ruth. — Tudo isso me deu a ideia de música, e depois consigo ouvi-la na minha cabeça.

— E eu também — disse ele. Sorriu-lhe, de rosto iluminado. — São muitas notas rápidas, como uma aventura.

— E lentas também — disse a Ruth. — Vês aqui, naquele pedaço de tinta grossa, onde se vê que o pintor a aplicou com o pincel? Para

mim isso é uma nota lenta.

Ben pensou nisso.

— Consegues ouvir, mamã?

— Sem dúvida — disse-lhe, e naquele momento só o som da sua voz, a inocência a ressoar nela, a ansiedade de ouvir, era a música que me bastava. Naquele dia o meu filho tinha sete anos, e suspeitei já nessa altura que talvez não fosse uma criança capaz de ganhar uma corrida, ou vencer um jogo de rãguebi, por isso vê-lo reagir desta maneira aos quadros era uma alegria. Deu-me grandes esperanças para o seu futuro, aquela sensibilidade que ele tinha, a forma como era capaz de reagir tão intensamente à beleza e às ideias. Achei que lhe permitiria criar reservas a que podia recorrer quando fosse necessário, e sabia que conseguiria orientá-lo, ou pelo menos indicá-lhe o seu caminho.

Mas nesse dia, quando a Ruth e eu o levámos lá para baixo para tomar chá e comer bolo, não me apercebi que precisasse de recorrer a essas reservas tão cedo. Antes de estar preparado. Ou que talvez nunca chegasse a ter oportunidade de construí-las antes de serem estilhaçadas para sempre.

— Queres que te empreste o livro? — perguntou a Ruth. Estava perdida na página, na imagem, mantendo o rosto desviado do dela, olhando para os canteiros de roseiras podadas no jardim lá em baixo, para os ramos amplos e graciosos de um grande cedro. Mas a Ruth não era nenhuma tola, apesar da demência.

— O que foi, minha querida? — perguntou.

— Não foi nada.

— Não gosto de te ver assim, minha querida. Vem, senta-te aqui ao pé de mim, fala.

Eu queria, queria tanto. Mas a questão é que se lhe contasse, ia destruí-la. Por isso não o fiz.

— Agora tenho de ir embora — disse. — Até para a semana.

Aproximei o rosto do dela, disse adeus, dei-lhe um beijo. Segurou na minha cabeça encostando-a à sua, e por um instante as nossas faces ficaram encostadas. A pele dela era tão macia como gaze, a

face ossuda e delicada, quase ausente.

— Adeus, minha querida — disse ela. — Sê forte. Lembra-te: és mãe. Tens de ser forte.

Half term na versão original em inglês. No sistema educativo britânico refere-se a um breve período de férias sensivelmente a meio de um período escolar. (NT)

JIM

Mandei um dos detetives ir buscar o John Finch e trazê-lo para aqui. Dali a uma hora estava connosco. Parecia mais magro do que no início da semana. Coloquei a carta à frente dele.

— Não a retire do saco.

Ele agarrou no saco. De unhas roídas até ao sabugo. Mãos trémulas. Leu em voz alta:

O John Finch agora vai perceber como é perder um filho.

É bem feito.

Tem sido arrogante e agora vai ser humilhado.

«A vida pode ser prolongada pela medicina, mas a morte também atinge o médico.»

Observei-o atentamente. Parecia que eu lhe desferira um golpe na cabeça com um cassetete.

— Quem enviou isto? O que é?

— Chegou hoje de manhã. Não sei quem a enviou. Esperamos que possa ajudar-nos a descobrir.

O tremor das mãos alastrou-se para os pulsos.

— A culpa é minha? Fui eu que causei isto?

— Não vamos falar sobre culpa. Nesta altura isso não vai levar-nos a lado nenhum. Faz alguma ideia de quem poderá tê-la enviado? Achamos que implica que o remetente teve contacto consigo a nível profissional. Sei que já lhe perguntei antes, mas preciso mesmo que agora pense novamente sobre isto. Conhece alguém que possa guardar ressentimentos de si? Um antigo paciente?

John Finch parecia a pessoa mais derrotada do mundo. Parecia um homem a ver todos os seus piores pesadelos a concretizarem-se. Tinha a voz presa do esforço que fazia para controlá-la. Para ser sincero, achei a entrevista inesperadamente difícil, e penso que foi por me ter reconhecido nele. Sabia que se estivesse no seu lugar também me sentiria desanimado, e de alguma forma isso afetava-me, embora

não devesse. Não sei se se deveria à fadiga, ou à forma como se esforçou tanto por manter a dignidade, ou talvez a ambas, mas ali estava, um leve sentimento de solidariedade para com ele que não devia ter permitido manifestar-se.

— Os meus pacientes são crianças, Detetive. Não costumam guardar ressentimentos. Na verdade a sua visão do mundo é maravilhosamente simples, maravilhosamente justa.

Passou as pontas dos dedos de uma mão à volta da órbita.

— Mas elas têm família e, às vezes, raramente, perdemos uma criança durante a cirurgia, e as famílias não conseguem aceitar esse facto. Culpam-nos. Mesmo quando não há nada que possamos fazer. Mesmo quando a cirurgia é a única opção porque sem ela a criança morreria.

— Lembra-se de alguma família que possa ter ficado mais afetada do que as outras?

— Suficientemente afetada para levar o meu filho por vingança? Olho por olho?

— Sim.

Abanou a cabeça.

— Como já disse, houve um ou dois que tentaram processar o hospital, mas até mesmo isso é muito invulgar. É um risco que corremos na nossa profissão. — Passou uma mão pela testa, apertando as têmporas. — Não os imagino a fazer uma coisa assim tão radical, não consigo de facto imaginar, mas acho que há uma família que me vem à cabeça como sendo mais persistente do que as outras. Posso dar-lhe o nome da criança, os dados relativos ao pai estão no registo do hospital.

Empurrei uma folha de papel e uma caneta em cima da secretária em direção a ele.

— Escreva-me aqui o nome — disse eu. — Aquele que lhe vem à cabeça. E anote o nome da pessoa que devo contactar no hospital.

Ele escreveu. Deu-me o papel.

— A Rachel sabe? — perguntou.

RACHEL

Desta vez, não tentei conversar com a Zhang enquanto ela me levava para casa.

Fiquei a olhar pela janela e a pensar na Ruth e no Ben, e de como gostavam da companhia um do outro. Fiquei paralisada ao ver as crianças a irem a pé para casa depois da escola com os pais, ou em grupos confusos sem adultos, a gritar, a rir, a empurrarem-se uns aos outros, deixando cair pedaços de lixo que o vento fazia voar à sua volta. Naquela tarde começavam as férias intercalares na escola, tal como a Ruth dissera, e estavam a celebrar.

— Podemos ir à escola do Ben?

— Podemos. Porquê? — perguntou Zhang.

— Quero ir buscar as coisas dele. São as férias intercalares.

Ela hesitou apenas momentaneamente.

— Claro — disse. Parou no acesso a uma estação de serviço para fazer inversão de marcha e ficámos presas atrás de outro carro. Era impossível não ver os títulos dos jornais, turvos atrás do grosso plástico do quiosque no acesso à estação de serviço. As primeiras páginas de dois jornais mostravam uma fotografia minha na conferência de imprensa, ao lado de uma da minha irmã de camisa de noite, a repreender os jornalistas à porta da minha casa. Foi isto que li antes de Zhang avançar:

AS FÚRIAS FINCH

INTIMIDANTE: a tia do Benedict perde a cabeça

IRMÃS: que não têm medo de ser SELVAGENS

O MEDO AUMENTA: 5 dias desaparecido e a contar

E noutro jornal, sob uma fotografia do meu menino.

O MISTÉRIO DA ROUPA DO BEN

Nova cronologia do desaparecimento do Ben no interior

Zhang continuava calada, não tinha a certeza se os tinha visto ou não. Puxei o capuz do casaco e afundei-me no assento. Tinha medo

que alguém me reconhecesse e tinha medo do que poderiam dizer se isso acontecesse.

A escola do Ben estava quase vazia quando chegámos. Tivemos de contornar alguns pinos laranja que foram colocados para formar uma barricada informal à entrada do parque de estacionamento dos professores. Estavam ali apenas alguns carros, os lugares estavam quase todos vagos. Zhang estacionou num local de onde se via o recreio, um pequeno espaço asfaltado com balizas de futebol pintadas numa parede e murais coloridos na outra. Era uma escolinha modesta, com a velha escola vitoriana ao centro, e vários acrescentos modernos desinteressantes anexados a ela ao longo dos anos.

Até estacionarmos, achei que seria uma boa ideia visitar a escola, mas quando Zhang desapertou o cinto de segurança e tirou as chaves da ignição, fiquei paralisada por estar realmente ali.

Era por ver o recreio. Fazia-me lembrar que este era o mundo do Ben, o seu outro mundo, e da última vez que estivera ali foi para ir buscá-lo na tarde da sexta-feira anterior.

Quando Zhang se virou para mim, interrogando-se sobre por que razão continuava imóvel, as imagens inundaram-me o cérebro.

O recreio na sexta-feira: estava agitado como era habitual, com uma multidão de pais à espera das crianças que transbordavam do edifício em vários estados.

Alguns pareciam ter sido catapultados cá para fora com o único propósito de gastar o excesso de energia a correr uns atrás dos outros por entre grupos de mães, outros pareciam vergados pelo peso da semana, com as mochilas pesadas às costas. Alguns exibiam orgulhosamente autocolantes nas camisolas, um ou dois irrompiam em lágrimas ao ver o pai ou a mãe após um longo período de frustração reprimida.

Vi tudo isto em pequenas erupções vívidas: carrinhos de bebé, mães carregadas como burros de carga, lanches a serem distribuídos, histórias de injustiça ou triunfo. Crianças enviadas de volta para o edifício para irem buscar coisas esquecidas. Uma professora de

caneca de chá na mão; o diretor com uma gravata nova, numa das raras saídas do seu gabinete, com alguns pais reunidos à sua volta. Silhuetas recortadas como grinaldas nas janelas da sala de aulas atrás delas.

— Está com dúvidas? — perguntou Zhang.

— Não — disse eu. — Quero fazer isto.

Forcei-me a concentrar-me, respirei fundo. À minha frente o recreio estava vazio, à exceção de um arco de plástico verde, que fora abandonado no meio do asfalto e os restos de marcas de giz colorido no chão, só parcialmente lavadas pela chuva. Saí do carro.

— Saiba que a escola contratou seguranças — disse Zhang enquanto atravessávamos o recreio até à entrada —, por causa dos jornalistas. Apanharam um a bisbilhotar na secretaria.

Enquanto caminhávamos parecia-me que as minhas pernas não estavam a funcionar devidamente, tinha uma fraqueza na cabeça e no peito. Tudo parecia ter adquirido o aspeto de uma banda desenhada. Visualizei os jornalistas como uma planta invasora, com as raízes e gavinhas a crescerem de forma implacável invadindo todas as áreas da minha vida e da vida do Ben, à procura de ação ou informação para se alimentar. Sentia-me claramente indisposta, e pensei se não devia voltar para o carro e deixar que Zhang fosse sem mim, mas nessa altura já tínhamos chegado à porta e era impossível explicar como me sentia.

Um homem corpulento que nunca vira antes deixou-nos entrar no edifício. Tinha a cabeça rapada, um auricular, e uma barriga de cerveja extraordinariamente grande. Verificou a identidade de Zhang e deixou-nos entrar.

Indiquei o caminho para a sala de aulas do Ben. Só queria ir buscar o equipamento de ginástica dele ao cabide, e qualquer outra coisa que tenha deixado ficar. Era isso que normalmente faria nas férias intercalares. Teria lavado o equipamento e verificado se tinha tudo o que precisava para as próximas semanas até ao Natal. Não fazer isso parecia errado.

Mas não ia ser assim tão simples. Quando nos aproximávamos da

porta da sala de aulas do Ben, vi uma grande exposição de desenhos, e no meio deles estava um que reconhecia, porque foi o Ben que o fez. Fiquei sem força nas pernas.

Depois disso só tenho fragmentos de memória e sensações: confusão, quando recuperei os sentidos, porque estava no chão do corredor com Zhang a soerguer-me; voltei a focar os olhos na exposição de desenhos, vi folhas e ramos pintados em todos os tons de castanho, laranja, verde e preto que se enrolavam à volta do Ben engolindo-o quando estávamos nos bosques; vi o desenho do Ben no meio dos outros, certa de conseguir ver as suas impressões digitais nas manchas de tinta; senti um impulso de me levantar e colocar os dedos onde os dele estiveram, e em seguida a incapacidade de o fazer.

Quando me puseram de pé e tiveram a certeza de que não ia desmaiar outra vez, levaram-me para a sala de aulas e sentaram-me na cadeira da professora.

A professora May estava lá, e o auxiliar de educação também. Ouvi a voz de Zhang a dizer:

— Ela só quer as coisas dele, é por isso que estamos aqui.

Vi a professora May aproximar-se de uma fileira de cabides que percorriam uma parede da sala de aulas e depois tirar o único saco de ginástica que permanecia ali, atrás dele estava uma etiqueta. Era a fotografia de um cão, branco e preto como o *Skittle*, e o nome «Ben F.».

Então a professora May disse:

— Lucas, por favor pode ir buscar... — E vi o auxiliar de educação ir para o corredor e retirar cuidadosamente o desenho do Ben da exposição do outono e colocá-lo numa pasta de plástico. Reparei no queixo pouco proeminente e nos cabelos muito ruivos. Reparei nas manchas de suor debaixo dos braços.

Depois a professora May ofereceu-se para me ajudar a ir até ao carro, mas recuperei a voz e disse que não, porque não queria confusões, e Zhang disse que podíamos ir sozinhas.

Lá fora, no corredor, dando-me o braço com firmeza, passámos

pelo novo diretor. Ele disse:

— Lamento imenso. — Mas a forma como olhou para mim fez-me sentir em exposição, por isso não respondi. Só queria chegar a casa.

A professora May veio a correr pelo corredor atrás de nós, com os sapatos a bater no chão depressa, e apanhou-nos mesmo quando chegámos à porta. Tinha os braços cheios dos livros do Ben, que me entregou dizendo:

— Achei que talvez gostasse de ficar com eles, visto que não estive presente na reunião esta semana. Achei que talvez gostasse de os examinar.

Por isso aceitei-os e enquanto Zhang me ajudava a entrar no carro segurei-os junto a mim com tanto cuidado como se estivesse mesmo a pegar num bebé.

JIM

Anexo ao relatório do Inspetor James Clemo para a Dr.^a Francesca Manelli.

Transcrição gravada pela Dr.^a Francesca Manelli.

Estão presentes o Inspetor James Clemo e a Dr.^a Francesca Manelli.

Estão assinaladas em *itálico* as notas indicativas do estado de espírito ou comportamento do Inspetor Clemo, quando estes não são transmitidos apenas pelos seus comentários.

FM: Então e a carta?

JC: Apostámos tudo nela. Como é óbvio.

FM: A decisão foi sua?

JC: Foi da Fraser, na verdade foi de ambos, e foi a decisão certa.

FM: A equipa de investigação ficou entusiasmada?

JC: Ficamos sempre entusiasmados quando temos uma pista, mas também temos de ser cautelosos. Não queremos cometer erros. Mas foi um desenvolvimento, e isso foi bom porque nessa altura já tinham passado cinco dias e isso estava a começar a afetar as pessoas. Estavam cansadas; os jornalistas andavam doidos à nossa volta. Tínhamos o *blogue* que nos preocupava.

FM: O que estava a acontecer com o *blogue*?

JC: Nos bastidores a Fraser fazia tudo o que podia para descobrir quem poderia estar por trás disso. Entre outros, estávamos a investigar a Laura Saville e a Nicola Forbes como suspeitas possíveis de transmitirem informações. Sabíamos que de certa forma ambas já estavam envolvidas em jornalismo *online*, e claramente próximas do epicentro dos acontecimentos. Mas tinha de ser discreta a nível interno, em parte porque não queríamos deixar ninguém ansioso, se andavam a tramar qualquer coisa, e também porque todos os que estavam a trabalhar na investigação sentiam a pressão, e isso é muito

mau para a moral, para ser brando.

FM: Incluindo-o a si? Estava a sentir a pressão.

JC: Claro. A vida de uma criança estava em risco.

FM: E tinha alguma estratégia para lidar com isso?

Fala comigo como se eu fosse imbecil.

JC: Um menino, de oito anos de idade, continuava desaparecido após cinco dias. Não tínhamos tempo para «estratégias».

FM: Está bem. Compreendo que deve ter sido um período de tensão para todos os que estavam envolvidos na investigação. A minha pergunta é...

Ele interrompe-me; ficou zangado.

JC: Não seja paternalista.

FM: Não foi essa a minha intenção. É uma interpretação muito defensiva do que eu disse. Estou simplesmente a reconhecer o facto de que se sentia sob pressão e a procurar maneiras de podermos explorar o que isso significou para si, e para a investigação.

JC: Não faz ideia do que é estar no meio de uma coisa dessas.

FM: Então seria justo dizer que nesta fase do caso já não tinha a mesma atitude do que no início? A atitude de «vamos lá a isto»?

JC: Sim, seria justo, porque já pensou no que é estar cinco dias longe da família e a viver permanentemente com medo do que poderiam fazer a uma criança? São 120 horas e o tempo estava a contar. Isso nunca me saía da cabeça a cada segundo. Porque acha que lancei uma bomba para o meio daquela família? Porque foi isso que aconteceu, ao fazer a Nicky Forbes confessar aquilo à irmã, não pense que não estou ciente disso. Mas fi-lo pelo Benedict. Porque tínhamos de encontrá-lo, e se houvesse danos colaterais, paciência. A carta não foi diferente.

Termino aqui a minha sessão, porque receio afastá-lo completamente se o pressionar mais hoje. Mas se este homem não passar por este processo com sucesso, e voltar a trabalhar no DIC, receio pela sua estabilidade a longo prazo.

RACHEL

Quando cheguei a casa, Zhang perguntou-me se queria que ela entrasse comigo mas recusei, dizendo que a minha irmã estava lá, mesmo não sabendo se isso seria verdade. Ainda me sentia desligada e estranha, como se todos os meus sentidos estivessem embotados e a única coisa importante fossem os pensamentos que fervilhavam na minha cabeça.

A Nicky estava lá. Estava sentada na cozinha e a mala estava junto à porta de entrada, com o casaco dobrado por cima.

— Fiquei à espera porque não queria ir embora sem me despedir — disse ela.

Não reparou na minha desorientação. Mas perguntou-me o que tinha nos braços.

— São os livros do Ben — disse eu. Pousei-os cuidadosamente em cima da mesa, e depois ficámos ali de pé, uma diante da outra, e ela inclinou-se para a frente para me abraçar. Foi um abraço incómodo, como na primeira manhã na esquadra da polícia, mas desta vez era pior porque o corpo dela não me ofereceu nenhuma suavidade que tinha antes. Estávamos ambas demasiado desconfiadas uma da outra, e fizemos tudo com o mínimo contacto visual, porque pela primeira vez na vida nenhuma de nós sabia em que situação estava relativamente à outra. E então, como se soubesse que não era adequado, Nicky ficou ali de pé à minha frente e colocou-me as mãos nos braços, esfregando-os para cima e para baixo.

— Vais ficar bem? — perguntou.

Assenti.

— Posso voltar sempre que quiseres, basta telefonares, se não aguentares estar sozinha.

— Posso pedir à Laura para vir cá — disse eu, e a minha voz parecia estranha, como se tivesse a língua inchada.

Ela hesitou ligeiramente antes de dizer:

— Está bem.

Depois ficámos outra vez ali de pé, a mão dela afastou-se dos meus braços e ela olhou para mim de uma maneira que me fez ter vontade de gritar devido à incerteza e ao horror de tudo aquilo, por isso, com as últimas forças que me restavam, disse:

— Vai Nicky.

— Não tenho a certeza se devia ir — disse ela. — Olhando para ti agora. Não estás bem, pois não?

E eu gritei.

— VAI-TE EMBORA! — Porque sentia que ia implodir se alguém me dissesse mais alguma coisa, e isso chocou-a tanto que deu um passo atrás, e pela sua reação percebi que a minha expressão devia ser terrível.

Ficou a olhar para mim, e depois começou a dizer qualquer coisa, por isso gritei:

— JÁ! — E foi mais um grito do que uma palavra, e depois subi as escadas a correr tão depressa que não ouvi o som da porta a fechar-se atrás dela, mas ouvi os jornalistas a pressionarem-na para lhes dizer quem tinha gritado e porquê, e deve ter-lhes respondido em voz baixa, ou então não lhes respondeu mesmo, porque passados alguns minutos só ouvia os sons da minha casa vazia.

A Laura veio para me reconfortar. Não lhe pedi, ela apenas chegou. Quando fui abrir a porta ouvi-a conversar com um dos jornalistas que estavam ali ao lado. Ao entrar disse:

— Que engraçado. Fui colega de curso de um destes tipos ali fora. — Disse-o num tom ligeiro, como se se tivessem encontrado numa festa. Pensei em qual deles seria. Havia alguns que costumavam lá estar. Achei que o mais provável era que fosse o mais novo do grupo, aquele que corria mais do que os outros e era o último a parar de bater nos vidros do carro quando me levavam dali. Não lhe perguntei.

Trouxe comida pronta e uma garrafa de vinho. Antes de chegar, tinha pensado em contar-lhe tudo o que acontecera. Mas não contei. Não consegui encontrar palavras, pareciam presas dentro de mim, aprisionadas pelos meus sentidos embotados e pela minha confiança

deteriorada. Dentro da minha cabeça eu estava agitada, como uma drogada em ressaca, obcecada com a minha irmã, e pelo que ela me disse, revivendo a perda de consciência na escola.

A Laura deixou-me estar agitada. Colocou calmamente a comida em cima da mesa da cozinha e deitou o vinho nos copos.

— Sei que provavelmente não te apetece isto — disse ela —, mas vou fazê-lo na mesma e não vou ficar ofendida se não quiseres.

A comida e a bebida que ela trouxe pareciam velhas relíquias de uma vida que antes apreciava, mas fiz por parecer agradecida. Provei um ou dois dos pratos, consegui beber apenas um pouco de vinho, que perdera todas as qualidades reconfortantes que tinha antes do desaparecimento do Ben e que agora parecia ácido na minha boca.

— Queres falar sobre ele? — perguntou a Laura, quebrando o nosso silêncio. — Achas que ia ajudar?

A Laura nunca comia muito; tinha o apetite de um pardal. Brincou com a comida por alguns instantes, enquanto eu não respondia à sua pergunta, e depois disse:

— Lembras-te de quando ele nasceu? Mesmo no princípio? Nem acreditávamos como era tão pequenino, lembras-te disso?

Recuperei a voz.

— Ao princípio nem querias pegar-lhe ao colo.

A Laura não tirava os olhos dele quando veio visitar-me ao hospital. Eu estava exausta, deitada na cama, com o corpo dorido e magoado, carregado de hormonas e macio, e observava-a enquanto ela estava junto ao berço, toda bem vestida e bem arranjada, bronzeada e bonita com o seu vestidinho de verão e grandes óculos escuros na cabeça — como um postal da minha vida anterior à maternidade. Disse-lhe que podia pegar-lhe ao colo, mas de início abanou a cabeça.

Sorriu ao lembrar-se.

— Nunca tinha pegado num bebé. Não queria quebrá-lo, nem deixá-lo cair.

— Mas eu obriguei-te.

— E ele bolsou para cima de mim.

— Ele bolsava para cima de tudo durante os primeiros meses.

Estava sempre a lavá-lo.

— Mas foi amor à primeira vista, não foi? Para ti?

— Foi.

— Invejei-te por isso. Era tão intenso, tão íntimo.

Segurava no pé do copo de vinho com os dedos, girando-o devagar, fletindo os pulsos delicados. Depois voltou a enchê-lo. Mais de metade da garrafa já tinha sido consumida, e eu só bebera alguns goles.

Pela primeira vez reparei que estavam a começar a formar-se algumas rugas no seu rosto de elfo. Era apenas uma impressão, pareciam estar lá num momento e no momento seguinte já tinham desaparecido, mas faziam lembrar de que estava a envelhecer, que todos estávamos a envelhecer. Estendi a mão por cima da mesa em direção à dela e os nossos dedos tocaram-se brevemente.

— Nem acredito que está a acontecer-te isto — disse ela. — É como se de repente tivessem sido atingidos por um relâmpago, tu e o Ben. Nem imagino o que deves estar a sofrer.

— Todas as minhas emoções estão em sofrimento.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas não derramadas, e disse:

— Posso contar-te uma coisa? Quero dizê-la para que saibas que as outras pessoas sabem como te sentes. Pelo menos um pouco daquilo que sentes.

— Diz-me — disse eu instintivamente, e senti um reavivar do pavor que as nossas reminiscências do Ben adormeceram por breves instantes.

— Fiz um aborto.

— Quando? — Era uma notícia surpreendente, e chocante também. Pensava que a Laura e eu tínhamos aquela amizade sem artifícios, em que os únicos segredos que temos são os presentes de Natal e aniversário que pensamos oferecer uma à outra.

— Antes de o Ben nascer.

— Não sei o que dizer. Porque não me contaste antes?

— Estavas grávida.

E ali estava: uma farpa na nossa amizade que desconhecia.

— Quem era o pai?

— Lembras-te do Tom, de Bath?

Lembrava-me. Era um homem casado, que ela tinha conhecido no trabalho.

— Ele sabia?

— Foi ele que o pagou. Meu Deus, Rach, desculpa. É uma estupidez mencionar sequer isto agora. Nem sei porque estou a contar-te isto. Não é nada comparado com o que estás a sofrer.

E a questão era esta: não conseguia lidar com aquilo. Se a Laura queria que fôssemos solidárias naquele momento, então acabara de dizer algo completamente despropositado. Era simplesmente demasiado para mim: a perda intencional de um filho.

Uma semana antes, estaria lá para dar-lhe o meu apoio, mas naquele momento era algo intenso e insuportavelmente doloroso de ouvir, e o meu cérebro, baralhado pela novidade que ela me deu, por tudo, fundiu.

O prazer requintado e doloroso das nossas reminiscências do Ben desapareceu num instante. O anterior calor da sua amizade, e da sua companhia, de repente parecia gélido e quebradiço. Um arrepio percorreu-me a pele como rajada de vento a agitar as águas geladas.

— Não — disse eu. — Não, não, não. Não consigo ouvir isto agora. Porque me estás a dizer isto?

E depois outro pensamento, um pensamento corrosivo, visto que a desconfiança que a minha irmã semeara estava agora a florescer livremente na minha cabeça. Dei-lhe voz num tom suficientemente rude para me surpreender até a mim própria, o tom de uma pessoa levada ao limite.

— Andas a contar histórias sobre mim aos jornalistas? Aos teus amigos lá fora? É por isso que quiseste falar sobre o Ben?

Levantei-me, e derrubei o copo de vinho com a pressa de me pôr de pé, o vinho por todo o lado, por cima da mesa, por cima de mim, pingando no chão, e a Laura também se levantou, com toda a suavidade arrancada à sua expressão pelo choque, de faces frias e lisas como mármore.

— Caramba, Rachel! Sei que deves sentir-te desesperada, mas...

Empurrei-a. Contornou a mesa na minha direção, querendo abraçar-me e eu empurrei-a. Agarrei no casaco e na mala e atirei-lhos, perseguindo-a até à porta de casa, ignorando as suas súplicas, e as lágrimas, até ter saído, ido embora, como a Nicky, e os jornalistas, os seus ditos amigos, lhe tirarem fotografias à porta enquanto eu me sentava novamente à mesa da cozinha, na cadeira molhada de vinho, a chorar.

JIM

Trabalhámos com o John Finch todo o dia. A sensação de me reconhecer nele subsistia, talvez até se tivesse intensificado, enquanto falávamos. Perturbava-me.

Ficou à espera em Kenneth Steele House comigo enquanto os meus agentes começaram a verificar as famílias que ele identificara. Enviámos um par de detetives ao hospital, na esperança de não haver grandes questões acerca da confidencialidade e procedimentos burocráticos que tivessem de ser cumpridos antes de nos darem informações.

— Alguma vez se cansa disto? — disse-me Finch num longo momento de silêncio em que os meus pensamentos tinham ido ao encontro da Emma, de quando voltaria a vê-la. — Alguma vez se cansa do contacto diário com pessoas cujas vidas foram despedaçadas?

Estávamos sentados numa sala de entrevistas sem janelas, a uma mesa de tampo cinzento. Uma luz fluorescente por cima de nós lançava um clarão que me fazia doer as têmporas. Não lhe respondi. Se o tivesse feito, teria perdido o afastamento, a distância profissional. Não podia esquecer-me de que John Finch não era meu amigo, mas era difícil não responder, porque havia paralelos entre o que ele fazia e o que eu faço. Durante alguns instantes, fui assolado por um impulso de dizer que sim, de falar com ele, de comparar notas e admitir que por vezes era muito, muito difícil manter o afastamento. Pensei que talvez noutro universo tivéssemos podido fazer isso, e teria sido agradável, mas não ali, não naquele momento.

— Sabe o que me faz lembrar esta sala? — perguntou.

Abanei a cabeça.

— Dizemos que é a sala das más notícias, lá no hospital. É para lá que levamos as famílias quando temos de lhes dizer o pior. É exatamente assim, só que lá há brochuras.

Mantive um tom neutro.

— Esperamos dar-lhe boas notícias, Doutor Finch.

— Sabe como eles ficam a saber? — disse ele. — Os mais espertos, as famílias inteligentes? Vêm o bule de porcelana e as chávenas de porcelana com pires, e a porta a fechar-se atrás deles, e o grande número de pessoal médico, todos reunidos numa sala, e perguntam-se para quê tanta confusão, só por causa deles? Não demoram muito tempo a perceber. Apercebem-se da situação mesmo antes de começarmos a falar. Começam a sofrer antes de deitarmos leite nas chávenas.

— Bem, nesse aspeto aqui está a salvo — disse eu.

À nossa frente havia um tabuleiro com quatro copos de poliestireno com restos de café acinzentado a boiar no fundo. Saquetas de açúcar rasgadas e meio vazias ocupavam a mesa como sacos para cadáveres em miniatura.

Ele compreendera porque lhe tinha dado uma resposta tão superficial.

— Desculpe — disse. — É evidente que não quer ter esta conversa porque seria pouco profissional tê-la. Foi uma estupidez da minha parte. Na sua situação faria o mesmo. — Solto um ruído áspero que devia ser uma gargalhada, mas que se infiltrou de forma soturna nos cantos da sala, troçando da sua tentativa de alegria forçada.

Interroguei-me nessa altura se toda a dor e dificuldade da sua profissão, a impotência e os encontros com a morte, não se teriam tornado tóxicas para John Finch também, demasiado tóxicas para poder suportá-las.

Nessa altura baixei as defesas, só por um instante, porque fiquei curioso.

— Fica comovido quando perde um paciente? — perguntei-lhe. Queria saber o quanto o insucesso o afetava; queria saber se era como eu.

— Muito ocasionalmente, há um que nos toca, por muito que nos esforcemos para impedir. É muito raro. Aprendemos logo ao início, quando estamos em formação, que temos de manter a distância a nível emocional, porque se não o fizermos, não conseguimos fazer o

nosso trabalho.

— O que faz esse distinguir-se dos outros?

— Às vezes nem sabemos. Uma vez operei um rapaz que me fazia lembrar um pouco o Ben, e conheci a mãe dele, não era assim tão diferente da Rachel. Fazia-me lembrar de nós, da nossa família. Não foi assim há tanto tempo, o Ben devia ter cerca de sete anos na altura. A operação do rapaz era bastante simples, mas ocorreu uma hemorragia, e ele morreu. O coração parou. Não havia nada a fazer. Foi uma morte inesperada e quando fui contar à mãe, eu... infelizmente perdi o controlo.

A angústia flutuava-lhe no fundo dos olhos, mas era óbvio que John Finch também aprendera a ser estoico. Não perdeu o controlo, disse:

— Foi pouco profissional da minha parte.

— É compreensível.

— Acha que sim, Detetive? Já alguma vez lhe aconteceu?

Olhei para o relógio. Era tarde. Estava em perigo de confessar. Tinha de recuperar o controlo da situação.

— Acho que devíamos ir comer qualquer coisa — disse. — É muito provável que a noite seja longa.

Levámos o John Finch a casa às dez da noite. À meia-noite, o número de suspeitos já estava reduzido com base na informação que ele nos dera, e tínhamos um suspeito principal para a carta. Às primeiras horas da manhã já tínhamos incomodado inúmeros colegas e estávamos absolutamente certos. Verificámos e voltámos a verificar os pormenores, os antecedentes, e verificámos pela terceira vez que tínhamos a morada correta do nosso suspeito.

Fraser, que devia estar a tomar o seu quinquagésimo café, encarregou-me de fazer uma busca de madrugada. Queríamos ter o elemento de surpresa a nosso favor, e essa era a melhor altura para obtê-lo. Escolhi os meus homens, e fizemos os preparativos com grande cuidado.

Devíamos ir às 5 da manhã.

DIA 7

SÁBADO, 27 DE OUTUBRO DE 2012

«Um rapto pode ocorrer por muitas razões, incluindo um desejo de ter uma criança, satisfação sexual, proveito financeiro, vingança e desejo de matar. As conclusões da investigação indicam que quando a criança é morta, a motivação pode ter bases emocionais, quando o raptor procura vingar-se da família; pode ter bases sexuais, quando o agressor procura satisfação sexual na vítima; ou pode ter bases financeiras, o que envolve na maior parte das vezes um resgate em dinheiro (Boudreaux et al., 200 e 2001). Além do mais, o homicídio infantil sucede-se normalmente a um rapto, e não constitui o motivo do rapto.»

«The Abduction of Children by Strangers in Canada: Nature and Scope»¹⁰, pela Prof.^a Marlene L. Dalley, Serviços Nacionais para as Crianças Desaparecidas, e Dr.^a Jenna Ruscoe, Assistente de Investigação, 1 de dezembro de 2003

¹⁰ O Rapto de Crianças por Desconhecidos no Canadá: Natureza e Âmbito. (NT)

PÁGINA DA INTERNET — www.noticias24horas.co.uk/uk/bristol — 7:22 h, 27 de outubro de 2012

Onde está o Benedict Finch?

A Blogosfera insurge-se — Poder ao povo ou justiça popular?

Por Danny Deal

Os agentes da polícia que estão a trabalhar no caso Benedict Finch ficaram frustrados com o surgimento de um blogue, que agitou a comunicação social.

O blogue, aparentemente escrito por alguém próximo do caso, foi acusado de informar sobre pormenores do caso e levantar suspeitas contra a família do Benedict Finch.

A inspetora chefe Corinne Fraser disse, ontem à noite, «não sabemos quem é o autor deste blogue, mas é um trabalho muito vingativo. Nesta altura, estamos muito preocupados com o bem-estar da família do Benedict Finch, bem como do próprio rapaz, pedimos às pessoas que fiquem calmas, que respeitem a situação da família e que não prestem atenção a este blogue, que é obra de uma pessoa mal informada e pouco fiável. Neste momento, todos os nossos esforços estão concentrados em encontrar este rapaz.»

Acrescentou que a polícia ainda está a «seguir múltiplas linhas de investigação» e tem «esperança que haja um desenvolvimento importante em breve». Recusou-se a comentar que desenvolvimento será esse.

James Leon, advogado, afirmou que «qualquer pessoa, seja uma organização da comunicação social ou um indivíduo, pode ser processada por desrespeito pelo tribunal se os seus comentários publicados *online* forem considerados prejudiciais ao julgamento».

3 pessoas estão a falar sobre este artigo

Donna Faulkes

As pessoas deviam poder dizer o que quisessem

Shaun Campbell

Se a polícia não consegue encontrá-lo pelo menos alguém diz o que todos pensam

Amelie Jones

É uma estupidez escrever isto e não dizer o que é que as pessoas não podem dizer

RACHEL

Acordei às primeiras horas da manhã novamente banhada em suor, consumida por aquele sentimento de perda expulsado que era brutal e esgotante, e que já não era mitigado por ter pessoas perto de mim.

Comecei a ponderar que o Ben podia não regressar a casa.

Comecei a considerar a realidade em que talvez tivesse de viver, caso isso acontecesse.

Seria intolerável.

Os meus pensamentos obsessivos e nervosos conduziram-me lá abaixo, saindo pela porta das traseiras pela noite dentro. O vento ainda era cortante e fez-me correr pelo jardim até ao estúdio, e nesse curta distância abriu caminho entre as pregas da minha camisa de noite, por isso quando entrei estava a tremer tão violentamente que me sentia como um saco de ossos a ser sacudido.

Não me atrevi a acender a luz, para ninguém me ver através das portas de vidro, iluminada em toda a minha glória decadente. Os meus vizinhos, tal como os meus amigos, agora pareciam adversários, potenciais espiões. Em vez disso, liguei o computador, e sentei-me à sua frígida luz azul. Depois, compulsivamente, devagar, sabendo que não devia, incapaz de parar, comecei a pesquisar *online*.

Vi-me ainda mais castigada. Na ausência de notícias sobre o caso, surgiram artigos editoriais, sobretudo em jornais respeitáveis. E se antes de os ler esperava que fornecessem uma perspetiva mais equilibrada da situação da nossa família, então estava enganada, alucinada. Faziam juízos de valor tão brutais como os tabloides.

Discutiam o caso quase sem exceção, e o meu desempenho na conferência de imprensa, situado no contexto de mãe solteira, e usaram-no como um pau para me baterem, ou um rótulo para me estigmatizarem.

Esses artigos editoriais faziam muitas perguntas sobre mim, e sobre o caso do Ben. Conseguem imaginar, não conseguem? Talvez os tenham lido. Questionaram a minha moral, e lançaram dúvidas sobre

as minhas capacidades para educar uma criança. Condenaram-me abertamente pela minha falta de cuidado ao deixar o Ben ir a correr sozinho pelo bosque. Culparam-me, transformaram-me numa pária social. Mãe solteira, mãe falhada, pessoa de estatuto social duvidoso, alvo.

Estas foram as perguntas que não fizeram: não mostraram curiosidade absolutamente nenhuma em saber se eu ponderara sobre a decisão de deixar o Ben ir a correr à minha frente, nem quaisquer outros fatores que pudesse ter tido em conta; não examinaram o sentimento de perda que tive de superar quando o John me deixou, nem o meu esforço para reconstruir a minha vida, nem o meu desejo de ser uma boa mãe na sua ausência; não perguntaram o quanto amava o Ben.

Nenhum jornalista mencionava a dificuldade de educar um filho sozinho, as noites solitárias, a pressão de tomar decisões difíceis sem apoio, a dolorosa ausência de um companheiro que talvez pudesse estar ali se a vida tivesse sido diferente.

Eram pessoas que há cem anos me teriam condenado a trabalhos forçados, pensei com uma sensação de desespero crescente, e alguns séculos antes ter-me-iam colocado uma máscara de tortura, ou feito uma grande fogueira só para me colocarem lá em cima, acesa com tochas flamejantes, realçando com a luz trémula as suas feições rudes, a sua falta de piedade e compaixão.

E nas centenas de palavras escritas, nenhuma atribuía a mínima culpa ao John. Em contraste, ele angariava simpatias, protegido pelo seu género e profissão: cirurgião geral pediátrico, com a nova mulher a mitigar-lhe merecidamente a dor, e não a causar o fim do nosso casamento. Um deles até exibia uma fotografia do John com a Katrina como uma unidade perfeita, impecáveis na sua comunhão.

Eu era o alvo por ser socialmente inaceitável, e então faziam tudo o que podiam fazer legalmente: acicatavam-me publicamente com palavras escritas, examinadas e editadas, e cada um destes processos aperfeiçoava-as num esforço calculado para influenciar as pessoas depois de publicadas, para agitar a opinião pública em redor

delas, para que a minha situação pudesse atirar outras, pudesse entusiasmar e motivar as mentes dos arrogantes e dos que gostam de fazer juízos de valor. *Schadenfreude*. Conservadorismo. É melhor que o pior aconteça aos outros, porque, muito sinceramente, devem ter feito alguma coisa para o merecer.

E sentiam-se no direito de fazer isso, estes ditos «pensadores», confortavelmente sentados atrás da secretária com os seus livros de referência e a sua própria bússola moral por examinar, porque eu não significava nada para eles. O Ben e eu éramos apenas mercadoria que servia para vender jornais, nada mais. E aqueles eram os mesmos jornais que eu costumava ler, que costumava trazer da loja e levar para casa.

Era um jornalismo cobarde, fraco, e eu tinha consciência disso. Mas esse facto não impedia que cada palavra não despedaçasse o pouco que restava da minha dignidade, do meu autorrespeito. Afinal, era apenas humana.

E agora estou interessada em saber se ficam incomodados ao lerem isto, ao saberem que o tapete tão firme debaixo dos vossos pés pode ser arrancado assim tão depressa, tão completamente? Ou sentem-se mais seguros do que isso? Presumem que as vossas bases são mais firmes do que as minhas, e que a minha situação é demasiado dramática para alguma vez vos afetar? Repararam nos momentos em que cometi erros que talvez tivessem evitado? Imaginam que teriam manifestado uma dignidade maternal mais perfeita se estivessem na minha situação, que seriam irrepreensíveis? Talvez não tivessem sido suficientemente estúpidos para ter perdido o marido.

Cuidado com o que presumem, é a minha resposta a isso. Muito cuidado. Eu sei o que estou a dizer. Já fui casada com um médico.

Também estou interessada em saber o quanto se sentem incomodados. Se estão arrependidos do nosso acordo. Recordam-se dos papéis que atribuímos uns aos outros? Eu: Velho Marinheiro e Narrador. Vocês: Convidado e Ouvinte Paciente. Desejavam poder afastar-se? Talvez voltar a encher o copo? Agora que estou a perder

as forças, de que lado estão? Do meu, ou do deles? Quanto tempo irão ficar junto da perdedora, agora que já está tão castigada, tão pouco atraente. Exibindo aqui e ali sinais de instabilidade mental.

Se quisesse fazer uma tentativa final para vos prender a atenção, acho que diria o seguinte: se vos perturba ouvir-me dizer estas coisas, assistir ao meu declínio, então talvez possam animar-se com o facto de me custar muitíssimo confessá-las.

Quando, por fim, a escuridão lá fora do meu estúdio começou a dissolver-se naquela manhã, afastei a cadeira do computador, desviando os olhos horrorizados do ecrã. De dedos gelados, enrolei-me na camisa de noite e observei os contornos pouco nítidos do jardim transformarem-se lentamente numa manhã com uma luz estranha, em que o sol nascente tingia as nuvens suspensas, e estas não eram completamente negras, mas coloridas com tons de carne magoada, lustrosas em alguns locais. Era uma luz que ninguém confundiria com esperança.

De volta à cozinha, parecia-me que estava a reencontrar as minhas coisas após uma ausência. Coloquei a chaleira ao lume, e apercebi-me de que não o fazia há dias, porque a Nicky tinha feito tudo. Quase por curiosidade, abri o frigorífico, sem fazer ideia do que continha, e encontrei refeições prontas, em recipientes etiquetados, preparadas pela Nicky antes de partir, e um quarto de litro de leite fresco.

À mesa da cozinha, aquecendo-me lentamente à medida que o aquecimento da casa ia arrancando com os seus ruídos familiares em meu redor, comecei a olhar para os livros da escola do Ben.

Eram cinco. Não havia muitos trabalhos em cada um deles visto que o ano letivo ainda mal se iniciara, mas comecei a examiná-los: matemática, literacia, soletração, um projeto de história e um livro de notícias.

A primeira página do livro de notícias fez-me sorrir.

O Ben fez um desenho de uma cama enorme, que preenchia a página inteira. Nela estava uma figurinha humana feita com traços. Por baixo estava escrito: «Passei o fim de semana todo na cama.» Havia

um comentário ao lado escrito a vermelho: «Tens a certeza de que foi só isso que fizeste, Ben? Acho que deves ter feito outras coisas. O desenho da cama está bonito.»

Até me fez sorrir, porque era um disparate, e pensei simplesmente: é este o mundo onde quero estar, o mundo imaginativo e engraçado do meu filho.

Nessa altura soube com perfeita nitidez que se o Ben não sobrevivesse a isto, eu também não sobreviveria.

JIM

Apareceram cinco de nós: eu, e quatro homens completamente equipados. Roupas negras, coletes à prova de bala, bonés que escondem os olhos, e sapatos com solas suficientemente grossas para infligir danos. Todos os homens estavam armados. Todos tínhamos auriculares, para nos mantermos em contacto via rádio. Eu chefiava a equipa.

Eram 05:00 horas. Estava escuro. O silêncio da madrugada cobria o bairro como um cobertor.

Estacionámos silenciosamente na esquina, desligando o motor do carro depressa, e quando saímos não falámos, comunicando apenas por gestos. Três de nós ficaram ao fundo da via de acesso, nas sombras, escondidos, permanecendo ali à espera em silêncio enquanto mandei os outros dois contornarem a casa.

Não queríamos que ninguém escapasse pelas traseiras.

As luzes da rua revelaram que o *bungalow* estava em más condições, em contraste com as casas vizinhas, imaculadas, exibindo jardins com relvados bem aparados e cercaduras cuidadas, contendo arbustos cuidadosamente podados como troféus suburbanos reluzentes.

Os canteiros do jardim do *bungalow* tinham ervas, e o relvado estava lamacento e malcuidado, mas o portão de metal na parte lateral da casa estava pintado com uma tinta preta brilhante e o trinco não rangeu quando os meus dois detetives os abriram e entraram por ele.

O meu palpite era que o seu declínio era recente.

Havia uma única garagem ao lado do *bungalow*; a porta estava fechada mas em boas condições, e recentemente fora colocada uma nova cobertura dispendiosa na via de acesso. Não havia gravilha estrepitosa para denunciar a nossa presença. Também não havia nenhum veículo na via de acesso, cortinas abertas na parte de frente nem luzes acesas dentro de casa, e pedi a Deus que a casa não

estivesse vazia.

Ao meu sinal, dois dos homens aproximaram-se da porta de entrada e colocaram-se um de cada lado, encostados à parede, para não serem visíveis através do vidro martelado da porta, pelo menos até estarem preparados para serem vistos.

Havia uma luz de segurança por cima deles, mas não se acendeu. Traziam um ariete, um cilindro de metal preto, para poderem arrombar a porta se fosse necessário.

Não olharam para mim. Estavam concentrados na porta, à espera de ouvir a minha voz nos auriculares:

— Vão — sussurrei para o rádio. Sabia que a ordem ia ser transmitida com nitidez, e eles não hesitaram. Tocaram à campainha, bateram à porta, gritaram pela abertura do correio:

— Polícia, abra a porta. Polícia!

O ruído rasgou o silêncio do início da madrugada.

Quando se acendeu uma luz no corredor do *bungalow*, as outras casas à nossa volta já estavam iluminadas como árvores de Natal, e estávamos prestes a arrombar a porta.

Uma mulher abriu-a, de início apenas alguns centímetros, uns olhos desconfiados a espreitar. Parecia estar a dormir. Tinha calças de fato de treino, socas de plástico e uma bata de enfermeira. Os meus homens passaram por ela. Eu segui-os.

— Onde está ele? — perguntei.

Ela apontou para o fim do corredor do outro lado. Um dos meus homens já estava lá; o outro tinha entrado nos quartos da frente. Corri pelo corredor, mas mesmo antes de percorrer esses poucos passos, sabia que tinha corrido mal quando o meu agente disse:

— Aqui, Chefe. — Num tom desanimado. Estava de pé à porta mesmo à minha frente, de postura relaxada, a adrenalina esgotara-se. Não havia nenhuma ameaça.

Quando passei por ele para entrar, ele disse:

— Ele não vai a lado nenhum.

No meio do quarto havia uma cama de hospital. Na cama jazia um homem, de olhos esbugalhados de medo. Estava coberto por um

lençol branco que puxara até ao pescoço com dedos que seguravam o tecido com força. Tinha uma pulseira de hospital no pulso. O único sinal da sua relativa juventude eram os cabelos castanhos. O rosto pendia-lhe dos ossos e tinha uma pele acinzentada, à exceção das manchas vermelhas nos málares, da febre, ou da morfina. Estava ligado a uma bomba. Tinha uma máscara de oxigénio no rosto, com o elástico a marcar-lhe as faces, e um saco de urina laranja escura pendurado do lado da cama.

Ao lado da cama havia uma poltrona, e uma mesa com livros e com um computador portátil, um comando à distância para a televisão que estava em cima de uma cómoda a um canto, e um tabuleiro de cartão para recolher o vómito. Ao lado da porta havia uma cadeira de rodas.

A enfermeira agora estava ao meu lado.

— Ele está a morrer — disse ela. Tinha cicatrizes tribais no rosto, duas linhas ásperas e salientes em cada face, e olhos que me disseram que já vira a morte antes.

Virei-me para o meu agente.

— Revistem a garagem — disse, mas já sabia que não haveria nenhum sinal do Ben Finch.

RACHEL

Zhang telefonou-me a meio da manhã. Disse que acabara de estacionar na minha rua, e que não, não tinham encontrado o Ben, mas perguntou-me se podia deixá-la entrar. Queria falar comigo.

Fiquei à escuta junto à porta de casa para ver se ouvia os seus passos, com relutância em abrir a porta até saber que ela estava lá. Uma espreitadela pela janela do meu quarto informara-me que durante a noite o número de jornalistas reduzira-se a apenas dois ou três, mas não queria dar-lhes oportunidade para tirarem uma fotografia.

Quando ouvi os seus passos, e ouvi os jornalistas chamarem-na, comecei a abrir o trinco, mas não ouvi a campainha a tocar, como esperava. Em vez disso, ouvi-a praguejar. Entreabri a porta.

A entrada estava inundada de leite. Cobria a porta e escorria para o tapete aos meus pés. Acumulava-se no curto caminho, que estava cheio de plástico partido. Um par de garrafas de litro, que o leiteiro me entregava duas vezes por semana: leite gordo para o Ben e para os seus ossos em crescimento, meio gordo para mim. Partidas em bocados.

Imaginei mãos a atirá-las, pés a pontapeá-las, o impacto, a explosão de líquido branco, a sujidade e desordem que resultou, e soube que devia interpretá-lo como uma censura, que me classificava como uma mulher com uma entrada nojenta: um estigma tão antigo que nos marca como uma vadia do pior género. Interpretei-o como justiça popular cínica, o equivalente doméstico de uma pena branca¹¹ sob a porta.

Veem como a minha mente estava em alvoroço, agora que estava sozinha e encurralada.

— Rachel, volte para dentro de casa — disse Zhang rispidamente.
— Eu trato disto. Entre.

Fiz o que ela me mandou. Pediu-me uma esfregona e um saco de plástico para apanhar o lixo e quando voltou após ter limpo tudo, eu disse:

— Acha que alguém fez isto de propósito?

— Não tenho a certeza. Pode ter sido um acidente.

— Sabe que não foi.

— Não sei nada.

— Eles viram quem fez isto? — Indiquei os jornalistas com um gesto.

— Dizem que não. Dizem que estava assim quando chegaram de manhã.

— Estão a mentir.

— Rachel, não tem importância. Pode ter sido um acidente. Não se deixe afetar por isso.

Mas era demasiado tarde.

Dirigimo-nos para o meu estúdio, com o cão. Não suportava estar perto da porta de entrada, com os seus resíduos pegajosos de leite vandalizado que me envergonhavam e assustavam.

No estúdio, desta vez liguei o aquecimento, embaraçada em frente a Zhang por ceder ao masoquismo da madrugada que me fez ficar sentada ao frio enquanto pesquisava *online*.

Zhang falou-me na carta, e na rusga de madrugada que revelara um falsificador moribundo.

— Ele era uma pessoa arruinada — disse ela. — O filho morreu durante a cirurgia, quando o Doutor Finch estava a operar.

— A culpa foi do John?

— Não. Era uma operação muito arriscada. O pai tinha sido informado disso, e o filho teria morrido sem ela. A culpa não foi do John. Não foi de ninguém.

— A criança era um rapaz ou uma rapariga?

— Não sei. Parece que a morte levou o pai à loucura. Ele estava a criar o filho sozinho, porque a mãe tinha morrido. Também com cancro. Escreveu uma série de cartas ao hospital, ameaçando instaurar um processo legal, mas não havia motivo, por isso era inútil. E agora ele próprio estava a morrer de cancro. Toda a família, dizimada por essa doença.

— Como sabia do Ben?

— Viu na televisão, reconheceu o John, e achou que era uma oportunidade de se vingar dele. Foi apenas isso, um ato de vingança. Lamento. Mas também não voltámos à estaca zero. Temos outras linhas de investigação para seguir.

As palavras dela eram tranquilizadoras em si próprias, mas eu percebia que lhe custava muito fazer uma expressão otimista.

Quando se levantou para sair, reparou nas minhas fotografias.

Na parede, por cima da secretária, havia uma colagem de fotografias que fui tirando ao longo dos anos e, quase sem exceção, tratava-se de retratos do Ben. Eram o meu melhor trabalho.

Eram sobretudo a preto e branco, a maioria tirada em película antiga e revelada e impressa por mim numa câmara escura que montei na garagem da nossa casa de família. O John cedeu o espaço na garagem de bom grado. Não era um homem dado a *bricolage*.

A minha câmara preferida era uma *Leica M20*, um presente da Ruth e do Nicholas. Eu própria processei as películas, e passei horas a examinar os negativos, decidindo quais havia de imprimir.

O processo de impressão era uma alegria: a luz vermelho-escura à qual emergiam imagens do Ben da sopa química, uma espécie de alquimia, pintando com a luz, criando algo a partir do nada. Era um processo precário, pouco fiável, imprevisível, mas produzia imagens de uma beleza e de uma força tais que nunca me cansava.

As fotografias que eu tirei não eram os retratos luminosos tirados em estúdio que agora são ubíquos, onde as famílias são fotografadas num fundo de um branco ofuscante, de bocas abertas, mostrando os dentes corrigidos, em poses nunca antes adotadas por elas. Tudo artifícios.

Preferia trabalhar com a luz e com as formas, com o que já lá estava antes. Comecei com a ideia de que teria a sorte de captar só um fragmento da beleza do meu filho.

Uma vez, quando o Ben tinha cerca de cinco anos, descí as escadas muito cedo numa manhã de verão e encontrei uma luz da alvorada tão suave e cristalina que parecia ter uma presença etérea.

Despertei o Ben delicadamente e antes de ele estar completamente acordado pedi-lhe para se sentar à mesa da cozinha. A noite fora quente e ele estava só de calções de pijama. Sentou-se e olhou para a câmara com uma franqueza que era perfeita. Na fotografia, parece que conseguimos ver dentro da sua alma. Os cabelos estão despenteados, a pele tem a textura do veludo e os contornos dos braços esguios são perfeitos. Não há linhas rígidas na fotografia. Os negros desvanecem-se em cinzentos e em brancos, a as sombras desenharam-lhe os contornos do rosto e do tronco. Descrevem a sonolência, a inocência, a promessa e a verdade. Só no fundo dos olhos do Ben há um vislumbre de algo que é próprio do momento. É uma luz, uma pérola branca, e apesar de mais ninguém perceber, sei que a pérola é o reflexo da janela, e de mim, a tirar a fotografia.

É a melhor fotografia que já tirei, e provavelmente a melhor que alguma vez irei tirar.

Zhang ficou a olhar para aquela fotografia durante muito tempo. Ficou ali de pé com o café na mão em frente dela e com o tempo o vapor deixou de fumegar-lhe sobre as mãos. Depois também olhou para as outras, as várias manifestações do Ben, do Ben como era para mim.

Ele era uma criança pequena a examinar qualquer coisa no relvado no verão, de sobrolho ligeiramente franzido quase invisível sob um chapéu; ele era um primeiro plano de dois pezinhos rechonchudos de bebé e um estudo de mãos com unhas minúsculas e frágeis e nós dos dedos com rugas de recém-nascido, ainda sem solidez; ele era o perfil, a suavidade da pele das têmporas, a curva nítida das pestanas que mal se viam por trás; ele era uma silhueta distante a saltar uma poça nas rochas numa praia espetacular à beira de uma falésia no inverno.

Havia tantas, e Zhang examinou cada uma delas.

Ocasionalmente, o rádio dela fazia um ruído súbito, estalidos, ou estática, ou uma voz. Ela ignorava-o.

— São lindas — disse.

Eu própria estava perdida nas fotografias quando ela o disse, e a

sua sinceridade era inesperada, e parecia espontânea.

— É a primeira pessoa fora da família a vê-las — disse eu.

— A sério? Sinto-me honrada. Verdadeiramente honrada.

Ficou com a voz embargada. Teve de demorar um instante para se recompor.

— Tentei aprender fotografia quando era mais nova — disse ela. — O meu pai comprou-me uma câmara, uma câmara antiga. Era uma câmara com película. Tinha quinze anos. Propôs-me um projeto. Disse-me para sair e tirar fotografias. Levou-me a um sítio chamado Old Airport Road, em Singapura, onde cresci, porque ele pertencia ao exército, percebe. Em Old Airport Road há uma área de restauração tradicional, por isso está a ver, muitos quiosques a vender todo o tipo de comida na rua, o sonho de qualquer fotógrafo. O meu pai disse-me para tirar fotografias da comida. Tinha de pedir autorização aos donos dos quiosques e o meu pai ficou sentado a ver enquanto eu gastei imenso tempo a preparar as fotografias e a olhar para os diferentes ângulos e formas, e passadas duas horas já tinha tirado as minhas vinte e quatro fotografias. Deixámos o rolo para ser revelado e eu mal conseguia esperar para ir buscá-las no dia seguinte, de tão entusiasmada que estava. Tinha uma daquelas ideias que temos quando somos jovens, sabe: vou tirar um rolo de fotografias e ser uma fotógrafa famosa. Estava muito entusiasmada. Mas quando voltei no dia a seguir e a rapariga da loja me deu o envelope de fotografias, tirei-as e, todas elas estavam negras.

Nunca a tinha ouvido falar tanto.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Bem, olhei para o meu pai, tinha a mesma pergunta nos lábios, e ele disse: «Vais aprender a nunca mais deixar a lente tapada.» Fiquei tão zangada com ele por não me ter dito nada.

— Ele sabia? Enquanto estava a tirar as fotografias?

— Sabia. Mas ele é assim. Acha que devemos aprender as coisas à nossa custa, da maneira mais difícil. — Esboçou um sorriso ténue.

— Resultou. Nunca mais voltei a fazê-lo.

— Era isso que eu estava a tentar fazer com o Ben — disse eu.

Manteve os olhos fixos nas fotografias. — No bosque, quando o deixei ir sozinho. Porque achei que ser independente fá-lo-ia sentir a vida, encantar-se com ela, não a recluir, ou pensar que teria de seguir um conjunto de regras para poder vivê-la. Porque é difícil.

Ela não disse nada. Desviou o rosto por um instante e o silêncio foi incómodo. Quando se virou novamente tinha os olhos vermelhos, pousou-me uma mão no braço e disse:

— Lamento, Rachel. Lamento mesmo.

Quando Zhang saiu, voltei para dentro de casa, movida pela necessidade de estar perto do telefone fixo no caso de haver alguma novidade. O silêncio era difícil de suportar e tentei consolar-me e acalmar-me voltando a olhar para os livros do Ben. Revisitei a página onde ele fizera um autorretrato a passar o dia todo na cama, antes de virar a página e ver o que escrevera a seguir.

A página seguinte era surpreendentemente colorida em comparação. Havia vegetação por todo o lado: árvores e plantas desenhadas com linhas fortes e confiantes, e um cão que evidentemente devia representar o *Skittle*. Havia linhas curtas e oblíquas a cobrir a página, como se alguém tivesse entornado toneladas de azul sobre ela.

«No domingo a Mamã, o *Skittle* e eu passeámos no bosque», escreveu. «Esteve sempre a chover.»

Virei outra página. O desenho da semana a seguir era muito semelhante. O Ben escrevera: «Passeámos no bosque outra vez no domingo. Encontrei um pau muito grande e levei-o para casa.»

Havia um comentário a tinta vermelha: «Os teus passeios parecem maravilhosos, Ben. Excelente desenho.»

Outra página. Um desenho diferente: o desenho de uma bola de *bowling*, um grupo de crianças. «Fui à festa de *bowling* do Jack e o Sam B. ganhou», escreveu.

A tinta vermelha: «Ótimo!»

Outra página: mais árvores e folhagem, um baloiço pendurado num ramo, uma criança junto a ele, vestida de vermelho. O Ben era um

bom artista para a sua idade, as imagens eram claras.

«No bosque andei num grande baloiço e a mamã esteve a falar ao telefone.»

A tinta vermelha: «Parece muito divertido!!!»

Um baque de entendimento no peito tão violento que parecia ter-me tirado o ar dos pulmões. Secou-me a boca e os lábios e fez-me olhar novamente para o livro, como se os meus olhos estivessem presos a ele por fios, e folhear as páginas para trás e para a frente até ter a certeza.

— É alguém da escola — disse eu, apesar de não estar lá ninguém para me ouvir. Em resposta houve apenas o ruído do *Skittle* a abanar a cauda, em reconhecimento de que falara em voz alta.

De mãos trémulas, agarrei no telefone e marquei o número da detetive Zhang repetidamente, mas ouvia sempre uma gravação a dizer-me para deixar uma mensagem de voz.

¹ Símbolo de cobardia, sobretudo no exército britânico. (NT)

JIM

Um telefonema da Emma acordou-me. Fraser mandara-me para casa para dormir algumas horas, visto ter trabalhado toda a noite a preparar a rusga. O toque do telemóvel arrancou-me de um sono profundo, e a desilusão de termos perdido tanto tempo e dinheiro e de não estarmos mais perto de encontrar o Ben Finch estava a provocar-me sonhos vívidos e incómodos.

A Emma disse que queria falar comigo, que vinha para aqui, não quis dizer de que se tratava.

Eu tinha saído do duche e estava vestido quando ela chegou, ia telefonar à Fraser para verificar que não tinha perdido nada naquela manhã.

— Vou descer — disse pelo intercomunicador. — Importas-te que falemos pelo caminho?

Desci as escadas do prédio e abracei-a quando a vi no passeio lá fora, mas ela estava pouco à vontade e em troca recebi apenas um beijo de lábios secos ao de leve na face. Ela trazia um carro de serviço, um *Ford Focus* verde que ainda não tinha sido devidamente limpo depois de um par de detetives suados terem acampado nele para fazerem um trabalho de vigilância. Deu-me as chaves. Às vezes era assim, antiquada. O meu pai tê-la-ia adorado.

Dirigimo-nos para a cidade, e passados alguns minutos ficámos parados no trânsito à volta de Broadmed, onde as pessoas que iam às compras ao sábado e as obras na estrada pararam tudo.

Era um daqueles momentos em que parece surreal que as vidas normais sigam à nossa volta, que as outras pessoas possam de facto tolerar atrasos, quando só conseguimos concentrar-nos no tiquetaque do relógio gigante que temos na cabeça, a contar o tempo na vida de outrem.

Seguimos por um desvio em Nelson Street, a dita galeria de arte a céu aberto da cidade, onde os murais de *graffiti* cobriam cada fachada de betão húmida e deprimente disponível: a arte psicadélica mistura-

se com a caligrafia, com a *art deco* e com os recantos das mentes de uma dúzia de artistas de todo o mundo. Uma paisagem onírica única.

Fiquei à espera que a Emma começasse a falar, mas ficou o tempo todo imóvel ao meu lado, de casaco abotoado, gola puxada para cima, cachecol bem enrolado ao pescoço, a olhar para a frente.

— Em? — disse eu quando o silêncio começou a enervar-me. — Queres falar sobre o quê?

Continuou sem dizer nada. O silêncio até parecia ter instalado mais profundamente nela, como se quisesse soterrá-la. Virei para uma zona de cargas e descargas.

— O que se passa? — perguntei. — O que foi?

O motor ainda estava ligado e os limpa-para-brisas guinchavam ao passar pelo vidro.

Havia tantas coisas a acontecer nos olhos dela que senti um nó nas entranhas.

— Emma? — disse eu. Fosse o que fosse, estava desesperado por saber, por acertar tudo. Pousei a mão em cima da dela, mas ela manteve os dedos fechados, longe dos meus, com a palma da mão encostada à perna.

— Não sei como dizer. — A voz dela era fraca, como se tivesse engolido metade.

— Por amor de Deus, tenta.

Fez-me esperar por uma resposta até estar prestes a rebentar.

— Fiz uma coisa errada e não sei o que fazer.

— O que fizeste? — E mesmo nessa altura estava a pensar que não podia ser assim tão mau, que a Emma é tão exigente consigo própria que o que quer que fosse que tivesse feito seria fácil de corrigir. Pensei que mesmo ao vê-la fechar os olhos e cerrar os lábios até o rosto se franzir à volta deles e deixar de parecer a rapariga que eu conhecia. Nem um pouco.

As duas palavras seguintes foram a sua confissão, a sua queda, e as primeiras fagulhas de um incêndio que ia consumir tudo o que tínhamos juntos com uma rapidez incrível.

— O blogue.

Fui lento; não percebi ao princípio. Ela teve de me explicar, de soprar nas fagulhas até eu conseguir ver que eram perigosas, e que se alastrariam descontroladamente.

— Eu dei informações ao blogue «Onde Está o Benedict Finch?».

— Foste tu?

Ela assentiu.

Fiz uma grande equimose na parte lateral da mão onde bati no tabliê. A dor percorreu-me o braço. Fez a Emma dar um salto e depois pareceu retrair-se um pouco mais.

— Porquê? — Uma palavra ténue para exprimir toda a incredulidade e a raiva que eu sentia.

— Sinto-me tão estúpida.

— Diz-me porquê!

— Não grites — disse ela. — Por favor.

Observei-a enquanto tentava recompor-se. Colocou cuidadosamente os cabelos atrás das orelhas num gesto que eu conhecia e amava. Respirou fundo, exalando audivelmente, e mesmo quando eu estava prestes a gritar-lhe novamente ela disse:

— Queria castigar a Rachel Jenner, por perder o Ben de vista no bosque.

Não estava à espera daquilo.

— O quê? Porquê? Mas que merda, porque é que foste fazer isso? O que tens tu sequer a ver com isso?

— Afetou-me, lamento. Comecei a ver o blogue, para a investigação, e senti-me absorvida. Primeiro limitei-me a publicar um comentário, mas depois dei por mim a concordar com alguns deles, e isso é algo que me toca muito, porque para mim é uma questão muito importante. E sei que nada disto serve de desculpa, mas estava a ficar cansada, era difícil lidar com a família e tinha medo de não estar à altura da função. Sei que não devia ter feito isso. Fui fraca. Mas não conseguia deixar de pensar que se ela tivesse sido mais responsável nada disto teria acontecido. Oh, meu Deus, Jim. Lamento tanto. Às vezes fico tão confusa. É complicado. É pessoal. Aconteceu uma coisa que nunca te contei.

— O que é que aconteceu?

Não respondeu. Em vez disso abanou a cabeça, e tapou o rosto com as mãos.

— Emma! O que aconteceu?

Afastou as mãos e a voz enveredou pela histeria.

— Para de gritar! Para, já disse!

Limpou o rosto bruscamente, manchando a manga do casaco.

Depois virou-se para olhar para mim com uma expressão vulnerável que nunca antes vira nela, e implorou. Foi horrível, aquela humilhação. Disse:

— Oh, meu Deus, fui tão estúpida! É tão difícil para mim explicar, mas por favor quero que saibas que estou a tentar ser sincera contigo porque te amo. A sério. Sei que nunca dissemos isso um ao outro, mas acho que é mesmo verdade.

Mas eu estava demasiado zangado para ouvi-lo. Estava perante os restos carbonizados da nossa relação, da carreira da Emma, possivelmente da minha também. Disse:

— Sabes quantos recursos a Fraser teve de alocar para descobrir quem é que estava a dar informações?

— Desculpa. — Uma nota vibrante e aguda na escala.

— Colocaste a vida do rapaz em risco!

— Desculpa. — A escala descia para tons de desespero.

— Deves-me uma explicação adequada.

— Eu sei. Tenho medo que não compreendas. — Apenas um sussurro.

— Experimenta. — Agora o meu tom era cínico. Assumi a minha identidade profissional, guardei as coisas que queria dizer. Era autoproteção. Detestei-me por fazê-lo, mas que outra opção tinha, na realidade?

Então ela falou, numa lenta sucessão de palavras, e estava a custar-lhe tanto ter de dizê-las.

— Porque vi as fotografias que a Rachel tirou, eram fotografias do Ben. Ela adora-o. Vi-o pela primeira vez, o quanto ela se preocupa com ele, porque são fotografias tão bonitas e fizeram-me sentir tão

culpada. — Agarrou-me no braço. — Estou a contar-te isto porque não sei o que fazer e quero que me ajudes a corrigir a situação. Não vais dizer a ninguém, pois não? Já parei. Não vou voltar a fazê-lo.

— Não podes apagar isto. Não podes — disse eu, mas ela estava a puxar a mala para o colo, remexendo nela.

— Tenho o endereço pessoal de *email* do autor do blogue. Podemos localizá-lo. Eu dou-to, vou dar-to agora.

Tirou o telemóvel. Vi que tinha chamadas não atendidas, mas não vi de quem eram, e ela ignorou-as, enquanto tentava aceder à caixa de correio com dedos trémulos.

— Foste demasiado longe. Não podes acertar as coisas.

— Não temos de contar a mais ninguém — disse ela. Estava pálida e receosa, os olhos movendo-se nervosamente de mim para o telemóvel e vice-versa. — Se me ajudares, vamos conseguir. Vamos remover o blogue.

— És *tu*, não somos *nós*. Eu não fiz isto, não me dizes respeito, e tens mesmo de lhes contar. Olha para mim! Estás a enganar-te a ti própria se pensas que podes escapar como se não tivesse acontecido nada. E estás a comprometer-me só por me contares isto, quando mais estares à espera que te ajude!

— Por favor. Vou perder o emprego. — Agora os olhos dela estavam fixos nos meus, muito abertos e desvairados de pânico.

— Será mesmo necessário dizer que devias ter pensado nisso antes? As informações que deste eram rancorosas e cruéis. Caramba! E agora queres que me comprometa por tua causa. Fazes alguma ideia do que estás a pedir que eu faça?

— Jim. — Era uma súplica. — Pensei que ias ajudar-me.

— Pensei que te conhecia.

Ela tentou aproximar-se e tocar-me no rosto, mas quando os dedos me roçaram ao de leve na face eu disse:

— Não faças isso. — E ela retirou rapidamente a mão, como se se tivesse queimado.

Massajei as têmporas, e senti uma tristeza exaustiva e debilitante porque sabia que isto era o fim da nossa relação, e que desta vez

tinha feito a minha própria cama. A culpa era minha, porra. Ponto final.

Respirou fundo de novo.

— Fiz isto por causa do que aconteceu à minha irmã — disse ela, e ouvi bravura na sua voz, estava a arranjar coragem para mencionar o que estava prestes a dizer, mas para mim era tarde de mais para isso, porque traíra a força policial e a investigação, traíra o Benedict Finch e traíra-me a mim.

— Não — disse eu. — Não estou interessado. Não quero ouvir.

Abriu a boca para responder, mas viu algo no meu rosto que a fez voltar a fechá-la, numa expressão de desespero.

— Jim... — Foi a única coisa que conseguiu dizer.

— Não.

Não queria ouvir porque a Emma não era a pessoa que eu pensava que era, e não ia mentir por ela.

Começou novamente a mexer no telemóvel, tocando desesperadamente no ecrã, e aquilo era de mais para mim; era alucinante.

Arranquei-lhe o telemóvel da mão, abri a janela do carro, atirei-o lá para fora e vi-o embater no pavimento e quebrar-se contra uma parede manchada de urina, os pedaços espalhando-se entre as poças escuras, beatas e outros fragmentos não identificáveis de lixo repugnante. Um transeunte parou para me lançar um olhar e eu disse-lhe para bazar dali.

— Diz à Fraser — disse eu à Emma. — Senão vou eu dizer-lhe.

— Jim.

— Tens de tomar a atitude correta, senão isto pode condenar-nos a todos. E já.

Liguei o motor do carro e voltei para o trânsito. Não conseguia olhar para ela. Pelo espelho retrovisor via um grande mural a cobrir a parte lateral de um edifício de escritórios: uma mãe e o filho. Era uma imagem pura, composta por linhas negras num fundo branco, os lábios da mãe eram tão sensuais como os da Emma. Voltei a bater no tabliê, senti de novo a dor, e depois segui na direção de Kenneth Steele House. Pelo caminho, não dissemos absolutamente nada.

Quando estacionámos em Kenneth Steele House, a Emma saiu do carro sem dizer uma palavra e eu fiquei a observá-la a percorrer o parque de estacionamento e a subir os degraus para a entrada, devagar, de costas direitas. Esperei uns bons vinte minutos antes de a seguir. Vinte minutos a olhar pelo espelho retrovisor para a vedação de metal prateado que rodeava o parque de estacionamento e a pensar se ela estaria a fazer o que devia fazer ali dentro.

Quando finalmente saí do carro, o meu corpo reclamava de fadiga, e olhei para o espelho lateral para ter a certeza de que não tinha tudo aquilo estampado no rosto não fosse alguém perceber. Lá dentro, cumprimentei normalmente a Lesley que estava na receção, ela sorriu-me, e esperei que não reparasse que eu me sentia como se estivesse a chafurdar na merda.

RACHEL

Como Zhang não atendia o telemóvel, e alguém na sala de incidentes me disse que Clemo e Fraser não estavam disponíveis, tive de me virar para o John. Ou, segundo os jornais, o inatingível Dr. John Finch, cirurgião geral pediátrico consultor e orgulhoso proprietário de uma linda nova mulher.

Ele atendeu o telefone com a mesma pressa com a qual eu corria para atender cada chamada que recebia. Para lhe dar algum mérito, disfarçou depressa a desilusão que evidentemente sentiu quando eu disse que não tinha nenhuma novidade, levou-me a sério quando lhe falei sobre os desenhos no livro e não hesitou quando lhe pedi para me levar, com o livro, à esquadra da polícia.

Ao subir as escadas de Kenneth Steele House, apercebi-me de que quase não me lembrava de ali termos chegado quase uma semana antes. A rececionista disse-nos que se quiséssemos entregar-lhe o livro ela garantia que o levaria para a sala de incidentes.

Disse que gostava de falar pessoalmente com alguém. Mencionei a detetive Zhang e o inspetor Clemo.

Ela pediu-nos para nos sentarmos e nós ficámos ali lado a lado no mesmo sofá que ocupáramos na segunda-feira de manhã.

Fez alguns telefonemas em voz baixa, de cabeça curvada, tapando a boca como se soubéssemos ler nos lábios. Depois atravessou o *foyer*, com os saltos a bater ruidosamente no chão, e disse:

— Em breve alguém estará aqui para falar convosco. Por favor, tenham paciência.

Trouxe-nos chá quente em copos de plástico tão finos que nos queimavam os dedos.

O John passou o tempo a examinar metodicamente o livro do Ben, página por página, repetidamente. Eu mal conseguia ficar sentada; estava a latejar de impaciência, e depois do que pareceu ser uma espera interminável, dirigi-me novamente à secretária da receção.

— Vem aí alguém, hoje de manhã estão muito ocupados lá em cima

— disse-me.

— Não podemos interrompê-los, isto é muito importante?

— Eles sabem que estão aqui, só que estão numa reunião.

— Posso falar com a Detetive Zhang?

— Por favor, seja paciente, Senhora Finch.

— O meu apelido é Jenner.

— Desculpe, Senhora Jenner. A Detetive Zhang e o Inspetor Clemo só chegaram há pouco e eu já telefonei para a sala de incidentes mas de momento estão ambos ocupados. Se puder tentar ser um pouco paciente um deles descerá daqui a bocado, garanto-lhe.

— Por favor.

— Peço-lhe que volte a sentar-se, se for possível.

Sentei-me, com os joelhos a mexerem-se para cima e para baixo, torcendo as mãos.

O John disse:

— Talvez seja melhor deixarmos aqui os livros.

— E se eles não conseguirem perceber a letra do Ben?

— Rachel...

— Não. Quero ser eu a entregar-lhos pessoalmente, a explicar.

Passados mais dez minutos perdi a paciência. Tirei o livro ao John e disse:

— Se eles não vêm aqui a baixo, eu vou subir.

— Não, não faças isso — disse o John, mas foi demasiado lento para me impedir. Dirigi-me à receção, impulsionada pela certeza e pela revolta por ninguém ter vindo falar connosco.

— Onde estão eles? — perguntei à rececionista.

— Senhora Jenner, se tiver mais um pouco de paciência...

— Pare de me dizer para ter paciência. Como posso ter paciência?

O meu filho desapareceu e se eles não se dão ao trabalho de vir até aqui, então eu vou ter com eles. O que pode ser mais importante do que uma nova prova de que eles ainda não têm conhecimento? Como é que eu posso ter atenção imediata de qualquer jornalista no país, mas não de um único agente que esteja a investigar o caso do meu filho? Devo levar isto aos jornalistas? Devo?

Estava a sacudir o livro à frente dela, empunhando-o junto do rosto dela.

— Por favor, não levante a voz, Senhora Jenner.

— Eu levanto a voz se me apetecer. Vou levantar a voz até ALGUÉM DESCER PARA OLHAR PARA ESTE LIVRO! — Atirei-o para cima da secretária à frente dela. — TÊM DE SABER ISTO PORQUE EU QUERO TER O MEU FILHO DE VOLTA. EU QUERO O BEN, E SE NÃO QUISER QUE EU ESTEJA AQUI ENTÃO O MELHOR É PRENDER-ME.

Ela não era fácil de intimidar, a rececionista. Falou-me numa voz firme como aço.

— Se se sentar, eu telefono para a sala de incidentes mais uma vez. Se continuar a provocar desacatos peço a um dos meus colegas para a acompanhar até à porta do edifício.

Perto da secretária, vi que a mala dela estava pousada a um canto atrás da secretária. Tinha um jornal dobrado lá dentro, e apercebi-me de que até mesmo ali, naquele ambiente, provavelmente estava a ser julgada através do filtro do que escreviam sobre mim: que a rececionista estava a ver, mesmo ali à sua frente, a Rachel Jenner da conferência de imprensa.

O John estava ao meu lado, e convenceu-me a afastar-me, a voltar para o sofá, e eu olhei para as poucas pessoas que passavam pelo *foyer* à nossa frente com um olhar vazio que fez muitas delas olharem para mim uma segunda vez.

Passados minutos, estava um homem à nossa frente.

— Inspetor Bennett — disse ele, estendendo a mão para o John primeiro, e depois para mim. O aperto de mão dele era dolorosamente forte, e eu não o reconheci. — É isto, então?

O John levantou-se, eu entreguei-lhe o livro e a mão enorme do inspetor Bennett parecia torná-lo mais pequeno. Tinha um pescoço que assentava em roscas sobre o colarinho, olhos oblíquos e afastados, e a careca reluzente refletia a luz do teto.

— Muito bem — disse ele. — Querem mostrar-me o que os preocupa?

Mostrei-lhe as páginas que me atormentavam, e ele examinou-as, de sobrolho franzido.

— Percebo o que dizem — disse ele, e em seguida: — Ele desenha bem, o seu filho, não desenha?

— Vai mostrá-los ao Inspetor Clemo, ou à Inspetora Chefe Fraser?

— Claro que vou. Vou já fazer isso.

— Devemos ficar, no caso de quererem fazer alguma pergunta?

— Sinceramente, agora o melhor sítio para vocês estarem é em casa. Sabemos onde estão e entraremos em contacto se tivermos alguma pergunta ou informação, prometo. E se nos telefonarem por estarem preocupados com alguma coisa, em qualquer altura, enviaremos sempre alguém a vossa casa para falar sobre isso, não precisam de vir até aqui.

— Tentei telefonar à Detetive Zhang — disse eu.

— Ah, bom, ela agora está um pouco ocupada numa reunião.

— Queríamos entregar-vos isto depressa.

— Agradecemos-lhe, Senhora Jenner, agradecemos-lhe muito, e vamos já examiná-lo. Vou entregá-lo pessoalmente à Inspetora Chefe Fraser de imediato.

— Obrigado — disse o John.

Bennett enfiou o livro debaixo do braço.

— Sugiro que vão ambos para casa para descansar. Quanto mais descansarem, melhor vão lidar com a situação. Obrigado por terem-no trazido.

Estendeu-nos novamente a mão e depois desapareceu por uma porta dupla que balançou devidamente nas dobradiças à sua passagem.

Apesar da sua delicadeza, e do cuidado com que examinou o livro, deixou-me esmagada pela minha própria impotência, sentindo-a em grandes vagas avassaladoras. O John olhou para mim com medo, como se estivesse apavorado que eu fizesse mais uma cena com a qual ele não conseguisse lidar, e foi a rececionista que veio ter comigo, e sentou-se ao meu lado no sofá, colocando os braços à minha volta. Cheirava a perfume e a laca, e tinha manchas de pigmentação nas

mãos.

— Eu sei — disse ela repetidamente. — Eu sei.

E aquele gesto de bondade surpreendeu-me, e depois perturbou-me ainda mais, e por fim acalmou-me, até estar pronta para que o John me levasse para casa.

JIM

Na sala de incidentes, os estores das janelas do gabinete da Fraser estavam fechados, mas eu conseguia vislumbrar a silhueta dela e da Emma através das frestas. Mais ninguém deve ter reparado, mas para mim a linguagem corporal delas era muito esclarecedora: a Emma confessara tudo.

Achei que me sentiria aliviado, mas afinal era a última gota, e não consegui presenciá-lo.

Fui até à cantina, instalei-me num canto para tentar escrever um relatório sobre a rusga daquela manhã com uma chávena de café que teria envergonhado os Caminhos de Ferro Britânicos, mas só fiquei mais tenso a pensar naquilo tudo, e era difícil concentrar-me com todos aqueles bisbilhoteiros que passavam pela minha mesa a perguntarem-me como é que estava a correr o caso.

Fui à casa de banho dos homens, tranquei-me num cubículo e tentei controlar-me.

Fiquei ali sentado em cima do tampo da sanita, com a cabeça encostada à parede divisória, de olhos fechados, a respirar pela boca e a tentar recompor-me. Não sei quanto tempo fiquei assim, mas a dada altura alguém entrou e a vergonha fez-me levantar-me.

Era Mark Bennett, a abrir a braguilha nos urinóis. Estava alvoroçado; de faces afogueadas de entusiasmo.

— Agora é que o caldo está entornado — disse ele, sem se importar de estar a urinar por todo o lado. — Passa-se qualquer coisa. Os pais do Benedict Finch vieram à receção, a mãe fez um escândalo enorme e trouxe um dos livros escolares do Ben que quer que examinemos. Pediram para falar contigo e com a Zhang, mas não conseguimos encontrar-te e a Zhang estava encafuada com a Fraser, com instruções para «por favor não incomodar». Mas onde é que estiveste metido? Estás de caganeira ou quê?

Comecei a responder, mas ele disse:

— Então fui eu próprio buscar o livro, acalmar a mãe, mas o

assunto não ficou encerrado. Levei o livro diretamente para o gabinete da Fraser, com potenciais novas provas, achei que valia a pena incomodá-las, só que agora estava lá alguém da Administração Interna com ela e com a Zhang. Dei-lhe o livro, mas levei na cabeça por interromper. Está a acontecer alguma coisa realmente importante, sem dúvida.

Lavei as mãos para disfarçar, e ele veio ter comigo ao lavatório e depois veio atrás de mim como um irmão mais novo irritante ao regressarmos à sala de incidentes, cheio de especulações ignorantes que me faziam cerrar os maxilares.

Quando entrámos na sala de incidentes, a porta do gabinete da Fraser abriu-se na outra ponta da sala e a Emma saiu, ladeada por dois homens. Fraser vinha atrás, mas fechou a porta antes que eu conseguisse interpretar a sua expressão. Reconheci um dos homens: Bryan Doughty, o tipo mais importante da Administração Interna. O Bennett e eu afastámo-nos quando eles se aproximaram.

— Clemo — disse ele, ao passar por mim.

— Senhor — respondi. Parecia um tubarão, bem equipado física e intelectualmente para nos dar uma dentada. Perfeito para o seu cargo. Não abrandou o passo. A Emma olhava para a frente.

Apesar de ser sábado, cerca de quinze rostos observaram-nos a percorrer a sala de incidentes, a pequena estatura da Emma diminuída ao lado dos homens que a rodeavam. Quando saíram e desapareceram de vista, apercebi-me de que estava a morder o interior da bochecha com tanta força que fizera sangue.

— Acho que ela se portou mal — disse o Bennett. — Tss, tss, tss. E o Doughty também não vai ficar satisfeito por ter sido chamado ao fim de semana. — Estava radiante: ver a carreira de outra pessoa ir pelo cano estava a aumentar-lhe a autoestima.

— Faz-me um favor e guarda as tuas opiniões de merda para ti — disse eu.

— O que se passa contigo? Qualquer um pensaria que querias saltar-lhe para a cueca. — Palavras corajosas, mas ao dizê-las já estava a limpar o meu cuspo da face com uma expressão ofendida.

Saí dali. Não sei o que lhe teria feito se não tivesse saído. Bati à porta do gabinete da Fraser.

— O que se passa? — perguntei. Tentei manter uma expressão equilibrada, enfiei as mãos nos bolsos para não se notar que estavam a tremer.

Ela tinha uma expressão sombria, os olhos raiados de sangue e aquela palidez típica após vários dias a trabalhar num caso, quando a pele fica flácida e não conseguimos lembrar-nos de como é não termos uma enorme tensão nos ombros.

— Senta-te — disse ela. — Já sabemos quem andava a dar informações.

— A Emma?

— Sim. Lamento muito.

— Foda-se — disse eu. — Não me parecia que fosse uma traidora. Fraser olhou fixamente para mim.

— Era exatamente isso que eu pensava — disse ela. — E suponho que isto seja particularmente difícil para ti, porque sei que os dois estavam a trabalhar juntos. — Deixou as palavras ali a pairar por um instante, entre nós, antes de prosseguir. — A Emma confessou que deu informações confidenciais ao blogue. Por motivos pessoais. É tudo o que posso dizer por agora. Excluindo o mais óbvio, ou seja, que ela deitou uma carreira promissora pelo cano e a imprensa vai esfolar-nos vivos se ficar a saber disto.

— Sinto-me responsável — disse eu. — Fui eu que recomendei a Emma para essa função. Lamento.

— Já sou crescadinha. Não tomo uma decisão só porque um dos meus inspetores tem uma ideia brilhante. Não tens de assumir sozinho esta responsabilidade.

Olhou intensamente para mim e eu ainda não conseguia ler nas entrelinhas, se ela sabia ou não acerca de mim e da Emma.

Disse:

— Não pareces muito chocado.

— Estou chocado, Chefe, acredite. Só que... não sei bem o que dizer. Acho que não devemos deixar que isto nos impeça de progredir.

Acenou vigorosamente com a cabeça em assentimento.

— Estamos atolados em merda. Não há dúvida. Não podemos perder tempo com isto, e dificilmente podemos perder um agente. Temos de nos reunir depressa, para decidir como podemos preencher a vaga que a Emma deixou, e alguém terá de rever todo o trabalho que ela fez.

— Eu posso fazer isso.

— Mas antes de tudo, quero que vejas isto. O Bennett acabou de trazê-lo. Foi entregue em mão pelos pais do Benedict. De forma um tanto ou quanto dramática.

— O Bennett contou-me — disse eu.

— Pediram especificamente para falar contigo ou com a Emma, mas não conseguimos encontrar-te. A propósito, onde raio estavas metido?

Na retrete, a tremer como um miúdo na escola a esconder-se dos rufias. Não disse isto.

— Fui à cantina para escrever o relatório sobre hoje de manhã.

— Sem telemóvel? Ah, deixa estar. Olha para isto.

Entregou-me um livro de exercícios de uma criança. Na capa, numa letra incerta, estava escrito, «Benedict Finch. Turma dos Carvalhos. Livro de notícias». Folheei-o. Sobressaltei-me ao ver a letra desajeitada do Ben Finch, era uma característica dele tão viva. As páginas pareciam estar todas preenchidas com desenhos do bosque. Fê-lo muito real, muito presente, de forma perturbante.

Descrevera os passeios habituais com o cão e também fizera desenhos deles, incluindo o baloiço.

— Então, em que estamos a pensar? — perguntei.

— Bem, os pais do Ben estão a pensar que isto significa que alguém da escola talvez soubesse dos passeios que eles faziam regularmente, e do percurso que faziam, e acham que pode haver aqui qualquer coisa.

— Mas qualquer pessoa que eles conhecessem podia saber dos passeios. As pessoas com cães costumam passeá-los regularmente e sobretudo nos mesmos lugares. No bosque não há assim tantos

percursos que se possam fazer.

— É verdade, mas temos de facto a obrigação de averiguar isto, e acho que devemos. Nesta altura não estamos propriamente cheios de opções e eu não vou perder nenhuma, Jim. Não vou ter isso a pesar-me na consciência.

— Então isto significa que temos de incluir os funcionários da escola, ou qualquer outra pessoa que tenha tido acesso a este livro, no círculo de pessoas que pudessem saber dos passeios com o cão. Então o que devemos fazer? Voltar a entrevistar os funcionários da escola?

Fraser estava a anotar qualquer coisa.

— É precisamente isso que vamos fazer.

— Começamos pela professora e pelo auxiliar de educação?

— Sim. E o diretor. E não te esqueças da secretária da escola. Elas sabem sempre tudo.

— Sabe que todos eles têm álibis, não sabe, Chefe?

— Pois, pois, sei. A professora estava a almoçar com os pais, a secretária da escola estava no cinema com uma amiga, o auxiliar de educação estava a comer a namorada, o diretor estava a jogar golfe. Chega-te? Achas que de repente fiquei senil?

— Não, só quero ter a certeza de que não vamos perder tempo nisto.

— Ando à procura de informações. Quero insistir mais com estas pessoas. Talvez os livros refresquem a memória de alguém. E também tenho de dizer-te que tivemos uma ocorrência no circuito interno de televisão — acrescentou. — A confirmação de que o Ben estava com a mãe quando atravessaram a ponte a caminho do bosque. Ainda estão a examinar e a verificar a última meia hora de filme, mas devemos saber os resultados hoje à tarde.

Para além disso, Fraser disse que ainda não tínhamos localizado o homem com quem a Rachel diz que ela e o Ben falaram no bosque. Ela tinha um detetive a tratar disso, mas andava a bater com a cabeça nas paredes porque não aparecia ninguém. Parecia que a Rachel Jenner era a única que o tinha visto. Nem as pessoas que costumavam

ir lá passear os cães tinham a certeza de quem poderia ser. No escritório começaram a chamar-lhe *Big Foot*.

— A Nicky Forbes? — perguntei eu, quando estávamos quase a terminar. Estava sempre a pensar nela, não podia negá-lo.

— Ainda tem interesse, não há dúvida, mas com calma, com calma.

— Claro.

— A primeira tarefa: dizer ao Bennett para rever o trabalho da Emma, limpar a secretária dela; quero saber de tudo o que ela estava a fazer.

— Eu posso fazer isso, Chefe.

— Acho que é melhor ser outra pessoa a fazê-lo, não achas, Jim?

Desta vez, as entrelinhas eram claras como água. Ela sabia. Consegui dizer que sim com a cabeça e saí do gabinete dela o mais depressa que pude.

RACHEL

O John levou-me a casa, e entrou comigo, conduzindo-me por entre os três ou quatro jornalistas que ainda permaneciam obstinadamente à minha porta.

«Deviam ter-me visto na esquadra da polícia», pensei. Isso ter-lhes-ia dado ânimo.

Por agora, jaziam ociosos a alguns candeeiros de distância de minha casa e chamaram-nos de forma pouco entusiástica, treinados como os cães de Pavlov para saber que nem eu nem o John íamos falar.

Continuavam a assustar-me, mas não tanto quanto os colegas que provavelmente estavam a alinhar comentários apetitosos sobre as nossas vidas para os suplementos de domingo, transformando-me num comentário social enquanto o John e eu abríamos a porta de entrada de minha casa e contemplávamos a ausência que era o nosso filho.

Lá dentro, o John estava sempre a lançar-me olhares sub-reptícios, que me faziam sentir como se estivesse a avaliar-me, a medir a minha estabilidade.

Deixei-o ir ao quarto do Ben sozinho, e estive lá durante muito tempo. Calculo que estivesse a fazer o que eu fazia: a tocar nos objetos, a recordar, a cheirar peças de roupa, a segurar nas coisas em que o Ben tinha agarrado.

Quando desceu, fiz-lhe uma pergunta que não me saía da cabeça desde que a Nicky fora embora.

— Porque disseste à polícia que a Nicky estava preocupada comigo quando o Ben nasceu?

Ele ficou surpreso, mas deu-me uma resposta rápida:

— Porque estava. Telefonou-me muitas vezes.

— Porque não me disseste nada?

— Na altura? Não achei que fosse preciso saberes. Estavas tão cansada, e a esforçares-te tanto. Achei que estava a ser neurótica.

Isso ia incomodar-te.

— E depois?

— Esqueci-me. Ela parou, e não me parecia importante. Porque estás a falar disso agora? Foi a polícia que referiu o assunto?

— Estava só a pensar — disse eu, e apercebi-me de que ele ainda não sabia, sobre a Nicky, sobre a nossa família. E guardei as notícias dobradas como uma folha de papel no bolso, porque não sabia como dizê-lo, e não queria admitir que havia uma parte de mim capaz de desconfiar da minha própria irmã.

Mais tarde, o John disse que devia ir para casa. Queria que ele ficasse, mas não confiava em mim própria para dizê-lo em voz alta, por receio do que podia parecer. Nessa altura já tinha consciência da minha instabilidade, conseguia senti-la infiltrar-se nas minhas palavras e nos meus gestos, e não queria que o John me lançasse novamente aquele olhar. Aquele olhar avaliador, para ver como havia de lidar comigo.

Ele viu que eu não queria ficar sozinha, pelo menos viu isso.

— Queres que telefone à Laura? — perguntou, e eu respondi:

— Não é preciso. — Mas começou a insistir, e eu não sabia o que fazer para além de acenar com a cabeça sem dizer nada porque também não conseguia contar-lhe o que tinha acontecido com ela. Como também a mandara embora.

Demorou algum tempo a atender o telefone e quando atendeu ele imediatamente franziu o sobrolho e saiu da sala. Fiquei à escuta, a minha casa era demasiado pequena para secretismos, e ouvi-o dizer:

— Estás embriagada? — Num tom incrédulo.

Sabia que ele estava a pressionar as têmporas com o indicador e o polegar, como se estivesse a tentar reunir os pensamentos, sabia que parecia que o seu cansaço se soltava dele em pedaços.

O fim da conversa foi sobretudo ruídos de atenção, palavras murmuradas de assentimento ou tranquilização. Falou muito pouco; ela devia estar a falar muito.

— A Rachel vai entender — disse ele após algum tempo —, tenho a

certeza de que vai entender. — E, em seguida: — Acho que é melhor ela telefonar-te amanhã.

— Ela está embriagada? — perguntei-lhe quando voltou.

— Parece-me que deve ter estado a tarde toda a beber. Não queres que ela venha para aqui.

— O que estava ela a dizer?

— Não fazia muito sentido. Disse-me para te dizer que pede desculpa. Que isto é demasiado para ela, seja o que for. Que só queria apoiar-te. Não está em estado de ser coerente. O que aconteceu?

— A culpa foi minha — disse eu, mas foi um sussurro e ele não ouviu. Voltou a perguntar-me.

— Não sei se confio nela — disse-lhe. — Não sei em quem confio.

— Eu nunca confiei nela.

— O quê?

— Não sei, nunca gostei dela. Achava que ela te usava.

— Nunca me disseste nada.

— Nunca perguntaste.

— Estava a assimilar isto quando o telefone tocou.

— Podes atender? — perguntei. Ainda estava na sua mão.

O telefonema foi curto, fê-lo franzir o sobrolho, mas não consegui decifrá-lo por ouvir as respostas dele.

Depois de terminar com um agradecimento, disse:

— Era o Detetive Justin Woodley a telefonar para dizer que a Detetive Zhang já não é a nossa agente de ligação.

— O quê? Porquê?

— Ele disse apenas que ela teve de se afastar do cargo, não deu uma justificação específica, e que iam nomear outra pessoa assim que puderem, o mais tardar na segunda-feira, mas entretanto devemos falar com ele. Conhece-lo?

— Acho que não. Mas o que teria acontecido? Perguntaste?

— É muito estranho — disse o John —, porque achei que disseram que ela estava no escritório hoje de manhã.

— Disseram. — Coloquei as pernas em cima do sofá, abracei-me a

mim própria e senti profundamente a desilusão. Importava-me muito que a detetive Zhang tivesse ido embora porque me tinha habituado a ela, tinha começado a confiar nela, e sabia que ia sentir a sua falta. Não me agradava a ideia de que o agente de ligação fosse um homem, mesmo que a título temporário. Não seria a mesma coisa.

— Eu gostava bastante dela — disse eu.

— Tenho a certeza de que o Detetive Woodley, ou quem nomearem, também será competente. — O John não estava tão perturbado quanto eu; tinha a Katrina para se apoiar. Olhou para o relógio.

— Olha, posso ficar um pouco mais, mas tenho de ir para casa logo à noite. Podias vir para nossa casa.

— Não posso voltar a sair daqui. Não devia ter saído hoje de manhã.

— Tens a certeza?

— Tenho. — E eu sabia que ficaria acordada toda a noite, receando pelo Ben, e também por mim, mas não tinha escolha.

— Se é isso que queres.

Mais tarde, o John e eu aquecemos alguma da comida que a Nicky deixara no frigorífico: comida saudável e muito bem cozinhada. Devia ter-nos dado sustento, força, mas só conseguimos debicá-la.

Foi no preciso momento em que nos pusemos de pé para levantar a mesa que ouvimos um grande estrondo, agudo e violento. Veio da sala e parecia fazer o ar ser sugado à nossa volta. Foi o som de vidros partidos, e imobilizou-nos por um instante, e o cão ladrrou e depois ganiu e tudo voltou a ficar silencioso à exceção do ruído de passos de alguém a fugir.

O John levantou-se num instante. Correu lá para fora.

Fui atrás dele, mas quando cheguei à porta de entrada esta já estava completamente aberta e ele tinha desaparecido.

Um vento cortante soprava na sala, não apenas através da porta mas também por um buraco irregular no lugar da janela. As cortinas, corridas para nos protegerem dos jornalistas, bailavam, enfunando-se e revirando-se ao vento como dervixes. O chão estava cheio de

estilhaços, arestas agudas por todo o lado, e ao meio da sala jazia um tijolo.

Tinha letras pintadas. Demorei um instante a perceber que tinha duas palavras de lado, as mesmas palavras que me gritaram da vedação das traseiras: «MÁ» e «MÃE». Pequenas, cuidadosamente traçadas. Não podia ser fácil pintar num tijolo.

— John! — gritei.

Corri para a porta. Os vidros faziam ruído debaixo dos pés. De um dos lados da rua ouviram-se passos, com o som a ecoar. Vi o John e, mesmo à sua frente, outra figura, ambos a correr o mais depressa que podiam. Eram sombras em movimento, e desapareceram num instante ao virar da esquina.

A rua estendia-se à minha frente, escura e húmida, a luz dos candeeiros da rua parecia tridimensional à chuva, com orbes de fluorescência laranja. Fiquei ali de pé num fragmento de luz branca que saía da minha casa e incidia à minha volta, fazendo a superfície molhada e escorregadia do passeio brilhar com um brilho escuro. Do outro lado, um vizinho entreabriu a porta.

— Socorro — disse eu. — Ajude-nos.

Os homens tinham desaparecido na esquina, ouvi uma escaramuça, um baque, um grito de dor, e depois também comecei a correr.

JIM

Anexo ao relatório do Inspetor James Clemo para a Dr.^a Francesca Manelli.

Transcrição gravada pela Dr.^a Francesca Manelli.

Estão presentes o Inspetor James Clemo e a Dr.^a Francesca Manelli.

Estão assinaladas em itálico as notas indicativas do estado de espírito ou comportamento do Inspetor Clemo, quando estes não são transmitidos apenas pelos seus comentários.

Estamos a chegar ao ponto do nosso processo em que gostaria de ver o Inspetor Clemo a fazer alguns progressos reais. Ainda está muito fechado a nível emocional, e o nosso tempo está a esgotar-se.

FM: Lamento muito o que aconteceu com a Emma.

JC: Não lamente.

FM: Deve ter sido uma situação muito difícil para si.

JC: Não ajudou.

FM: Sabe por que razão o fez?

JC: Agora sei, mas na altura não. Em parte foi por não conseguir lidar com o cargo. Aí a culpa foi minha, sei que foi, fiz asneira. Mas essa não foi a única razão. Foi por causa de uma coisa que lhe aconteceu...

FM: Demore o tempo que quiser.

JC: Desculpe.

FM: Não tem de pedir desculpa. Não precisa de me contar agora. Tenho curiosidade em saber se algum de vocês tentou contactar o outro naquela noite?

JC: Não. Não contactámos. Fiz uma escolha: mantive a minha lealdade com a investigação.

FM: Foi uma escolha muito altruísta.

JC: Terá sido?

FM: Acho que sim. Outros teriam protegido mais os seus interesses.

JC: Protegi o meu cargo na investigação.

FM: Mas com um custo pessoal extremamente alto.

Ele tenta responder, mas parece não encontrar as palavras. Até agora hoje saiu-se bem e não quero que este assunto se transforme num tabu, por isso mudo de conversa.

FM: Conte-me o que aconteceu naquela tarde quando voltou a dedicar-se à investigação.

JC: Ora, aí está. Em primeiro lugar, telefonei ao Simon Forbes, o marido da Nicky Forbes, a pedir-lhe que me contactasse para marcar uma entrevista. Mas depois disso, houve um desenvolvimento de que não estava à espera. Nessa tarde os rapazes tinham acabado de verificar as imagens do circuito interno de televisão e fizeram uma descoberta importante.

FM: Qual foi?

JC: Localizaram um dos carros que atravessaram a ponte cerca de uma hora antes do rapto do Ben. Estava registado em nome de Lucas Grantham, o auxiliar de educação do Ben.

FM: Pensava que ele tinha um álibi.

JC: E tinha, mas basta uma prova daquelas para nos fazer verificar o álibi com muito mais atenção.

FM: E a Nicola Forbes?

JC: Continuava a ter interesse, mas o circuito interno de televisão é indesmentível. E também tínhamos a prova do livro escolar.

FM: Achei que não tinha depositado muita confiança no livro escolar.

JC: Sozinho não. Pensei que tínhamos de ter o cuidado de perceber que ele apenas alargava uma reserva considerável de pessoas que podiam ter conhecimento dos passeios com o cão. Mas no contexto da descoberta do circuito interno de televisão, era muito mais significativo.

Dá-lhe satisfação dizer isto. Nasceu para este trabalho, penso eu. Mas tenho outra pergunta.

FM: Inspetor Clemo, descansou alguma coisa naquela noite?

JC: Fui para casa. Sim. Sabia que não conseguiria fazer outra direta.

FM: E conseguiu dormir?

Esta pergunta fá-lo ficar nervoso.

FM: Conseguiu dormir?

Não responde.

FM: Estava a pensar na Emma?

JC: Talvez.

FM: Sofreu uma perda muito traumática naquele dia. Perdeu a relação com uma pessoa por quem nutria sentimentos muito fortes.

JC: Isso não era nada comparado com o que o Benedict Finch podia estar a sofrer.

FM: Não quer dizer que não fosse importante. Diria que pode ter sido nesta altura que começaram as insónias que agora o afligem?

JC: Não quero falar sobre isso.

FM: Creio que temos de falar sobre isto, senão não poderemos fazer progressos.

JC: Não é relevante.

FM: Creio que é. Pense bem. Gostaria de discutir o assunto na próxima sessão.

JC: Tudo bem.

Força um sorriso, mas a expressão dos olhos está longe de ser alegre. Percebo que está apenas a ser delicado e não me posso esquecer que afinal isto é um progresso. O problema é que é demasiado lento.

RACHEL

Foi o John que soltou um grito de dor. Encontrei-o na esquina da rua, caído, com a cabeça aberta junto à parte lateral do passeio, com lesões na face, a orelha esmagada. A quantidade de sangue que tinha no rosto e sob ele era nauseante. Empapava-lhe os cabelos, pegajoso e escuro no passeio, e molhou-me os joelhos e espalhou-se pelas mãos quando me ajoelhei junto dele.

Estava inconsciente, de olhos vidrados. Despi a camisola e pressionei-a contra a sua cabeça. Tentando estancar o fluxo de sangue. Gritei e gritei a pedir ajuda.

Quando chegaram os paramédicos os seus movimentos eram rápidos, a trabalhar com uma urgência silenciosa que me assustava. Não havia piadas, nem sorrisos. Também chegaram polícias fardados. Emprestaram-me um telemóvel para telefonar à Katrina, contei-lhe tudo e eles passaram o telemóvel a um dos paramédicos que lhe pediu para ir ter com eles às urgências do Bristol Royal Infirmary.

Quando por fim estavam preparados para transportar o John, fizeram-no rolar com cuidado para cima de uma maca e colocaram-na dentro da ambulância, com um deles sentado lá atrás junto ao vulto inerte do John. Era chocante, aquela ausência dele. Isso, e a quantidade de sangue.

— Ele vai ficar bem? — perguntei.

— As lesões na cabeça são muito graves — disseram-me. — Imprevisíveis. Fez bem em ter-nos telefonado tão rapidamente. — Não houve garantias.

Uma parte de mim não queria deixá-lo ir sozinho, mas os polícias sabiam que a Katrina ia ter com ele ao hospital, e queriam recolher o meu depoimento. Quando a ambulância desapareceu pela noite dentro sob o seu halo de luz azul, voltei a descer a rua. Um polícia fardado acompanhou-me. Dois carros da polícia ainda estavam estacionados em ângulos oblíquos, vedando o local.

Dentro de casa, recolheram o meu depoimento. Chegaram mais

agentes e tiraram fotografias, e depois colocaram o tijolo num saco de plástico e levaram-no. Ajudaram-me a recolher os vidros enquanto alguém que providenciaram entaipava a minha janela. Disseram que colocariam um agente à porta de minha casa o resto da noite.

Houve uma coisa com a qual todos os polícias concordaram, e até deram umas boas gargalhadas por causa disso, foi a ironia de os jornalistas não estarem presentes para testemunhar o incidente. Os três jornalistas e o fotógrafo que tinham tido resistência para ficar de vigia à casa durante a noite tinham ido ao fundo da rua comprar comida.

Regressaram, de *kebabs* na mão, com pedaços de alface icebergue a cair deles, depois de a ambulância já estar fechada e terem levado o John.

Era a única coisa pela qual me sentia grata.

Dormi no quarto da frente naquela noite, na minha própria cama, desejando saber que o carro da polícia que colocaram ali durante a noite estava lá fora, desejando essa segurança. No caso de ter de gritar. Bater na janela. No caso de ouvir alguém a entrar sorrateiramente em casa, querendo fazer-me mal.

Tirei o edredão do Ben e a almofada da cama dele e levei-os comigo. Tirei os meus lençóis, amontando-os no chão, e coloquei cuidadosamente as coisas do Ben na minha cama, como o *nunny* e o *Baggy Bear*.

Fiquei à escuta durante toda a noite para ver se ouvia passos novamente, e ficava tensa deitada na cama quando ouvia vozes no meio da escuridão. Eram os habituais foliões de sábado à noite a regressarem a casa, mas os seus gritos e risos embriagados agora pareciam-me hostis. Cada ruído que ouvia naquela noite estava recheado de ameaças.

JIM

Foi na Emma em quem pensei quando ia a caminho de casa. Pensei em falar-lhe do circuito interno de televisão, naquela imagem pouco nítida do Lucas Grantham a atravessar a ponte ao volante de um *Peugeot 305* azul, com a bicicleta presa num suporte na parte traseira do carro. Pensei em ir ao apartamento dela e abraçá-la, tentando encontrar um caminho para avançarmos. Senti o meu cansaço dopar-me, embotar-me os sentidos e as reações, entorpecer-me o cérebro. Parecia-me que me faltava uma parte de mim.

Deitei-me depois da meia-noite. Tinha comprado um maço de cigarros, um prémio de consolação pelo fim da melhor relação que já tivera, e fumei um a seguir ao outro, com o fumo a atingir-me aos pulmões como uma pancada, fazendo-os doer. Bebi quase uma cafeteira de café demasiado tarde. Sentia que devia continuar a trabalhar, revistar os antecedentes de Lucas Grantham, mas a minha concentração estava despedaçada, por isso enfiei-me debaixo dos cobertores a saborear o resíduo amargo das beatas misturado com a pasta de dentes na língua e a pensar no circuito interno de televisão e no seu significado, e no que a Emma estaria a fazer.

Mas não foi ela que não me saiu da cabeça o resto daquela noite.

Quando por fim fechei os olhos e tentei dormir, o meu cérebro tinha outros planos.

Puxou-me para o meu passado, e fê-lo com grande rapidez, como uma corrente oceânica implacável e forte. Levou-me à minha infância, onde tinha uma recordação para me mostrar, uma cassete de vídeo do meu passado que retirara do fundo da gaveta onde eu a enfiara, há muito tempo, na esperança de esquecer.

No início da recordação, estou no patamar em casa dos meus pais, a olhar pela balaustrada. Tenho oito anos, precisamente a mesma idade do Benedict Finch. Estou em casa, já muito depois da minha hora de dormir.

Lá em baixo, o corredor está escuro porque é de noite e é difícil ver, mas quando a porta de entrada se abre sei que é a minha irmã Becky pela maneira como ela a fecha muito suavemente, tentando não fazer nenhum ruído. Tem um vestido de festa, que parecia bonito antes, quando saiu de casa, mas que agora está uma desgraça, e tem os *collants* rasgados numa das pernas. Os olhos dela estão horríveis, como se tivesse chorado lágrimas negras.

Solta um grito abafado quando se apercebe de que o meu pai está de pé no corredor à frente dela. Tem as roupas de sair e um cigarro na mão com um brilho vermelho. A Becky fica imóvel.

— O que viste? — pergunta-lhe o pai. O rosto dele está escondido nas sombras.

Ela abana a cabeça de uma forma tensa e diz:

— Nada.

— Não brinques comigo, Rebecca.

Solta um soluço; fá-la perder as forças.

— Vi a rapariga — diz ela. — E vi-te a ti.

— Não devias estar ali — diz ele.

— Ela estava magoada, mas tu não te importaste. — A Becky profere as palavras numa voz sufocada. — Entregaste-a àquele homem, vi-te fazer isso, ela estava a implorar, estava a chorar e tu não fizeste nada, deixaste acontecer. Eles meteram-na no carro. Não nasci ontem, pai!

Tenta levantar a cabeça e olhar para ele, orgulhosa, como habitualmente é, mas em vez disso as costas deslizam pela parede abaixo até ao chão. O pai agacha-se em frente a ela.

— Não fales alto — diz-lhe ele —, senão vais acordar a tua mãe. — Segura no queixo dela entre os dedos e levanta-lhe a cabeça para que olhe para ele.

Não sei o que fazer. Quero desviar o olhar mas não consigo deixar de ver. Quero fazê-los parar de discutir. Não quero que ele a magoe.

Vejo um grande cão de porcelana numa prateleira ao meu lado. É da minha mãe. Ela adora aquele cão. Gosta da textura lisa e saliente das suas orelhas. Agarro nele. Não quero partir o cão de porcelana da

minha mãe e não quero magoar ninguém, mas estou desesperado por distrair o pai e a Becky, para impedir o que está a acontecer. Atiro-o, com toda a força que tenho, mas atinge o topo da balaustrada e parte-se mesmo ao pé de mim, lançando uma chuva de estilhaços à volta dos meus pés e em cima do meu pai e da Becky lá em baixo. Vejo isto em câmara lenta.

A Becky grita e eu também, e depois a minha mãe sai do quarto e acende a luz do patamar. Ficamos os três imóveis: a Becky, o meu pai e eu. A mãe está só de camisa de noite, com mangas compridas, a roçar na carpete, tecido suave, e fica ali de pé muito calada por um instante, depois diz à Becky:

— Vai-te deitar, querida. — E a Becky sobe as escadas a correr passando por nós. O meu pai vai atrás dela depressa, subindo os degraus dois a dois, e antes que me aperceba do que está a acontecer, agarra-me no braço, parece tão forte e os meus ossos são como paus quebradiços, mas a minha mãe está calma, e diz:

— Mick, dá-mo a mim, ele magoou-se. Olha, Mick, cortou-se na porcelana partida. Mick... por favor...

Não me lembro de mais nada. Como se fosse um sonho, a minha mente cortou a recordação neste ponto, quando parecia que a tensão me estava a corroer de maneira insuportável. E depois reviveu-a, apesar de estar desesperado por dormir, e sentir que o cansaço fazia as veias colapsarem.

E eu sabia o que estava a dizer-me. Estava a dizer-me que as pessoas nem sempre são o que parecem, e estava a dizer-me para rezear pelo Benedict.

E essas duas coisas fizeram-me ficar alagado em suor, apesar de a noite estar fria e o edredão ser demasiado fino para impedir o frio de se infiltrar à minha volta, e de não haver outro corpo na minha cama para me aquecer.

Mas, o pior foi que agravou o meu sentimento de culpa por ainda não o termos encontrado, e o meu receio do que poderia estar a acontecer-lhe naquele preciso momento.

Às primeiras horas da madrugada, sentia-me destroçado.

DIA 8

DOMINGO, 28 DE OUTUBRO DE 2012

«A investigação prolongada: Esta fase do processo de investigação ocorre quando se torna evidente que a criança não será rapidamente localizada, após terem sido esgotadas as pistas mais imediatas... Enquanto alguns observadores talvez encarem esta fase como de espera passiva, na realidade proporciona uma oportunidade para que a polícia reestruture um plano de investigação lógico, consistente e determinado que conduza eventualmente ao resgate da criança e à detenção do raptor.»

Findlay, Preston, e Lowery Jr, Robert G. (eds.), *Missing and Abducted Children: A Law Enforcement Guide to Case Investigation and Program Management*, Quarta Edição, National Centre for Missing and Exploited Children, Relatório OJJDP, 2011

«Os investigadores comunicaram que os raptos raramente “perseguem” as suas vítimas. Contudo, têm frequentemente grandes capacidades para manipular e atrair as crianças. Estas estratégias estão muitas vezes relacionados com pedidos de ajuda, para encontrar um animal de estimação perdido, alegar uma emergência, chamar a vítima pelo seu nome, fazer-se passar por uma figura de autoridade ou solicitar a vítima em fóruns na Internet.»

Dalley, Marlene, e Ruscoe, Jenna, «The Abduction of Children by Strangers in Canada: Nature and Scope», Serviços Nacionais para as Crianças Desaparecidas, Serviço Nacional de Polícia, Polícia Real Montada do Canadá, dezembro de 2003

Email

Para: Corinne Fraser <fraserc@aspol.uk>

Cc: Giles Martyn <martyng@aspol.uk>; Bryan Doughty <doughty@aspol.uk>; James Clemo <clemoj@aspol.uk>;

De: Janie Green <greenj@aspol.uk>

28 de outubro de 2012 às 08:13

OPERAÇÃO HUCKLEBERRY — ATUALIZAÇÃO DO BLOGUE OEBF

Bom dia Corinne,

O Bryan e eu estivemos a discutir os desenvolvimentos relacionados com o blogue OEBF hoje de manhã — ele pediu-me para não mencionar a maior parte da conversa diretamente por *email* —, por isso havemos de falar sobre o assunto. Mas posso dizer que o blogue OEBF continua a ter atividade, ontem à noite apareceu uma publicação a sugerir incompetência policial. Apesar disso, estamos confiantes de que o que descobrimos ontem o tenha desarmado, e apesar de continuar a ser desagradável e acusatório, mais nenhuma informação privilegiada foi tornada pública.

Hoje de manhã, o autor do blogue foi contactado por nós através de *email* e pedimos-lhe que retire o blogue. Recordámos ao autor do blogue o desrespeito pelo tribunal e outras questões legais com as quais poderíamos processá-lo, se necessário. Ainda não recebemos nenhuma resposta, e não temos muita esperança do seu consentimento, porque o blogue tem um número crescente de seguidores. Na melhor das hipóteses,

saber que estamos a vigiá-lo de muito de perto pode manter o seu conteúdo sob controlo, enquanto procuramos averiguar a identidade do autor através do endereço de *email* (parece que isso pode ser complicado, dependendo da esperteza deles a encobrir o rasto). No entanto, agora que o blogue já não tem uma fonte de informações confidenciais sobre a investigação, o Bryan, o Giles e eu achamos que já não deve ser tão preocupante como era, apesar de continuar a ser vingativo e agressivo, o que, como podem ver a seguir, parece ser o tom de grande parte da imprensa neste fim de semana. Em todo o caso, mantê-la-ei informada.

Segue-se a recolha da cobertura mediática desta manhã relacionada com a Operação Huckleberry. Os suplementos incidem todos sobre o assunto — destacáveis, etc. —, a mistura habitual de sensatez e indecência, alguns editoriais e artigos de opinião também, e a Rachel Jenner continua a ser o alvo preferencial.

Tenho esperança de que com o blogue desativado, ou pelo menos sob controlo, talvez possamos divulgar mais aspetos positivos para reforçar os nossos esforços e encorajar as pessoas a dar informações. Aguardo o seu contacto.

Janie Green

Agente de Imprensa, Departamento Policial de Avon e Somerset

RACHEL

Quando chegou a madrugada, os meus receios noturnos não me abandonaram, porque era domingo.

Uma semana desde o desaparecimento do Ben.

Uma vida inteira de perda numa semana.

E não havia notícias.

Olhei para o meu reflexo no espelho da casa de banho, enquanto lavava os dentes com gestos lentos e ineficazes, e não me reconheci.

A polícia providenciou um táxi para me levar ao hospital. Prometeram que ficaria um carro da polícia à porta de casa. Prometeram-me que me protegeriam.

A polícia pediu ao táxi que me fosse buscar às traseiras de minha casa para que o condutor não visse os jornalistas e não percebesse quem eu era. O condutor era um homem idoso com um turbante *sikh*, de barbas e sobrancelhas brancas. Sentei-me no assento de trás, atrás dele.

— É para o BRI, não é? — perguntou.

— Sim, por favor.

— Tem preferência pelo caminho?

— Não.

No assento do passageiro ao lado dele tinha um jornal, aberto, e eu conseguia ver uma fotografia do Ben. Ele queria falar sobre isso.

— Então, já ouviu falar neste menino?

— Sim — forcei-me a dizer. Estava desesperada que me reconhecesse. Puxei o cachecol para cima à volta do queixo, ajeitei os cabelos para que me tapassem o rosto.

— É terrível, não é?

— É sim. — Encostei-me à janela, olhando lá para fora enquanto o táxi descia para a cidade. Estávamos a passar por ruas residenciais desertas onde o único sinal de vida era uma raposa sarnenta a arfar doentamente abrigada por uma sebe.

— A minha mulher diz que foi a mãe. Tem a certeza. É o que as

peessoas dizem, sabe, que foi a mãe. Mas eu acho que não foi. Não é natural fazer-se isso. Tivemos uma discussão sobre isso ontem à noite, sabe?

Sentia que ele estava a tentar olhar para mim pelo espelho retrovisor, para avaliar a minha opinião. Desviei o rosto. Era impossível responder-lhe.

Virámos para Cheltenham Road, e agora estávamos bruscamente no centro da cidade, com os *pubs* e os bares todos fechados de ambos os lados da rua. Dois homens sem-abrigo estavam sentados num banco, enrolados em cobertores. Partilhavam um cigarro. Tinham rostos alcoólicos inchados e vermelhos e dentes partidos.

— O que eu disse à minha mulher foi o seguinte... — disse ele.

Queria dar-me a sua sentença. Talvez a mulher se tivesse afastado dele nesta altura na noite anterior, querendo manter a sua opinião, talvez a tenha conquistado com ela.

— Disse-lhe que quando nos chamam todas essas coisas, quando se é acusado como a mãe está a ser, isso é uma coisa que nunca se consegue ultrapassar. É uma pena. Se for culpada, merece isso, se for inocente, então as pessoas estão a injustiçá-la.

Contornámos a rotunda de Bear Pit, com a curva rápida a contrair-me o estômago, as vitrinas sujas das lojas a anunciarem vestidos de noiva e ténis em promoção a esbaterem-se diante dos meus olhos. Alguns metros mais à frente vi o tribunal de primeira instância e os edifícios do hospital.

— Vou sair aqui — disse eu num semáforo vermelho. — Pode parar? — Desesperada por fugir dele, aquele homem simpático, antes que ele visse quem eu era.

— Tem a certeza, menina? — Os olhos dele estavam novamente no espelho, com uma linha na testa por cima deles. — Sente-se bem? Está doente? Não me parece estar muito bem. Desculpe, achei que ia visitar alguém, não sabia que estava doente. Quer que a deixe nas urgências?

Abri a porta enquanto estávamos no semáforo, dei-lhe algum dinheiro, saí. Ele teve de avançar porque o semáforo ficou verde e

alguém atrás dele deu um soco na buzina.

Com o cachecol enrolado à volta do rosto, os cabelos arranjados como um par de cortinas quase fechadas, no vidro da entrada do hospital o meu reflexo disse-me que eu parecia uma pessoa com algo a esconder.

JIM

Sob as instruções da Fraser, às nove horas da manhã de domingo o Bennett e eu estávamos a bater a uma porta pesada de madeira colocada numa fachada de pedra num passeio largo no lado chique de Sea Mills, a ouvir o canto das aves enquanto esperávamos por uma resposta.

A mulher que a abriu tinha os mesmos cabelos ruivos flamejantes do auxiliar de educação do Ben. Vestia um quimono de cores extravagantes por cima de um pijama, e tinha as pernas nuas e os pés descalços. Enrolou os dedos dos pés quando o frio incidiu neles. Foi educada, mas estava perturbada. Era a mãe de Lucas Grantham.

— Ele está aqui, mas ainda está a dormir — disse ela, quando pedimos para falar com ele. — Chegou tarde, ontem à noite.

— Está mais alguém em casa? — perguntou-lhe o Bennett.

— Não. Só nós. Não vive aqui mais ninguém.

A casa era invulgar, diria que construída nos anos 60, só com um piso, em forma de L à volta de um grande jardim. Impenetrável visto do exterior, o interior era inundado de luz porque quase todas as paredes viradas para o jardim eram feitas de vidro.

Pedi-nos para esperarmos numa sala de estar de tamanho modesto. Não havia nada de vistoso nesta casa além da sua arquitetura. As mobílias não eram novas e as paredes estavam cobertas de prateleiras baratas de madeira castanha, carregadas com centenas de livros. Havia uma divisão na extremidade da casa, visível do outro lado do jardim, que parecia um estúdio de um artista.

No canto mais afastado do jardim havia um monte muito grande, coberto de erva, e na extremidade havia uma porta de chapa ondulada que se alcançava descendo alguns degraus.

— Sabes o que é aquilo? — disse o Bennett, numa voz que me informou que queria instruir-me.

— É um abrigo Anderson — disse eu. Não ia dar-lhe o prazer de se entregar à sua habitual necessidade de se afirmar. Queria fazer aquela

entrevista com a Fraser, mas ela ainda estava a resolver problemas no escritório após a confissão da Emma. Só estávamos juntos há meia hora, depois de termos saído, mas na melhor das hipóteses eu já só tolerava o Bennett.

Lucas Grantham apareceu, a pele pálida era mais branca do que me lembrava, coberta de sardas como um exantema severo. Vestia uma *T-shirt* amachucada, com a qual parecia ter dormido, e calças de fato de treino.

A mãe já estava vestida e o Bennett disse:

— Faça-nos um café, pode ser? Enquanto conversamos aqui com o Lucas.

Retrai-me quando vi o orgulho passar-lhe pelo rosto, antes de pensar melhor e reprimi-lo diante da nossa autoridade. Deixou-nos com o filho.

Sentámo-nos os três à volta de uma mesa de café baixa, e eu tirei uma fotografia da pasta e coloquei-a à frente do Grantham. Mostrava o carro dele, a atravessar a ponte suspensa, às 14:30 de domingo, dia 21 de outubro, com a hora e a data impressas na fotografia.

— Foda-se! — disse ele. — Oh foda-se! Eu disse à Sal que não devíamos ter feito isto, eu disse-lhe.

— Feito o quê, meu rapaz? — disse o Bennett.

— Agora vão pensar que fiz alguma coisa ao Ben Finch. A verdade é que nem sequer o conheço muito bem! A sério. É um bom miúdo, tem jeito para as artes, mas não sei mais nada!

— Vamos com calma, rapaz — disse o Bennett. — Vamos recuar. Vamos começar pelo princípio.

Agora o pânico de Grantham era palpável, esfregando as coxas com as mãos, arranhando os joelhos. Os olhos não se fixavam, olhava para o Bennet, para mim e para a fotografia, para a porta onde a mãe podia reaparecer.

— Quem é a Sal? — perguntei-lhe.

— É a minha namorada.

— A que lhe deu o álibi?

— Sim.

— O álibi que afirmava que estiveram os dois no apartamento da Sal na tarde de domingo, dia 21 de outubro?

— Sim.

— Isso é verdade?

— Não. — O rosto contorce-se.

— Porque mentiu, Senhor Grantham? — De novo Bennett.

— Porque sabia o que iam pensar.

— O que íamos pensar?

— Que fui eu que raptei o Ben. Claro que iam pensar isso! Eu pensaria, toda a gente pensaria. Foi por isso que a Sal me ajudou a construir este álibi.

— E raptou-o? Raptou o Ben Finch? — Voltei a assumir o controlo do interrogatório.

— Não! — Abanou a cabeça com violência.

— Fez mal ao Ben Finch?

— Não.

— Viu o Ben Finch?

— Não! Juro. Nem sequer estive na mesma zona do bosque que ele.

— Então o que estava a fazer?

— Estive a percorrer os trilhos de Ashton Court de bicicleta.

— Com alguém?

— Sozinho.

— A que horas chegou a casa?

— Cerca das cinco horas. A Sal pode confirmar isso.

— A Sal que ajudou a forjar um álibi?

— Desculpem. Lamento.

— Sabe que podemos acusá-los por causa disto? — Estava tão zangado que era capaz de esganá-lo.

— Importa-se, Senhor Grantham — disse Bennett, levantando-se, dirigindo-se para a janela —, que demos uma olhada ao seu abrigo Anderson?

— Porquê? Porque fariam isso? Estive a andar de bicicleta, é essa a verdade, é verdade, juro.

Agora a mãe estava à porta, como ele sabia que estaria, e tinha um tabuleiro com canecas nas mãos. Oscilou.

— Oh, meu Deus, Lucas! — disse ela. — O que fizeste?

— Mãe, não fiz nada. Juro!

— Que Deus nos ajude! — disse ela. — Sempre foste muito reservado, Deus sabe que sim, mas por favor diz-me que não tens nada a ver com isto.

Não era a manifestação de lealdade que se esperaria de uma mãe. Bennett e eu trocámos um olhar.

— Acha que estaria disposto a acompanhar-nos até à esquadra para conversarmos um pouco mais? — perguntei ao Lucas.

Ele acenou com a cabeça, com os olhos pálidos a olhar para o chão, de faces a arder.

RACHEL

A rececionista do hospital mandou-me para uma enfermaria na zona antiga do edifício. Percorri um corredor comprido e direito, um exercício de perspetiva, com uma porta dupla no fim. Havia faixas retangulares de luz penduradas no teto em intervalos regulares, cada uma emitindo uma pálida fluorescência, como se estivesse subnutrida.

O chão estava coberto por linóleo antigo cor de cerejas maduras, e de cada lado havia quartos privados onde jaziam os doentes. Alguns estavam sentados direitos, a ler ou a ver televisão. Outros eram apenas vultos debaixo dos lençóis, imóveis como uma paisagem, em quartos que pareciam menos iluminados, como se anunciassem a sua função como potenciais locais de transição, uma passagem entre a doença e a saúde, ou entre a vida e a morte.

Vi a Katrina sair de um quarto ao fundo do corredor. Saiu cá para fora, depois virou-se e fechou suavemente a porta atrás de si. Ficou ali de pé por um segundo ou dois, olhando para dentro do quarto, com a mão encostada à janela. Não se apercebeu da minha presença.

— Katrina — disse. Mal me atrevia a olhar para dentro do quarto, e quando olhei vi que o John mal parecia estar vivo. Estava deitado de costas, com uma grande ligadura na cabeça, uma máscara de oxigénio a cobrir-lhe a boca e a parte do rosto dele que conseguia ver estava inchada e desfigurada pelos hematomas. Estava ligado a tubos por todo o lado. Duas enfermeiras cuidavam dele.

— Olá — disse a Katrina num tom suave e eu fiquei desarmada com a sua humildade e vulnerabilidade. Tinha o rosto tenso da exaustão e do choque. Parecia muito, muito jovem, como em sua casa alguns dias antes.

— Querem fazer uns exames — disse ela. — Eu estava a atrapalhar.

— Como está ele?

— Estava com uma hemorragia e edema no cérebro — disse ela.
— Esperam que o edema se reduza. Dizem que ele está estável.

— Quanto tempo vai demorar?

— Ninguém sabe. E ninguém sabe quais os danos que provocará.

Encosto a mão ao vidro, com a palma aberta.

— Viste o que aconteceu? — perguntou-me.

— Alguém atirou um tijolo pela janela e ele correu lá para fora para a rua atrás deles. Estava a persegui-los. Não vi o que aconteceu depois. Encontrámo-lo à esquina. Já estava ferido, estendido no chão.

— O médico disse que parece que lhe deram vários pontapés na cabeça. — Tinha a voz entrecortada. — Quem faria uma coisa destas?

— Não sei — disse.

Ficámos lado a lado como sentinelas, a observá-lo, e já tinha passado bastante tempo quando fomos interrompidas por passos vigorosos. Era uma enfermeira, e as solas dos sapatos dela rangiam no linóleo.

Deu alguns folhetos a Katrina.

— Trouxe o que pude — disse ela. — A enfermaria fica a quilómetros de distância e enviaram-me uma mensagem assim que cheguei lá, por isso espero que sejam o que precisava.

— Obrigada — disse a Katrina. Agarrou depressa nos folhetos, segurando-os junto à barriga. Estava a tentar escondê-los de mim, mas não valia a pena. Já vira o suficiente. «Ácido Fólico», li quando estavam a ser entregues, «Um ingrediente essencial para um bebé saudável».

— Precisa de descansar — disse a enfermeira —, e precisa de manter as forças. Não quer ir para casa para dormir um pouco? Hoje não estamos à espera de nenhuma alteração no estado dele.

Katrina acenou com a cabeça, e a enfermeira ficou satisfeita.

— Até logo — disse ela. Desapareceu por onde viera, ainda a ranger.

— Estás grávida — disse eu. As minhas palavras eram suaves, e distantes, como se tivessem vindo à deriva de algures, mas ela ouviu-me.

— Não queria que ficasses a saber desta maneira. Lamento.

Desviei o rosto, e olhei para o John. As enfermeiras estavam em conferência, de pé aos pés da cama, tomando notas. Ele estava imóvel, à exceção do movimento quase impercetível do peito a subir e a descer debaixo do lençol.

— Ele sabe? — perguntei.

— Não.

Deixei que a testa se encostasse ao vidro da janela. Queria que a superfície fria e dura contrariasse uma dormência que se alastrava na minha cabeça.

— Parabéns. — Disse sem emoção, e não queria dar-lhe um tom ofendido, mas talvez tivesse dado.

— Ele não está a conseguir lidar com isto — disse ela, indicando o John. — Isto. O Ben. Tudo. Está a destruí-lo. Acha que isto não teria acontecido se tu e ele tivessem ficado juntos.

Tive de me esforçar mesmo muito. A dormência estava por todo o lado, ameaçando tornar-me insensível. Mas houve qualquer coisa nela que me comoveu. Podia ter sido a sua vulnerabilidade, ou o facto de ter uma nova vida dentro de si.

— O John é um bom pai — disse eu.

Estendi a mão para lhe tocar, mas o impulso extinguiu-se antes de estabelecer o contacto e deixei cair o braço.

Virei-me e fui embora e, enquanto ia, reparei que os meus sapatos não estavam a ranger no chão, ressoavam, num ritmo dolorosamente lento. Contei os passos enquanto andava.

Não podia fazer mais nada.

JIM

Anexo ao relatório do Inspetor James Clemo para a Dr.^a Francesca Manelli.

Transcrição gravada pela Dr.^a Francesca Manelli.

Estão presentes o Inspetor James Clemo e a Dr.^a Francesca Manelli.

Estão assinaladas em *itálico* as notas indicativas do estado de espírito ou comportamento do Inspetor Clemo, quando estes não são transmitidos apenas pelos seus comentários.

FM: Estou muito interessada em algo que escreveu quando descreveu a sua recordação de infância.

JC: Não tenha grandes expectativas em relação a isso.

FM: Importa-se que falemos sobre esse assunto?

JC: Se quiser.

FM: O Inspetor disse, e aqui vou referi-lo diretamente, porque a maneira como formulou interessou-me. Disse: «Fez-me ver que as pessoas nem sempre são o que parecem.»

JC: Sim.

FM: Então quer dizer que o seu pai não era a pessoa que os outros pensavam que era?

JC: Ele era tudo o que os outros pensavam que era, as pessoas respeitavam-no, devia ter visto a afluência no seu funeral, mas também tinha outro lado. As pessoas geralmente têm.

FM: O seu pai era violento?

JC: Era de uma geração diferente.

FM: E isso quer dizer o quê?

JC: Nessa altura faziam as coisas de maneira diferente.

FM: Incluindo magoar os filhos?

JC: Era só uma palmada de vez em quando. Nunca ninguém lhe deu uma palmada quando era pequena?

FM: Prefiro não fazer comentários relativamente à minha infância.

JC: Aposto que sim. Toda a gente o fazia, antes de a Internet começar a policiar as nossas vidas. O meu pai apenas fazia parte da sua geração.

FM: O que a sua irmã viu, acha que o que ele estava a fazer era ilegal?

JC: Não sei.

FM: Alguma vez falou nesse incidente com a sua irmã?

JC: Não. Não éramos muito próximos. E ela saiu de casa pouco depois disso.

FM: O que acha que ela presenciou?

JC: Não faço ideia. Era uma adolescente histérica. Estava sempre a espernear. Está a dar demasiada importância a isto. Não o devia ter escrito. Só escrevi porque é o que procuramos quando estamos a trabalhar, aquela pessoa que não é o que pensamos ser. Foi um exemplo estúpido, nem sequer tenho a certeza de que me lembro bem. Era uma criança.

Não sei bem se acredito nisto, acho que ele está a obscurecer os factos. Fico à espera que continue, que quebre o silêncio.

JC: Olhe, eu admirava o meu pai. As pessoas respeitavam-no porque ele ganhou esse respeito. Era um dos melhores detetives da sua geração. Podemos avançar?

FM: Como é que ele ganhou respeito?

JC: Costumava dizer uma frase: «Não podemos voltar a enfiar a merda dentro do burro.»

FM: E o que é que isso quer dizer?

JC: Quer dizer que tentamos não fazer asneira, não podemos deixar as coisas fugirem do nosso controlo.

FM: Foi difícil crescer à sombra dele?

JC: Fez-me desejar ser um detetive, e ser bem-sucedido, se é a isso que se refere.

FM: E isso foi uma coisa positiva?

JC: Foi melhor do que passar o dia todo a dormir, ou a chular, ou a beber, ou a violar velhotas para passar o tempo, ou a enfrascar-me

tanto até achar que não faz mal bater com a cabeça da mulher contra a parede até ela perder os dentes e o respeito por si própria. Mas o que quer dizer com «E isso foi uma coisa positiva?».

FM: Estou interessada porque a minha pergunta fê-lo ficar zangado.

JC: Porque é uma piada! É até insultuoso.

FM: Acho que talvez queira dizer que ser um detetive bem-sucedido era para si uma questão de honra?

JC: Sim! Sim, era, é, e acho que isso não tem mal nenhum.

Mostra um nível de raiva que eu acho excessivo, apesar de estar a tentar disfarçar.

FM: Seria justo dizer que nesta fase da investigação do caso estava sob uma pressão pessoal quase intolerável, para além da pressão que o caso estava a exercer sobre si?

JC: Não está a perceber qual é a questão principal.

FM: Então qual é? Diga-me.

JC: A questão principal era o Benedict Finch. Encontrar o Benedict Finch. Devolvê-lo em segurança à mãe. Isso era a única coisa que importava. Como é que não consegue perceber isso?

Tem os punhos cerrados, range os dentes. Agradeço-lhe por ter vindo e digo que nos encontramos na próxima semana. Não quero ser fria com ele, mas ele é difícil, e tenho de fazê-lo perceber a importância de se abrir completamente durante as nossas discussões. O nosso tempo está a esgotar-se.

RACHEL

O condutor do táxi que me levou a casa não mostrou ter mais vontade do que eu de conversar pelo caminho, e fiquei aliviada por causa disso. Sentei-me quieta e em silêncio num canto do assento de trás, vendo o corpo imóvel e o rosto desfigurado do John, pensando no seu novo filho.

O táxi deixou-me à frente de casa e um polícia fardado saiu tropeadamente do carro para se certificar de que eu entrava em segurança.

Dentro de casa, o silêncio era mais profundo do que nunca. Havia um vazio onde tudo aquilo por que vivi devia estar.

O telemóvel a vibrar puxou-me de novo para a realidade. Era uma mensagem da Laura:

Querida, desculpa por estar com os copos ontem quando o John telefonou, e desculpa o que te disse. Não estou a dar-te o apoio que devia e estou a ser uma amiga de merda, só que isto é tão esmagador, e eu também estou assustada, mas agora estou aqui se precisares de mim, prometo, e espero que não estejas demasiado zangada comigo.

Apaguei-a, chocada com ela, com o seu egoísmo.

Havia uma outra mensagem, que não tinha visto antes, da Nicky:

Como estás hoje? Aqui está tudo bem, e devo poder voltar para aí daqui a um dia ou dois, telefono-te hoje mais tarde.

Estou SEMPRE a pensar em ti xxx

Como havia de responder? Confrontada com a decisão do que devia dizer-lhe, e de como havia de dizer-lhe, fiquei paralisada. A confiança é assim. Quando a perdemos, começamos a ajustar as nossas atitudes em relação às pessoas, criamos defesas, e filtramos a informação que queremos que elas saibam.

Não estava preparada para esconder ativamente coisas da Nicky, nem para ser completamente sincera com ela, como teria sido três dias antes. Por isso não respondi. Ela disse que me telefonaria, e eu

resolvi que nessa altura contar-lhe-ia tudo.

Não houve notícias da polícia. Nem uma palavra. Por um lado, queria telefonar-lhes, perguntar-lhes o que acharam dos livros da escola, mas os acontecimentos daquela noite pareciam ter-me arrancado as últimas forças que me restavam.

Pensei que me telefonariam se houvesse alguma novidade, mas ao pensá-lo senti-me um pouco derrotista, como se estivesse a deixar que a esperança se desvanecesse.

Fui ter com o *Skittle*, que estava na sua cama. Deixei-me cair para o chão ao lado dele e fiquei ali sentada, com a mão no seu pelo. Fechei os olhos, deixei a cabeça cair para trás e encostar-se à parede atrás de mim e imaginei um reencontro com o Ben. A sensação de o ter nos braços, a expressão dos seus olhos, o cheiro dos cabelos, o som da voz, a perfeição sedosa do momento pelo qual ansiara ao longo de toda a semana, e ao imaginá-lo chorei lágrimas quentes e silenciosas que pareciam nunca cessar.

JIM

Tínhamos o auxiliar de educação numa sala de entrevistas em Kenneth Steele House.

A mãe, de rosto pálido, falara-lhe em voz baixa mas firme no corredor de casa, dizendo-lhe que ia telefonar ao advogado da família, enquanto ele lhe gritava que ela sempre tinha pensado o pior acerca dele, que não tinha feito nada de mal, que não estava a ser detido.

— Ainda não — disse o Bennett entre dentes. — Mas não vai demorar muito, meu rapazinho.

Viera connosco de livre vontade, mas o mais provável era que não o deixássemos sair. Nós sabíamos disso, mas ele ainda não. Estava sentado numa cadeira com ar de rapazinho malcomportado. Tinha o queixo inclinado num ângulo desafiador, e as pupilas eram cabeças de alfinete no meio das íris de um azul muito pálido.

Tínhamos motivos suficientes para o deter, mas estávamos a discutir sobre quando devíamos fazê-lo, porque logo que o fizéssemos começava a contar o prazo para a sua libertação, a menos que conseguíssemos obter provas ou uma confissão.

A opinião da Fraser era simples:

— Acho que devíamos adverti-lo agora.

— Ele veio de livre vontade.

— Não quero que fale sem ter sido advertido e depois mais tarde não podermos usá-lo em tribunal.

— O advogado vai dizer-lhe para ficar calado.

— É um risco que acho que vamos ter de correr. Senão pode sair daqui e desaparecer de vista. Mas o que é isto de ele ter um abrigo Anderson no jardim?

— Está vazio, Chefe, tirando um cortador de relva e alguns sacos de composto.

— O que te parece?

— Estava perto do local, mentiu-nos, ele conhece bem o Ben, e temos os livros da escola.

- Motivo?
- Ainda não sei o suficiente acerca dele.
- Como é a mãe?
- Está zangada com ele.
- Pede ao Bennett para adverti-lo, e tr  la para aqui para ser entrevistada enquanto esperamos que ele seja informado. E já alguém foi buscar a mentirosa da namorada?
- Já, Chefe.
- Bom trabalho, Jim.

Tinha um andar mais leve quando regressei à sala de incidentes. Podia ser da adrenalina, mas para mim bastava. Queria estar bem preparado para a entrevista, sem ficar nada por investigar. Sabia que o verdadeiro trabalho ia começar naquela altura, porque tínhamos apenas vinte e quatro horas para acus   lo.

Sentei-me    minha secretária e continuei a ler todos os antecedentes que tínhamos relativamente ao Lucas Grantham. Lembrei-me da primeira vez que o vi, na escola, de como me pareceu imbecil, um pouco patético. Nessa altura, não fazia ideia de que estava a mentir-nos, apesar de o Woodley o ter achado um pouco evasivo. Não queria pensar que me tinha escapado qualquer coisa na qual devia ter reparado.

Mas nunca cheguei a acabar a pesquisa, porque houve outro desenvolvimento. Chegou o marido da Nicky Forbes. Inesperadamente. A pedir para falar comigo.

Simon Forbes era tão sofisticado como eu esperava. Tinha pesquisado a sua empresa de vinhos no Google no dia anterior. Era muito requintada, com um *s  te* sofisticado e impressionante, e era claramente um homem muito bem relacionado. Era um homem corpulento, de cabelos muito negros que estavam a ficar grisalhos nas têmporas e veias vermelhas no nariz, provavelmente causadas pelos anos a provar vinhos. Tinha calças de bombazina, uma camisa aos quadrados e um casaco de *tweed*, o tipo de roupa que as pessoas usam nas feiras rurais a que a minha mãe costumava levar-nos quando

éramos pequenos.

— É muito amável por ter vindo — disse eu. — Não era necessário.

Encontrei um sítio para onde pudesse levá-lo e sentámo-nos frente a frente.

— O que eu tenho para dizer deve ser dito pessoalmente — disse ele. — É sobre a minha mulher, mas trata-se de uma situação muito delicada porque temos quatro filhas em quem pensar.

Possuía uma faceta calorosa que não esperava encontrar nele. Tinha uma índole delicada e paciente que era cativante, mesmo naquelas circunstâncias.

— Creio — disse ele — que talvez tivessem ficado com a impressão de que a minha mulher está a viver na nossa casa em Salisbury?

— Absolutamente, porque foi isso que a Senhora Forbes nos comunicou.

— Infelizmente, ela já não está a viver nessa morada há pouco mais de um mês. Saiu de casa em finais de setembro.

Falou num tom tranquilo e claro, enquanto eu tentava freneticamente processar o significado daquilo tudo.

— Sabe para onde a sua mulher se mudou?

— Ela está a viver na casa de campo onde cresceu. Situa-se em Pewsey Vale, a cerca de quarenta e cinco minutos de Salisbury, para norte.

— As suas filhas foram com ela?

Pensei se não teria sido uma separação rancorosa, se ele não estaria ali para lançar culpas numa mulher que detestava, enlamear a sua reputação antes de uma disputa pela custódia.

— Não. A Nicky não me deixou apenas a mim; deixou-nos a todos.

— Posso perguntar porquê?

— A ocasião específica foi... — pigarreou — o que a fez fazer as malas e ir-se embora foi uma discussão que tivemos.

— Sobre o que discutiram?

— É um pouco complicado, mas já tínhamos falado em ter outro filho.

— Um quinto filho?

A sua resposta desfez a minha admiração.

— Sim. Sei que algumas pessoas acham que cinco filhos é excessivo, mas a Nicky queria tentar outra vez, e eu aceitei aceder ao seu desejo, de bom grado, devo dizer, por causa de algo que sofreu. Achei que devia apoiá-la. Preciso de explicar o passado dela?

— Nós sabemos.

— Então sabem que ela deseja ter um filho. Para substituir o Charlie.

Aquelas palavras pareciam-me sólidas, como um resíduo lançado por uma explosão, um estilhaço de metal, a girar no ar, reluzindo.

Parecia um homem que tinha de ir buscar forças bem lá ao fundo.

— A minha mulher dá a impressão de estar a lidar com a situação, sempre a lidar com a situação, mas isso tem o seu preço. Tornou-se muito controladora com o nosso tempo. Foi esse o motivo da nossa discussão. Estava a tentar pedir-lhe que relaxasse, que nos desse espaço para respirar lá em casa. Aquela organização do tempo das miúdas até ao último minuto afeta-as, e a nós também. Na minha opinião, a vida tornou-se um pouco monótona. Não tínhamos tempo para fazer coisas juntos, como um casal, ou uma família, nunca, e disse-lhe que estava a começar a pensar se outro bebé não seria de mais, para os dois.

— Como é que ela reagiu?

— Mal. Muito mal. Sentiu que eu a tinha traído.

— Ela disse isso?

— Disse. Perdeu a cabeça, à falta de uma expressão melhor. Nunca a vi tão zangada, nem tão desesperada. E, infelizmente, perdi a calma, tinha chegado ao limite, e disse-lhe que achava que precisávamos de mais espaço entre ambos.

— E como é que ela reagiu?

— Saiu do quarto furiosa, com uma expressão terrível, e eu não fui atrás dela. Deixei-a ir. A Grace, a nossa segunda filha, já estava à espera no corredor, pronta para a lição de equitação. As nossas vidas estavam assim tão planeadas que nem tínhamos tempo para uma

discussão! Em todo o caso, não queria fazer nenhuma cena em frente à Grace, por isso gritei à Nicky que ia levar a Grace à lição, e acalmei-me um bocado enquanto lá estive, arrependi-me de algumas das coisas que disse, e esperei que a Nicky também se tivesse arrependido, que pudéssemos discutir as coisas com mais calma naquela noite. Mas quando a Grace e eu chegámos a casa, ela já tinha saído.

— Saído?

— Completamente. Tinha feito uma mala e ido embora de carro. Disse à nossa filha mais velha para tomar conta das mais pequenas até que eu chegasse a casa, mas não lhe disse porquê. E, infelizmente, as miúdas viram a Nicky colocar a mala no carro, e perceberam que ela estava muito perturbada, por isso quando regressei elas estavam muito alvoroçadas, para ser brando. Foi um choque terrível para todos nós.

— Já falou com ela desde essa altura?

— Falamos frequentemente, mas é muito frustrante. Ela não quer falar sobre o futuro. Não quer combinar encontrar-se comigo para conversarmos. Só diz que precisa de mais tempo. Estou a tentar ser paciente, mas estou zangado devido ao efeito que isto está a ter nas miúdas. Todos a adoramos, a questão é essa, claro que sim, mas nem sempre conseguimos ser como ela quer.

Fui um idiota se de início julguei duramente o Simon Forbes devido ao seu *site*, à sua profissão e à sua aparência. Era um homem sensível e inteligente, que parecia ter uma dose de paciência inesgotável, e estava magoado.

Inspirei.

— Acha que a sua mulher é instável? — perguntei-lhe.

— Afastou-se das filhas. Esse não é um comportamento de uma pessoa estável.

— Está aqui porque acha que ela pode ser responsável pelo que aconteceu ao Ben?

A pergunta era dolorosa para ele, teve de colocar o orgulho de lado para vir até ali, dizer-me aquelas coisas, e enquanto se esforçava por

formular uma resposta, vi-o tentar colocar de lado o amor pela mulher também, mas não conseguiu.

— Não iria tão longe, achei apenas que deviam ter conhecimento da nossa situação. Ela nem sequer disse nada à irmã.

— Obrigado, Senhor Forbes. Nem sei como agradecer-lhe.

Acompanhei-o até à entrada principal; era o mínimo que podia fazer.

Lá fora, ao cimo das escadas, com o casaco encerado abotoado e luvas de couro para conduzir calçadas em dedos grossos e fortes, falou novamente.

— Não sei o que a minha mulher fez ou não fez, Inspetor. Não posso adivinhar. Estou apenas a dizer-lhe o que acho que deve saber. E em troca peço-lhe que respeite a dignidade da minha família o mais que puder. Quero evitar que as minhas filhas sofram ainda mais. O desaparecimento do Ben por si só já tem sido extremamente difícil para elas.

— Disse alguma coisa sobre isto à sua cunhada?

— Para ser sincero, calculei que a Nicky teria contado à Rachel, mas quando percebi que não era esse o caso, achei que o melhor era poupá-la a isto, e é por isso que estou aqui, a contar-lhe a si. A Rachel já deve estar a viver num verdadeiro inferno.

Assim que virou costas, voltei a entrar no edifício a correr, subindo os degraus três a três até à sala de incidentes.

RACHEL

No domingo à noite, quando já estava escuro, continuava a só conseguir pensar no facto de o Ben ter desaparecido há uma semana. Sete dias, cento e sessenta e oito horas, milhares de minutos, centenas de milhares de segundos. E o tempo continuava a contar.

Os meus pensamentos estavam subitamente preenchidos pelo bosque, como se agora, passados sete dias, as recordações se tivessem dilatado, e germinado numa sobrecarga sensorial vívida.

O céu muito azul e a intensidade caleidoscópica da paisagem de belas folhas de outono coloridas e recortadas sucediam-se na minha cabeça como uma bobina de filme. Vi as faces afogueadas do Ben, a névoa translúcida da sua respiração, a flutuar momentaneamente, um pedaço dele, do seu calor, no ar, para depois se evaporar em nada.

Teria visto mais, ter-me-ia perdido naquelas recordações, mas o telefone tocou. Era da polícia, para me informarem que um detetive Woodley, o meu agente de ligação provisório, ia a caminho para falar comigo. Pediram desculpa pela hora tardia do telefonema. Já passava das oito e meia da noite.

O detetive Woodley chegou às nove. Era muito alto e muito magro, com um pescoço comprido e um grande nariz. Parecia ter cerca de dezassete anos.

Apresentou-se desajeitadamente, e depois disse que provavelmente devíamos sentar-nos, e lambeu nervosamente o lábio de cima ao dizê-lo.

Sentámo-nos à mesa da cozinha, sob a luz intensa da iluminação central. Ao contrário da minha irmã, não pensei em tornar a cozinha confortável acendendo outras luzes, ou colocando uma chaleira ao lume. Tinha perdido as delicadezas há uma semana. Só queria ouvir o que ele viera dizer-me.

— Fizemos uma detenção — disse ele. — Ainda não os acusámos, mas eles estão detidos em Kenneth Steele House.

— Quem?

— Lucas Grantham. O auxiliar de educação do Ben.

Fiquei a ponderar nesta informação e depois retraí-me diante do seu horror. Lucas Grantham passava todos os dias da semana com o meu filho. Passava mais horas com o Ben do que eu. E eu não o conhecia; para mim era um estranho.

Tentei recordar-me de alguma coisa para o detetive Woodley com o seu interrogatório paciente mas insistente, de alguma referência do Ben a Grantham, mas não havia nada além do absolutamente inócuo. O Ben quase não falava dele, preferindo a professora May, que já conhecia há mais tempo.

Tentei lembrar-me das impressões que tinha dele. Eram fugazes. Afinal as aulas tinham apenas começado havia algumas semanas, e Lucas Grantham era novo na escola, como o diretor. Esforcei-me por encontrar algumas memórias dele quando fora buscar os livros do Ben à escola apenas alguns dias antes, mas na verdade não tinha nenhuma, apenas uma vaga sensação da sua presença. E então aqueles pensamentos foram interrompidos por uma pergunta que eu tinha de fazer:

— Se foi o Lucas Grantham que raptou o Ben, onde está ele?

— Estamos a fazer uma busca extensiva em casa dele, e em todos os imóveis associados a ele. Estamos a fazer tudo o que podemos para localizar o Ben. Nas próximas vinte e quatro horas interrogaremos toda a gente associada a ele. Infelizmente, de momento, não posso dar-lhe mais informações, mas queríamos que ficasse a saber isto através de nós, e não através de outra pessoa qualquer. Por favor, saiba que estamos a fazer o que achamos melhor para devolver-lhe o Ben são e salvo. É essa a nossa prioridade.

— Acredita nisso?

— Que estamos a fazer tudo o que podemos? Sim. Sem dúvida. Posso jurar pela vida da minha mãe.

Colocou até a mão sobre o coração ao dizê-lo. Depois, quando estava a preparar-se para sair, disse:

— Mais uma coisa, Senhora Jenner?

— Sim?

— Já teve notícias da sua irmã?

— Não. — E apercebi-me de que ela não chegara a telefonar-me.

— Porquê?

— A função do agente de ligação é garantir que todos os membros da família estejam bem, por isso estou apenas a acompanhar a situação após a entrevista difícil que ela teve com o Inspetor Clemo.

— Tanto quanto sei ela está bem.

Quando ele saiu tentei telefonar à Nicky, para lhe contar, mas a chamada foi para o correio de voz. Não deixei nenhuma mensagem. Já tinha ouvido falar em pirataria do correio de voz. Sabia que seríamos alvos. Não ia dar essa vantagem aos jornalistas.

Tentei ligar para casa da Nicky, em Salisbury, mas foi a filha mais nova que atendeu e disse que a mãe não estava e o pai também não, e a irmã que estava a tomar conta dela estava a falar ao telemóvel. Desisti, nem sequer disse quem era porque a Olivia tinha apenas nove anos e deixar um recado a uma criança de nove anos é complicado e pouco fiável. Sabia que a Nicky me telefonaria quando visse a minha chamada não atendida.

Pensei novamente no auxiliar de educação e no que ele talvez tivesse feito.

De certa forma permitiu-me sentir uma vaga de alívio. Permitiu-me libertar-me do germe da suspeita relativamente à minha irmã que eu acalentava em segredo. Este alívio da pressão fez-me sentir grata, sem dúvida. Agradei em silêncio o facto de não a ter confrontado com as minhas suspeitas, ou acusado diretamente. Isso talvez ajudasse a sarar as nossas feridas.

Por outro lado, a notícia determinou um cenário que me provocou um nó no estômago, porque a pergunta que não me saía da cabeça era: «O que é que um homem como o Lucas Grantham poderia querer de um menino como o Ben?»

Não conseguia encontrar uma resposta que não fosse horripilante. E por isso não me senti completamente aliviada, como poderia ter ficado ao saber da detenção, claro que não, porque isso seria impossível até o Ben estar outra vez nos meus braços.

Mais tarde, voltei à Internet, com curiosidade de ver se a detenção fora tornada pública. Ainda não.

Em vez disso, alguns membros da comunidade *online* assinalavam a passagem de uma semana desde o desaparecimento do Ben dizendo que ele estava provavelmente morto. Que só podia estar morto.

Como que para sublinhar esta teoria, um ou dois deles publicaram fotografias de velas acesas para assinalar a data. Santuários *online*, onde a chama trémula era uma exibição pública de emoção, que eu achei moralista, feia e cruel.

Outros optavam por uma abordagem mais cerebral, incluindo um que me chamou a atenção porque citava os mesmos *sites* que a Nicky pesquisara antes de partir, para provar a sua hipótese. Cliquei no *link* que ele fornecia, e arrependi-me instantaneamente, porque mesmo em frente aos meus olhos estava um dos documentos que a Nicky tentara impedir-me de ler nos primeiros dias após o Ben ter desaparecido:

Homicídio em raptos... o mais provável é que as vítimas sejam assassinadas de imediato ou que sejam mantidas vivas por menos de 24 a 48 horas ou mais de três dias (Boudreaux *et al.*, 1999). Hanfland, 1997 apresentou conclusões ainda mais chocantes. Afirmou que 44% estavam mortas em menos de uma hora, 74% das vítimas estavam mortas nas primeiras 3 horas, e 91% nas primeiras 24 horas.

Agoniou-me. Fechei a janela no computador, batendo no rato com dedos suados e trémulos. Estava preparada para encerrar o computador, desligá-lo da corrente, afastar-me dele, mas por trás da janela que estava a ver havia outra, deixada pelo Ben.

Era a página do *Furry Football*, o jogo *online* que o Ben e os amigos adoravam jogar. Era como o Clube Pinguim, ou *Moshi Monsters*, um fórum infantil *online* onde se podia jogar e interagir com os avatares de outras pessoas. A diferença era que o tema era o futebol e quando se ganhava pontos podia-se comprar jogadores para uma equipa de *Furry Football*. O Ben adorava-o. Todos os amigos adoravam-no.

Cliquei. A página recarregou e convidou-me a fazer o *login*. O Ben geria duas equipas virtuais diferentes e eu podia escolher com qual

delas ligar-me: «*Owl Goal*» ou «*Turtle Rangers*». Escolhi «*Owl Goal*» e datilografei a palavra-passe do Ben. Surgiu uma mensagem: «O LOGIN JÁ FOI EFETUADO.»

Voltei a tentar. A mesma mensagem.

Encostei-me para trás na cadeira, confusa. Alguém estava ligado como se fosse o Ben. Lembrei-me de ouvi-lo dizer que não conseguia fazer o *login* se já o tivesse feito noutro computador, mas o seu *iPad* estava em casa do pai, e eu não tinha outro computador.

Cliquei em «*Turtle Rangers*», introduzi novamente a sua palavra-passe, e dessa vez resultou. Estava ligada. Era a Turtle0751, o capitão da equipa dos *Turtle Rangers* e o meu avatar apareceu no ecrã: uma tartaruga rechonchuda de chuteiras a segurar num quadro.

«A QUE SERVIDOR QUER LIGAR-SE?», perguntou-me o computador, e senti um nó no estômago à medida que uma ideia se instalava na minha cabeça. E se o Ben estivesse ligado algures, a jogar com o seu avatar de coruja?

Selecionei o servidor que sabia que o Ben escolhia sempre para jogar: «*Savannah League*».

Surgiu um cenário de desenho animado — a savana africana. Um suricata convidou-me a escolher o jogo que desejava jogar. Selecionei «*Baobab Bonus*», o jogo preferido do Ben.

No ecrã apareceu um bosque de baobás. Cerca de vinte avatares circulavam entre eles, com pequenos balões de diálogo a saírem-lhes das cabeças de vez em quando. Não demorei muito tempo a ver o outro capitão de equipa do Ben: Owlle689.

— És tu — disse. — És tu.

Os meus dedos agarraram no rato com tanta força que as suas arestas se cravaram neles e eu fiquei a olhar para o ecrã enquanto o Owlle689 circulava nele.

Orientei o meu avatar para que ficasse ao pé do do Ben. Era desajeitada com o rato. Queria falar com ele. Era difícil descobrir como fazer um balão de diálogo. Não estava treinada como o Ben; nunca tinha tomado atenção aos pormenores do jogo.

Após muitas tentativas falhadas, finalmente cliquei no sítio certo.

Apareceu uma lista de frases possíveis, mas era um fórum infantil. Claro que era. Só permitira que o Ben comunicasse com frases fornecidas pelo jogo. Para sua segurança.

Procurei na lista de frases disponíveis, desesperada por dizer algo com significado, mas eram completamente inócuas, criadas para impedir que as crianças se irritassem ou insultassem mutuamente.

Cliquei em «Olá». Passado alguns segundos o avatar do Ben disse «Olá».

«Como foi o teu dia?», perguntou o meu avatar.

Owlie689 mostrou uma emoção. Era um rosto franzido. Procurei na lista de frases que podia usar.

«Lamento», disse o meu avatar.

Owlie689 começou a mover-se. Eu segui-o. Parou debaixo de um baobá.

«Queres visitar a minha equipa?», disse-me ele.

«Sim», respondeu o meu avatar e o ecrã desvaneceu-se e voltou a formar-se, e estávamos numa zona de treino. As posições dos jogadores estavam assinaladas à volta do ecrã e acima de quatro delas havia animais que o Ben conseguira comprar com os pontos que ganhara.

«Fixe», disse o meu avatar.

«Novo jogador», disse o avatar do Ben. Moveu-se para o médio avançado. Era uma girafa. Não a tinha no domingo anterior, porque falara sobre isso, sobre querer ter uma girafa porque são boas a cabecear. Na verdade, estive o tempo todo a falar sobre isso no carro quando íamos a caminho do bosque, até que eu o obriguei a mudar de assunto.

— És tu — disse eu. — És mesmo tu.

Procurei na lista de frases algo mais para dizer, algo que fizesse o Ben perceber quem eu era, que era eu que estava a comunicar com ele. «Ele devia suspeitar», pensei, porque quem mais poderia usar o seu outro avatar? Tinha de saber que era eu.

Mas fui demasiado lenta. Antes de escolher uma frase, Owlie689 tinha desaparecido. O meu avatar estava sozinho no ecrã.

Agarrei no telefone.

JIM

Fraser e eu estávamos enfiados na sala de reuniões que utilizávamos para comunicarmos instruções. As listas e as notas das entrevistas cobriam a mesa entre nós. Estávamos a planear.

O Woodley espreitou pela porta:

— A Rachel Jenner acabou de telefonar, diz que viu o Ben a jogar um jogo *online*.

— Que jogo? — perguntou a Fraser.

— *Furry Football*. Diz que se ligou como um dos seus avatares.

— Mas que raio quer isso dizer?

— Temos personagens em que nos transformamos quando jogamos o jogo. O Ben tem duas. Ela ligou-se como uma delas e encontrou-se com a outra no jogo. Ela acha que isso significa que o Ben também estava ligado.

— E isso é verdade? Tu é que és o perito em informática.

— Pode ser, como é óbvio, se tiver acesso à Internet, o que me parece improvável. Qualquer pessoa que tenha acesso aos seus dados podia ter-se ligado.

— Qual achas que é a probabilidade disso acontecer?

— É impossível dizer, mas as pessoas muitas vezes sabem as palavras-passe dos amigos, etc., pode ser um dos amigos dele ou qualquer pessoa que o conhecesse.

— A Rachel Jenner tem noção disso?

— Não sabe. Para ser sincero é difícil perceber o que ela diz, Chefe. Está bastante histérica.

— Temos de descobrir quem poderia saber. Podes contactar aquele homem que estava no bosque, o pai do melhor amigo do Ben? Pergunta-lhe se sabe alguma coisa sobre isto, e pergunta-lhe se podemos entrevistar o filho dele de manhã. Ele talvez saiba.

— Com certeza.

Depois de ele ter saído, a Fraser virou-me as costas.

— O que achas, Jim?

— Pode ser alguma coisa, pode não ser nada. Como os livros da escola.

— Vou pôr os tipos da informática a investigar isto. Ora, Lucas Grantham contra Nicola Forbes. Quero um plano de ação hoje à noite, para não perdermos nem um minuto amanhã de manhã. Nem um segundo. Qual é a tua opinião acerca da alocação de recursos?

Demorei algum tempo antes de responder. Tínhamos um suspeito muito forte sob custódia, e eu sabia que ele parecia adequar-se muito bem, mas havia alguma coisa na Nicky Forbes que eu não conseguia ignorar.

— Na minha opinião, a Nicky Forbes é muito inteligente e potencialmente muito manipuladora — disse à Fraser. — O Chris foi sem dúvida muito claro ao afirmar que o tipo de trauma que a Nicky sofreu pode causar todo o tipo de psicoses e delírios. Se o próprio marido veio até aqui para nos avisar acerca dela, acho que temos de levar isso muito a sério.

— Inclinas-te mais para ela?

— Se tiver de pôr as mãos no lume, sim.

E, ao dizê-lo em voz alta, senti que a minha convicção aumentava. Disse:

— Acho que corremos o risco de o Lucas Grantham ser outro Edward Fount. Parece adequar-se bem porque é um fulano mentiroso que vive com a mãe, mas pode estar a dizer a verdade acerca da razão por que foi ao bosque.

— A dizer a verdade sobre a sua mentira?

— Pois.

— Se for esse o caso, vou acusá-lo de fazer perder tempo à polícia.

— Concordo.

Fraser suspirou, massajou a testa. De repente parecia velha.

— Mas não tenho a certeza, e por um lado quero que estejas aqui para conduzires a investigação sobre o Grantham. O tempo está a esgotar-se.

Eu sabia isso. Mantive-me calado, deixei-a pensar, e observei-a a

massajar a testa enquanto pensava. Sabia que não valia a pena pressioná-la. Tocou uma decisão bastante depressa.

— Muito bem. Vou deixar-te entrevistá-la, Jim, amanhã de manhã, hoje à noite não. Já é demasiado tarde.

— Obrigado, Chefe. — Levantei-me. — Vou familiarizar-me com tudo o que está no ficheiro dela.

Queria saber cada pormenor de cor; queria fazer a entrevista da minha vida. A Nicky Forbes tinha-me levantado suspeitas logo desde o início.

— Agora, ouve bem, Jim. Não vais fazer nada disso. Vais para casa e vais dormir. Estás com uma cara de meter medo. — Fez uma pausa, deixou-me assimilar o insulto, e depois perguntou-me: — Como te sentes em relação à Emma?

Isso apanhou-me de surpresa. Completamente. Demorei algum tempo a alinhar uma resposta.

— Estou desiludido, claro. Mas estou concentrado em andar para a frente, Chefe.

— Não gozes com a minha cara; sabes bem o que eu estou a perguntar. Não sou cega.

— Juro que é verdade, Chefe, estou concentrado em andar para a frente, mas também estou muito desiludido. Claro que estou.

— Só vou perguntar-te uma vez, achas que isso está a afetar o teu discernimento?

— Absolutamente nada. Nem um bocadinho.

Ela recostou-se na cadeira, refletindo sobre o assunto, antes de responder.

— Muito bem. Então amanhã logo de manhã vais entrevistar a Nicky Forbes, porque não quero deixar nada por investigar. Volta o mais depressa possível depois. Não podíamos estar com mais falta de recursos por isso nem devia deixar o meu adjunto ir.

— Chefe...

— Estou a fazer-te a vontade Jim, por isso não abuses. Tenho uma lista de entrevistas do tamanho do meu braço relacionadas com o Lucas Grantham.

— Só queria saber se vou sozinho ou não.

— Não posso mandar mais ninguém. Preciso de toda a gente aqui.

Tirou os óculos, o que a fez parecer subitamente vulnerável, e esfregou os olhos, que estavam vermelhos à volta. Como já era tarde, e ela parecia ter baixado um pouco as defesas, fiz-lhe uma pergunta:

— Chefe, acha que ele ainda está vivo?

— Conheces as estatísticas tão bem como eu. Só nos resta fazer o que podemos.

De volta ao meu apartamento, olhei para os ficheiros do caso, examinando cada pormenor, memorizando eventos que ocorreram quando a Nicky Forbes era uma rapariga, lendo todas as notas que escrevi logo após o Simon Forbes ter vindo.

Foi um telefonema exultante que fiz à Fraser à meia-noite.

— Encontrei uma falha no álibi da Nicola Forbes. No domingo passado ela disse que estava num festival de gastronomia. Esteve sem dúvida lá de manhã, mas ninguém conseguiu conformar que a viu entre as 13:30 e as 22:00 quando o marido afirma que ela falou com ele através do Skype da casa de campo.

— Achei que tínhamos confirmado o álibi dela?

— As pessoas disseram que pensaram que a tinham visto, mas é um evento mesmo muito grande. Montes de bancas a vender produtos frescos, demonstrações de culinária, essas coisas, centenas de pessoas presentes e apesar de ela ser bastante conhecida ninguém consegue de facto garantir que a viu durante a tarde. Todos afirmam que estive de certeza lá naquele dia, e uma amiga diz que almoçaram juntas, mas depois das 13:30 não há nada fiável.

— Bom trabalho, Jim — disse ela. — Leva o Woodley contigo de manhã.

— Achei que não podia prescindir de ninguém.

— Mudei de ideias.

Não tive forças para ir para a cama. Fiquei deitado no sofá, com a janela entreaberta apesar de estar um frio gélido lá fora, e fumei e tentei afastar as recordações da Emma que podiam perturbar o

equilíbrio perfeito que sentia: o momento gracioso em que um caso está prestes resolver-se de uma maneira ou de outra, e quando estamos mesmo lá.

Verifiquei o telemóvel. O Woodley e eu tínhamos estado a enviar mensagens e *emails* um ao outro, para finalizar as instruções e pormenores para a manhã seguinte.

Mas não esperava encontrar na minha caixa de correio eletrónico um *email* da Emma. O assunto era: «Desculpa.»

Email

Para: Jim Clemo <jim.clemo@gmail.com>

De: Emma Zhang <emzhang@hotmail.co.uk>

28 de outubro de 2012 às 23:39

DESCULPA

Querido Jim,

Espero que leias isto porque te devo uma explicação. Se estás a ler: obrigada.

Nunca devia ter feito o que fiz. Foi imperdoável. Nunca devia ter dado o meu contributo para o blogue e nunca devia ter esperado que me ajudasses. Coloquei-te numa posição terrível.

Quando passei por ti na sala de incidentes hoje de manhã foi o momento mais difícil da minha vida, porque só queria que o tempo voltasse para trás, para não fazer o que fiz, e ainda estarmos juntos. Quando estava contigo sentia-me feliz, e protegida, e desperdicei isso tudo pela razão pior e mais estúpida de todas.

Devo-te uma explicação pelo que fiz, e aqui está ela. Não é uma desculpa:

Quando eu tinha seis anos o meu pai foi lá para fora para cortar a relva e pediu-me para ficar a tomar conta da minha irmã mais nova. Ela tinha dois anos. Chamava-se Celia. Estávamos a brincar no meu quarto. Deixei-a por apenas alguns minutos para ir à casa de banho. Quando voltei não conseguia encontrá-la. Chamei o meu pai. Ele encontrou-a entalada na parte lateral da minha cama. Tinha ficado presa, e ficou sufocada. Morreu antes de conseguirmos tirá-la de lá.

O meu pai culpou-me da morte dela, mas eu também era só uma criança. O que ele fez não foi *responsável* porque ele era o adulto, não devia tê-la deixado entregue ao meu cuidado. Não sabia que era possível morrer-se assim.

Mas ele sempre foi assim tão duro, não fazes ideia de como era duro. Nunca me deixou ser criança. Sinto falta da Celia todos os dias.

Quando soube o que a Rachel Jenner fez ao Ben, como o deixou ir a correr sozinho à sua frente, queria castigá-la, porque não devemos deixar as crianças sem supervisão. Pode acontecer-lhes algum mal. Achei que isso significava que ela era uma pessoa que não merecia ter um filho, que não o amava devidamente. Achei que ela era como o meu pai. Apercebi-me de que estava enganada quando vi as fotografias que ela lhe tirou.

Eram tão bonitas, pensei que iam partir-me o coração ali mesmo.

Não queria fazer o que fiz. O blogue absorveu-me. Era uma espécie de compulsão, tão difícil de resistir.

Não sei se foi por a função de agente de ligação com a família ser demasiado exigente para mim. Talvez não consiga aguentar os problemas das outras pessoas. Perco a cabeça. Devia ter tido mais força, devia ter sido mais profissional, e devia ter saído da investigação, mas não saí, e depois tornou-se tão difícil combater o impulso de contribuir para o blogue porque estava tão zangada. Esforcei-me muito para lutar contra ele, mas trago muita raiva dentro de mim por causa do que aconteceu à Celia e a mim, e confundi o meu passado, e a raiva contra o meu pai, com o presente da Rachel, e queria castigá-la pelos pecados dele.

Tento não mostrar, porque normalmente consigo agradar às pessoas, resolver tudo, mas nem sempre sou uma boa pessoa, e mesmo quando me esforço muito para me manter sob controlo, o meu passado por vezes afeta-me.

Comportei-me de uma forma arrogante e repugnante, e isso é algo com o qual terei de viver, tal como terei de viver com o facto de ter perdido a carreira, e mereço isso.

Sei que não podemos continuar a estar juntos, mas espero que consigas perdoar-me só um bocadinho, ou tentar compreender.

Contei isto tudo à Administração Interna. Agora o processo está em andamento. Suspenderam-me e estou sob investigação. Não posso comunicar contigo, por isso por favor apaga isto depois de teres lido.

Mas podes ter a certeza, Jim. Amo-te. O tempo em que estivemos juntos foi fantástico e vou sempre sentir a tua falta. Por isso obrigada.

Emma x

Quando acabei de ler carreguei na tecla para apagar. Mas depois fui ao caixote do lixo para voltar a colocar o *email* na caixa de correio.

Num dos armários da cozinha encontrei uma garrafa de *whiskey*, um presente dos meus pais quando me mudei para aqui, ainda por abrir. Não costumo beber, mas naquela noite abri a garrafa. Não me dei ao trabalho de fazer misturas. Bebi uma grande quantidade, muito mais depressa do que devia. Bastou para fazer a sala andar à roda antes de perder os sentidos.

DIA 9

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE OUTUBRO DE 2012

«... as crianças têm dificuldade em determinar quem vai fazer-lhes mal e quem não vai. Por esta razão, compete aos pais escrutinar as pessoas que estão a supervisionar e a cuidar dos seus filhos, e instruir as crianças sobre como devem manter-se e brincar em segurança.»

Dalley, Marlene, e Ruscoe, Jenna, «The Abduction of Children by Strangers in Canada: Nature and Scope», Serviços Nacionais para as Crianças Desaparecidas, Serviço Nacional de Polícia, Polícia Real Montada do Canadá, dezembro de 2003

«A esperança é essencial à sobrevivência.»

«When Your Child is Missing: A Family Survival Guide», Missing Kids USA Parental Guide, Departamento de Justiça dos EUA, Relatório do OJJDP

RACHEL

Naquela noite liguei-me ao *Furry Football* inúmeras vezes. Tinha esperança de voltar a encontrar o Ben, claro. Vocês teriam feito o mesmo.

Mas ele não estava lá. Em lado nenhum. Revistei o jogo *online* até conhecer cada centímetro, cada servidor, cada zona onde se podia jogar. Durante a noite, avatares de nomes estranhos entravam e saíam, e assistia ao movimento dos fusos horários à medida que eles se ligavam e desligavam: centenas, milhares, dezenas de milhares de crianças de todo o mundo *online*. Mas o Ben não. Não voltei a encontrá-lo. Nunca mais.

Mas as horas de busca não me fizeram duvidar nem por um momento, porque a minha convicção de que era o Ben continuava a aumentar, era um sentimento tão forte e poderoso, como se ele tivesse realmente passado por mim com o seu anoraque vermelho, olhado para mim por um segundo para depois voltar a desaparecer para fora do alcance da minha mão estendida.

Queria dizer ao John, achava que ele era a pessoa que melhor poderia compreender, que sentiria a importância daquele breve contacto com o nosso filho.

Telefonei para o hospital na esperança de que ele estivesse melhor, de que talvez até estivesse consciente. Uma voz compassiva e simultaneamente cansada disse-me que não houvera nenhuma alteração no seu estado. Disse que estava estável, que era a única coisa que podia confirmar.

Imaginei-o como o vira na noite anterior, a ausência dele, a mente apertada em volta da hemorragia, do edema e do trauma. Teria uma pequena parte de mim, só por um instante, invejado esse seu distanciamento? Talvez. Seria por me parecer que existir era cada vez mais difícil? Provavelmente.

Mas duas coisas mantiveram-me ocupada naquela noite, alerta, inquieta. Duas coisas atormentavam-me com a persistência de um nó

que se aperta lentamente em volta do pescoço.

Se o Lucas Grantham tinha raptado o Ben, então por que razão teria ele desaparecido tão de repente do *Furry Football*? Se o Lucas Grantham tinha raptado o Ben, então quem estaria a tomar conta dele enquanto estava sob custódia?

Passei o telemóvel de uma mão para a outra, deixando impressões digitais oleosas no ecrã. Silencioso, parecia-me um objeto inútil, a sua própria existência a troçar da minha confiança nele e do isolamento que lhe deu origem.

Queria um telefonema da polícia a informar-me de que estavam a revistar casas, a arrombar portas e a partir janelas à procura do Ben.

Não queria procedimentos. Não queria vinte e quatro horas de interrogatório. Eles e o Lucas Grantham numa sala, com o chá e os biscoitos, e depois disso nenhuma acusação, e durante todo aquele tempo o Ben podia estar algures sem ninguém para cuidar dele, ninguém que lhe levasse comida, nem água, ou podia estar algures com outra pessoa, uma pessoa que o obrigou a desligar o *Furry Football* à noite, à pressa.

Mas o meu telemóvel permaneceu mudo.

Em silêncio, sabia que os *emails* estavam a chegar ao seu interior: pedidos da comunicação social, contactos de amigos e famílias que conhecíamos, aqueles que tinham receio de falar comigo, pessoas que preferiam vigiar-me de longe.

Mas o telefone não tocou. A polícia não me telefonou. Ninguém me telefonou.

E naquele silêncio os dois pensamentos circulavam, às voltas, e eu não sabia o que fazer com eles. Parecia-me que já não era a lutadora de olhar selvagem, a mulher de armas, que se levantou na conferência de imprensa e desafiou o raptor do Ben, que olhou para dentro da lente e para cada canto, tentando encontrar um agressor para desafiar.

Em vez disso, estava com os nervos tão em franja que adquirira a agudeza sensorial dos toxicodependentes, no êxtase de uma pedrada, por isso aquelas duas perguntas erguiam-se bem alto e sem resposta

na minha cabeça, como uma nota aguda que nunca para e, quando a manhã chegou, era como se estivesse em transe.

Quando chamei um táxi, não havia nenhuma voz na minha cabeça que me dissesse para não o fazer, avisando-me de que não seria uma boa ideia aparecer de surpresa na esquadra da polícia mais uma vez. Sentia apenas um impulso de me fazer ouvir, de lhes dizer o que sabia, e o que receava. Queria comunicar.

A manhã estava gelada, e cada superfície lá fora estava brilhante com a chuva que caíra durante a noite e que estava prestes a gelar. Ainda caía, em grossas gotas intermitentes que me gelavam as mãos quando abri a porta do táxi.

— É para Keneth Steele House — disse ao motorista —, por Feeder Road.

O motorista devia ter começado há pouco o seu turno; estava demasiado preocupado em tentar limpar a condensação da janela para conversar comigo. Vi a humidade desaparecer cada vez mais depressa do para-brisas à medida que as ventoinhas funcionavam: duas formas ovais de nitidez, revelando a cidade em traços limpos e pouco lisonjeiros. Eram 7:45 da manhã. A escuridão estava a começar a desvanecer-se na cidade e o trânsito de segunda-feira de manhã já começava a intensificar-se, por isso avançámos aos arranques, com salpicos sujos a molhar o passeio cada vez que o motorista acelerava. Os semáforos vermelhos bloqueavam o movimento em cada cruzamento, e ele fazia travagens tardias e bruscas quando nos aproximávamos deles. A cidade parecia suja e sem esperança.

Em Kenneth Steele House, a rececionista reconheceu-me instantaneamente, saltando de trás da secretária e intercetando-me com a determinação de um cão pastor, que percebe que uma das suas ovelhas estúpidas e desgrenhadas está prestes a tresmalhar-se.

— Estão à sua espera, Senhora Jenner? — perguntou ela, segurando-me no cotovelo e levando-me para o sofá na zona de espera, para longe do fluxo de chegadas de segunda-feira de manhã.

— Tenho de falar com alguém da investigação — disse eu. Tentei

manter a cabeça erguida, a voz o mais firme possível. Uma madeixa de cabelos caiu-me para o rosto e eu afastei-a, reparando só nessa altura que estavam despenteados e sujos.

Desta vez não correram riscos. Uma cena na receção não estava nas previsões. Tive de esperar apenas dez minutos para obter uma audiência com a inspetora chefe Fraser. Não a via pessoalmente há uma semana, apesar de a ter visto na televisão a informar a comunicação social. Parecia ter envelhecido, mas suponho que eu também. Tinha a pele mais acinzentada do que antes, as rugas em volta dos olhos estavam mais pronunciadas. Trouxera um café que bebeu em três tragos.

— Senhora Jenner, sei que tem conhecimento de que temos presentemente uma pessoa sob custódia — disse ela.

— Sim.

— E hoje de manhã já iniciei um conjunto de entrevistas que espero que nos façam estar mais perto de ter a certeza de que temos a pessoa certa sob custódia e, conseqüentemente, de localizar o Ben.

Estava a explicar-me tudo. As bases do trabalho policial.

— Muito bem, então essa é a minha prioridade hoje de manhã, mas queria falar pessoalmente consigo porque sei como é difícil para si ficar em casa à espera de notícias.

— Obrigada. — Apreciei de facto isso. Via que estava a ser mais delicada comigo do que seria necessário.

— Mas peço-lhe que tente ter paciência, e faça apenas isso. Nós recebemos o seu recado ontem à noite, e estamos a atuar em conformidade. Fizemos algumas pesquisas hoje de manhã, já falámos com um dos amigos do Ben, e parece que os rapazes que jogam *Furry Football* partilham identidades e palavras-passe com frequência.

— Eu sei que era ele — disse. Essa certeza era como um prurido que não desaparece e as palavras dela, embora generosas, não serviam de bálsamo.

— Percebo que essa ideia é extraordinariamente cativante, Senhora Jenner. Acredite, é tentador pensar que podemos comunicar com o Ben, mas tem de entender que não há maneira de confirmar que é

mesmo ele, e não quero que fique com demasiada esperança.

— Algum dos amigos admitiu ser ele?

— Até agora ninguém o fez, mas não se deve esquecer de que as crianças nem sempre dizem a verdade. Não porque queiram mentir, mas por vezes estão assustadas. E pode ter sido outro amigo, até agora só conseguimos falar com um rapaz hoje de manhã.

— Sou mãe dele. Sei que era ele. Tinha um jogador novo na equipa, um jogador que ele disse que queria ter no domingo de manhã. Era uma girafa.

Passou com o indicador sobre uma linha profunda entre as sobancelhas.

— Outra criança não poderia ter adquirido o novo jogador?

— Foi o Ben. Ele está vivo, Inspetora Chefe Fraser. Sei que está.

— Deus sabe que é isso que eu espero também, Senhora Jenner, e eu *estou* a levar isto a sério. É uma informação muito útil, claro que sim, e não a esquecerei, estou atenta ao que me diz. Mas, é importante que a encaremos no contexto do que neste momento está a acontecer no resto da investigação.

Inclinou-se para mim, de olhos penetrantes e sinceros.

— Acredite, farei tudo o que estiver ao meu alcance para lhe devolver o Ben são e salvo. Compreendo que ficar à espera de notícias seja desesperadamente difícil para si, mas estamos a trabalhar vinte e quatro horas por dia para progredirmos, e o mais importante aqui é que cada minuto que passamos consigo é um minuto que temos de desviar a nossa atenção da investigação.

Finalmente, as palavras dela sensibilizaram-me, porque que pecado maior poderia eu cometer do que desviar as energias deles da investigação?

Comecei novamente a chorar e pensei se aquilo alguma vez iria deixar de acontecer, aquela manifestação pública de emoções. Já não pedia desculpa, era simplesmente algo que me acontecia a que as outras pessoas teriam de se habituar, como a barriga a dar horas, ou começar a suar.

— Não tinha intenção de a fazer perder tempo — disse eu.

Ela agarrou-me na mão, e o calor das suas surpreendeu-me e desarmou-me.

— Claro que não está a fazer-me perder tempo. Está a informar-me, e quanto mais informações tiver, melhor. Mas não posso ir por aí a revistar todas as casas de Bristol em que alguém jogue *Furry Football*. Isso é impossível. Nesta fase da investigação o caminho mais rápido para encontrar o Ben é através de quem o raptou, utilizando todas as informações de que disponho, e agora esta informação está guardada na minha cabeça. Não vou esquecê-la, e a minha equipa também não. Vamos tê-la em conta quando entrevistarmos alguém, ou quando tomarmos uma decisão. Compreende?

Acenei com a cabeça.

— A sua informação é valiosa.

— Está bem.

— Vou arranjar alguém para a levar a casa.

— O Ben está vivo — disse eu.

— Entrarei em contacto consigo — disse ela —, assim que houver notícias. Fique em casa à espera.

A caminho do *foyer*, ainda com a visão turva, descia, insegura, lances idênticos de escadas, com os pés a bater nas tiras de linóleo, e sentia que o chão me fugia debaixo dos pés. Lá em baixo no *foyer* fiquei admirada por ver a professora do Ben.

Era o retrato da compostura, em contraste com a minha figura desgraçada, a professora May estava sentada no sofá na zona de espera, com a mala sobre os joelhos e as mãos cruzadas por cima dela. Tinha muito pouca maquilhagem. Os cabelos estavam puxados para trás e apanhados na nuca. Quando me viu, levantou-se.

— Pediram-me para vir aqui para ser entrevistada — disse ela. — Por causa do Lucas. — Sussurrou o nome dele, de olhos muito abertos de incredulidade, orlados de vermelho e raiados de sangue. Pensei se aquele nome agora passaria a ser mais sussurrado, referido apenas em voz baixa, porque o Lucas Grantham talvez fosse um

raptor de crianças, um predador, um monstro.

— O que lhe perguntaram?

— Não posso dizer.

Isso não me impediu.

— Alguma coisa? Lembrou-se de alguma coisa? Acha que têm razão?

— Disse-lhes absolutamente tudo o que me lembrava — disse ela.

— Acha que foi ele?

Havia algo de intenso nela, faces afogueadas e movimentos rápidos.

— Sinceramente, não sei. Talvez, sem dúvida, talvez. Estou a tentar recordar-me de tudo, no caso de haver algum sinal, estou a esforçar-me mesmo. Não houve nada de óbvio, senão tê-lo-ia dito antes, mas há algumas coisas, pequenas coisas que...

Abriu novamente a boca como se fosse dizer mais alguma coisa, e achei que ia fazer uma confidência, dar-me um pouco de esperança, mas a nossa conversa foi interrompida porque o agente a quem o John e eu entregámos os livros alguns dias antes apareceu subitamente ao pé de nós, com as chaves do carro na mão.

— Inspetor Bennett — disse ele. — Posso levar-vos a casa ao mesmo tempo? Parece que vivem relativamente perto uma da outra.

Eram nove da manhã e a hora de ponta estava a terminar. Bennett levou-nos pelo centro da cidade, onde as ruas estavam ladeadas por edifícios modernos cobertos por *smog* a lançarem reciprocamente reflexos infindáveis de vidros espelhados, cartazes a anunciar ALUGA-SE ESCRITÓRIO, montras entaipadas, quartos para estudantes com janelas de plástico coloridas, e edifícios de betão dos anos 60 a apodrecerem com a poluição, cobertos de *graffiti* e manchados. Junto à rua, os funcionários dos escritórios chegavam ao trabalho, de ténis, com cafés e pastas na mão.

Quebrei o silêncio dentro do carro. Havia uma coisa que eu queria dizer à professora May.

— Não sei se cheguei a agradecer-lhe devidamente todo o esforço que fez com o Ben no ano passado, quando estava a decorrer o

divórcio. Agradeço-lhe muito. E ele também.

— Ele passou realmente um mau bocado. — Esboçou um sorriso débil.

— Bem, a professora ajudou-o muito.

— Era o mínimo que podia fazer — disse ela. — São tão pequenitos. É um privilégio fazer parte das vidas deles. Deve sentir um vazio tão grande sem ele.

Bennett praguejou por causa de um ciclista que subia laboriosamente a encosta íngreme de Park Street, a oscilar no nosso caminho com o esforço. Fixei o olhar na alta torre gótica vitoriana no cimo, dominando o horizonte, o edifício mais conhecido da Universidade de Bristol. Ao seu lado situava-se o Museu de Bristol. Lembrei-me dos objetos preferidos do Ben que lá estavam: o esqueleto de ictiossauro, um estojo com cristais azuis fluorescentes, um dodó empalhado e o quadro de Odilon Redon.

— Não sinto um vazio — disse à professora May —, porque sei que ele está vivo. Sei que está. Mas tenho muito medo.

As minhas palavras desvaneceram-se, como os últimos grãos de areia a caírem numa ampulheta.

Ela olhou pela janela, e fiquei preocupada por ter falado com demasiada franqueza, por ter exposto as profundezas da minha desgraça sem filtrar o suficiente. É um limite que tenho ultrapassado várias vezes desde essa altura. Se falarmos demasiado abertamente sobre coisas terríveis as pessoas afastam-se de nós.

A mala dela estava no assento entre nós. Estava aberta e no silêncio o meu olhar fixou-se no seu conteúdo. Um conjunto de chaves, telemóvel, pacote de lenços de papel, folhas A4 dobradas ao meio, carregador, escova de cabelo, uma carteira de documentos de couro e ainda mais coisas em baixo: a parafernália variada de uma vida.

Quando a professora May se virou para mim, a sua expressão era impenetrável.

— Desculpe — disse eu. — É tão difícil.

— Não, não faz mal. Nem consigo imaginar como deve ser terrível para si. Quero dizer, nem consigo dormir à noite, e sou só eu. Estou

sempre a pensar em como deve ser difícil para ele ficar sem o seu *nunny*.

Cobri a boca com a mão, pressionando-a com os nós dos dedos, tentando não voltar a perder o controlo.

— Desculpe. — Desta vez a palavra ficou presa na garganta.

— *Por favor*, não peça desculpa. Compreendo perfeitamente. Eu é que devia pedir-lhe desculpa. Não tive intenção de deixá-la ainda mais perturbada do que já está.

Respirei fundo, uma respiração trémula e dolorosa, mas acabei por me controlar.

— Estou bem — disse. — E tem razão. Acho que ele nunca dormiu sem o *nunny*.

Ela acenou com a cabeça. A luz era fraca na traseira do carro e o seu rosto parecia pardo e sombrio. Atrás dela, pela janela, viam-se ruas mais bonitas a passar, casas pintadas em tons pastel ou no calcário suave de Bath, atraentes até sob o céu cinzento e carregado.

Quando penso nisso agora, aquele momento tem uma qualidade fílmica, como se o tempo ficasse suspenso.

— Pobre pequenito — disse ela.

O abrir e fechar dos lábios dela era hipnotizante. Uma vaga sensação de inquietação não deixava de me atormentar.

Olhei para o inspetor Bennett. Ele estava abstraído da nossa presença, focado numa curva que estava à espera de fazer, com o pisca intermitente, os lábios entreabertos devido à concentração.

— Sente-se bem? — perguntou a professora May. — A sério? — Estava a olhar para mim.

— Eu... — comecei a dizer uma coisa, mas perdi o raciocínio. Estava a tentar lidar com o incómodo que de repente sentia, a sensação de que alguma coisa não batia certo.

— Senhora Jenner?

O pescoço dela parecia longo e branco ao inclinar-se para mim. Desviei o olhar dela e virei-me para a janela tentando concentrar-me, localizar a fonte do meu nervosismo. Recapitulei a nossa conversa na minha cabeça, e o incómodo cristalizou-se num pensamento, um

momento de absoluta certeza, uma luz branca ofuscante que era assustadora devido à sua claridade.

Fiquei com a garganta seca.

— É aqui? — perguntou o inspetor Bennett.

A estrada era estreita, com carros estacionados de ambos os lados, e estávamos a obstruí-la. Parámos à porta de uma casa georgiana de quatro andares, com um passeio largo construído com enormes lajes de pedra, irregulares e gastas. A casa fazia parte de um longo crescente elegante, com jardins frondosos em frente, vedados por grades de ferro forjado. O crescente tinha uma vista ampla sobre a cidade e o porto flutuante, em direção ao campo mais além: árvores e telhados em primeiro plano, e depois mais edifícios lá em baixo, o rio a cintilar, e mais longe os campos e colinas distantes sob um céu cinzento carregado, e naquela manhã os aguaceiros que se aproximavam implacáveis, um a seguir ao outro.

E nessa altura soube que tinha apenas alguns segundos para agir.

O que fiz a seguir fi-lo pura e simplesmente por impulso.

JIM

Acordei com a cabeça num torno, a boca seca e uma vontade de vomitar, que se revelou improdutiva. Ainda estava vestido.

O Woodley veio buscar-me às 6:45. Ainda estava escuro, e um frio de rachar. O Woodley tinha o aquecimento do carro ligado no máximo, a lançar ar quente à nossa volta. Tinha acabado de colocar desajeitadamente o cinto de segurança quando ele bateu com a palma da mão no tabliê.

— Está pronto, Chefe? — perguntou.

— Vais colocar a morada no GPS? — perguntei. — Ou temos de adivinhar o caminho para lá?

Ele começou a andar. Havia um jornal aos meus pés. Agarrei nele. O título da primeira página já não estava relacionado com o Ben Finch:

SUPERTEMPESTADE SANDY

Furacão dirige-se para Nova Iorque

Sessenta milhões de americanos podem ser afetados por ventos fortes, chuvas e inundações, visto que se espera que a supertempestade atinja a Costa Leste na terça-feira.

Folheei o jornal, encontrei-o na página quatro:

NUM IMPASSE?

A polícia continua a «seguir múltiplas linhas de investigação» no caso do desaparecimento de Benedict Finch.

Não me dei ao trabalho de continuar a ler. Não era bom, mas ao menos não era nada, e ainda não tinham tido conhecimento da detenção. O blogue era mau, a publicidade negativa era má, mas a ausência de publicidade era pior.

Voltei a deixar cair o jornal para junto dos pés.

A estrada estava escura, molhada e lustrosa, os faróis traseiros dos carros à nossa frente ficavam desfocados quando o limpa-para-brisas passava intermitentemente. Saímos da autoestrada e entrámos imediatamente nas estradas secundárias cheias de curvas, por isso os

faróis dos carros que vinham em direção oposta surgiam de repente, ofuscantes, obrigando-nos a ir para a berma, onde os pneus passavam por poças fundas, lançando salpicos até às janelas.

Ao nascer do sol, a paisagem à nossa volta começou a emergir: colinas baixas e arredondadas em pinceladas de tinta preta contra um céu azul-escuro. O céu finalmente aclarou ao percorrermos uma descida íngreme para Pewsey Vale, revelando-o plano e amplo lá em baixo, com uma névoa branca e densa nos pontos mais baixos que o fazia parecer um lago interior. Era uma neblina gelada e assim que descemos para o vale assentou firmemente à nossa volta, abafando a luz dos faróis e refletindo-a de volta para nós na alvura.

À medida que nos aproximávamos da casa de campo, as estradas tornavam-se mais estreitas, e a névoa ainda mais densa, até conseguirmos ver apenas alguns metros à nossa frente, o carro desacelerou até estarmos quase a arrastar-nos. Altas sebes densas erguiam-se opressivamente de ambos os lados, e o Woodley teve de guiar com cuidado para evitar as bermas esburacadas.

Parámos numa área de estacionamento de emergência que se situava a cerca de oitocentos metros da casa de campo, segundo o GPS. Era demasiado cedo para ir a casa da Nicky Forbes. Eram apenas 8:30 e tínhamos de ficar algum tempo à espera. A Fraser não queria ouvi-la queixar-se que estava a ser assediada.

Saí do carro e acendi um cigarro. Fui para junto da janela do Wodley. Ele abriu-a um bocado.

— Reparaste se passámos por algumas casas a caminho daqui? — perguntei.

— A mais próxima que vi foi a cerca de oitocentos metros.

— Eu também.

Senti-me desconfortável. O nevoeiro era impenetrável, sem limites, desorientador, e habitado por aquele frio intenso que me fazia os dedos dos pés dormentes. O cigarro não me estava a saber nada bem, por isso apaguei-o a meio, levando a beata comigo para o carro e vi o Wodley a franzir o nariz quando a enfiei no cinzeiro. Senti uma náusea a revolver-me as entranhas e esfreguei os olhos com força, e

o Woodley perguntou:

— Sente-se bem, Chefe?

— Sim. Porque perguntas?

Ele ficou calado, abanando ligeiramente a cabeça. Parecia nervoso. Tinha o telemóvel na mão e começou a limpar o ecrã com a manga. Achei que devia dar-lhe algum conselho, mas era difícil pensar no que havia de dizer.

— Esta não é uma vida normal, ter este emprego. Estamos fora da sociedade.

Não estava a dizê-lo bem. Queria que ele percebesse o que eu queria dizer, mas ele não estava a olhar para mim, e o movimento da mão a limpar o telemóvel continuava, às voltas, sem parar.

— Alguns casos fazem-nos crescer depressa. — Assim que acabei de dizer isto, pensei que parecia paternalista, mas ele aparentemente não se importou.

— Já trabalhou em algum caso que ficasse por resolver? — perguntou-me.

— Este caso vai ser resolvido — disse eu. — Já estamos perto. Juro.

— Eu sei — disse ele. — Estava só a pensar.

Refleti sobre isso. Havia sempre coisas que não se chegavam a ser completamente explicadas nos casos. Alguém que passeava um cão e que não chegou a ser identificado, um carro branco que devia ter estado no local, mas que ninguém chegou a confessar ter passado por lá a guiá-lo. Isso era normal, apesar de por vezes deixar os agentes da polícia loucos, à procura de respostas que nunca chegavam a obter. Não conseguiam deixar de pensar no assunto. Já vira isso acontecer uma ou duas vezes, mas nunca trabalhara em nenhum caso em que o perpetrador não tivesse sido apanhado, e não queria que este fosse o primeiro. Não com a vida de um menino em risco. Não quando havia a possibilidade de ter sido cometido o pior dos crimes.

— Ainda não — respondi.

— Acha que ela vai confessar? — perguntou o Woodley.

— Uma mulher como a Nicola Forbes não vai entregar-nos uma

confissão de bandeja. Temos o nosso trabalho planeado.

Avançámos cuidadosamente através do nevoeiro e encontrámos a casa de campo oitocentos metros mais à frente. Sentia-se o peso das árvores enormes que se erguiam sobre nós, embora apenas os ramos inferiores estivessem visíveis, sugerindo todo o seu vigor.

Estacionámos ao lado de um *Volkswagen Golf*, em frente a uma vedação de madeira deformada, verde acinzentada devido aos líquenes. Sabia através da matrícula que o carro pertencia a Nicky Forbes.

Aproximámo-nos da casa de campo através de um portão branco de madeira, subindo por um curto trilho no jardim feito de pedras irregulares. Havia folhas molhadas acumuladas na soleira e o trilho era ladeado por roseiras, podadas até aos ossos nus. A casa de campo era bonita, pintada de creme com um telhado de colmo de reflexos prateados e pequenas janelas colocadas em paredes grossas. Não era uma casa grande. Calculei que talvez tivesse três quartos, uma casa de banho. Algumas das cortinas estavam cerradas lá em cima, mas através de uma janela ao lado da porta conseguia ver uma sala compacta. As mobílias eram simples e arrumadas. As paredes estavam forradas de livros e havia uma lareira aberta. Os jornais do dia anterior estavam abertos em cima da mesa do café.

Tanto quanto via, não havia nenhum anexo, mas com a névoa a reduzir muito a visibilidade, era difícil de perceber.

Toquei à campainha com força e ouvimo-la tilintar lá dentro.

RACHEL

A professora May olhou pela janela do carro para uma casa com uma porta preta lustrosa.

— É aqui. Perfeito. Obrigada — disse ela.

— Obrigada por nos ajudar com as nossas averiguações — disse Bennett.

— Era o mínimo que podia fazer.

Saiu do carro, demorando um instante para ajeitar o casaco. A mala ainda estava no assento ao meu lado. Consequia ver as chaves, mas antes que conseguisse mexer-me ela inclinou-se para baixo e espreitou para a traseira do carro.

— Se precisar de alguma coisa. A sério. Por favor diga-me.

— Obrigada — disse eu.

Um carro tinha parado atrás do nosso, e o condutor buzinou com força, querendo que avançássemos.

— É melhor terem mais educação — disse o inspetor Bennett. Via os seus olhos semicerrados pelo espelho retrovisor, a observar o carro lá atrás.

Tinha uma oportunidade. A professora May estendeu a mão para alcançar a mala, mas antes que conseguisse agarrar nela apanhei-a.

— Aqui está — disse eu. Segurei-a em direção a ela, mas ao fazê-lo deixei-a inclinar-se e depois cair, entornando todo o seu conteúdo para cima do meu colo, e para o chão no carro.

— Oh, peço desculpa! — disse eu.

Debrucei-me e apanhei os seus pertences dos cantos escuros, tapando-lhe a visão. Enfiei a maior parte deles na mala. Barra de cereais meio comida, carteira de documentos, telemóvel, carregador, lenços de papel, embalagem de analgésicos.

As chaves, guardei-as para mim. Enfiei-as entre o assento e a coxa. Atrás de nós, a buzina do carro voltou a tocar.

— Vamos lá, minhas senhoras — disse o inspetor Bennett.

Devolvi-lhe a mala, com o cuidado de segurar na parte de cima,

para não se abrir.

— Está tudo lá dentro — disse eu.

— Tem a certeza? — perguntou ela.

O carro lá atrás fez sinais de luzes.

— Está tudo lá dentro — disse. — Adeus.

— Fique bem — disse ela, e fechou a porta do carro.

O inspetor Bennett acelerou. Pelo espelho lateral, via-a de pé junto à rua.

As chaves cravavam-se debaixo da coxa e eu transferi-as para o bolso do casaco, com cuidado para não deixá-las fazer nenhum som.

Era um percurso de dez minutos desde Clifton Village até minha casa. Seguimos pelos limites de Downs, plano, lamacento e verde, percorrido por pessoas a passear os seus cães, praticantes de *jogging*, salpicado por árvores no meio do parque como gado abandonado, com um reservatório de água erguendo-se lá no alto.

Ouvi atentamente o rádio da polícia. Tinha pavor que a professora May contactasse a polícia assim que tentasse entrar em casa e percebesse que não tinha as chaves na mala. Pediria ao inspetor Bennett que voltasse imediatamente para lá. Desejei ter-lhe tirado o telemóvel também.

Contornámos os subúrbios, sobretudo moradias geminadas de 1930, a casa do John e da Katrina ficava mesmo ali na esquina. Faltavam alguns minutos para chegarmos a minha casa. O rádio emitia fragmentos de ruído. Até ao momento nada sobre as chaves, mas o pânico fazia-me engolir, com a boca cheia de saliva quente, com um gosto amargo de taninos por causa do chá da esquadra da polícia.

— Inspetor Bennett? — disse eu.

— O que foi, menina?

— Foi o que a Professora May disse, sobre o *nunny* do Ben.

— O que foi que ela disse? — Os olhos dele cruzaram-se com os meus no espelho retrovisor.

— Bem, é que ela não devia saber da existência do *nunny*.

— Não sei se estou a perceber.

— Ele tem vergonha do *nunny*, a questão é essa. É um velho

cobertor de berço, uma coisa esburacada. Tem-no desde bebé. Usa-o para adormecer. Nunca lhe teria falado nele.

Silêncio, enquanto contornava uma rotunda.

— Ele não podia ter-lhe contado? — perguntou. Agora eram casas vitorianas em banda, ruas estreitas a subir e a descer as encostas.

Inclinei-me para a frente, entre os assentos.

— Ele nunca iria contar-lhe, é isso que estou a dizer-lhe.

O rádio voltou a emitir ruído e eu levantei a voz para o abafar. O inspetor Bennett estacionou na minha rua, algumas casas abaixo da minha, e virou-se para olhar para mim.

— Certo — disse ele, prolongando a palavra, com ceticismo nas entrelinhas. — Tem a certeza?

— Nunca tive tanta certeza de alguma coisa na minha vida.

— Então, vou dizer-lhe o que vamos fazer. — O tom cauteloso fez-me pensar que não estava a levar-me a sério, que estava apenas a fazer-me a vontade. — Vou transmitir essa informação à Chefe. Quer que eu faça isso?

— Podemos informá-la agora? Acho que é importante.

— Agora vou voltar diretamente para lá e vou informá-los, prometo.

— Inspetor Bennett, acho que não está a perceber...

— Já prometi, não foi? Não posso fazer mais nada. Eles telefonam-lhe se acharem que há aí qualquer coisa. É melhor sair, menina. Não se preocupe com isso. Vá lá. Estou a falar a sério.

Havia alguns jornalistas em frente à casa, a observarem-nos. Ele abriu a janela.

— Saíam do caminho — gritou. — Vamos lá. Saíam daí.

Mais uma erupção do rádio, e eu sabia que tinha de ir, senão as notícias sobre as chaves iam certamente chegar.

Saí do carro, de cabeça baixa e capuz puxado para a frente e corri para casa.

Lá dentro, fiquei ali de pé com as chaves na mão, e tentei pensar no que devia fazer. O *Skittle*, ainda com o gesso, passava desajeitadamente por entre as minhas pernas, de cauda a abanar, querendo afeto.

Telefonei para Kenneth Steele House e pedi mais uma vez para falar com Fraser, mas disseram-me que ela estava ocupada e voltaria a telefonar-me. Garantiram-me que entendiam a urgência do pedido para falar com Fraser, e que transmitiriam o meu recado e que alguém entraria em contacto comigo.

A Nicky atendeu o telemóvel, ouviu em silêncio enquanto eu lhe contava a história toda: a detenção do Lucas Grantham, a professora May no carro a caminho de casa, tudo.

— Diz novamente à polícia — disse ela quando terminei. — Volta a telefonar-lhes. Obrigá-os a ouvir.

Lá ao fundo ouvi o som particular da campainha da porta da casa de campo.

— Onde estás, Nicky? Pensava que estavas em casa.

— Tenho de ir à porta. Desculpa. Volto a telefonar-te.

— Não desligues.

— Está bem, espera aí, deixa-me só ver quem é. Vou livrar-me deles.

Ouvi o som dos passos dela, o estalido da porta a abrir-se, uma voz de homem, e depois a Nicky outra vez em linha, a dizer:

— Desculpa, tenho mesmo de desligar. — E o telefone ficou mudo.

JIM

Nicky Forbes estava a falar ao telemóvel quando abriu a porta. A expressão dela informou-me que éramos as últimas pessoas que ela esperava ver.

Já estava vestida, mas não tinha maquilhagem e exibia a sua palidez como uma máscara. Parecia que tinha acabado de chupar um limão quando nos conduziu para a cozinha e fez um gesto para que nos juntássemos a ela, sentados a uma pequena mesa encostada a uma parede.

Um cigarro aceso jazia em cima de um cinzeiro circular de cerâmica com beatas esmagadas contra a sua base. A mesa e as cadeiras eram de pinho alaranjado lustroso, com algumas mossas. O chão estava ladrilhado com pequenos quadrados brancos com juntas de massa preta e os armários eram brancos com uma cercadura de madeira.

A cozinha era um regresso aos anos 80, nada era remodelado havia anos. Não era o que eu esperava da Nicky Forbes, porque já tinha visto o seu blogue, as fotografias dela a cozinhar no seu fogão AGA, numa cozinha moderna perfeitamente equipada e decorada.

A chaleira acabara de ferver mas ela não nos ofereceu nada para beber.

— É fumador, Inspetor Clemo? — perguntou ela, e ofereceu o maço de cigarros que estava em cima da mesa.

— Não, obrigado — disse eu. — O Woodley também abanou a cabeça quando ela lhe ofereceu o maço.

Deixou-o cair novamente para cima da mesa, onde aterrou com um ruído, e agarrou no cigarro meio fumado que estava no cinzeiro.

— Deixei de fumar há anos — disse ela. — Quando engravidei da minha primeira filha.

Inspirou profundamente o fumo, com os olhos fixos nos meus, num olhar direto e desafiador.

— Porque será que estão aqui — disse ela, exalando o fumo

devagar, acumulando-se entre nós —, quando a minha irmã está em Bristol a tentar freneticamente encontrar alguém que a ouça, dizendo que tem provas de que o Ben está vivo? Também estou a pensar por que razão estão aqui quando têm um suspeito sob custódia? O auxiliar de educação do Ben? Não é verdade? Não deviam estar a reunir provas contra ele? Talvez?

Olhou para um e para o outro, e quando nenhum de nós respondeu bateu com a mão na mesa, num gesto de mau génio que fez o Woodley dar um salto, mas eu não.

— O que se passa convosco?

Tinha o rosto vermelho e maneiras de professora a exigir uma resposta. «Com ela era sempre uma questão de controlo», pensei. Era uma tentativa de exhibir controlo por parte de uma pessoa que o perdera. Mas eu não estava preocupado em fazê-la ceder; sabia que era um bom entrevistador, muito bom.

Quando estava nos primeiros anos de formação, passava horas com o meu pai, a afinar as minhas capacidades de interrogatório, encenando até ele me apanhar com todos os truques sujos que existiam, e depois ensinava-me a reconhecê-los, e a trabalhar com eles.

— Vais ouvir desculpas — disse o pai numa noite. Estava de visita à casa dos meus pais, depois de jantar. A mãe lavava a louça, e o pai e eu conversávamos no escritório dele. A janela estava completamente aberta e lá fora o calor do verão acabara de se dissipar, por isso estávamos sentados na obscuridade recente de uma noite fresca e aveludada. — Os tipos vão dizer que não és nenhum mágico — continuou o pai —, que só podes ir até certo ponto. São tretas. Lamúrias. São para pessoas que não são suficientemente boas. Se valeres alguma coisa, consegues arrancar a verdade a quem quer que seja. Mas tens de ser bom.

Dois cálices de vidro estavam pousados em cima da mesa entre nós, dois *whiskies*. O meu pai fechou a janela e ligou o candeeiro da secretária. O *abat-jour* tinha um brilho escuro, cor de esmeralda, e projetou um retângulo de luz na superfície da secretária.

Voltou a sentar-se.

— Outra vez — disse ele.

Na cozinha da casa de campo de Nicky Forbes agarrei numa cadeira e arrastei-a para junto dela, até os nossos joelhos praticamente se tocarem.

RACHEL

A questão é esta.

O que fazem quando não podem contar com mais ninguém? Quando sabem uma coisa e ninguém presta atenção ao que dizem? Quando querem fazer algo, mas não têm noção do perigo, ou do risco que vão correr? Quando têm apenas alguns minutos para decidir?

Estava habituada a tomar decisões sobre a minha vida baseadas na minha relação complicada com os outros.

Terei de nomeá-las? A maior parte das pessoas tem-nas. São genéricas. Podem incluir o ressentimento em relação aos pais, ou a um irmão, ou o desejo de agradar à família, ou a um marido, ou o medo de perdê-lo. Podem incluir a ambição, ou a percepção do que a maternidade ou a paternidade devem ser. Podia continuar.

Mas, às 9 da manhã de segunda-feira, 29 de outubro, tudo isso desapareceu. Era apenas eu, e tinha uma escolha para fazer. Podia acreditar no que escreviam acerca de mim, que era absolutamente inútil, incapaz de tomar uma decisão sensata ou moral, e podia obedecer ao pedido da inspetora chefe Fraser, e ficar tranquilamente em casa à espera de notícias.

Ou podia agir. Podia agarrar na certeza que tinha e fazer qualquer coisa. Sozinha. Outra vez. Porque tinha a certeza.

Não pensem que as dúvidas não me correram pelas veias ameaçando enfraquecer-me. Não pensem que não refleti sobre os possíveis riscos de agir sozinha. O risco para o Ben, e para mim mesma.

Lutei contra ambos. Lutei porque sabia que tinha de confiar, pura e simplesmente, no meu instinto maternal. «Sê forte», dissera a Ruth. «És mãe. Tens de ser forte.»

E para mim bastava. Nesse momento, nessa manhã, compreendi que ser mãe dera à Ruth um único fio de seda, forte como a teia de uma aranha, que a prendera à vida. Era o fio que a guiara, vez após vez, fazendo-a sair das profundezas envolventes e perigosas do

labirinto que era a sua depressão. Impedira-a de se perder completa e fatalmente nos recessos escuros e sedutores da melancolia, e impediu-a de se afundar na saída letárgica de uma dose terminal de comprimidos, ou de procurar a queda vertiginosa e caótica de uma grande altura e o seu fim inevitável e brutal lá em baixo.

Isso não impedira a minha própria mãe. Fora dominada pelo amor que sentia, pelo medo que a fazia sentir. As emoções afogaram-lhe a sanidade; tal era o seu poder.

Mas eu era diferente.

Sabia que o meu filho estava vivo, e sabia onde ele estava.

Por isso devem estar a imaginar o que eu fiz.

Abri uma gaveta da cozinha e olhei para o seu conteúdo. Escolhi uma faca de vegetais, curta e afiada, fácil de esconder. Coloquei-a num dos bolsos fundos do casaco, de lâmina virada para baixo, ao lado do telemóvel. Coloquei as chaves que tinha tirado no outro. Depois saí de casa pelo estúdio das traseiras, sem ninguém me ver, e comecei a correr.

JIM

A Nicky Forbes estava perturbada pela minha proximidade. Afastou-se, enfiando as pernas debaixo da mesa, para longe de mim. A sua linguagem corporal era de pura evasão, mas eu não me importava com isso. Aprendi a ser paciente.

Tínhamos planeado utilizar a técnica de Reid na entrevista. Não é muito simpática, mas é muito eficaz. É uma técnica bem conhecida que se serve da encenação do polícia bom e do polícia mau, por isso o Woodley tinha um papel a desempenhar. Para além de ser o meu oposto, seria os meus olhos. Ficaria a observá-la à procura de linguagem corporal que a denunciasse.

Nicky Forbes cruzou os braços sobre o peito.

— Já acabou? — perguntei.

Retraiu-se ligeiramente, sacudiu um pouco a cabeça afastando-a da mão, que segurava no cigarro mesmo à frente da boca, com o fumo a enrolar-se entre nós.

— A questão é esta — disse eu —, é assim que eu encaro as coisas. — Mantive uma voz suave, mas persistente, queria que ela ouvisse cada palavra que eu dissesse.

— Acho que o que lhe aconteceu em criança foi uma coisa terrível. Acho que quando perdeu o seu irmão, quando perdeu o Charlie, nunca mais chegou a recuperar. Pois não? Depois teve de criar a Rachel e ela foi ingrata, não foi? Nunca soube o quanto a Nicky sofreu, nem pensou em como foi difícil para si guardar o segredo sobre os vossos pais e sobre o Charlie.

Fumou longamente, com os olhos fixos nos meus. Continuei.

— Por isso quando a Rachel teve o Ben, foi difícil para si, não foi? Tinha quatro filhas, mas não é o mesmo do que ter um filho, pois não? Ela não sabia a sorte que tinha, porque para si, ter um filho seria como ter o Charlie de volta.

»Então acho que não teve escolha. Acho que pensou que a Rachel não tratava bem do Ben. Calculou que ela não conseguiria cuidar tão

bem dele como a Nicky seria capaz de cuidar. Afinal é divorciada, e guarda ressentimentos do marido e da sua nova mulher. Não é um lar feliz. E o Ben esteve infeliz no ano passado; sabemos isso pela professora. Isso deve ter-lhe custado. Na verdade, acho que foi muito difícil de tolerar.

Ela acenou ligeira e bruscamente com a cabeça, e depois esmagou o cigarro no cinzeiro e cruzou os braços.

— Quatro filhas é muito, e ainda por cima todas raparigas. Estava à espera de ter um filho, Nicky? Foi por isso que quis tentar ter mais um bebé este ano? O seu marido contou-me. Afinal tratou-se sempre de substituir o Charlie?

Os olhos dela começaram a ficar brilhantes das lágrimas, mas não moveu um músculo. Não parei para recuperar o fôlego. Não se deve, porque senão têm oportunidade de negar, e isso pode torná-los mais fortes, só por o dizerem. Têm de seguir a nossa narrativa até a terminarem por nós, e entregar-nos o fim pelo qual esperamos.

Aproximei ligeiramente a minha cadeira da dela. Curvou a cabeça. Inclinei-me para a frente, apoiei os cotovelos nos joelhos e olhei para cima, para ela.

— Sabe, acho que acabou por ser de mais para si. O facto de a Rachel ter tido o Ben. Sabia que seria capaz de fazer melhor do que ela e queria ter um filho.

Ela estremeceu.

— Sei o que é querer proteger — disse eu. — Consigo perceber por que o fez. Deixou a sua própria família; não os queria. Queria-o a ele. E queria-o pelas razões certas. Foi um instinto maternal, um verdadeiro instinto maternal, não foi? Sabia que era capaz de fazer melhor do que a sua irmã.

Ela escondeu o rosto nas mãos, soltando um gemido.

Pensei se não ia ceder mais depressa do que eu pensava.

Quase conseguia sentir-lhe o cheiro.

RACHEL

Demorei vinte e cinco minutos a regressar.

Fiquei à porta de casa da professora May, ofegante e ensopada até à pele. As únicas zonas secas eram os fundos dos bolsos onde os dedos agarravam no cabo da faca e nas arestas rígidas das chaves.

A rua estava deserta e à minha frente o céu cinzento refletia-se nos vidros das janelas salpicados de chuva, e o gradeamento de ferro forjado preto que separava a casa do passeio parecia aguçado e ameaçador.

Aproximei-me da casa e olhei para os nomes e para as campainhas junto à porta de entrada. Nenhum deles era «May». Espreitei por cima do gradeamento de ferro forjado que vedava um pátio húmido situado pelo menos três metros e meio abaixo do chão.

Valia a pena tentar.

Desci os degraus, um de cada vez, devagar, escorregadios e traiçoeiros. A campainha não tinha nome. Toquei. Não houve resposta.

Tirei as chaves dela e tentei enfiar a chave Chubb na fechadura. Também experimentei a Yale, ouviu-se um estalido suave, e tive de empurrar um pouco a porta mas esta abriu-se e vi um corredor escuro à minha frente, desafiando-me a entrar.

— Olá? — chamei. Nada. Sentia-me quase incapacitada de medo, mas forcei-me a percorrer o corredor escuro e estreito. A luz do dia filtrada lá ao fundo incitava-me.

Olhei por uma porta aberta à minha esquerda. Era uma casa de banho, e estava imaculada: com as torneiras a reluzir, louças sanitárias caras bem alinhadas. A porta do lado oposto revelava o quarto dela. Em cima da cama feita havia uma mala, aberta, bem arrumada.

Ao fundo do corredor, encontrei a sala de estar. Era grande e retangular, aproveitando a largura total das traseiras da casa. Havia uma cozinha compacta e organizada, com uma mesa de refeições numa das extremidades, e uma zona de estar na outra. A sala tinha

soalho de madeira e três grandes janelas bonitas com portadas de madeira dobradas para trás, de parapeitos baixos e suficientemente largos para sentar. O espaço exterior para onde davam pouco mais era do que um vão de iluminação, mas estava bem decorado e o efeito geral era artístico e de bom gosto. Era um apartamento que eu talvez invejasse noutras circunstâncias.

De pé, no meio da sala, vi o meu reflexo num espelho sobre a lareira. Estava branca como um fantasma. Os cabelos escurecidos pela chuva, pendiam em madeixas molhadas à volta do rosto, e tinha olheiras escuras como nuvens de tempestade. A pele parecia flácida e mal nutrida, e o ferimento na testa estava sarado, mas proeminente. Tinha os olhos desvairados de medo e algo mais: havia desespero neles e um toque de loucura.

Parecia completamente doida.

A dúvida atravessou-me.

Pensei que devia ser assim uma crise nervosa. Vermo-nos algures onde não devíamos estar, a fazer algo tão fora do habitual que pensamos termo-nos transformado noutra pessoa. Perdemos o fio à meada, fomos pelo caminho errado, saltámos para um comboio cujo destino é a alucinação total.

Pensei que tinha de sair dali. Tinha de ir para casa.

Teria ido, mas ao voltar-me para me ir embora reparei na porta. Estava a um canto, parcialmente obscurecida pelos módulos da cozinha. Tinha um avental, luvas térmicas e panos da louça pendurados de uma fileira de cabides. Camadas de tinta cobriram parcialmente o pormenor dos painéis. Pensei que devia ser uma despensa, ou uma arrecadação para guardar artigos de limpeza, e que devia ir embora.

Mas constatei que não era capaz. Sentia-me compelida a aproximar-me dela e ao fazê-lo ouvi alguém gemer, e percebi que era eu.

Parei em frente à porta. A palma da mão esquerda segurava o cabo da faca, e pousei a ponta do indicador na ponta da lâmina, comprimindo-a um pouco, para senti-la espetar-se em mim, fazendo-me retrain. Não se ouvia nada além da chuva a pingar lentamente de

algum sítio lá fora. Até os ponteiros do relógio da cozinha se moviam silenciosamente.

Com uma sensação de terror a expandir-se dentro de mim, estendi a mão para a porta e agarrei na maçaneta. Girou, mas algo impediu que a porta se abrisse. Estava presa em cima.

Alcancei um ferrolho que estava fechado no cimo da porta. Dedos trémulos e pouco fiáveis fizeram algumas tentativas desajeitadas mas conseguiram puxá-lo para trás.

Abri a porta, entrei e ouvi um estalido suave quando a fechei.

Não conseguia ver nada. A escuridão era total à minha volta, e tive de usar a luz do telemóvel para ver que estava no cimo de uma curta escada, e que havia outra porta, também aferrolhada, ao fundo.

Comecei a descer. A escuridão era tão impenetrável que tive de usar as mãos para me equilibrar nas paredes estreitas.

Mais dois degraus e cheguei à porta ao fundo das escadas. Mais uma vez, dedos trémulos puxaram o ferrolho, abrindo a porta.

Tateei com os dedos à procura do interruptor da luz, e encontrei um. A lâmpada hesitante piscou e depois emitiu a luz alaranjada e baça de um pôr do sol poluído antes de aumentar de intensidade, revelando o quarto, fazendo-me arquejar.

Demorei algum tempo a assimilar o que via.

Era o quarto de um rapaz: com paredes pintadas de fresco, de amarelo-vivo, com um tapete azul espesso no chão. Um cartaz de râguebi, e um cachecol de um clube de râguebi, ambos pendurados, alguns livros, um urso de peluche em cima da cama, com um cachecol. Havia algumas roupas, um par de pequenos chinelos, um roupão de turco branco macio. Uma cama de madeira feita com um conjunto de edredão com padrão de desenhos animados, uma pilha de DVD e um televisor em cima de uma mesa ao canto, uma cómoda decorada com autocolantes de piratas.

Não estava lá o Ben. Não havia luz natural.

Agarrei numa das roupas: era uma camisola de pijama, para rapaz, de algodão vermelho-vivo, com um dinossauro impresso na parte da frente, marcas de sujidade no pescoço. A etiqueta dizia «8 anos».

Levei a camisola ao rosto, inalando o aroma do tecido, e soube que o Ben a tinha usado.

Ele estivera aqui.

Os meus dedos enterraram-se no tecido suave e segurei-o como se fosse uma parte viva do meu filho.

— Ben — sussurrei junto dela —, Ben.

Olhei novamente em volta, à procura de mais sinais dele.

E o que me chamou a atenção foi que não havia nada naquele quarto, absolutamente nada, nem uma única coisa, que estivesse certa.

Se a professora May tinha preparado este espaço para o meu filho, e eu estava convencida que sim, então tinha feito tudo mal. O Ben não gostava de rãguebi. Nunca teria escolhido paredes amarelas, nem um conjunto de edredão de bebé, nem o tipo de livros que ela lhe deixara, e não teria gostado dos autocolantes de piratas na cómoda porque preferia dinossauros. O urso que estava em cima da cama era uma versão do *Baggy Bear*, mas não era ele. Não tinha uma orelha chupada.

Aquele quarto fora preparado para um rapaz imaginário, não para o meu filho, que nunca se teria sentido em casa ali.

E então vi mais uma coisa.

Espalhados por cima da cama, por baixo de uma mossa recente na parede onde parecia ter embatido, estavam partes de um computador portátil partido: estilhaços de plástico, partes elétricas e teclas, separados uns dos outros por um choque intenso.

O Ben teria gostado do computador portátil. Talvez pudesse jogar com ele.

Mas não lhe seria permitido aceder à Internet, para jogar o seu jogo preferido. O computador portátil deve ter-lhe sido confiscado, e lançado contra a parede com raiva.

E essa raiva teria sido dirigida a ele?

Procurei desajeitadamente o telemóvel. A rede era fraca, mas bastava. Telefonei para o 112.

E quando terminei a chamada fiquei no meio daquele espaço, com o

erro doloroso de tudo aquilo em cada canto da visão, e as peças espalhadas do computador a sugerir furiosamente violência, e comecei a gemer, e foi um som terrível e primitivo, e os gemidos transformaram-se num grito por ele, um apelo final e desesperado, um uivo, como aquele que tinha soltado no bosque uma semana antes.

E caí de joelhos.

TRANSCRIÇÃO

CHAMADA DE EMERGÊNCIA — 29.10.13 às 10 horas, 17 minutos e 6 segundos

Operador: Ambulância de emergência. Bom dia, qual é a emergência?

Autor da chamada: Encontrei um rapaz.

Operador: Muito bem, onde o encontrou?

Autor da chamada: Estou no bosque, em Leigh Woods, mesmo junto à ponte suspensa. O meu cão encontrou-o. Está deitado no chão. Está tapado com um saco do lixo.

Operador: Ele consegue falar consigo?

Autor da chamada: Está todo enrolado. Não acorda.

Operador: Então não está consciente.

Autor da chamada: Não, não está consciente.

Operador: Está a respirar?

Autor da chamada: Não sei.

Operador: Muito bem, acha que consegue verificar isso? Se ele está a respirar?

Autor da chamada: Está todo enrolado, não consigo ver bem o rosto. Espere um pouco.

Operador: Que idade tem o rapaz?

Autor da chamada: Não sei, talvez sete ou oito anos, É bastante pequeno. Está tão branco, está mesmo branco. Oh, meu Deus, tem de mandar alguém depressa.

Operador: Já vão a caminho. O facto de eu estar a fazer-lhe algumas perguntas não irá atrasá-los, não se preocupe com isso. Preciso que veja se ele está a respirar ou não, está bem?

Autor da chamada: Está gelado. E está bastante mal. Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Está todo despido, só tem roupa interior. Meu Deus, oh, meu Deus...

Operador: Está bem, está a ajudar muito e o auxílio já vai a

caminho, já não vão demorar. Pode dizer-me em que sítio do bosque está?

Autor da chamada: Estou no trilho principal. Perto de um baloiço. Ajudem-me, depressa, ajudem-me.

Operador: Enquanto estamos a falar, eles vão a caminho, por isso não se preocupe. Conseguiu verificar se ele está a respirar?

Autor da chamada: Oh, meu Deus, é ele, não é? Acho que é o Ben Finch, é a criança... [cai a chamada]

Operador: [Volta a telefonar mas chega ao correio de voz.]

JIM

A expressão da Nicky Forbes era complicada: orgulhosa e desafiadora, mas com um toque de algo mais que interpretei como desistência. Estávamos perto de um desenvolvimento, sabia que estávamos, mas então o telemóvel do Woodley tocou.

Era o toque mais estúpido e infantil do mundo. Logo o tema da *Guerra das Estrelas*, e destruiu imediatamente o momento.

O Woodley ficou muito envergonhado. Eu fiquei furioso.

A Nicky Forbes riu.

— É tão incompetente — disse ela.

Senti uma dor nas têmporas enquanto o Woodley, em vez de desligar o telemóvel, o tirou do bolso para olhar para ele.

Não estava tão perto de desistir como eu pensava. Era combativa. Mas não fazia mal. Sabia que podia trabalhar com isso, mas o Woodley não ficou calado, disse:

— É a Fraser. É melhor atender.

Nicky Forbes estava a observar, sem perder pitada. Eu estava desesperado porque não queria que ela ficasse em vantagem. A técnica de Reid depende de o entrevistador manter o controlo do processo, avançando de uma fase da entrevista para a fase seguinte. Pode ser um processo moroso e mal tínhamos começado. Quando o Woodley saiu da cozinha, tentei recuperar o controlo.

— Vamos falar sobre o que estava a fazer no domingo, dia 21 de outubro.

— Não — disse ela. — Vamos falar sobre porque é que está aqui a fazer-me perder tempo e a assediar-me quando devia estar à procura do Ben. Onde está o Ben, Inspetor Clemo? Onde está ele? Tem de facto uma pessoa sob custódia, e está aqui, a perseguir-me. Não sabe nada sobre mim! Nada! É possível processar a polícia por perder o seu próprio tempo? É? Porque é isso que está a fazer. A minha família é tudo para mim, é tudo. Nesta altura, não consigo lidar com ela muito bem, mas ninguém tem nada a ver com isso a não ser eu e o meu

marido. Não é nenhum crime tirar algum tempo para nós, por isso pare de me tratar como se eu fosse algum monstro. A minha vida tem sido difícil, e eu lido com isso o melhor que posso. Se quero ter um filho? QUERO! Se quero ter o Charlie de volta? QUERO! Se raptei o Ben? NÃO, NÃO RAPTEI! Se sou um monstro? NÃO, NÃO SOU! Se amo o meu marido, as minhas filhas, a minha irmã e o meu sobrinho? SIM, AMO-OS! É tudo? Já respondi a todas as suas perguntas?

Era a forma como o dissera, batendo com a mão na mesa a cada afirmação, como se a sua própria existência dependesse do facto de eu entender aquelas coisas.

Diante daquelas palavras e da certeza dela, senti simplesmente que estava tudo a escorrer-me por entre os dedos: a entrevista e o caso que eu queria construir contra ela.

Arrastei a cadeira para trás, alarguei o colarinho.

Do outro lado da porta da cozinha, a névoa ainda estava densa e era impossível ver mais do que alguns metros do jardim.

«Vê se te controlas», disse a mim próprio. «Volta a concentrar-te, acalma-te, és capaz de fazer isto», mas então o Woodley regressou e quando vi a expressão dele soube que seria uma sorte se saísse dali com o mínimo de dignidade.

Mostrou o telemóvel, como se tivesse algo escrito que eu devesse ler.

— Temos de ir — disse ele. Havia algo na maneira como o disse que me fez perceber que isso não era negociável.

— Obrigado pelo seu tempo — consegui dizer-lhe, e a cadeira arrastou no chão quando me levantei. Tinha um zumbido na cabeça. Tinha um volume e uma forma, e inchava como se estivesse a ser inflado.

— Saia — disse ela em voz baixa, como se nunca tivesse visto uma criatura mais repulsiva do que eu.

Lá fora, junto ao carro, o Woodley disse:

— Encontraram um rapaz. No bosque. E encontraram o sítio onde ele estava sequestrado.

— Woodley — disse eu, mas depois não sabia o que mais dizer.

Vomitei para cima dos caules espinhosos de uma das roseiras bem podadas da Nicky Forbes. BÍlis e pedaços irreconhecíveis de vômito salpicaram o tronco, deixando um padrão que não podia ser confundido com outra coisa além da regurgitação quente das entranhas de alguém.

Limpei a boca, endireitei-me e senti uma dor a trespassar-me o abdómen.

— Eu conduzo — disse eu, e o Woodley entregou-me as chaves.

RACHEL

Arrancaram-me do tapete, que tinha sido ali colocado há tão pouco tempo que pedaços de pelo azul se agarraram aos joelhos das minhas calças, à testa e aos braços.

Tiraram-me do apartamento enrolada numa manta e colocaram-me numa ambulância que estava estacionada na rua.

Os jornalistas também lá estavam. Apenas alguns deles chegaram suficientemente depressa para me fotografar a ser transportada para a ambulância, mas basta uma pessoa com uma câmara.

— Rachel! Rachel! — gritaram, disparando os obturadores. — Sente-se bem? Pode dizer-nos o que aconteceu?

Dentro da ambulância, um paramédico fez algumas verificações e perguntas. Disseram-me que estavam a administrar-me tratamento para o choque.

Recusei-me a deitar. Fiquei sentada, enrolada na manta. Só tinha forças para fazer isso. Os tremores sacudiam-me o corpo, como convulsões.

Depois foi a vez da polícia. Disseram-me que estavam em busca de Joanna May. Não disseram nada sobre o Ben. Tinham rostos sombrios, e descobri que não tinha voz para fazer perguntas.

Imaginava coisas. Sentia-me como se pedaços de mim estivessem a soltar-se do corpo, a cair. Imaginei que o sangue se alastrava pela minha visão, como uma maré vermelha. Era porque eu sabia que era demasiado tarde. Ele estivera ali, e agora já não estava, e quais seriam as probabilidades de ela o ter mantido vivo?

Deixei-me ir. Abandonei a esperança.

E depois, entrecortando as vozes sussurradas, ouvi o rádio da ambulância. O operador estava a pedir que alguém respondesse a uma chamada em Leigh Woods. Localização exata desconhecida. Foi encontrado um menino. Estado desconhecido.

Tiveram de me sedar. A escuridão abateu-se tão depressa como a lâmina de uma guilhotina.

TRANSCRIÇÃO

CHAMADA DE EMERGÊNCIA — 29.10.13 às 10 horas, 38 minutos e 28 segundos

Operador: Bom dia, ambulâncias e emergências, como...

Autor da chamada: Oh meu Deus, graças a Deus! Caiu a chamada. Está a ouvir-me? Estive a tentar telefonar, a tentar telefonar de novo. Estava a falar com uma pessoa, mas caiu a chamada e não tinha rede. Encontrei aquele rapaz. Encontrei-o. Mas ele está muito mal.

Operador: Onde está?

Autor da chamada: Por favor, despachem-se.

Operador: Pode dizer-me onde está?

Autor da chamada: Estou em Leigh Woods, junto a um baloiço de corda. Fora do trilho. Estão à nossa procura? Devo ir para o trilho?

Operador: Espere só um segundo, muito bem... [fala brevemente com alguém]... Está bem, a ajuda já vai a caminho, estão quase a chegar, mas é melhor ficar ao pé do rapaz e preciso mesmo que me diga se ele está a respirar, se puder.

Autor da chamada: Ele está a respirar, mas está a respirar mesmo mal. Não lhe sinto a pulsação no braço. Está gelado. Pus o meu casaco por cima dele.

Operador: Muito bem. Ele está consciente?

Autor da chamada: Não, não está.

Operador: Muito bem. Está a ajudar bastante. Pode ver se ele tem algum ferimento? Há algum sangue?

Autor da chamada: Não vejo sangue nenhum. Tem hematomas no braço. Está a fazer uns ruídos estranhos.

Operador: Muito bem, pode deitá-lo de barriga para cima com cuidado, o mais depressa possível, e olhar para dentro da boca dele. Se puder, verifique se há alguma coisa a obstruir. Mantenha-o deitado o mais direito possível.

Autor da chamada: Estou a fazer isso. Meu Deus, ele está

ensopado. Oh, meu Deus. Onde estão eles?

Operador: Estão quase a chegar. Pode dizer-me como está a respirar agora?

Autor da chamada: Mal.

Operador: Mas ainda está a respirar, certo?

Autor da chamada: Coloquei-o de barriga para cima.

Operador: Olhe para dentro da boca? Há alguma coisa? Comida ou vômito?

Autor da chamada: Não. Tem os lábios azuis.

Operador: Ainda respira?

Autor da chamada: Sim, ainda respira. Vou deitar-me ao pé dele. Vou dar-lhe o meu calor corporal.

Operador: Está bem. Agora estão a alguns minutos de distância; estão a percorrer o trilho principal do bosque. Pode dar-me mais alguns pormenores do sítio onde está, pode dizer-me onde terão de sair do trilho principal?

Autor da chamada: Há uma pilha de troncos do outro lado da entrada. Troncos cortados numa pilha. Mais ou menos a meio do trilho.

Operador: Vou comunicar-lhes.

Autor da chamada: Estou deitado ao lado dele. Está a respirar mesmo mal.

Operador: Pode gritar? Quero que fique ao pé dele, e que me diga imediatamente se ele deixar de respirar, mas pode gritar, para ajudá-los a encontrá-lo? Estão muito perto, mas não conseguem vê-lo.

Autor da chamada: SOCORRO! AQUI! SOCORRO!

Operador: Muito bem. Estão a ouvi-lo. Continue a gritar.

Autor da chamada: AJUDEM-NOS! SOCORRO! AQUI! Onde estão eles?

Operador: Não se preocupe, eles conseguem ouvi-lo e agora estão a vê-lo.

Autor da chamada: Estou a vê-los. AQUI! DEPRESSA! ELE ESTÁ AQUI!

Operador: Já estão consigo?

Autor da chamada: Sim, já estão aqui.

Operador: Muito bem, vou deixá-lo com eles, está bem?

Autor da chamada: Sim, obrigado, está bem.

Operador: Obrigado, adeus.

JIM

Chegámos ao bosque numa hora. Usei as luzes azuis.

Quando íamos a caminho no carro recebemos mais pormenores. Sobre o estado do Ben Finch. Sobre a Joanna May, e o quarto na cave do apartamento dela.

— Nós entrevistámo-la — disse eu ao Woodley. — Devíamos ter percebido, foda-se.

Ele não respondeu.

Os paramédicos ainda estavam ocupados com o Ben Finch no bosque. Não conseguiram levar a ambulância até ao local, por isso tiveram de estabilizá-lo e transportá-lo por fases.

Estacionámos e eu fui a correr. Queria estar com o Ben. Queria ver os seus olhos azuis límpidos pessoalmente, ver se havia vida neles. Queria dizer-lhe que tudo ia correr bem, que a mãe estava à espera dele. Queria pelo menos fazer isso por ele.

A chuva caía em catadupa, fustigando as copas das árvores lá em cima. As árvores que ladeavam o trilho estavam curvadas e molhadas por ela. Formavam uma arcada por cima de mim, um túnel esquelético de ramos nus, a incitar-me a avançar, fazendo-me parecer impossível progredir.

A minha respiração era ofegante e rápida, tinha o coração acelerado, os pés desajeitados tropeçavam em paus e pedras, um no outro, sem nunca se moverem suficientemente depressa. A cada passo ficava cada vez mais molhado, mas a cada passo importava-me menos com isso.

Contornei uma curva no trilho, e vi a ambulância lá à frente, com uma maca a ser colocada a bordo.

Esforcei-me ainda mais, para tentar alcançá-los a tempo, tentei gritar, mas era inútil, porque eles fecharam a porta muito antes de alcançá-los, e quando cheguei a ambulância já tinha iniciado o processo complicado de fazer inversão de marcha.

O Mark Bennett estava a orientá-la. Fiquei para trás, junto ao trilho,

enquanto a ambulância passava por mim, vi-o dar uma palmada na parte de trás à laia de despedida.

E o Bennett, todo equipado com roupa impermeável, de maxilares cerrados e molhado da chuva disse:

— Aquele rapaz não está nada bem, Jim. Nada bem. — Ficara afetado com aquilo. Conseguia perceber que sim.

E eu respondi:

— Queria vê-lo. — Limpei a chuva do rosto, senti as roupas ensopadas colarem-se geladas ao corpo.

— Agora não podemos fazer nada por ele. É demasiado tarde para isso. Está nas mãos dos médicos.

E detestei-o por dizer aquilo, e detestei-o por estar ali quando eu é que devia estar, e detestei-me por deixar que acontecesse algum mal àquele menino, qualquer mal que fosse.

REGISTO DE PROVAS: DIC, POLÍCIA DE AVON E SOMERSET

OPERAÇÃO HUCKLEBERRY — SACO DE PROVA 2

CÓPIA AUTORIZADA DA NOTA DE ADMISSÕES HOSPITALARES
PARA BENEDICT FINCH, HOSPITAL PEDIÁTRICO DE BRISTOL,
SEGUNDA-FEIRA, 29 OUTUBRO ÀS 12:07

Descrição do texto:

«Nome: Benedict Jonathan Finch | Idade: 8 anos | Sexo: Masculino

Data de nascimento: a confirmar

Benedict Finch, do sexo masculino, 8 anos de idade, identidade confirmada pelo agente da polícia que estava no local no bosque. Aguardando confirmação por membro da família.

À chegada apresentava hipotermia grave causada pela exposição noturna em Leigh Woods sem nenhum abrigo e sem roupa. A hipotermia induziu o coma. Hipotensão (PS 78/54); temperatura corporal 28°C; BC 30 reg. Estado geral extremamente fraco. Peso abaixo do normal, sujo, desidratado. Equimoses significativas no braço esquerdo.

Artigo 3 original arquivado, Saco de prova 345.112

PÁGINA DA INTERNET

NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA www.minutoaminuto.co.uk/asithappens

29 de outubro de 2012, 14:13

MINUTO A MINUTO faz a cronologia dos desenvolvimentos dramáticos de hoje no caso do menino de oito anos desaparecido, Benedict Finch.

Os desenvolvimentos importantes foram confirmados pelo DEPARTAMENTO POLICIAL DE AVON E SOMERSET numa conferência de imprensa convocada de imediato e dada pelo Superintendente Giles Martyn.

Às 10:15 da manhã, o corpo de um menino foi descoberto em Leigh Woods junto ao local onde Benedict Finch desapareceu há pouco mais de uma semana. A descoberta foi feita por um popular que contactou os serviços de emergência. O rapaz está vivo, mas em estado crítico.

Ao meio-dia foram canceladas as buscas por Benedict Finch, após a identidade do rapaz ter sido confirmada à chegada ao Hospital Pediátrico de Bristol.

12:45 Um pequeno número de pessoas começaram a reunir-se à porta do Hospital Pediátrico. Acenderam velas e rezam por Benedict Finch, e há uma vaga de preocupação pela sua rápida recuperação no Twitter.

13:17 Foi feita uma detenção no Aeroporto de Bristol e a polícia confirmou que uma pessoa foi detida no decurso da investigação.

12:10 A polícia confirma que a pessoa detida relacionada com o desaparecimento de Benedict Finch é professora na escola que ele frequenta, Joanna May, de 27 anos.

Noutros desenvolvimentos há relatos não confirmados de que a mãe de Benedict Finch recebeu tratamento numa ambulância à porta de uma residência em Clifton hoje de manhã. Pensa-se que essa morada seja da residência de Joanna May.

Informando-o Minuto a Minuto, Todos os Minutos

Divulguem esta informação: Facebook; Twitter.

RACHEL

O Hospital Pediátrico de Bristol cheirava a limpeza e a doença em partes iguais. As únicas vezes que lá estivera antes foram para ir ter com o John depois do trabalho.

Subimos do piso térreo num elevador minúsculo onde uma gravação das vozes de Wallace e Gromit nos diziam para ter «Cuidado com as Portas», repetidamente. Pais de olhar chocado e privados do sono entravam e saíam, verificando o letreiro no elevador à procura dos seus destinos, percorrendo a lista com os dedos, parando em «Oncologia» ou «Nefrologia».

Entre eles estava uma mãe e um bebé, usava uma burca, até os olhos estavam velados do mundo por uma rede. Tinha o bebé ao colo, com um tubo no nariz, seguro com um adesivo, de olhos castanhos a observar as luzes do teto. Interroguei-me como seria ela capaz de o confortar visto que estava confinada àquele vestuário, em que nem os seus olhares se podiam cruzar. Pousaria os dedos nus na face dele? Aquele contacto de pele seria o suficiente para eles neste hospital?

O meu coração, sofrendo pelo meu filho, sofreu também por ela.

O elevador cuspiu-nos, ao inspetor Bennett e a mim, no quarto piso.

A decoração era dolorosamente garrida, em azuis e amarelos, com motivos aquáticos, mas de certa forma tudo aquilo dava esperança; aumentou a expectativa.

No vestíbulo, junto às portas do elevador, onde as janelas do chão até ao teto nos ofereciam uma vista vertiginosa e caótica sobre a cidade de Bristol, o inspetor Bennett disse-me que estivera no bosque com o Ben. Não conseguia olhar diretamente para mim, mas segurou-me na porta para eu entrar e levou-me pelo corredor tocando-me ao de leve no cotovelo, num gesto comovente, ainda que não fosse bem-vindo.

Dois médicos vieram ter comigo no corredor à porta da enfermaria onde estava o Ben e acompanharam-me delicadamente até um quarto. Estava lá uma enfermeira. Ofereceu-me uma chávena de chá. O tilintar

da porcelana era o único som que se ouvia no quarto, enquanto todos esperavam que ela o servisse.

Explicaram-me que o Ben devia estar perto da morte quando o encontraram, que a sua temperatura corporal era perigosamente baixa, mas que o aqueceram, e estava estável. Ferido e maltratado, muito fraco, mas estável.

O alívio e a felicidade de saber que ele estava vivo ultrapassaram qualquer apreensão que eu pudesse ter sentido. Mal conseguiram conter-me.

— Ele ainda está numa situação de risco. — Queriam dizer-me antes de deixarem-me vê-lo. — Compreende isso?

Disse que sim. Deixei o chá a arrefecer em cima da mesa.

Querem que descreva o nosso reencontro?

Posso dizer-vos que estava uma enfermeira à porta do quarto do Ben que estendeu a mão para tocar na minha quando cheguei, roçou-a ao de leve, apesar de não nos conhecermos. Não trocámos nenhuma palavra, mas ela segurou na porta para que eu entrasse.

JIM

Quando regressámos a Kenneth Steele House, o Woodley e eu enlameados e encharcados pela chuva no bosque, a Fraser tinha ido entrevistar a Joanna May. Apanharam-na no Aeroporto de Bristol à espera de um voo para fora do país.

Ouvimos o relato contado por terceiros. A sala de incidentes estava vibrante com as novidades. O alívio estampara-se no rosto de toda a gente, embora houvesse um murmúrio subjacente de que o Benedict Finch estava bastante mal, que só restava esperar para ver. Ninguém estava a celebrar verdadeiramente devido a isso, ninguém tinha vontade.

Fraser deixara instruções para que o Bennett fosse ao hospital e o Woodley e eu fôssemos a casa dos pais da Joanna May para falar com eles. Queria que esclarecêssemos o álibi que eles deram à filha e descobríssemos o que mais sabiam.

Eram 3 da tarde quando estacionámos o carro à porta de casa deles, numa rua tranquila de moradias vitorianas geminadas suficientemente longe do centro da cidade para as luzes da rua serem escassas e muito distanciadas.

Quando chegámos, dois polícias fardados saíram discretamente, deixando-me a mim e ao Woodley com um casal de cerca de setenta anos, com ar de quem desejava que o chão se abrisse para os engolir.

Sentámo-nos na sala de estar deles. Não havia chá, nem café. Grandes janelas emolduradas por uma faixa de vitrais deixavam-nos ver um par de canteiros com uma horta, onde algumas canas de bambu saíam da terra escura e salpicada por poças, amarradas em formas triangulares.

Por cima de uma lareira ornamentada havia uma jarra com flores acompanhada por uma multitude de fotografias de família, que se alastravam às estantes adjacentes que iam do chão até ao teto. Entre os rostos nas fotografias estava o de Joanna May.

Havia um grande espelho com uma moldura dourada pendurado por

cima da lareira, que nos devolia o reflexo da nossa reunião deplorável: o Woodley e eu de pé no meio da sala, altos e escuros como corvos, a Sr.^a May afundada numa poltrona, com uma bengala apoiada ao lado dela, ligaduras visíveis nas pernas sob espessos *collants* castanhos; o Sr. May ao seu lado numa poltrona igual, com madeixas de cabelos brancos por cima da testa, pelos de gato nas calças; ambos com um ar desolado.

— Foi a nossa quarta filha — disse a Sr.^a May quando o Woodley e eu nos sentámos no sofá coberto por uma manta. A voz dela era trémula e cautelosa. — Tivemos cinco filhos ao todo. O Rory morreu, o nosso filho mais velho, quando ainda era pequeno, mas éramos uma família feliz, não éramos, Geoff?

O Sr. May estendeu a mão e agarrou na dela, apertando-a.

— Mas ela tinha qualquer coisa errada — disse ele a mim e ao Woodley —, logo desde o início. Assim que começou a interagir com outras crianças, soubemos que havia qualquer coisa que não estava bem.

— Em que sentido? — perguntei.

A Sr.^a May baixou os olhos.

— Era tão manipuladora — disse o marido. — Competia constantemente pela nossa atenção, intimidava os irmãos para obter o que ela queria, e estava sempre a mentir. As mentiras eram constantes, era enfurecedor.

Era doloroso ver o Sr. May a falar. Tudo o que partilhou connosco arrancava-lhe mais um pedaço de orgulho, e destruía ainda mais a vida que este casal tinha construído.

— Se alguém nos mente habitualmente, Inspetor, nunca mais podemos voltar a confiar nessa pessoa — disse ele. — Desgasta as relações, mesmo entre pais e filhos. — Passou uma mão trémula sobre a pele fina da testa. — Sabíamos que a forma como ela se comportava era errada, e que não era o que se pode considerar como completamente normal, mas nunca imaginámos que pudesse chegar a uma coisa destas.

— A criança está bem? — perguntou a Sr.^a May. — O menino? —

Parecia não conseguir dizer o nome dele. — Estivemos a ver as notícias.

— É um pouco cedo para dizer — disse eu —, mas tanto quanto sei por agora está estável.

Ela acenou com a cabeça, engoliu, e benzeu-se.

— Creio — disse eu — que forneceram um álibi à vossa filha para o domingo passado. Não é verdade?

— É sim, fornecemos — disse a Sr.^a May. — A vossa colega veio cá para falarmos sobre isso, uma jovem muito simpática, como é que ela se chamava, querido?

— Detetive Zhang — disse o Sr. May.

— Posso pedir-lhe que fale sobre isso?

— Bem — disse o Sr. May. — Sim, a Joanna veio cá almoçar nesse dia, e não tínhamos bem a certeza de quando voltou para casa, mas ela lembrou-nos que foi por volta das quatro e meia, por isso foi o que dissemos à vossa colega.

— A Joanna lembrou-vos?

— Sim. Perguntámos-lhe porque não tínhamos a certeza. Não pensámos em duvidar dela, porque podia ter sido às quatro e meia, não podia, Mary?

A Sr.^a May acenou com a cabeça.

— Nunca chegámos a verificar — disse ela. — E começámos a almoçar bastante tarde. Mas acho que também podia ter sido mais cedo. Agora que penso nisso. Não chegámos a verificar as horas.

— Então não tinham a certeza absoluta?

— Não, certeza não, mas a vossa colega disse que era normal.

— Importa-se de fazer uma declaração para esse efeito?

— Nunca pensámos que a nossa filha fosse capaz de fazer uma coisa destas — disse o Sr. May. — Se sequer imaginássemos... oh, santo Deus... teriam conseguido encontrar o menino mais cedo?

— A culpa não é sua — disse eu, mas ele baixou os olhos e eu percebi que seria uma pergunta que fariam a si próprios durante muito tempo.

— Posso perguntar-lhes se fazem ideia da razão que levou a

Joanna a fazer isto? — disse eu.

O Sr. May disse:

— A Joanna é infértil. É a única razão lógica que encontro. Só soube da sua infertilidade na primavera passada depois de ter tentado engravidar por inseminação artificial. Nós não concordávamos. Achávamos que devia ter uma relação estável antes de querer ter um bebé, mas ela insistiu, como habitualmente, e por isso demos-lhe o dinheiro na mesma, para as inseminações, e depois para os testes de fertilidade, porque tentamos ajudar os filhos. Sentimo-nos responsáveis pela felicidade deles. Acho que não nos teria dito se não precisasse que os pagássemos. Não nos faz confidências. Na verdade, só nos contacta quando quer alguma coisa. Em todo o caso, acho que ficou bastante perturbada com isso, com a infertilidade. Não estava habituada a não obter aquilo que queria. Calculo que tenha raptado este menino porque queria um filho. Mas deixem-me dizer-vos uma coisa: não estejam à espera que ela explique a razão que a levou a fazê-lo. Em criança nunca admitia nada, e duvido que o faça agora.

Voltou a levantar-se, dolorosamente, e dirigiu-se para a lareira. Tirou uma fotografia da Joanna May e ficou a olhar para ela por um momento antes de mostrá-la à mulher. Na fotografia, Joanna May estava na praia. Não devia ter mais de dez ou onze anos. De fato de banho, estava sentada ao lado de um monte de areia com a forma de um corpo do qual saía a cabeça de uma criança mais pequena. Empunhava uma pá com ar triunfante, e a criança também estava a sorrir.

— Acho que vou mudá-la de sítio, Mary — disse o Sr. May.

— Sim, querido. — Baixou os olhos para o colo quando ele saiu da sala, agarrando no tecido da saia.

Juntos, ficámos à espera em silêncio que ele regressasse, mas antes disso, o som de vidros partidos fez a Sr.^a May retrair-se.

RACHEL

Aproximei-me da cama do meu filho com uma vida inteira de amor para lhe dar, e com a humildade de alguém que foi colocada de joelhos de todas as maneiras imagináveis.

Cheguei junto dele com um excesso de alívio e emoção que devia ter proporcionado um momento perfeito ao estilo de Hollywood, com todo o acompanhamento de orquestra e caixa de lenços de papel. O habitual.

Mas não foi assim.

Quando entrei no quarto, vi que estava deitado de costas para mim, enrolado sob as camadas de cobertores, imóvel e pequeno, os contornos do corpo angulares.

Vi a nuca, os cabelos cor de areia sujos, sem brilho. Um dos braços estava por cima dos cobertores. Uma bata de hospital de cores berrantes cobria parte dele, mas o antebraço estava à vista, nu até ao pulso que estava enrolado numa ligadura grossa a prender um tubo, através do qual escorria um líquido transparente, pingando para a veia.

Mais perto. Havia uma máscara de oxigénio na almofada ao lado da cabeça, a sibilar. Agora via o lado do rosto, o perfil. Tinha os lábios gretados e pálpebras muito finas cobriam os olhos que se moviam sob elas. As pestanas eram longas e bonitas como sempre, embora não conseguissem ocultar as olheiras fundas e escuras e a palidez acinzentada da pele dele.

— Ben — sussurrei. Toquei na pele das têmporas com o lado da mão; era a pele mais sedosa em que alguma vez toquei. Afastei-lhe uma ou duas madeixas de cabelo da testa.

Não reagiu. Dormia o sono dos mortos.

Atrás de mim, o médico disse:

— Pode demorar alguns minutos para acordar totalmente. — Estava de pé, pouco à vontade, junto à porta, mantendo a distância. Sabia que ele estava ali porque receavam os efeitos que o meu

reencontro com o Ben pudesse exercer nele.

— Ben — disse eu. — Sou eu, a Mamã.

Sentei-me na beira da cama. Queria que ele acordasse, que se lançasse nos meus braços como se estivesse a cair de uma grande altura e finalmente aterrasse num sítio seguro.

Abriu as pálpebras, pestanejando, e depois fechou-as novamente.

— Amor — disse eu. — É a Mamã. Estou aqui. Ben.

Voltou a pestanejar, e depois vi-os: olhos intensamente azuis. Mas não se moveram como era habitual. Primeiro olharam através de mim, e só quando repeti o nome dele é que olharam para mim e se fixaram nos meus.

Pestanejou.

Encostei a cabeça à dele, respirando-lhe para o rosto, com a sua cabeça imóvel sob a minha. Beije-o, as minhas lágrimas deslizaram-me das faces para as faces dele. Senti os seus lábios moverem-se, e afastei-me para poder vê-lo melhor, ouvi-lo.

— O que disseste, Ben? O que disseste?

Os olhos fecharam-se novamente, um leve espasmo no braço. E pensei onde estaria o meu filho, que nunca conseguia ficar quieto, com cada movimento a transbordar de vida?

A respiração vacilou audivelmente, e ouvi o médico aproximar-se, mas voltou a regularizar-se, e o médico contentou-se em colocar a máscara de oxigénio mais perto da boca do Ben.

Senti uma terrível, terrível tristeza a acumular-se dentro de mim, um sentimento tão poderoso que doía, e que me deixou as mãos trémulas. Olhei para o médico, os olhos dele eram intensamente generosos e as palavras firmes:

— Dê-lhe algum tempo.

E tinha razão, porque o Ben remexeu-se, e os olhos voltaram a fixar-se nos meus, e apesar de parecerem desfocar-se, os lábios moveram-se e desta vez exalou uma palavra audível.

— Mamã. — E as lágrimas começaram a escorrer-lhe pelas faces, devagar, em silêncio.

Abracei-o, embora o médico tenha avançado como se quisesse

impedir-me. Porém, pensou melhor e deixou-me. Agarrei no Ben e puxei-o para o meu colo, colocando o pequeno corpo inerte perto de mim, e em troca pensei sentir alguma força nos braços dele, depois foi um abraço mais firme e agarrou-se a mim. Fê-lo debilmente, sem dizer nada, mas ficámos assim durante tanto tempo que o médico acabou por ter de o soltar delicadamente.

Depois de a equipa médica ter voltado a deitá-lo, limparam-no, ajustaram a cânula e verificaram se estava bem ligado às máquinas. Quando se afastaram, os olhos de Ben fixaram-se nos meus, mais conscientes do que antes.

E eu sorri, porque era isso que eu mais queria ver nele, um sorriso. Fora a última coisa que vira no rosto dele antes de ele me deixar no bosque, e queria vê-la de novo. Mas o meu sorriso não obteve resposta, porque voltou a desviar os olhos, as pálpebras cerraram-se por cima das lágrimas que continuavam a cair, e ele virou a cabeça para o outro lado.

E eis a questão: não tinha a certeza se isso se devia ao facto de estar exausto e perigosamente doente, ou porque havia coisas no fundo dos seus olhos que não queria que eu visse.

Foi um reencontro maravilhoso para mim. Realmente foi. A sensação de ter os braços do Ben à minha volta era tudo o que eu sonhara, cada segundo que ele estivera longe. Mas as outras partes, a sua condição física desesperada, a angústia que estava profunda e silenciosamente enterrada dentro dele, e a forma como evitava o meu olhar, não vou negá-lo — afinal este relato deve ser fiel à verdade —, eram profundamente assustadoras.

Queriam catarse? Eu também. Mas não houve nenhuma. Lamento.

EPÍLOGO

NATAL DE 2013 — UM ANO E CINCO
SEMANAS DEPOIS

PÁGINA DA INTERNET — www.noticias24horas.co.uk/bristol — 15:51 h, 11 de dezembro de 2013

JOANNA MAY CULPADA DO RAPTO DE BENEDICT FINCH

Por Danny Deal

Joanna May declarou-se hoje culpada do rapto de Benedict Finch, de 8 anos, diante do Juiz Evans no Supremo Tribunal.

Podemos agora revelar que a jovem de 27 anos raptou Benedict Finch após desenvolver a obsessão de o ter para si, depois de ter descoberto a sua própria infertilidade.

May foi detida e acusada do rapto depois de Benedict Finch ter sido encontrado abandonado em Leigh Woods. Mantivera-o sequestrado na cave do seu apartamento em Mortimer Crescent, Clifton, durante nove dias em outubro de 2012.

Esta informação pode agora ser divulgada após o Juiz Evans levantar o mandado que impedia a sua publicação.

May olhou em frente e não mostrou sinais de emoção durante o tempo que esteve no tribunal.

O juiz comunicou-lhe que ela tinha cometido um «ato hediondo e terrível que prejudicou de forma extrema o bem-estar emocional e físico de uma criança vulnerável e que o rapto deixara a família de Benedict a sofrer oito dias de uma incerteza terrível» e «assédio e difamação imperdoáveis por parte dos meios de comunicação social».

Julian Paget, advogada de acusação, descreveu May como sendo «calculista, manipuladora, arrogante e extremamente perigosa».

Os membros da família de Benedict Finch estiveram presentes no tribunal para ouvirem o veredicto, mas mostraram pouca emoção e recusaram-se a comentar.

A sentença terá lugar na próxima semana.

286 comentários e 7 pessoas estão a falar sobre este artigo

Simon Flynn

Este caso é verdadeiramente arrepiante. Esperemos que ela tenha a sentença que merece. Os meus pensamentos estão com a família do Benedict Finch.

Jean Moller

Ela é uma pessoa repugnante. Hahahahahaha Joanna May toda a gente na prisão vai saber o que fizeste e vai haver retaliações e espero que nunca sejas libertada. Que sofras bastante.

Anthony Smith

Êxodo 22.18: «Não permitirás que uma bruxa viva.»

Samantha Singh

Espero que isto possa dar algum descanso à família. Estou a pensar neles e no pobre pequeno Benedict.

Patricia Gumm

Devíamos estar gratos pela família e pelo Ben por ter sido feita justiça. E devíamos pensar nas outras crianças que a tiveram como professora sem conhecer o mal que trazia no coração.

Jasleen Harper

E agora vamos ter de pagar para ela estar refastelada na prisão com TV por cabo e psicoterapia? As pessoas como ela deviam ser postas a trabalhar, a limpar merda como elas.

Cliff Downs

Jasleen não devemos utilizar esse tipo de linguagem por respeito pelo Ben e pela família.

Simon Flynn

A notícia é um monstro do notícias 24 horas. Devora toda a informação e alimentamo-lo com as nossas opiniões, por isso não devemos ter vergonha de nos expressarmos mesmo se não gostarmos da linguagem que os outros utilizam. Chama-se «liberdade de expressão».

Os comentários estão encerrados

RACHEL

Há algumas semanas, uma pessoa perguntou-me se achava que o Ben e eu podíamos colocar uma pedra sobre o assunto depois de o julgamento ter terminado. Fiquei sem saber o que dizer, a sério; porque a verdade é que talvez nunca venhamos a «colocar uma pedra sobre o assunto». Se ao menos a vida fosse assim tão simples. Há alguns eventos e incertezas que levamos connosco para a sepultura e que ameaçam fazer-nos tropeçar a cada passo.

Se colocar uma pedra sobre o assunto é uma busca por respostas, e uma tentativa de afastar as ambiguidades, então deixem-me dizer-vos até onde chegámos.

Estas são as minhas certezas:

Sei que naquela tarde de domingo no bosque, o meu filho foi com a Joanna May de livre vontade, de mão dada. Ele olhou-a nos olhos, confiou nela, e acreditou no que ela lhe disse.

Levou-o para o carro, depois de o fazer despir a sua roupa e vestir outra que ela trazia. O *Skittle* foi atrás deles. Joanna May não estava preparada para isso, deu um pontapé no cão, para que se fosse embora, e partiu-lhe a pata. Depois levou o Ben no carro. Evitou estradas onde câmaras de circuito interno de televisão pudessem estar à espera que ela passasse.

De tudo o que lhe aconteceu naquela semana, o Ben fala mais da maneira como ela tratou o cão. Está sempre a pensar nisso, a tentar encontrar uma razão para a crueldade dela. O que o incomoda mais é que ela tivesse deixado o *Skittle* ali, em sofrimento, a ganhar no chão. Foi o primeiro sinal de que ela não era uma pessoa estável.

Depois disso, tenho muito poucas certezas, sei apenas que foi o Ben que encontrei no *Furry Football* uma semana depois. Há um hiato, um vazio de sete dias na vida dele entre os dois eventos.

As provas dizem-nos um pouco mais. O computador portátil partido e os hematomas compatíveis com marcas de dedos no braço do Ben indicam que a fúria dela ao encontrá-lo a jogar o jogo de computador a

deixaram num estado mental suficientemente perigoso para levá-lo novamente para o bosque e arrastá-lo através da escuridão para o lugar onde o raptara.

Deixou-o ali, só de roupa interior e com um saco de plástico do lixo para se proteger da chuva. Ao fazê-lo, humilhou-o e assustou-o, e a exposição aos elementos quase o matou.

Sabemos que depois disso, assim que voltou a casa, reservou um bilhete de avião para o fim da manhã seguinte, fez uma mala e colocou o passaporte numa carteira de viagem, que enfiou dentro da mala.

Também sabemos que o Lucas Grantham foi a sua perdição, porque a polícia telefonou naquela manhã bem cedo para lhe pedir que se dirigisse à esquadra para uma entrevista sobre ele. Ela arriscou, e foi a Kenneth Steele House, sem querer levantar suspeitas, sabendo que ainda conseguia chegar a tempo ao avião.

Apesar de não saber que íamos acabar por ir de carro juntas, e que cometeria um pequeno deslize verbal, que me levou a roubar-lhe as chaves.

Imagino-a de pé naquele passeio largo à porta de casa enquanto o inspetor Bennett e eu nos afastávamos, a esgravatar na mala à procura das chaves de casa, sem as encontrar, e depois a reviver o momento em que os seus pertences caíram no chão dentro do carro, e muito provavelmente a somar dois mais dois, ou pelo menos a decidir que não poderia perder tempo a recuperá-las, nem a localizar um conjunto de chaves sobresselentes. A polícia apurou que ela não fez nenhuma tentativa para entrar no apartamento e ir buscar as coisas antes de eu chegar lá, provavelmente porque já tinha o passaporte dentro da mala. Sabemos que estava dentro de um táxi a caminho do aeroporto apenas vinte minutos depois de o inspetor Bennett e eu a deixarmos à porta de casa, por isso não hesitou. Gosto de pensar que aquele foi o momento em que o caçador se tornou presa, quando a respiração se acelerou e começou a olhar por cima do ombro.

E este é o somatório de todas as minhas certezas.

Eis o que não sei:

Porque o levou, ou como o tratou.

Porque é que não sei isso?

Porque o Ben não quer falar sobre o assunto.

Porquê?

Não sabemos. Calculo que além das coisas que está disposto a dizer, deve haver outras de que não se lembra, coisas que o deixam confuso, ou coisas de que talvez tenha medo de falar.

Acho que ele não gosta da maneira como os olhos e as atenções de todos os que o rodeiam se aguçam quando ele sequer menciona aquele quarto ou a professora May. Acho que isso o deixa pouco à vontade, envergonhado. Não quer ser o centro das atenções, preferia que tudo isso desaparecesse.

Por isso temos de ter cuidado, porque não queremos agravar a situação, provocar-lhe ainda mais danos, nem fazê-lo fechar-se num casulo onde deixe completamente de comunicar. Pode acontecer às crianças nessa situação. Já li sobre isso.

E apesar de detestar dizê-lo, por vezes penso se ele não estará a tentar protegê-la com o seu silêncio. Afinal tinham uma relação próxima antes disto ter acontecido.

E porque não sabemos o resto que era necessário saber através da Joanna May?

Porque ela e o Ben têm uma coisa em comum, para além dos sete dias que ele passou em casa dela. Têm em comum o facto de ela também se recusar a falar sobre o assunto. Desde a sua detenção. Declarar-se culpada foi a única palavra que disse sobre o assunto.

Mesmo quando precisávamos que falasse, decidiu permanecer em silêncio. Tal como é o seu direito.

E por isso especulamos. Construímos uma história que parece ser compatível com as escassas provas. E a história é assim:

Em troca da confiança do Ben, pela forma como lhe deu a mão com tanta facilidade, Joanna May conduziu-o a um local onde o encarcerou contra a sua vontade.

Acho que o fez porque amava o Ben, ou porque tinha uma grande

vontade de o fazer. Era um amor distorcido e egoísta, produto de uma mente doentia, mas acho que existia.

Acho que formou uma ligação com ele durante o primeiro ano em que foi sua professora, e começou a querê-lo para si. O diagnóstico de infertilidade, que agora era do domínio público, foi simultâneo ao meu divórcio, ao meu pedido para que me ajudasse a dar apoio ao Ben, e acho que isso, numa altura muito vulnerável da vida dela, quando o desejo de ser mãe era mais forte, talvez a tenha levado a achar erradamente que ele era uma criança que não era suficientemente amada, ou cuidada, e achou que levá-lo poderia resolver o seu desejo de ter uma criança e a tristeza do Ben.

Essa ideia deve ter-se tornado mais forte ao longo de alguns meses, até estar plenamente desenvolvida, e materializada num plano cuidadoso, que executou na perfeição há um ano, no domingo, dia 21 de outubro.

Assim que o encarcerou, acho que iniciou um processo de tentar fazê-lo acreditar que a família era má para ele e que ela era a pessoa certa para cuidar dele.

Não sabemos quais eram os seus planos a longo prazo, mas o Ben indiciou que talvez estivesse a preparar uma viagem e suspeito que ia levá-lo para longe. Não sei para onde, nem como.

O quarto que preparou para ele atesta o seu desejo de criar um ambiente agradável, de cuidar bem dele, e acredito de facto que as suas intenções fossem essas, apesar de na realidade não passar de uma cela bem decorada.

Mas acho que correu mal, a realidade de tê-lo com ela. Acho que não previu as saudades que ele teria de casa, ou de mim, do pai, da madrasta, ou do cão. Acho que não estava à espera que ele se sentisse tão desesperadamente infeliz sem nós. Não percebeu que já era profundamente amado, e que amava tanto em troca.

São estes os motivos que lhe atribuímos, a cronologia que fabricámos para explicar as coisas. E continuamos a tentar preencher mais lacunas.

Especulamos sobre o facto de Joanna May ter subestimado os

conhecimentos informáticos de um rapazinho. Por que outra razão tê-lo-ia deixado ter acesso a um computador portátil? Estaria cansada de tentar entretê-lo ali em baixo, teria esgotado todas as outras ideias? Teria achado que seria seguro porque seria impossível ligar-se à Internet? Quão furiosa teria ficado ao descobrir que o Ben encontrara um sinal *wi-fi* naquela cave que não precisava de palavra-passe?

Suficientemente furiosa para colocar a vida dele em perigo, e acho que se deveu ao facto de ter perdido o controlo, de ter tido mais olhos do que barriga. A sua solução? Levá-lo de volta para o bosque e abandoná-lo lá, e depois regressar a casa e planear a sua fuga.

Teria sido por o amar realmente que não deu o último passo e o assassinou naquela altura, silenciando-o para sempre? Acho que sim, apesar de a ideia me fazer retrair.

Para confirmar as nossas várias hipóteses, todos tentámos extrair mais informações do Ben: terapeutas, médicos, psiquiatras, nós. Mas na maior parte das vezes ele escolheu o silêncio, talvez como forma de sentir-se em controlo. E temos de aceitar o silêncio dele. Temos de contentar-nos com as nossas suposições.

Desejava agora ter valorizado mais as palavras que lhe saíam livremente da boca às catadupas antes de ter sido raptado. Desejava tê-las recolhido e guardado em segurança em embalagens embrulhadas com cuidado, presas com uma fita, e armazenadas em local seguro para o futuro. Desejava não ter estado demasiado distraída para ouvir cada palavra que ele disse. Desejava não o ter deixado ir a correr antes de mim. Desejava tantas coisas, e agora é tudo inútil. Mais do que inútil.

O Ben não é a mesma criança que era. É difícil para ele confiar, porque não percebe como é que o John e eu não o encontrámos mais cedo, ou porque é que a professora que ele adorava mostrou ser uma pessoa má.

Tem uma assiduidade bastante boa na escola, tendo em conta a situação, apesar de não ser raro o John ou eu recebermos um telefonema a dizer que ele não está a conseguir aguentar-se, de novo, que tem uma dor de cabeça tão forte que não consegue abrir os

olhos, de novo, e então vamos buscá-lo.

A nível emocional, a sua existência diária é volátil e imprevisível. Pode estar bem dias seguidos, e depois há alguma coisa que pode desequilibrá-lo. Então pode tornar-se desesperadamente carente, ou zangado, dependendo da forma que a sua tristeza assuma. As emoções dele são poderosas e viscerais. Muito, muito raramente luta connosco, batendo e dando pontapés. Mais frequentemente, não consegue passar uma noite sem acordar a gritar de terror.

Quando isso acontece, corro para junto dele e tiro-o da cama, levando-o comigo para a minha cama, onde ficamos deitados, de olhos muito abertos, corpos juntos, e eu abraço-o com força e espero que deixe de bater os dentes, e observo atentamente procurando o brilho do suor na testa que indica a febre que por vezes surge após estes pesadelos.

Levo o *Skittle* para dormir na cama connosco, porque o cão é alvo dos afetos menos complicados do Ben. Gosto muito de os ver brincar juntos, da delicadeza do Ben com o *Skittle*, e da adoração que o cão tem por ele. Agora, quando o Ben vai para casa do John, ele vai com ele. As garras dele deixaram marcas no chão de *parquet*, mas ninguém se importa.

E mesmo quando o Ben e eu estamos deitados juntos nessas longas noites, apesar de os nossos corações baterem depressa e em unísono, penso se por vezes não estaremos a centenas de quilómetros de distância, porque na cabeça dele ainda está agachado no bosque sozinho, gelado até aos ossos, ou talvez naquela cave, retraindo-se quando o computador portátil se estilhaçou contra a parede, com os pedaços a caírem à sua volta, pressentindo o avanço de uma pessoa que o quer levar para longe, apesar de ter escondido o rosto nas mãos, apesar de se encolher.

Isto é fruto da minha imaginação, visto que, como já disse, o Ben não fala sobre isso.

O seu silêncio atormenta-me, porque quero que ele melhore, mas é o silêncio dela que realmente me repugna, porque o Ben não consegue evitar, mas ela é adulta e nega conscientemente informações que

podiam ajudar-nos a perceber melhor o que aconteceu e, conseqüentemente, a fazê-lo curar-se mais depressa, e isso não consigo perdoar-lhe.

JIM

Anexo ao relatório do Inspetor James Clemo para a Dr.^a Francesca Manelli.

Transcrição gravada pela Dr.^a Francesca Manelli.

Estão presentes o Inspetor James Clemo e a Dr.^a Francesca Manelli.

Estão assinaladas em *itálico* as notas indicativas do estado de espírito ou comportamento do Inspetor Clemo, quando estes não são transmitidos apenas pelos seus comentários.

FM: Li o seu relato sobre o que aconteceu no último dia da investigação do caso Benedict Finch.

Ele acena brevemente com a cabeça.

FM: Lamento que as coisas não tenham corrido bem para si nesse dia.

JC: Isso é dizer pouco.

FM: Como se tem sentido ultimamente?

Mexe-se muito, não consegue ficar quieto. Olha à sua volta. Mostra-se evasivo a cada movimento que faz. Não responde.

FM: Posso ser sincera consigo?

JC: Faz favor.

FM: Já quase esgotámos as sessões que o DIC está disposto a financiar. Chegou atrasado à penúltima sessão que temos, e não veio na semana passada. Estou preocupada com o seu empenho neste processo.

JC: Não tenho nenhum problema. Sinto-me muito melhor, na minha cabeça, quero dizer.

FM: Isso não basta, Inspetor Clemo. Essa avaliação tem de ser feita por mim.

JC: Acabei de dizer — sinto-me melhor.

FM: Quer saber o que eu penso?

Apanho-o desprevenido, e a resposta dele é um pouco petulante.

JC: Não é suposto querer saber o que eu penso?

FM: A minha avaliação profissional da situação é que evitou a nossa última sessão porque está a tornar-se difícil para si falar. O que significa que é precisamente nesta altura que tem de vir às sessões.

Ele passa os dedos pelos cabelos. Os sinais de uma fadiga profunda estão estampados no rosto dele, e também são óbvios na linguagem corporal. Não é preciso ser-se profissional para conseguir detetá-los.

FM: Quando dormiu bem pela última vez?

JC: Não me lembro.

FM: Notou algumas melhoras na sua insónia desde que iniciámos as nossas sessões?

Clema abana a cabeça lentamente, resignado.

FM: Sabe porquê?

Não fico à espera de uma resposta.

FM: É porque não está empenhado no processo. E se não se empenha então não podemos trabalhar para podermos tratá-lo, e melhorar a sua qualidade de vida, e isso inclui a insónia, e os ataques de pânico, tudo isso. Até à data, em todas as nossas sessões, diria que as suas respostas às minhas perguntas têm sido quase sempre evasivas. Isso deve ser desgastante para si. Não é? Deve esgotá-lo ter de se esquivar das minhas perguntas, arranjar maneiras de preservar essa fachada de invulnerabilidade. A pergunta que lhe faço é porque está disposto a gastar tanta energia a evitar este processo quando seria tão mais fácil envolver-se nele? Não sou nenhuma charlatã, Inspetor Clema, já trabalhei com muitas pessoas em circunstâncias semelhantes à sua, e ajudei-as.

JC: E como descreveria a minha situação, Doutora Manelli?

FM: Sofre de uma depressão grave e debilitante que provoca insónia e ataques de pânico, que afetam as suas capacidades de trabalhar. Com base nas nossas conversas, diria que têm origem numa combinação de fatores, que se manifestaram na altura do caso Benedict Finch.

JC: E quais são esses fatores?

FM: Diga-me o Inspetor. Quais pensa que são?

Tem uma expressão impenetrável.

JC: Achei que esse era o seu trabalho.

FM: O meu trabalho é ajudá-lo. Deixe-me ajudá-lo. Fale comigo.

Clema fica sentado absolutamente imóvel por um instante, depois apoia a cabeça nas mãos. Soluça, e o som é terrível, estrangulado, mas era disso que eu estava à espera. Arrisco.

FM: Faça um jogo comigo.

JC: O quê?

FM: Vou dizer uma palavra, e quero que me diga qual é a sua sensação em relação a ela. Não! Não argumente, faça-o. Está bem?

Agora colocou os dedos sobre os olhos, para tentar estancar as lágrimas.

FM: Emma.

Controla-se, e depois o silêncio na sala parece interminável, volumoso, mas mesmo quando achei que o tinha perdido, ele fala.

JC: Amava-a.

FM: Eu sei que sim.

JC: Tanto.

FM: Ainda a ama?

JC: Sim.

FM: Voltou a vê-la depois do caso?

JC: Não.

FM: Sente falta dela?

Olha para mim, tem os olhos em chamas por causa de algo.

JC: Sinto falta dela todos os dias. Sinto falta dos meses que não passámos juntos e sinto falta do futuro que íamos ter, porque sem ela parece não ter sentido, parece absolutamente entediante. Foda-se!

Este é o tipo de resposta cândida de que estava à espera. Sustenho a respiração e fico à espera porque ele tem de se recompor novamente antes de continuarmos. Depois avanço com muito cuidado.

FM: Muito bem. Vou dar-lhe outro nome.

Ele fica apenas a olhar para mim, os olhos pisados e cansados agora têm uma nota de derrota. Está a jogar o meu jogo. Sente-se como se tivesse sido derrotado, mas não foi.

FM: Joanna May.

JC: Devia ter percebido quando a entrevistei. Nunca me perdoarei por isso. Nunca.

FM: Não é responsável pelo que a Joanna May fez àquela criança.

JC: Se pudesse ter acabado com isso mais cedo teria feito diferença, pelo menos poupava o Ben Finch de ter passado aquela noite no bosque.

FM: Não é responsável.

JC: Mas sou responsável por ter tomado a decisão errada, por ir atrás da Nicky Forbes. Essa decisão foi minha.

FM: Tanto quanto sei, foi uma decisão que tomou em conjunto com a Inspetora Chefe Fraser.

JC: Eu é que tinha essa ânsia. Pensei que tivesse sido ela, por isso fui atrás dela. Foi uma decisão errada. Humilhei-me.

FM: Vou dar-lhe mais um nome. Está a ir bem.

Ele retrai-se como se soubesse o que vou dizer.

FM: Benedict Finch.

JC: Devia ter estado lá para ajudá-lo. No bosque. No fim. Devia ter sido eu.

FM: Porque é que isso é tão importante para si?

JC: Porque o mais importante foi sempre ele. O seu sofrimento, porque todos sabíamos que estava a sofrer. E perdi a oportunidade de impedi-lo, e perdi a oportunidade de estar ali para ajudá-lo no fim.

FM: Acha que teria ajudado, se estivesse lá?

JC: Queria estar com ele, para confortá-lo.

Fico muito comovida com as palavras dele. São humildes e enternecedoras. Tenho de fazer um grande esforço para não mostrar.

FM: É sobretudo isso que o mantém acordado à noite, Inspetor Clemo?

JC: Tudo isso me mantém acordado à noite. É uma obsessão. Revivo esses momentos vezes sem conta. Não me deixa descansar.

Cometi erros. Destruí aquela família e deixei que a luz se apagasse nos olhos daquele menino.

FM: Mantém-se em contacto com a família?

JC: Vi-os uma vez.

FM: O que aconteceu?

Chora de novo, mas desta vez são apenas algumas lágrimas que lhe escorrem pelas faces e molham o tecido da camisa ao caírem. Não diz nada.

FM: Acredita em mim se eu lhe disser que é possível seguir em frente depois disto? Esquecer não, mas seguir em frente, e tornar isto uma parte controlável da sua vida?

JC: Não mereço isso.

FM: Merece. Isto não tem de ser o fim da sua carreira, Inspetor Clemo. Este caso, e tudo o que aconteceu devido a ele, representa uma altura muito importante da sua vida, claro, mas não tem de definir quem o Inspetor é, nem tem de destruí-lo. Não faça isso a si próprio. Deve pensar nele como algo com o qual possa aprender a viver, a ultrapassar e até a utilizar como base para construir algo. O Benedict e a família também farão o mesmo. Pense por um instante na sua vida como um caminho por onde avança, e não um sítio onde está preso. Pode lidar com isto de forma adequada, e respeitosa, e se o fizer será possível ultrapassá-lo. Se confiar em mim, posso orientá-lo nesse processo.

Muito sinceramente, nesse momento, não sei se o Inspetor Clemo quer recuperar.

FM: Então, Jim? Vai confiar em mim?

Nessa altura o tempo fica suspenso, à espera, comigo, pela resposta dele. Ele é um bom homem. Quero que se recupere. Acaba por expirar lenta e deliberadamente, mas mesmo quando abre a boca para falar não tenho a certeza se será o princípio ou o fim desta tentativa de recuperação.

JC: Vou tentar.

RACHEL

Talvez nunca consigamos colocar uma pedra sobre este assunto, mas temos um futuro a ter em conta. Temos de considerá-lo.

Enquanto família, agora passamos muito tempo juntos, a tentar criar uma rede de segurança em volta do Ben. Queremos confortá-lo, apoiá-lo. A Katrina é firme como uma rocha, e a Nicola também. Depois de terem encontrado o Ben, ela voltou para a família que a recebeu de braços abertos, e eu também. Começámos a reaprender-nos uma à outra, devagar, a reconfigurar a nossa relação, agora sem mentiras, agora que ambas sabemos quem somos. Tornou-nos mais compreensivas uma com a outra, e isso é um alívio.

O John não tem estado assim tão bem. O choque e a tristeza devido ao que aconteceu permanecem no rosto abatido, e numa apatia que o caracteriza desde que recuperou do ferimento na cabeça. Nunca chegaram a apanhar a pessoa que o agrediu. O John sente-se culpado, porque ainda acha que se não tivesse saído de casa, nada disto teria acontecido. Provavelmente tem razão, mas a culpa não é dele.

Agora é novamente pai, e isso fá-lo de facto sorrir. A Katrina teve uma menina, a quem chamaram Chloe, uma magnífica bebé rechonchuda, que aos seis meses distribui sorrisos por todos e agita o ar com punhos e pés travessos.

A Chloe é uma delícia para todos nós, e sobretudo para o Ben. Quando está com ela, estende a mão e deixa-a agarrar-lhe no dedo. Traz-lhe brinquedos e faz disparates para a fazer sorrir, dá-lhe beijos na barriga gorducha, fazendo-a guinchar com gargalhadas soltas. Dá-nos alegria a todos.

Já não vejo a Laura. A nossa amizade não sobreviveu. Algumas coisas são demasiado pesadas para outras pessoas as conseguirem aguentar. Lamento tê-la perdido, mas não muito, porque dedico o meu tempo ao Ben, e à minha família.

A Ruth e o Ben reataram a sua proximidade. Ficou a saber o que

lhe aconteceu depois de ele ter voltado. Não conseguimos deixar de lhe contar, como estava quase sempre suficientemente lúcida achámos que merecia saber. E se quando a visitamos o Ben se aconchega mais perto dela do que costumava, então ou não repara ou simplesmente sabe que não deve fazer nenhum comentário. A história da sua família está repleta de necessidade de suportar a tristeza.

Recentemente, fomos buscá-la ao lar para assistir a um concerto com o Ben a tocar o seu violino, num pequeno recital na escola.

Sozinho lá à frente, diante do público, o Ben endireitou as costas, e colocou o violino no ombro. Parecia extraordinariamente calmo, mas eu estava tão petrificada por causa dele que mal conseguia respirar. A Ruth endireitou a cabeça — agora está tantas vezes pendente — e olhou para o Ben com atenção, como se estivesse a avaliar o seu desempenho numa competição de alto nível.

Ao início tocou de forma um pouco irregular, apressou a peça aqui e ali, e eu entrei em pânico porque não era muito longa e sabia que ele conseguia fazer melhor, mas algures a meio encontrou o ritmo e, quando chegou à passagem final mais complicada, o desempenho foi excecional e atingiu um tom simplesmente maravilhoso.

O público reduzido ficou em silêncio enquanto ele tocava, num silêncio absoluto, porque o seu desempenho tinha uma sinceridade que cativava. A salva de aplausos foi mais do que calorosa.

Mas o que teve mais significado para mim foi a reação da Ruth. Os olhos enevoados dela encheram-se de lágrimas, as mãos rígidas agarraram nas minhas o melhor que podia e ela disse:

— Ele tem tanta musicalidade, minha querida. Houve erros, tem de ter disciplina, mas a musicalidade é um dom.

E senti um aperto no coração porque quando consigo ver através das trevas é isto que eu espero ver. Que apesar dos problemas o Ben possa aprender outra vez a viver, e que ainda tenha a capacidade de encontrar coisas que o façam seguir em frente: que a beleza da música, ou de um quadro no Museu de Bristol, ou a ligação que tem com a irmã mais nova, ou qualquer outra coisa de que goste, possam ocasionalmente erradicar as trevas e tornando a vida digna de ser

vivida.

Então quais são os nossos planos para o futuro?

Queremos erradicar a Joanna May das nossas vidas, erradicar o legado que ela tentou deixar-nos quando fez o Ben passar por aquele tormento horrível que destróçou a nossa família.

Temos um plano para abordar isto.

O plano é ficarmos à espera.

Ficamos à espera para mostrar ao Ben que estamos prontos para apoiá-lo, para provar-lhe que ele merece, independentemente do que lhe aconteceu, independentemente do que ela lhe disse. Ficamos à espera que ele compreenda que o amamos, todos nós, e que pode confiar em nós, em cada um de nós. Ficamos à espera que ele perceba que fizemos tudo o que podíamos para encontrá-lo.

Esperamos que o tempo o ajude a recuperar. O tempo tornou-se num bem muito precioso para nós.

Esperámos um ano, e durante esse tempo pensei muito no que aconteceu antes de o Ben ter sido raptado, e observei a forma como a nossa família se fechou em volta dele desde que regressou, com vibrantes asas de borboleta que se fecham suavemente sobre ele, enquanto se recupera.

Agora entendo que, antes de ele ter sido raptado, as minhas prioridades eram erradas, que me preocupava demasiado com o divórcio, e não assumi a responsabilidade por ele.

Quando o John saiu de casa senti falta dele e do nosso companheirismo, claro que senti. Não sei se senti falta de ser amada por ele, porque não tenho a certeza se alguma vez nos amámos profundamente, ou se não seríamos duas almas perdidas quando nos conhecemos, juntando-se para se confortarem mutuamente.

O que agora me interessa é que talvez tenha sentido mais profundamente a traição das convenções, porque de certa forma sentia que aquela vida que tínhamos juntos me era devida, e que não merecia a humilhação pública de ele me ter trocado por outra mulher.

Mas a questão é esta: nenhum de nós merece nada. É uma ilusão

sob a qual todos nós vivemos.

O que agora sei é que mesmo depois do divórcio devia ter simplesmente ficado satisfeita com o que tinha. Devia ter celebrado a minha vida tal como ela era, com imperfeições, tristezas e tudo, e não examinar exaustivamente as suas falhas. Essas falhas estavam maioritariamente nos olhos de uma sociedade crítica e mordaz, e eu aprendera a reconhecê-las por osmose, seguindo os outros.

Ainda não tinha aprendido a usar a minha inteligência, ou a confiar nos meus instintos.

Agora vejo com mais clareza, e nunca mais cometerei esse erro.

Esta é a forma com que lido com a lamentável história da minha família, que a Nicky escondeu de mim e que o inspetor Clemo a forçou a revelar. Tento não atribuir culpas.

Em vez disso, dou graças todos os dias pela família imperfeita e danificada que tenho, que está cheia de amor, e basta isso, é tudo o que precisamos e tudo o que o Ben tem de saber.

Mas entre estes momentos de racionalidade, também tenho receios, todos nós temos. Estamos a viver os efeitos a curto prazo do rapto do Ben, mas também receamos os seus efeitos a longo prazo. Talvez o maior de todos seja o facto de a Joanna May um dia quebrar o seu silêncio, e que isso volte a provocar danos no Ben.

É por isso que agora vos estou a dizer isto, porque quero que se saiba tudo antes. Quero tentar arrancar algum do poder que ela nos tirou, quero tentar afrouxar a pressão que ela exerce sobre a nossa família, sobre o meu filho. Quero que sejamos grãos de areia que lhe escorram por entre os dedos e caiam, indistinguíveis de todos os outros que estão na praia, impossíveis de encontrar novamente. Não quero que ela, ou vocês, tenham poder sobre nós. Quero anonimato para a minha família. Quero dignidade.

Há mais uma coisa que devo dizer-vos, porque talvez queiram saber. O inspetor veio ver-nos: o inspetor Clemo. Achei que talvez ajudasse o Ben se alguém da polícia pudesse vir dizer-lhe como todos o procuraram; como fizemos tudo o que podíamos para encontrá-lo. Achei que o Clemo nos devia isso.

Veio a nossa casa e ficámos todos sentados na cozinha, o Ben ficou a olhar para a mesa enquanto Clemo falava, e quando acabou saiu sem dizer uma palavra, foi lá para cima para o seu quarto e começou a fazer construções com Legos. É o que costuma fazer quando não quer falar sobre alguma coisa. Faz umas engenhocas espantosas. Não sei se o Ben assimilou as palavras do inspetor ou não. Clemo e eu ficámos sozinhos à mesa. O Ben não tinha olhado para nenhum de nós.

Depois, vi Clemo voltar para o carro, deixou cair a cabeça nas mãos e os ombros estremeceram, mas eu não conseguia sentir compaixão, porque tenho de me dedicar completamente ao Ben, à sua recuperação. Por isso afastei-me e fui lá para cima. Sentei-me ao lado do meu filho enquanto ele construía. Não disse nada, esperava apenas tranquilizá-lo com a minha presença. Fiquei à espera que terminasse para que me explicasse o que tinha feito e como funcionava, para poder mostrar-me como fora criativo.

Clemo enviou-me um *email* pouco tempo depois, de um endereço de *email* particular. Mandou-me um excerto de um poema de W. B. Yeats:

Verso de «A Uma Criança Dançando ao Vento»¹² de W. B. Yeats

*«Ninguém terá dito que aqueles olhos
Audazes e generosos deviam ser mais eruditos?
Ou ter-te-á avisado do desespero
Das traças quando estão em chamas,
Eu podia ter-te avisado, mas és jovem,
Por isso falamos uma língua diferente.»*

«Não podia tê-lo mantido a salvo dela», escreveu Clemo. «Não havia nada que pudesse ter feito. Se tivesse tentado avisá-lo de perigos assim tão extremos, ter-lhe-ia arruinado a infância. Ninguém poderia ter previsto esta situação. Sei o quanto o ama. Vi-o. Espero que ele tenha acreditado em mim quando lhe disse isso.»

Achei que o *email* era triste, e doloroso, e gentil também.

Também suspeitei que Clemo procurasse tranquilizar-se a si próprio

ao mesmo tempo que tentava tranquilizar-me, e pensei se não estaria a sofrer algum esgotamento.

Queria responder, mas não sabia como podia ajudá-lo. Queria oferecer-lhe consolo, mas não encontrava as palavras certas.

Porque tenho apenas uma tarefa a desempenhar, que requer concentração total. Tenho de ser paciente enquanto espero que o meu filho volte para mim, volte para casa de corpo e alma, completamente. E assim abro caminho pelas trevas, e fico à espera.

E espero fazê-lo em privado.

E ninguém precisa de saber mais nada.

2 «To a Child Dancing in the Wind», na versão original em inglês. (NT)

AGRADECIMENTOS

Agradeço muitíssimo às seguintes pessoas:

Emma Beswetherick, a minha editora genial, cujo entusiasmo, apoio, orientação e sugestões melhoraram este livro desmedidamente. Obrigada.

Caroline Kirkpatrick. Obrigada a si e a todas as outras pessoas que fizeram maravilhas neste livro em Little Brown.

Nelle Andrew, a minha agente fabulosa, que tem um coração muito grande. Um gigantesco obrigada por ter apostado num primeiro rascunho um pouco duvidoso e por contribuir tanto para ajudar-me a transformá-lo numa coisa melhor. Um grande obrigada também a Rachel Mills, Alexandra Cliff e Marília Savvides na PFD.

Abbie Ross, a minha companheira de escrita. Muito obrigada por ler e reler, por ser incansável nos comentários e pela amizade ao longo do percurso.

Philippa Lowthorpe. Obrigada pelos longos passeios com os cães, por todo o incentivo e pelos conselhos acerca da narrativa e muitas coisas mais das quais não poderia ter prescindido.

Os meus dois inspetores reformados. Obrigada por terem oferecido tão gentilmente o vosso tempo para tomar café e ter uma longa conversa sobre todos os assuntos relacionados com a polícia e procedimentos policiais. Foi inestimável. Quaisquer erros que o livro possa ter são todos meus!

Os meus pais, Jonathan e Cila Paget. Obrigada por encherem a minha casa de infância de livros e por me terem encorajado a lê-los.

Jules Macmillan. Obrigada por todo o esparguete *carbonara* e sugestões para o enredo, por seres o maior fã de Jim Clemo e por dares sempre o teu apoio ao livro.

Rose, Max e Louis Macmillan. Foram fantásticos, porque não conseguiria ter feito isto sem o vosso apoio. Obrigada por isso, mas acima de tudo por me fazerem sorrir todos os dias.

BIBLIOGRAFIA

Os seguintes *websites* e ensaios foram um recurso valioso utilizado neste romance:

www.rcmp.gc.ca e especificamente um ensaio disponível nesse *site* para ser descarregado: Daley, Marlene L., e Ruscoe, Jenna, «The Abduction of Children by Strangers in Canada: Nature and Scope», National Missing Children Services, National Police Service, Royal Canadian Mounted Police, dezembro de 2003.

A série de boletins NISMART (National Incidence Studies of Missing, Abducted, Runaway and Thownaway Children), e sobretudo NISMART-2, que se encontra disponível para ser descarregado em www.ojjdp.gov/publications, o *website* de Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention (OJJDP), nos EUA.

www.missingkids.com, o *website* para o National Center for Missing and Exploited Cildren, nos EUA, e sobretudo o documento *When Your Child is Missing: A Family Survival Guide*, Guia Parental Missing Kids USA, Departamento de Justiça dos EUA, Relatório OJJDP, disponível para ser descarregado. O documento também se encontra disponível para ser descarregado em www.ojjdp.gov/cildabsuction/publications.html.

Findlay, Preston, e Lowery, Jr, Robert G. (eds.), *Missing and Abducted Children: A Law Enforcement Guide to Case Investigation and Program Management*, Quarta Edição, National Center for Missing and Exploited Children, Relatório OJJDP, 2011. Está disponível para ser descarregado em [www.missingkids.com/en—US/publications/NC74.pdf](http://www.missingkids.com/en-US/publications/NC74.pdf).

www.missingkids.co.uk, o *website* do CEOP (UK National Crime Agency's Child Exploitation and Online Protections Centre) para crianças e jovens desaparecidos.

www.ceop.police.uk e especificamente um estudo intitulado *Taken. A study of child abduction in the UK*, de Geoff Newiss com a colaboração de Mary-Ann Traynor.

Bouderaux M. C., Lord W. D., Dutra R. L., «Child Abduction: Aged-based Analyses of Offender, Victim, and Offense Characteristics in 550 Cases of Alleged Child Disappearance», *J Forensic Sci*, 44(3), 1999.